**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**PADARIA ESPIRITUAL: CULTURA E POLÍTICA EM FORTALEZA
NO FINAL DO SÉCULO XIX (1892-1898)**

CÍCERO JOÃO DA COSTA FILHO

**SÃO PAULO
2007**

CÍCERO JOÃO DA COSTA FILHO

**PADARIA ESPIRITUAL: CULTURA E POLÍTICA EM FORTALEZA
NO FINAL DO SÉCULO XIX (1892-1898)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em História Social, sob orientação do Dr. Marcos Francisco Napolitano de Eugênio.

SÃO PAULO
2007

Catálogo na publicação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Filho, Cícero João da Costa.

A Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898) Cícero João da Costa Filho. Orientador: Prof. Dr Marcos Francisco Napolitano Eugênio. São Paulo, 2007.

247 f.

Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social. Área de Concentração: História. Área Temática: História Social, Ciências Sociais, Literatura. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

FOLHA DE APROVAÇÃO

CÍCERO JOÃO DA COSTA FILHO

PADARIA ESPIRITUAL: CULTURA E POLÍTICA EM FORTALEZA NO FINAL DO SÉCULO XIX (1892-1898)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em História Social, sob orientação do Dr. Marcos Francisco Napolitano de Eugênio.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Marcos Francisco Napolitano de Eugênio
Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Rafael Sânzio de Azevedo
Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Sara Albieri
Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

In Memoriam

A Maria Colotilde dos Santos,

A minha tia Maria

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa que agora apresento nasceu antes de mais nada da determinação e audácia por parte da minha própria pessoa. Foram momentos dolorosos e frustrantes dos quais ninguém a mais do que eu sabia que não adiantava fugir e nem se desesperar, pois o ofício do historiador revela inquietações que os textos não falam mas muito revelam da subjetividade de quem os escreve.

Lembro-me das brincadeiras e do meu jeito sempre alegre dos tempos de graduação na Universidade Federal do Ceará, e apesar de tantas limitações foi neste período que a pesquisa se iniciou. Sempre atento aos livros e a outros trabalhos, certa vez escutei de um dos meus colegas o nome Padaria Espiritual, e eu a me perguntar: Padaria Espiritual? O que seria esta padaria, pois “Padaria” fabrica pão que por sua vez é massa, “matéria”, ao passo que “Espiritual” ou espírito remete a idéias ou algo relativo à comunidade acadêmica ou ao mundo letrado?

Desde então comecei a ler os mais importantes trabalhos a respeito dessa tal “Padaria Espiritual” como os de Leonardo Mota, Dolor Barreira e Sânzio de Azevedo. Foi durante estes tempos de graduação, portanto que adquiri os primeiros contatos com os trabalhos que de uma forma ou de outra se encontram diluídos na minha pesquisa. E gostando ou não devo admitir que os textos ou os capítulos trabalhados pelos meus professores muito contribuíram para a minha formação intelectual, pois eu lia com muito prazer e sonhava um dia transformar minha pesquisa num verdadeiro trabalho acadêmico.

Preciso e devo reconhecer a participação que tiveram meus professores no que diz respeito ao trabalho com algumas obras como já ressaltai. Mesmo sem uma maior aproximação quero salientar o nome do Almir Leal de Oliveira, meu orientador de monografia do bacharelado, do Sebastião Rogério Barros da Ponte, da Ivone Cordeiro Barbosa e do Frederico de Castro Neves. Estes professores se envolveram de certa forma na pesquisa que agora apresento e os três primeiros participaram da minha defesa de monografia.

Fora da academia jamais poderia esquecer duas pessoas que são a razão da minha vida. Estas pessoas são simplesmente meus pais: Cícero João da Costa e Raimunda Nunes da Costa. Sou uma pessoa totalmente “mesclada” a estes dois seres. Do meu pai muito acredito ter a “dedicação” e a “determinação” com que este move seus negócios financeiros, e à minha mãe muito dos meus valores morais e éticos acredito ter sido passado por ela ao filho que um dia quer ser “adulto”.

Preciso confessar que apesar da total falta de comunicação entre mim e eles, coisa que eu não acredito ser mais possível devido a divergências de idéias ou de concepção de mundo que sem a ajuda financeira do meu pai e sem a educação passada pela minha mãe não digo que esta pesquisa seria impossível, mas afirmo sem sombra de dúvida que seria muito mas difícil se embrenhar no “ofício” do pesquisador tendo a preocupação das despesas diárias.

Já enfrentando ou se debruçando sobre a pesquisa na Universidade de São Paulo preciso deixar clara a atenção dada pelo Prof. Marcos Antônio Silva que muito me ajudou, o que me fez ser orientado pelo Prof. Marcos Francisco Napolitano de Eugênio. A professores como Gildo dos Santos Filho e Francisco Murare Pires devo o meu carinho e os meus sinceros agradecimentos, haja vista terem sido os três últimos meus professores no Programa de Historia Social da então Universidade.

Muito devo à colaboração do Prof. Marcos Napolitano que antes de tudo acreditou em mim, e claro, no desenvolvimento da pesquisa. Sempre pontual e objetivo, nunca houve problema nenhum entre as partes, o que muito facilitou o desenvolvimento e conclusão da pesquisa. Não poderia jamais deixar de agradecer ao antes de tudo meu amigo e meu orientador Prof. Marcos Francisco Napolitano de Eugênio.

Já na minha qualificação me encontrei e fui encontrado pela professora Sara Albieri que muito me confortou devido a suas palavras sinceras afirmando ser a minha pesquisa uma “pesquisa bem feita”, o que muito me animou. À Prof(a) Sara revelo que suas palavras muito me aliviaram e foram cruciais para a conclusão da pesquisa.

Ainda em São Paulo encontrei pessoas amigas como a Sara e o Antoni, pessoas que de maneira alguma poderia deixar de lembrar. A Sara foi para mim uma espécie de pai, mãe e irmã, me tranquilizando e me ajudando a resolver minhas coisas, e antes de tudo, afirmando: “tem calma que as coisas vão dar certo”. Devo reconhecer que a Sara me ensinou

a viver em São Paulo com o seu jeito “desenrolado” e sabendo como tudo se resolve. Só a título de informação, por mera coincidência a Sara é cearense e só a conheci quando estava em São Paulo. Coisas da vida!

Ainda em São Paulo conheci alunos maravilhosos dos programas de mestrado em História Social da USP como a Renatinha, a Priscilinha, Vanicléia, e outros colegas de outros programas de estudo como a Érica, Jean Carlos, Paulo, colegas onde eu conversava sobre as coisas da vida. Conheci um irmão em São Paulo, graduando em História, que é o Jurandir, amigo de todas as horas e para amigos não basta maiores comentários. Juntamente com o Jurandir abríamos a Biblioteca Central Florestan Fernandes, almoçávamos juntos, tomávamos café juntos, e voltávamos para casa juntos. Meu amigo Jurandir se sintia como fazendo parte desta pesquisa meu irmão!

Conheci pessoas maravilhosas em São Paulo, dentre elas, a família da Elenita Martins, a Kika. Meus sinceros agradecimentos principalmente a esta, ao Felipe (seu filho), a Fabiana (sua filha), ao Rodrigo (sobrinho), Rafael (sobrinho), ao Otávio (irmão), Mário (irmão), enfim, a toda sua família que me aceitou e me respeitou da melhor forma possível. Ao Otávio e ao Rodrigo, este graduando em Geografia pela USP muito me foi prazeroso nossas conversas sobre a ciência geográfica e a ciência histórica. Que todas as pessoas desta família receba os meus sinceros carinhos.

Já na minha Fortaleza tenho que agradecer aos funcionários da Biblioteca Pública Municipal Governador Menezes Pimentel, pois foi lá onde consegui boa parte das minhas fontes primárias. Agradeço ao Chiquinho que na maioria das vezes punha o dedo nas fontes para que eu disparasse o “flash”, uma vez que digitalizei boa parte das fontes para o desenvolvimento da pesquisa. Muito precisei do riquíssimo acervo da Academia Cearense de Letras e da contribuição de alguns funcionários como a Regina, a Madalena, e a Prof(a) Regina Cláudia Pamplona Fiúza, estudiosa da Padaria Espiritual que certa vez me doou alguns livros que me deixaram inebriado.

Agora pessoa mesmo que sempre me apoiou e conversou comigo de forma amistosa e carinhosa foi o Prof. Sânzio de Azevedo. Não há como retribuir o apoio dado ao Prof. Sânzio. Nunca me negou nada, pelo contrário, abriu seu acervo localizado em sua própria casa para conversar comigo não só a respeito da Padaria Espiritual como também de outros assuntos de responsabilidade da historiografia literária cearense. Desde os tempos de

graduação eu conversava com o Prof. Sânzio. Quando de um dos nossos encontros, uma vez que no trabalho de monografia mapeei todos os 36 volumes do *Pão*, disse-me o mestre Sânzio: “rapaz você fez tudo isto!”.

Ao mestre e colega Sânzio de Azevedo, profissional sério e pessoa simples, gostaria de agradecer em poucas linhas o apreço das nossas ligeiras conversas, fosse na universidade ou mesmo na sua própria casa. Gostaria de lembrar o nome de um recente colega, professor do curso de História da UFC, especificamente, do curso de História da América. Quero dedicar meu carinho especial ao Gerson Ledezma Gallo, pessoa que me deu oportunidade de participar do conselho editorial da revista eletrônica *Ameríndia* e esclarecer que muito foram prazerosas nossas conversas sem as “formalidades” que campeiam a linguagem acadêmica.

Muito devo ao auxílio financeiro custeado pelo CNPq que me proporcionou menos preocupações para que eu pudesse organizar boa parte dos trabalhos envolvidos na pesquisa. Quero lembrar nomes de funcionários que muito me ajudaram para a cópia de todos estes trabalhos como o Nenê, Flávio, Paulo, Rafael, Marcão, e ao Vitor, pessoa que confiou em mim mesmos nas horas de dificuldades financeiras.

E, finalmente, gostaria de lembrar o nome de uma pessoa que não possui vínculo com a universidade, não possui sequer o segundo grau, mas é antes de tudo o meu amigo do peito e um cara que conversou comigo nas horas de desespero em que eu me encontrava. Manel, quero lhe falar que muito me “reciclou” nossas conversas “mundanas” principalmente sobre aquelas que envolviam o “belo sexo”. Brincamos e sofremos juntos, mas não deixamos de ser amigos. Para todas estas pessoas aqui citadas, valeu por tudo. Como sempre falo: “Diga aí meu chapaaaaaaaaaaaaaaaaa”!

Veja
Não diga que a canção está perdida
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida
Tente outra vez

Beba
Pois a água viva ainda está na fonte
Você tem dois pés para cruzar a ponte
Nada acabou, não não não não

Tente
Levante sua mão sedenta e recomece a andar
Não pense que a cabeça agüenta se você parar,
não não não não
Há uma voz que canta,
uma voz que dança,
uma voz que gira
Bailando no ar

Queira
Basta ser sincero e desejar profundo
Você será capaz de sacudir o mundo, vai
Tente outra vez

Tente
E não diga que a vitória está perdida
Se é de batalhas que se vive a vida
Tente outra vez

Raul Seixas - Tente Outra Vez
Raul Seixas/ Paulo Coelho/ Marcelo Motta

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar a formação dos mais significativos movimentos beletrísticos acontecidos no Ceará, sobretudo, o movimento dos padeiros, surgido em 30 de maio de 1892. O sentido de toda uma agitação literária no Ceará, daí um certo teor gregário resultando assim na formação de grupos ou rodas literárias se deve em grande parte pelo objetivo dos homens de letras de adentrar a imprensa jornalística ou a acomodação nas repartições públicas, haja vista as atividades letradas servirem como forma de ascensão sócio-econômica. Diferente da *Mocidade Cearense* comprometida com os interesses econômicos dos emergentes setores urbanos e de estreita ligação com as tradicionais oligarquias rurais, o grupo dos padeiros, oriundo dos *Novos do Ceará* diferente do arsenal teórico científico pautado nas idéias positivas e evolutivas iria propor um novo projeto literário baseado nos valores e hábitos do “tipo” campestre, heróico e valente. O movimento literário e artístico dos artistas padeiros seria uma “cousa nova”, fugindo, pois, das formalidades científicas e bacharelescas dos tantos outros movimentos acontecidos anteriormente. De forte caráter boêmio e pilhérico o movimento dos padeiros causou “escândalo” numa pacata e provinciana Fortaleza de então, acostumada à seca, à pilheria e ao aluá. Se contrapondo ao projeto literário da velha *Mocidade* comprometida com a estrutura burguesa de raiz européia, a Padaria Espiritual prometia falar a linguagem do universo de hábitos e valores do povo cearense em contraposição ao mundo liberal e burguês das classes médias e altas que experimentam o dia-a-dia dos grandes centros urbanos com suas relações viciosas ou degenerativas, o que não acontecia com as relações nada formais do homem puro e ingênuo que reside no campo. Portanto, o movimento dos padeiros iria se contrapor de forma retórica à burguesia, classe responsável pela disseminação de um conjunto de normas e valores que carregaram todo um processo de significativas mudanças econômicas festejadas pelas idéias de “civilização” e de “progresso” em detrimento da cultura maior da população pobre e humilde desassistida das mínimas condições de sobrevivência.

Palavras-chaves: Padaria Espiritual, Mocidade Cearense, Movimentos Beletrísticos, Novos do Ceará, Civilização.

ABSTRACT

This study aimed at analyzing the origin of one of the most significant literary movements ever appeared in Ceará, namely that of the “bakers”, started on May 30th, 1892. The literary frenzy in Ceará and the social nature of this movement, resulting in the formation of literary groups or circles, is due to a large extent to the the interest of those men of letters in entering the field of journalism or finding a public job, for the scholarly activities were seen at the time as a path to socio-economic growth. The “bakers” group differed from the Mocidade Cearense (*Ceará Youth*) movement, which was committed to promoting the emerging urban sectors economic interests and bore close links with the traditional agricultural oligarchies, making use of a scientific theoretical background based on positivist and evolutionist ideas. On the other hand, the members of the “bakers” movement, which derived from the Novos do Ceará (*Ceará Youngsters*) group, adopted a new literary project based on the values and habits of the heroic and brave countryside men. The literary and artistic movement of the “bakers” searched to find “something new”, therefore moving away from the scientific and scholarly formalities which characterized many prior movements. Its strong bohemian and witty character caused outrage in the calm and provician Fortaleza of the time, used to no kore than droughts, humour and “aluá”. In contrast with the literary project of the old *Youth*, which searched to preserve the european bourgeois structure of the State of Ceará, the Padaria Espiritual (*Spiritual Bakery*) promised to speak the language of the universe of habits and values of the people of Ceará, opposing the liberal and bourgeois world of the middle and upper classes that lived in the great urban centers and experience its vicious or degenerative relations, while the countryside man remained pure and innocent in his all but formal relations. Therefore, the “bakers” movement rhetorically opposed the bourgeoisie, responsible for the dissemination of a set of norms and values that started a process of significant economic changes linked to the ideas of "civilization" and "progress" and that were very well received, in detriment of the culture of the poor and humble population lacking the minimal survival conditions.

Keywords: Padaria Espiritual (*Spiritual Bakery*), Mocidade Cearense (*Ceará Youth*), Literary Movements, Novos do Ceará (*Ceará Youngsters*), Civilization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 MOVIMENTOS LITERÁRIOS À LUZ DA HISTORIOGRAFIA CEARENSE.....	23
1.1 A Historiografia Literária Cearense	23
1.2 Conjuntura Cearense no último quarto do século XIX	50
1.3 Movimentos intelectuais anteriores ao surgimento da Padaria Espiritual	58
1.3.1 O Ceará e a “Geração de 70”: civilização e cientificismo	58
1.4 Semelhanças e diferenças da Padaria Espiritual em relação aos movimentos anteriores.....	79
CAPÍTULO 2 PADARIA ESPIRITUAL: RUPTURA OU CONTINUIDADE.	96
2.1 Os Padeiros: histórico da agremiação e seus componentes	96
2.2 Objetivos literários e políticos da agremiação.....	112
CAPÍTULO 3 CAMPO E CIDADE NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DOS PADEIROS	139
3.1 A produção literária da Padaria: prosa	139
3.2 A Padaria e o Cancioneiro Popular	183
3.3 A produção literária da Padaria Espiritual: poesia	196
3.3.1. Os Padeiros com as mãos na massa	206
CONCLUSÃO	212
FONTES	217
BIBLIOGRAFIA	221
ANEXOS.....	232

INTRODUÇÃO

(...) A década de 1870 marcou, no Ceará, o despontar de uma série de movimentos intelectuais destinados a se revelarem um dos mais curiosos capítulos da história da literatura brasileira e, ao mesmo tempo, um dos mais sugestivos desafios à sua interpretação como fenômeno sociológico (...) José Ramos Tinhorão.

➤ Objeto, fontes primárias e hipóteses gerais

Surgida em 30 de maio de 1892, ano da graça, o movimento intelectual dos padeiros revelou ser um movimento diferente dos tantos outros acontecidos em Fortaleza desde a fundação dos *Oiteiros*, capitaneado por um grupo de poetas árcades e outros prosadores em torno do palácio do governador Manoel Inácio de Sampaio em 1813, “homem amante não só das armas como também das letras”.

Grêmio voltado não somente as letras como as artes em geral, a Padaria Espiritual pretendia ser uma “cousa nova” diferente dos movimentos anteriores, onde a retórica bacharelesca e científica carregava as formalidades literárias das letras cearenses. Daí a irreverência, boêmia e a pretensão de “sacudir” com a pacata e provinciana Fortaleza de então onde as discussões se voltavam para as maquinações políticas e, sobretudo, sobre a temática das secas.

Devido às atitudes irreverentes por parte dos padeiros como portarem um pão de três metros depois das “fornadas” regadas a uma boa pinga e sacudirem os nervos da “burguesia ignara”, classe mais “perseguida” pelos artistas padeiros anunciando de cima dos sobrados para que veio o grupo liderado por Antônio Sales, a historiografia literária cearense construiu a Padaria Espiritual como o maior movimento literário e artístico acontecido nas paragens alencarinas.

Contando com o livro de atas, infelizmente desaparecido, com um *Programa de Instalação*, instrumento que confere às reais academias literárias e científicas, a Padaria já em seu surgimento dava mostras de sua irreverência, o que muito contribuiu para associar o movimento dos padeiros à idéia de um pretenso socialismo devido à primazia pelas coisas do espírito em detrimento das coisas materiais, e possivelmente, a uma revolução das bases sócio-políticas.

Idealizado e formado sob responsabilidade de Antônio Sales, a Padaria Espiritual possuía um padeiro-mor (presidente), dois forneiros (secretários), um gaveta (tesoureiro), um guarda-livros (bibliotecário), “um investigador das coisas e das gentes” (olho da providência), e os demais amassadores (sócios). Os sócios diretos, haja vista o grupo possuir sócios-correspondentes como Pardal Mallet, Olavo Bilac e Raimundo Correia seriam denominados, portanto, de padeiros.

Assim, a Padaria Espiritual se tornaria conhecida no centro da República das letras, o Rio de Janeiro, e até no exterior, divulgado pela pena de Antônio Sales que a partir da fundação de seu grupo iria interagir com as rodas literárias cariocas e assim trabalhar nas atividades de imprensa desse mesmo estado.

O projeto maior da Padaria Espiritual seria a primazia pela investigação da cultura “popular” cearense. Neste caso, o movimento, em um dentre os 48 artigos de seu explosivo *Programa de Instalação* anunciava o objetivo de formar um “cancioneiro genuinamente cearense” assentado sob a “alma” que reveste os “tipos” regionais valentes e fortes como o pescador, vaqueiro, agricultor, jangadeiro, caçador, e etc.

Fincada sob um projeto literário “regional” o movimento dos padeiros a partir dos trabalhos em prosa que foram cinco, e apenas um entre os oito em verso analisados nesta pesquisa saídos todos pela “Bibliotheca da Padaria Espiritual” durante os tempos do grêmio literário e artístico partia para a análise ou investigação da “alma” sertaneja que não experimentava o dia-a-dia dos grandes centros urbanos com seus símbolos “modernos” ou “civilizados”. Alguns padeiros iriam denunciar os prejuízos oriundos justamente da instalação de uma certa “modernidade” que não só entrava em choque com o universo de valores deste tipo campestre de costumes como acarretava sua própria destruição dos hábitos e costumes deste universo.

Composta por 34 padeiros durante a existência das duas fases que atravessou o movimento, várias foram as “posturas intelectuais” por parte dos intelectuais artistas. No *Pão* como nos trabalhos em prosa as “confecções narrativas” iriam ora enaltecer aos benefícios trazidos pelo advento da “civilização” e do “progresso”, ora iriam denunciar os prejuízos que acaba “degenerando” e matando os valores puros e assim honestos do homem do campo. A divisão campo-cidade, modernidade-atraso, cultura erudita-cultura popular, iria assim marcar o projeto cultural da Padaria Espiritual.

A outra “postura intelectual” que deriva do ceticismo com relação à implementação destes valores “modernos” e “civilizados” seria a fuga ou o escapismo

caracterizando o decadentismo que possibilitou o simbolismo surgido no seio dos padeiros, por parte de Livio Barreto, Lopes Filho, Cabral de Alencar, e tempos depois, Tibúrcio de Freitas, o que a nosso ver este foi um dos elementos que diferenciou o movimento liderado por Antônio Sales dos inúmeros movimentos literários surgidos anteriormente

Oriundos em boa parte dos interiores cearenses pertencentes às classes médias e baixas, diferente das classes médias e altas da *Mocidade Cearense*, responsável pelos movimentos da Academia Francesa, abolicionismo e Clube Literário, alguns padeiros pretendiam combater a burguesia por ser esta na concepção do grupo classe responsável pelas transformações políticas e econômicas, e mais preocupada em ganhar dinheiro assistindo e apostando nas corridas do Prado do que com os reais elementos que alimentam o espírito, o que deu sentido, e portanto, nome ao grupo idealizado e liderado por Antônio Sales, no caso, a Padaria Espiritual.

O grupo dos padeiros objetivaria fugir às falas científicas implementadas pela “moderna geração cearense” integrada por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Junior, Thomas Pompeu de Souza Brasil, Xilderico de Faria, dentre outros, consignados com as “idéias novas” ou “modernas” em torno das normas ou valores “civilizados”, sobretudo com o estabelecimento da filosofia liberal burguesa que marcou o cenário mundial a partir da segunda metade do século XIX sagrando os avanços da “ciência experimental”, de modo específico, a partir de 1870, onde as nascentes classes médias urbanas iriam ser responsáveis pelos movimentos beletrísticos.

A sociedade literária e artística dos padeiros não só buscou fugir às falas científicas em torno dos ideais de “evolução social”, “positivismo”, “darwinismo social”, como a partir de então procuraria sedimentar um projeto “regional”, o que em parte conseguiu, embora com os mesmos elementos lançados pelos homens da Academia Francesa, do abolicionismo e do Clube Literário, respaldando o pensamento da historiografia tradicional cearense assentada principalmente sobre as condições do meio, raça e evolução social. A temática das secas ainda perpassou a visão dos intelectuais padeiros onde o Ceará era “atrasado” e seu povo ignorante em decorrência de uma província causticada pelo flagelo, entravando as discussões letradas em nome das questões político-partidárias frente uma letargia ou indiferença ao desenvolvimento das letras, artes e ciências.

Respaldando com o olhar da historiografia tradicional mas sobretudo com seus filhos “valentes” e “fortes”, os padeiros cristalizaram um projeto cultural “regional” fincado sob estas condições “pobres” e “atrasadas” carente da “civilização” ou do “progresso”. Apesar

das carências de um meio inóspito ao desenvolvimento dos elementos do “progresso” como as letras e artes frente uma sociedade iletrada e faminta, principal argumento da historiografia tradicional cearense, o grupo dos padeiros só sagrou os mesmos vultos como José de Alencar, o “maior” escritor cearense enaltecido por todos os movimentos beletrísticos anteriores à Padaria Espiritual.

Um elemento que muito concorreu para o conhecimento do grêmio literário e artístico de Antônio Sales foi a “irreverência” e o objetivo de fazer “graça”, “mexer” ou até mesmo “escandalizar” com o marasmo ou o provincianismo de Fortaleza com relação às coisas do espírito, daí a supervalorização do movimento dos padeiros por parte da historiografia literária cearense.

Para o surgimento da Padaria Espiritual como para os movimentos culturais anteriores as condições econômicas foram significativas no desenrolar destes movimentos beletrísticos. De acordo com José Ramos Tinhorão, imerso numa concepção econômica “determinista” que aqui serve para o levantamento de nossas hipóteses foram as oscilações econômicas as responsáveis diretas pelo florescer dos movimentos beletrísticos em Fortaleza, isto porque as letras, artes e ciências, representam senão o interesse econômico de determinadas classes na estrutura maior do sistema capitalista. Não sem razão é que de acordo com Tinhorão a partir de 1870 com o surgimento das nascentes classes médias Fortaleza se depara com uma estratificação social que jamais a economia de base rural seria capaz de suscitar. São estas nascentes classes médias por vezes ligadas aos filhos da tradicional aristocracia rural as responsáveis pelos movimentos das letras e das artes, onde o movimento da Academia Francesa de 1873 é a representação direta dos interesses liberais e “filosóficos” da burguesia nascente de Fortaleza comprometida com a implantação dos valores “modernos” e “civilizados” tendo em mente a divulgação das “idéias novas”.

Apesar dos inúmeros movimentos surgirem de forma particular, o que muito acentua a historiografia literária cearense pautada a partir de uma análise artística destes movimentos culturais, e sobretudo político, Tinhorão não percebe uma “neutralidade” ou “mera gratuidade” por partes destes movimentos.

Para Tinhorão, o que em parte concordamos, os movimentos beletrísticos serviam como forma de ascensão sócio-econômica numa província que não dispunha de serviços públicos condizentes aos dotes intelectuais das “capacidades medianas”, e não de mentes “engenhosas” sagradas por seus “vultos” literários. Os padeiros sabiam que jamais seriam concebidos como intelectuais numa província que só os reconhecia como boêmios, daí a idéia

ou a proposta de “escândalo” e “irreverência” por parte destes escritores artistas. Grande parte dos “homens de letras” cearenses se agremiavam nas sociedades literárias procurando adentrar as atividades de imprensa para só então conseguirem empregos públicos ou propriamente serem os diretos representantes políticos.

A Padaria Espiritual produziria em sua biblioteca a soma de treze trabalhos sendo assim 5 em prosa e 8 em versos. Ainda seria lançado pela “Bibliotheca da Padaria Espiritual” a obra *O Paroara*, de Rodolfo Teófilo, mas quando não mais existia a sociedade literária e artística. Seguem por ordem de publicação todos os trabalhos lançados por sua biblioteca e saídos todos durante os tempos da Padaria: *Phantos* – Lopes Filho (1893), *Versos* – Antônio de Castro (1894), *Flocos* – Sabino Batista (1894), *Contos do Ceará* – Eduardo Sabóia (1894), *Cromos* – Xavier de Castro (1895), *Trovas do Norte* – Antônio Sales (1895), *Os Brilhantes* – Rodolfo Teófilo (1895), *Vagas* – Sabino Batista (1896), *Dolentes* – Livio Barreto (1897), *Marinhas* – Antônio de Castro (1897), *Maria Ritta* – Rodolfo Teófilo (1897), *Perfis Sertanejos: Costumes do Ceará* – José Carvalho (1897), e *Violação* – Rodolfo Teófilo (1898).

Somados a estes trabalhos compõem nossas fontes primárias o *Programa de Instalação*, o *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual, a contar de 30 de maio de 1892 (dia de sua fundação) a 28 de setembro de 1894*, e o periódico dos padeiros intitulado *O Pão*. Vale lembrar que os dois primeiros trabalhos são de autoria de Antônio Sales, o *Moacyr Jurema* da Padaria Espiritual, idealizador e líder da “sociedade de letras e artes no geral”. Outros trabalhos serviram de base para a análise cultural do movimento como os trabalhos de reminiscências *Retratos e Lembranças*, ainda de Antônio Sales, *Cartas Literárias* de Adolfo Caminha, e *Scenas e Typos* de Rodolfo Teófilo. Como já lembrado não nos foi possível pesquisar no precioso livro de atas das fornadas porque este misteriosamente se encontra desaparecido desde os tempos de pesquisa de Leonardo Mota, um dos primeiros pesquisadores da Padaria Espiritual e autor de vários trabalhos folclóricos.

Com relação ao movimento “filosófico” da Academia Francesa recorremos ao jornal maçônico *Fraternidade* onde alguns integrantes deste grupo como Thomas Pompeu e Xilderico de Faria participaram deste movimento e ao único trabalho publicado durante os idos de 1873-1875, embora lançado postumamente, de autoria de Raimundo Antônio da Rocha Lima, *Crítica e Literatura*

Já no que diz respeito ao abolicionismo cearense, onde se verificou a presença de futuros padeiros na redação do *Libertador* como Antônio Bezerra e Antônio Sales, nos

conformamos com a leitura deste órgão percebendo a “atualização” das “idéias novas” ou “modernas” para pôr término à “nódoa escrava” na a partir de então “terra da luz”.

Investigamos outras fontes como a revista *A Quinzena*, órgão do Clube Literário, surgido em 1886, redigido por padeiros como José Carlos Junior, Rodolfo Teófilo, Antônio Bezerra e o próprio Antônio Sales, assim como vários romances e o importante *Dicionário bio-bibliográfico* de Guilherme Studart.

➤ Pressupostos teóricos

A partir de um certo “perfil sociológico” percebemos que os integrantes da Padaria Espiritual não eram de toda parte despossuídos de bens materiais, como apregoa a crítica literária cearense, haja visto o movimento contar com 34 homens pelo qual durou o movimento em suas duas fases, de 1894 a 1898. Ainda encontraríamos os mesmos bacharéis que empreenderam a divulgação das “leituras sociais” modernas em torno dos ideais positivistas e evolucionistas, assim como médicos, homens envolvido com a política e tantos outros de vida pública!

A estreita relação entre “campo político” e “campo intelectual” é pois o elemento mais significativo desta pesquisa tendo em vista que neste “campo intelectual” perseguem as mesmas manobras sutis que determinam o “campo político” somado a estreita ligação entre literatura e política onde aquela leva sempre as estruturas do poder real, concreto, e de fato.

Para boa parte da crítica literária cearense justamente devido a falta desta relação entre cultura e política ou entre “campo intelectual” e “campo político” os artistas padeiros são “vultos” literários com uma capacidade intelectual engenhosa acima das demais pessoas iletradas, o que eleva de forma inevitável o próprio movimento da Padaria Espiritual como um real movimento beletrístico, anuviando ou nublando os interesses “práticos” por parte de grupos em busca da “deusa da arte”.

Tomamos de Jean-François Sirinelli a idéia destes intelectuais padeiros como “atores do político” na medida em que eram estes homens os encarregados nos apontamentos sociais para o estabelecimento de uma determinada ordem sócio-econômica. A partir das “redes de sociabilidade” que carrega o “campo intelectual”, este campo confere o papel do intelectual frente aos aspectos culturais da época, de como uma determinada época ou momento concebe ou percebe este intelectual e até que ponto as idéias chegam a estes

“homens de letras”. Não menos importante é se perguntar pela inquietação: até que ponto participam os intelectuais dos “acontecimentos” de uma dada sociedade ou cultura.

Ângela Alonso nos mostrou não só o imbricamento entre “campo intelectual” e “campo político” com a priori esclareceu a “instrumentalização” por parte das idéias européias, sobretudo francesas e inglesas na derrocada do regime imperial brasileiro. Muitas vezes sem “chão”, as idéias européias sofriam não só um processo de seleção face ao “cenário interno” como uma releitura ou uma recodificação-ressemantização para a aplicação das idéias políticas pela *Geração de 70* brasileira. Daí, o predomínio destas e não daquelas leituras na instalação de uma “nova” ordem econômica, ou melhor, porque os intelectuais da *Geração de 70* comprometidos com o avanço desta “nova” ordem leram e assim sofreram influências de “regeneradores” sociais como Darwin, Comte e Spencer, e não se conformaram a pensadores “revolucionários” como Marx ou Nietzsche, uma vez que as idéias destes intelectuais já eram conhecidas.

De Michel de Certeau e Raymond Williams utilizamos os conceitos de “rusticofilia”, “docilidade” ou “pureza” do homem campestre que não enfrenta as relações “viciosas” ou falsas que imperam “somente” nos grandes centros urbanos. Seus trabalhos mostram como os letrados, poetas ou mesmo historiadores guardam a imagem “folclórica” em torno do homem do campo. Isto porque a cultura “popular”, o que a princípio já funda uma “aporia”, visto que pressupõe uma cultura “erudita”, é senão aquela construída ou fabricada pelo “cidadino esclarecido” ou “amador esclarecido” fincado na cidade, e portanto, sendo seu criador a partir de seu universo de valores com os ditames “modernos” ou “civilizados”.

A cultura “popular” é quando muito vista a partir de uma visão folclórica, ou seja, concebida como uma cultura já “morta”, daí a agressão positivista de recorrer as “raízes” em busca de uma “idade de ouro”. O que cabe a estes intelectuais folcloristas é a idéia de um homem do campo “puro”, e sobretudo, “ingênuo”, uma vez que é este homem campestre que na maioria das vezes se torna a mão-de-obra barata nos grandes centros urbanos, pensamento legitimado por grande gama dos intelectuais pertencentes as classes médias e altas.

Existem poucos trabalhos por parte da critica literária tradicional cearense como o de João Abelardo de Souza Montenegro que trabalha a “associação de idéias” em benefício de determinados “fins”, o que revela a “instrumentalização” destas mesmas idéias na implementação e legitimação de uma determinada ordem. No caso da Padaria Espiritual, o que mais se preocupa os inúmeros trabalhos que estudam a sociedade literária e artística é com o caráter pilhérico, e quando muito de irreverência por parte de seus integrantes.

Comprometidos com os elementos estéticos estudados pela teoria literária o que prevalece na análise cultural do movimento dos padeiros é quando muito a estética simbolista que brotou do seio do movimento e a preocupação maior com o teor artístico a partir do desenvolvimento desta ou daquela “escola” literária.

O “cenário interno” só é tomado em parte para justificar a instalação das idéias principalmente européias, mas só enquanto não confronte com estas mesmas bases que suportam a sua estrutura de idéias. Não muito distante da visão da historiografia cultural brasileira as “idéias” cearenses são implementadas até mesmo quando falta “chão”, e então, sendo utilizadas de forma contrária aos seus verdadeiros fins.

Esta “instrumentalização” das idéias decorrente em parte da não ligação entre “campo intelectual” e “campo político” somado ao caráter de ver “arte” literária é o que caracteriza os inúmeros estudos que vestem o olhar sobre a Padaria Espiritual. Afora estes dois elementos prevalece o olhar saudoso ou memorialístico por parte de uma historiografia literária que não percebe conflitos políticos na “Fortaleza Amada”, “Fortaleza de Ontem e Anteontem” “Fortaleza Descalça”, e inúmeros outros trabalhos. .

Esta historiografia memorialística só acentua e supervaloriza o teor artístico por parte dos movimentos literários, dentre eles, o movimento da Padaria Espiritual. As carentes ou precárias condições do meio e de toda uma sociedade iletrada e analfabeta só são levantadas para suscitar “vultos” literários deixando nas margens da história os reais elementos responsáveis pela fome e miséria do povo cearense, oriundos não das condições do meio ou da raça, mas simplesmente das manobras políticas por parte das oligarquias locais que desassistem a população dos princípios sociais básicos como saúde e educação.

➤ **Estrutura do trabalho**

A pesquisa se desenrola a partir de três capítulos. No primeiro capítulo procuramos elaborar uma análise de como a historiografia literária cearense concebe as atividades letradas, de modo específico, como esta historiografia vê os movimentos literários a partir da construção de seus “vultos”. Elaboramos portanto análises em torno da Academia Francesa , segundo a crítica local o primeiro grande movimento cearense, e do movimento abolicionista surgido nos primeiros anos da década de 80 do século XIX.

Percebemos que os elementos tomados pela historiografia literária cearense, para validar suas práticas letradas são sempre as condições do meio e de uma raça pouco

“adiantada”, para só assim suscitar os “tipos” valentes e heróicos em que as labutas literárias é senão mais um esforço, frente a uma sociedade iletrada que sequer compreende sua fala, o que não deixa de ser mais uma contradição por parte desta crítica. As condições de um meio inóspito ao florescimento das belas-artes, símbolo da “civilização” e do “progresso” explicam o marasmo intelectual ou a indiferença as letras e ciências devido as precárias condições do Ceará tão fortemente marcado pelo flagelo de suas secas.

Mostraremos a influência das idéias européias permeando as “leituras sociais” cearenses, sobretudo os valores da “civilização” e do “progresso” concorrendo para a eliminação de um certo atraso moral regido pelo “arcaísmo mental” propugnado pela Igreja em detrimento da instauração de um novo “estágio social” na escala evolutiva, se contrapondo a uma sociedade escravocrata, o que estancava a implementação das normas “modernas” ou dos valores “civilizados”.

Finalizando este capítulo introduziremos o movimento literário e artístico idealizado e liderado por Antônio Sales, no caso, a Padaria Espiritual. Traçaremos uma abordagem geral desta sociedade de letras e artes em relação aos movimentos já analisados na pesquisa, que foram dois: a Academia Francesa e o movimento político em torno da abolição cearense.

No segundo capítulo trataremos de forma específica sobre o movimento dos padeiros, levantando seu “histórico” e seus “objetivos” políticos. O capítulo então procura mostrar de forma detida o que “continuou” no grêmio de Adolfo Caminha, Antônio Bezerra, Rodolfo Teófilo, dentre muitos outros, e o que foi “rompido”. Para isto traçamos um “perfil sociológico” para ver a classe social destes literatos para só assim elaborar um paralelo com a *Mocidade Cearense* responsável pelos movimentos culturais anteriores. Recorremos às fontes primárias, sobretudo ao *Pão*, ao *Retrospecto dos feitos da Padaria...* e aos *Retratos e Lembranças* para a comprovação de nossas justificativas e ao trabalho de Leonardo Mota *A Padaria Espiritual*.

Finalmente, no terceiro capítulo investigaremos os trabalhos saídos durante os tempos de Padaria. Analisaremos todos os trabalhos em prosa e apenas um único trabalho em verso, no caso o *Chromos*, haja vista a pesquisa se deter na relação entre “campo intelectual” e “campo político”, e não com a preocupação estética ou estilística em torno de suas respectivas escolas literárias.

Esmiuçando os trabalhos em prosa de autoria de Eduardo Sabóia, José Carvalho e Rodolfo Teófilo, iremos esboçar o “projeto cultural” da Padaria Espiritual baseado na análise

dos valores e hábitos do “tipo” cearense residente no campo ou sertão. Perceberemos que apesar de propor uma “ruptura” tendo em vista as formalidades baseadas nas falas científicas dos movimentos anteriores em detrimento da fabricação de uma cultura “popular” e da formação de um “cancioneiro genuinamente cearense”, a visão desta cultura era senão a do homem “civilizado” fincado na cidade, preso aos arroubos civilizatórios e imerso numa visão científica onde o que não cabia ou partia deste universo de valores era concebido por “bárbaro”, “atrasado”, “ignorante”, “menor”, e não forçando muito as coisas, menos racional.

Trabalharemos pois a visão que este “intelectual citadino” ou estes “amadores esclarecidos” lançam sobre os “tipos” do campo, e assim, concebem esta cultura “popular” a partir da visão científica do letrado que muitas vezes não conhece os hábitos ou valores do homem campestre. Ainda neste capítulo abordaremos a produção da Padaria em relação a formação de um “cancioneiro genuinamente cearense” e deixaremos claro que a sociedade literária e artística de Antônio Sales não concretizou a nosso ver o mais importante elemento proposto pelo movimento: a elaboração de um “cancioneiro genuinamente cearense” como pregava o *Programa de Instalação*.

A produção cultural da Padaria se volta assim para uma visão folclórica de busca dos elementos que constituem a verdadeira “alma” do “tipo” cearense porque “já morta”, embora podendo ser lembrada. É esta imagem folclórica que marca o projeto cultural dos homens de letras da Padaria Espiritual. A cultura “popular” erigida pelos folcloristas da Padaria Espiritual seria concebida tendo por base a cultura “erudita”, ou, de certa forma, a cultura “moderna” e “civilizada” que marcou profundamente as atividades dos homens de letras da Academia Francesa.

Pondo fim ao trabalho analisaremos os seis primeiros números volumes de *O Pão*, fase que caracterizou a primeira fase da Padaria como sendo de pura pilhéria, diante de um segundo momento mais “ajuizado”, mais não menos boêmio e de real comprometimento com as letras onde apareceram os 12 trabalhos. Perceberemos nestes 6 primeiros volumes do periódico o comprometimento com os mesmos símbolos “civilizados” ou “modernos” tão criticados ao menos em vias retóricas pelo movimento intelectual dos intelectuais e artistas padeiros.

CAPÍTULO 1

MOVIMENTOS LITERÁRIOS À LUZ DA HISTORIOGRAFIA CEARENSE

(...) A febre das associações e academias tinha, fatalmente, de contagiar como, de fato, contagiou o Ceará! Aliás – seja dita de passagem –, verifica-se, de logo que é notavelmente superior, em relação ao das científicas, o número das sociedades literárias, no que se conforma a afirmação de José Veríssimo de que, depois do Rio, é o Ceará a terra do Brasil onde é menos apagada a vida literária e maior a sua produção. (...) (Dolor Barreira)

1.1 A Historiografia Literária Cearense

A historiografia literária cearense não perde de vista dois elementos que servem de suporte às suas análises sociais, quais sejam: sua economia somente afeita à criação de gado, possibilitada pela extensão de suas terras e pastos¹, e outros aspectos geográficos que caracterizam o Ceará como uma sub-região, pobre e seca. O Ceará era considerado “bárbaro” por possuir um solo arenoso e, em função de sua posição geográfica², fadado às grandes instabilidades da seca, que tanto norteia os trabalhos literários, dando até certo ponto uma unidade regional.³

Os primeiros observadores do Ceará, cronistas, religiosos ou leigos que comandavam as entradas descrevem os aspectos físicos da região afeita à economia de criar gados em detrimento da atividade agrícola. Diogo de Campos Moreno, em sua obra *Livro da Razão do estado do Brasil*, escrito em 1613, a partir de observações de Diogo de Menezes, já traça os aspectos físicos da terra cearense⁴.

Em suma, sua obra, assim como as observações de D. Diogo de Menezes, tomadas a pedido do rei, revelam o destino de um Ceará “determinado” pela pobreza do seu solo e por

¹ GIRÃO, Raimundo. História Econômica do Ceará. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1947.

² SOBRINHO, Tomás Pompeu. O Ceará – aspecto fisiográfico e antropogeográfico. In: O Ceará. MARTINS FILHO, Antonio & GIRÃO, Raimundo. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939. pp. 11-33.

³ SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. A questão regional: gênese e evolução. In: ciência Histórica. João Pessoa. Nº 1, 1984. ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 1999. pp. 39-63. PENNA, Moura. O que faz ser nordestino? São Paulo: Cortez, 1992. pp. 31/48. MARTINS, Roberto. Cultura nordestina em debate: um ensaio preliminar. In: Nordeste: Questão aberta. Recife: UFPE, 1977. Série Comunicações nº 19.

⁴ RODRIGUES, José Honório. A historiografia Cearense na Revista do Instituto do Ceará. In: Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959. pp. 9-41.

sua economia de criar gados. “(...) *A seca e a criação, condições geográficas e vida econômica haviam de ser as determinantes da formação da nova Terra (...)*”⁵.

A economia e as condições geográficas são, pois, os elementos constituintes da historiografia cearense. Aqui se percebe as condições materiais suscitando e permeando as explicações históricas. É devido às precárias condições materiais do Ceará que surge sua historiografia, como forma de entender o presente a partir do passado, não sem razão que os autores mais credenciados, durante o nascimento da historiografia cearense nos anos 60 e 70, instituída e formalizada pelo Instituto do Ceará, são pensadores que atribuem ao meio geográfico a “determinação” na formação da índole ou caráter do “tipo” cearense, como Hipólito Taine e Henry Thomas Buckle, pensadores que marcariam mais tarde, de modo específico, a partir da década de 70 do século XIX, as idéias dos intelectuais da Academia Francesa, carregada pela “*Mocidade Cearense*”⁶, introdutora e leitora das “idéias novas” e modernas⁷.

Para Raimundo Girão, eminente historiador dos aspectos da cultura cearense no geral:

(...) “É de antigo cronista das coisas do Brasil colonial, Ferdinando Denis, o conceito de que bem se poderia considerar história do Ceará, a história de suas secas.

Com efeito, de tal maneira se vem repetindo o fenômeno através dos séculos e de tal modo ele interfere destrutivamente na evolução humana cearense, que, na

⁵ Ibidem p. 10.

⁶ *Mocidade Cearense* (tomamos de empréstimo tal expressão de Gleudson Passos Cardoso) é a designação dada ao grupo de intelectuais que encabeçou os movimentos literários e filosóficos da época, da Academia Francesa à Padaria Espiritual, utilizando as letras como forma de alcançar as instituições públicas, uma vez que a educação desde o Império estava voltada para a política ou para o funcionalismo público de tradição fortemente bacharelesca, encapada sob as Faculdades de Direito e de Medicina. Nesse período, não se dissocia tão facilmente os setores urbanos das clássicas oligarquias, pois alguns intelectuais desses setores eram herdeiros diretos de tais oligarquias. A especificidade da *Mocidade Cearense* é seu apelo às letras como suporte legítimo para ações políticas, tendo no discurso científico seu maior aporte. AZEVEDO, Sânzio de. Grêmios Literários do Ceará. In: História do Ceará Coord. Souza Simone de. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Fundação Demócrito Rocha, Stylus Comunicações,. 1989. pp. 180-192. CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. ADORNO, Sergio. Os aprendizes do poder. O bacharelismo liberal na política brasileira. -Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. CARDOSO, Geudson Passos. República das letras: literatura, Imprensa e política (1873-1904). Dissertação de Mestrado defendido no Programa de Pós Graduação da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

⁷ (...) No Ceará, donde era e onde residia Araripe Júnior, formara-se por aquele tempo um grupo literário composto dele, de Capistrano de Abreu, do malogrado Rocha Lima, de Domingos Olímpio, de Pompeu, e outros nomes menos conhecido, grupo leitor de Spencer, Buckle, Taine e Comte e entusiasta das suas novas idéias. Esse grupo ficou estranho à influência da Escada e precedeu de dez anos a do Recife (...). VERRÍSSIMO, José. História da Literatura Brasileira. De Bento Terceira (1601) a Machado de Assis (1908). São Paulo: Editora Letras & Letras, 1998. p. 342. COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 16. ed. Rio de Janeiro: Betrand. Brasil, 1995.p.177-199. COSTA, João Cruz. Contribuição à história das idéias no Brasil. 2º. ed. Rio Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1967. pp.97-122. VENTURA, Roberto. Estilo Tropical: história da cultura e polêmicas literárias no Brasil. -São Paulo: Cia das Letras, 1991. CARDOSO, Geudson Passos. Op.Cit.

verdade, a tortura climica invade a alma do povo já recebendo diretamente o impacto da desgraça, ele próprio martirizado de sede e de fome, já o relembrando penosamente depois de passada a tormenta (...)”⁸ (grifo nosso)

Some-se a isto a falta de um porto capaz de escoar os produtos da província e consumir os produtos da praça de Pernambuco e Bahia, aquela a mais adiantada praça econômica da época. Apesar de Fortaleza ser a sede da província, com sua Casa de Câmara e cadeia, pelourinho, igreja, elementos condizentes ao estabelecimento de uma vila⁹ e, mais tarde, cidade, esta era superada por cidades como Aracati e Camocim¹⁰, justamente porque estas eram cidades portuárias que permitiam relações comerciais entre a província e o mercado de Recife, uma vez que o Ceará pertenceria ligado a Pernambuco até 1799¹¹.

Portanto, a pobreza material do Ceará, devido a sua economia de criação de gado e assolada por suas secas subseqüentes em função de sua posição geográfica, constitui o apanágio de sua cultura ou de sua historiografia literária.

A fundação do Instituto do Ceará em 4 de Março de 1887¹² só endossa esta “identidade” local e às vezes regional. Buscando as “origens” do povoamento do Ceará, os “homens de letras” do Instituto atribuirão grande relevo às condições materiais da região. Criado para analisar e estudar os aspectos geográficos e históricos, estes os mais relevantes aspectos, os intelectuais do Instituto do Ceará procurariam se deter nos problemas locais e por vezes “regionais” que caracterizam a região. Daí os estudos estatísticos, sobretudo de

⁸ GIRÃO, Raimundo. Pequena história do Ceará. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984. p. 243.

⁹ ORIA, Ricardo & JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. “De forte a vila e cidade” (1603-1889). In: Fortaleza: a gestão da cidade (uma história político-administrativa). Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, BNB, 1995.

¹⁰ Segundo Maria Auxiliadora Lemenhe, Fortaleza entrou tarde nas relações econômicas, tendo em vista as vilas de Crato, Sobral, Icó e Aracati, que eram as localidades mais adiantadas economicamente devido a suas posições geográficas, instaladas às margens do Jaguaribe, servindo de passagem aos mercados do Recife e da Bahia, as mais adiantadas praças comerciais da época, em função não só de suas trocas como também do consumo de mercadorias adquiridas nestes mesmos espaços. O Ceará se manteve ligado a Pernambuco até 1799. A partir de então, passou a lançar seus produtos diretamente para a Europa. Com a economia do algodão emergiu uma complexa estrutura social, com classes estratificadas, sob bases mais estáveis, diferente do rústico e frágil modo de produção baseada na agricultura de subsistência e pecuária, em que de uma pequena crise climática se perdia todo um rebanho. Fortaleza lança-se, então, como cidade possuindo já uma burguesia incipiente, embora não desapareça de todo a economia que, há séculos, estava nas mãos de uma aristocracia rural. LEMENHE, Maria Auxiliadora. Expansão e Hegemonia Urbana: o caso de Fortaleza. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 1998. p. 8. Ver ainda. BRIGIDO, João. Fortaleza em 1810 - crônicas. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará/PMF, 1979.

¹¹ STUART, Barão de. Datas e factos para a história do Ceará. Ed. fac-simile.V.I. Fortaleza: Fundação Valdemar Alcântara, 2001.pp.425-426.

¹² Ibidem. p.353.

Guilherme Studart e os de Tristão Alencar Araripe, com relação aos seus aspectos etnográficos¹³.

Conforme José Honório Rodrigues, utilizando-se de E. Grasse, afirma: “(...) *A atividade econômica é o centro vital de todo o conjunto cultural e condiciona do modo mais profundo e irresistível os outros fatores culturais (...)*”¹⁴.

A criação de gado não careceu da mão-de-obra escrava em decorrência ou predominância da cultura indígena. Foi tão somente em função desta cultura aborígene, em contato com o português “civilizado”, que se esclarece o sentido da literatura cearense imersa num pastoreio, impregnada de fanatismo, grandes crimes, secas e etc.¹⁵

A “síntese” cultural de índios e brancos resultou numa cultura “menor” em relação à cultura “civilizada”. Apesar da imposição da cultura européia, o gentio resistiu e os valores civilizados se diluíram porque foram atingidos por suas tradições culturais. Crises históricas, fanatismo, crimes políticos e toda sorte de violência que reinam no sertão, sobretudo o atentado à própria vida são para José Honório Rodrigues, reações a esta cultura “civilizada”¹⁶.

Dessa forma, a historiografia cearense é constituída a partir de caracteres etnográficos, geográficos e, sobretudo, econômicos. São todas estas condições, tantas vezes aludidas à “matéria prima” que dão sentido e suscitam as indagações históricas, por sua vez, a historiografia cearense.

O “tipo” cearense não só é fruto do cruzamento de índios e brancos, como é fortemente influenciado pelas forças do meio. Pode-se dizer que esta idéia é fundamental para a compreensão da atividade historiográfica como um todo, pois daí emerge o desejo de libertação por parte da “alma” cearense, forte, que por vezes ultrapassa a capacidade mental oriunda de um “meio” geográfico e social pobre ou hostil, o que é no mínimo um argumento contraditório por parte da crítica literária local. Segundo Antonio Bezerra:

(...) A inexorabilidade das secas, longe que seja um mal, traz, no entanto, para o cearense a sua distinção, a sua superioridade, a sua glória, pois que, não tendo que confiar nos recursos da natureza, vai procurar melhores condições de vida por toda a parte do universo.

¹³ Os célebres trabalhos acima aludidos são respectivamente. BRASIL, Thomaz Pompeu de Souza. Ensaio Estatístico da Província do Ceará. Fortaleza: Typ. B. de Matto, 1864. ARARIPE, Tristão de Alencar. História da província do Ceará: desde os tempos primitivos até 1850. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 2002.

¹⁴ RODRIGUES, José Honório. Op. Cit., p. 12

¹⁵ Ibidem. p.14

¹⁶ Ibidem. p.16.

Sóbrio, afeito ao trabalho pesado para conseguir o pão de cada dia, é educado desde criança na escola da adversidade e do sofrimento. Não tem que estranhar infortúnios.¹⁷ (...) (grifo nosso)

É justamente dessa “hostilidade” do meio tão bem “instrumentalizada” pela crítica literária cearense que dispensa grande parte de suas análises se detendo a partir dos fatores geográficos, que esta mesma literatura fabrica do momento trágico, o vitorioso “tipo” cearense ante todas as refregas e inclemências do meio. Esse “tipo” cearense que vive em um mundo onde as forças naturais lhe são hostis é sempre forte, vitorioso e deseja a emancipação¹⁸.

É das inclemências do meio ou das dificuldades porque atravessa o homem num determinado “meio social” pobre porque pobre é o seu “meio geográfico” que dá sentido e faz nascer sua indagação histórica, e de forma específica, sua historiografia. Para José Honório Rodrigues:

(...) “A paixão pela gente, o advérbio de Arnold, e pela terra árida e que não pode fazer progressos vantajosos, pelas imigrações contínuas, ocorrências de secas e padecimentos de moléstias daí providas e que tudo faz definhir, faz nascer o desejo de se conhecer melhor o passado, de saber os motivos de um presente tão pouco promissor. Ainda mais quando as tempestades do confuso presente estão cheios de tons trágicos gerados pelas crises climáticas, econômicas e etnográficas, a que nos referimos. Na seca, na miséria, no crime e no fanatismo existe dramaticidade ainda maior, por isso mesmo que a coerência de sua sucessão implica numa ansiedade maior que a batalha, cuja recorrência não se verificou nem se verificará”¹⁹ (...) (grifo nosso)

¹⁷ BEZERRA, Antonio. O Ceará e os cearenses. Edição Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. pp. 2-3.

¹⁸ (...) Fustigado pela necessidade de acercar-se de comodidades, neste embate de ações e reações criando artifícios que tivessem decidido valor para resistir á pujança dos agentes phisicos, o cearense foi avigorando o poder da vontade, a inteligência, e adquiriu esse pendor característico para as aventuras e facilidades de assimilação de todas as innovações, que se lhe apresentam. Producto do cruzamento de raças pouco adiantadas, como a portuguesa, a aborígene e a africana, não possuía ainda o cearense, há quatro séculos, o poder da civilização, da arte, que conseguisse utilizar em proveito do próprio homem as forças cósmicas, as leis da natureza e, muita vez, apagar os traços climatéricos. Quem conhece o processo ethinico da constituição da raça brasileira, não estranha certamente que affirmemos que há algumas centenas de annos o viver das populações deste recanto do Norte, era quase primitivo, rudimentar. Era então a acção da intelligencia do homem quase impotente sobre as leis phisicas. A natureza retratou-se-lhe n'alma, imprimindo-lhe essa ardência e impetuosidade que ainda hoje o assignala (...) GARCIA, Abel. “A Mulher Cearense”. In: A Quinzena. Propriedade do Club Litterario, Anno I, nº 2, 1887, p.2.

¹⁹ RODRIGUES, José Honório. Op. Cit. p.19

Ao contrário do pensamento de Capistrano de Abreu, no qual não havia no Ceará acontecimentos estrondosos que figurassem uma “histórica política” realizada por grandes acontecimentos, estritamente baseada na “narração” e “descrição” dos fatos históricos, a partir da investigação “verdadeira” do documento, José Honório Rodrigues, como se depreende da citação acima, encontra elementos constituintes para erigir uma historiografia literária cearense a partir das mazelas sociais provocada pelo flagelo das secas.

José Honório Rodrigues encontrava nas mazelas sociais provenientes das constantes secas, matéria-prima ou elemento ainda mais “estrondoso” capaz de constituir ou até mesmo suplantar uma história cristalizada a partir dos “grandes acontecimentos”²⁰. O maior nome desta historiografia é Guilherme Studart, um dos fundadores do Instituto do Ceará com seus três tomos de suas *Datas e Factos para a História do Ceará*, lançados em 1896 pela tipografia Studart. Em se tratando de modo específico sobre a obra de Guilherme Studart deve esclarecer que os dois primeiros tomos são lançados em 1896, ao passo que o terceiro pela tipografia comercial em 1924.

Cabe salientar que os “homens de letras” reunidos em torno do Instituto do Ceará objetivavam construir uma “narrativa literária” que servisse de identidade “local”, por vezes “regional”, a partir das “origens do Ceará”, ainda presos à concepção histórica de “verdade” coberta de fatos memoráveis para que no futuro se celebre a “memória” passada. As “Efemérides” eram, pois, a tarefa do historiador diante de um calhamaço de documentos, comprovando realmente quais os “verdadeiros” fatos. Em suma: era narrar tal e como aconteceram os “fatos” históricos do passado²¹.

²⁰ A escola positivista francesa cujos maiores expoentes foram Langlois e Seignobos privilegiou o “documento” em detrimento da análise histórica. Preocupada com a “verdade” a escola positivista baseava-se na objetividade dos “fatos sociais” sobrepondo a qualquer tipo de “acidente” histórico. Para o historiador positivista o documento fala por si só, nele está a “verdade” dos fatos passados “assim” como estes aconteceram. Daí o privilégio do “evento”, “acontecimento”, grosso modo, da “história política ou oficial”, o que não necessariamente corresponde a “datas” e “fatos” como lembra Fernand Braudel. Durante grande parte de sua existência a concepção positivista em história esteve indissociável da história militar dos reis envolvidos em suas batalhas políticas, daí a primazia pelo “acontecimento”, ruidoso, mas de pouco fôlego. A essa visão de “verdade” histórica o movimento dos *Annales* irá se contrapor. Tendendo a uma aproximação com as demais ciências humanas, a “nouvelle histoire” irá propor por uma história onde prevaleça as “estruturas”, uma história elaborada não a partir do “acontecimento” mas sim das “estruturas” que resistem a uma “longa duração”. A “nouvelle histoire” irá introduzir novos “métodos” e permitirá uma visão diferente com relação a “verdade” do documento, e por sua vez, da história, indagando não só pela “autenticidade” do documento, mas sim pelas formas de conceber a ciência histórica. LE GOFF, Jacques História e Memória. São Paulo: Unicamp. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 106. ver também A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990. REIS, José Carlos. A história entre a Filosofia e a ciência. São Paulo: Ática, 1996. Escola dos Annales: a inovação em história. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

²¹ OLIVEIRA, Almir Leal de. O instituto histórico geográfico e antropológico do Ceará: memória, representações e pensamento social (1887-1914). São Paulo: Tese de doutorado defendida no Programa de História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

As condições do meio identificadas diretamente pela pobreza material oriunda das constantes crises climáticas explicam, segundo a historiografia tradicional, a dificuldade e não muito, a pobreza e a baixa qualidade dos trabalhos e das atividades letradas ou culturais do Ceará.

Somado a esta pobreza material, o que os inúmeros trabalhos dos polígrafos demonstram é a busca pelas “origens” do pensamento literário cearense entravado por uma atividade jornalística somente atenta às intrigas partidárias de ataques e contra-ataques²², dificultando, pois, o despertar e o florescer das belas letras.

Assim nascia a historiografia literária cearense para estudar as condições de uma região pobre e seca, com um futuro nada promissor, pois o fenômeno das secas, causador de alta mortalidade entravava qualquer expectativa de “progresso”.

O choque ou o conflito entre as atividades partidárias por parte de liberais e conservadores não capacitava a formação literária condizente com as formações do “intelectual-artista” que esperava ao menos em vias retóricas e, por conseguinte, ascender socialmente por meio destas atividades letradas²³.

Não sem razão que os estudiosos locais como Dolor Barreira, Antônio Sales, Raimundo Girão, Mozart Soriano Aderaldo, Mário Linhares e muitos outros atentam somente para o “início” da atividade literária se prendendo sempre às condições econômicas que, embora nada favoráveis, sempre criava a “alma” ou o “tipo” do cearense forte, valente, filantrópico, capaz de inteligência, podendo chegar muitas vezes a constituir “vulto” literário como José de Alencar, eleito papa da literatura nacional, sacralizado por todos os movimentos literários cearenses como os do Abolicionismo, Clube Literário, Padaria Espiritual e a Academia Cearense de Letras, além de Thomas Pompeu de Souza Brasil e Guilherme Studart, futuramente condecorado por Barão de Studart. O filho Alencar foi o responsável por tornar o Ceará

²² MONTENEGRO, F. Abelardo. Os partidos políticos do Ceará. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1980. (...) “A imprensa partidária, feita à imagem e semelhança da nossa sociedade essencialmente burguesa e votante, vive para ahi, sabe Deus como, quase a finar-se à míngua de alento, apesar dos milagres da repetência, a metter-se teimosamente pelos olhos do povo que lhe volta as costas e convencidamente afirma que a boa política é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos. E, entretanto, é a imprensa partidária quem abre caminho para os empregos, quem traz, pela rua da armadura, os adversários, quem institue tenentes-coronéis e destitue subdelgados. Ficam, portanto, sabendo os homens práticos, que não vemos tudo cor de rosa. Sabemos d’ante-mão que muito caro nos vae custar cada um desses ephemeros prazeres intellectuaes, deliciosos prazeres que só comprehendel-os e poder aspiral-os é já uma fortuna immensa, um gáudio ineffavel, (...)”. A Quinzena” – Propriedade do Club Litterário, nº 01, 15 de janeiro de 1887.

²³ CAMINHA, Adolfo. Cartas literárias. 2º ed. Fortaleza: EUFC, 1999.

conhecido noutras paragens literárias e desse fato vem o reconhecimento por parte dos escritores de sua “terra natal”²⁴.

A historiografia literária cearense em seus trabalhos romanescos, juntamente com os trabalhos de memória ou de crônicas históricas, fabricados por seus inúmeros polígrafos que encabeçaram os “movimentos literários” mais significativos com seus respectivos órgãos, só pretendem reforçar a força do cearense, mesmo num meio hostil, devido a sua posição geográfica e seus acidentes e, em consequência, por sua instabilidade climática que gera o fenômeno das secas tão bem manipulado aos “desejos ambiciosos” das elites materiais e simbólicas²⁵.

Grande parte dos estudos que investem na análise dos aspectos beletrísticos como um todo, no Ceará, buscam o “pontapé inicial” da atividade literária e sua “evolução” ao longo do tempo. Embora sejam estes trabalhos os mais autorizados como o de Dolor Barreira, historiador da literatura cearense, membro do Instituto do Ceará, esta obra não relaciona o surgimento das atividades literárias aos interesses econômicos, visando uma “maior

²⁴ Devido a divulgação da literatura cearense noutras plagas literárias, Alencar será enaltecido por todos os movimentos literários, da Academia Francesa à Academia Cearense de Letras, sendo até proposta a mudança do nome de Fortaleza para a da sua lendária Iracema. O Centro Literário irá propor em homenagem ao escritor-mor a ereção da estátua de Alencar, no que divergia Antônio Sales (...) “Dissemos – Fortaleza – e não Iracema, como se quer algures, porque não nos conformamos com a idéia de mudança do nome da nossa ex-salubre capital. O nome de Fortaleza vai muito bem a esta cidade – cabeça de um estado, cuja energia e resistência são provérbios. A Fortaleza é a nossa qualidade característica e como tal deve ser o nome do órgão dirigente da nossa terra. Vingando a idéia aventada muitos inconvenientes surgiriam, uns altamente prejudiciais, outros profundamente cômicos. No estandarte, da Câmara Municipal seria o forte symbolico substituído pela figura da lendária cabocla, e em vez da legenda *Fortitudine* análoga aquelle symbolo, se inscreveria *Fragiletate*, a única palavra que pode acompanhar a effigie de uma mulher, - a encarnação das fraquezas humanas. E que consideração poderia merecer uma cidade que assim fizesse alarde da sua fraqueza?” (...) O Pão ... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 10, 15 de fevereiro de 1895, p.1.

²⁵ O discurso das secas não só sustentou o poder das tradicionais oligarquias e da incipiente burguesia comercial agenciando parentes e afilhados políticos por meio das conhecidas práticas mandonistas, como deu lastro ao “discurso científico” acerca da instabilidade climática. Tal discurso é construído como artifício metalinguístico que consegue operar com tamanha intensidade, mesmo sob forma imaginária, “funcionando” até mais do que a própria seca, sendo o substrato para o estabelecimento das “leituras modernas” encabeçadas pelos intelectuais da classe média que “recodificando” idéias de fora ao cenário local tomavam esse discurso como mera “instrumentalização” para a validação de tais práticas. A “seca” fora o cenário interno e, pois, suporte das leituras científicas que via o povo cearense sob o prisma externo: o povo é “atrasado”, “matuto”, “bárbaro” e precisa da presença do europeu para “melhorar” de vida. Foi a partir deste cenário que as idéias científicas, evolucionistas, positivistas e liberais se estabeleceram. Não houve uma leitura única e coerente destas, mas idéias até mesmo contraditórias, defendendo abolição e criticando as instituições imperiais como o pensamento romântico legitimado pelo poder da Igreja e todas as suas corruptelas. BEZERRA, José Tanísio Vieira. Quando a ambição vira projeto. Fortaleza, entre o progresso e o caos (1846/1879). São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998. Ver ainda. CHAVES, José Oliveira Souza. Fortaleza e os retirantes da Seca de 1877-1879: o real de um imaginário dominante. Pernambuco. Dissertação apresentada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, 1995. NEVES, Frederico de Castro. A memória do espaço e o espaço da memória: a seca na construção imaginária do Nordeste. Ceará. Dissertação apresentada no programa de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 1992.

circulação de riqueza”. Não se verifica, pois, neste estudo, uma relação entre “campo intelectual” e “campo político”.

Assim, Dolor Barreira, seguindo o pensamento germanista de Silvio Romero, integrante da gloriosa Escola do Recife ou Escola teuto-sergipana, procura traçar um quadro de todos os aspectos culturais inerentes ao povo cearense. O autor pretende realizar um compêndio, sinopse ou síntese, o que parece ambíguo, de todos os aspectos culturais cearenses. Fortemente ligado por um pensamento de Escola Histórica associados à “verdade”, onde somente com a análise dos documentos é possível a constatação ou não dos “verdadeiros” fatos, Barreira seleciona, a partir de seus critérios, quais os verdadeiros escritores que devem integrar a formação de sua *História da Literatura Cearense*²⁶.

O trabalho de Barreira é, pois, fortemente marcado por “datas” e “fatos”, o que revestiu e permeou as análises sociais dos “homens de letras” encarcerados em torno dos institutos históricos e das academias, na pretensa busca pelas “origens”²⁷.

Desse modo, é que Barreira, logo no início do trabalho, procura negar as posições do pensador católico Alceu Amoroso Lima, Tristão de Ataíde, do padreiro Antônio Sales e do historiador da literatura cearense, Cruz Filho, a respeito do “pontapé inicial” da atividade literária cearense.

Para o padreiro Antônio Sales, o início da atividade literária no Ceará se deu em 1856 com a publicação no Rio de Janeiro de *Prelúdios Poéticos* do poeta cearense Juvenal Galeno, autor da importante obra *Lendas e Canções Populares*. Para Cruz Filho, é em 1872 que se inicia propriamente a atividade literária no Ceará, certamente devido às atividades das

²⁶ BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Edição Fac-similar. T.I. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

²⁷ Reunidos na “missão civilizadora” de criar uma história nacional, os homens de letras do IHGB, fundado no Rio de Janeiro em 1838, buscavam os elementos que servisse de suporte a ereção de uma história brasileira. A preocupação maior do IHGB era assim legitimar uma ordem escravista e pois tradicional. O grande mecenas deste projeto seria o próprio imperador Pedro I. A história fabricada pelos homens do IHGB de intrínseca ligação com os elementos imperiais e de forte sentimento nacional seria marcada pela busca das origens, de onde “iniciasse” a verdadeira história nacional brasileira. A pretensa busca pelas raízes, daí o caráter de “selecionar” para melhor “narrar” a história nacional brasileira marcaria as atividades dos “homens de letras” reunidos em torno do IHGB, dentre eles Varnhagem e Capistrano de Abreu. Ver SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e a Questão Racial no Brasil (1870-1930)*. – São Paulo: Cia das Letras, 1993. SCHAPOCHNIK, Nelson. Como se escreve a história? São Paulo: Revista Brasileira de História. V. 13, nº 25/26, 1992. pp. 67-80. GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *nação e civilização nos trópicos*. O IHGB e o projeto de uma história nacional. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, nº 1, 1988. Pp. 5-27. SANDES, Noé Freire. *A invenção da nação: entre a monarquia e a república* – Goiânia: Ed da UFG: Agência Goiana de Cultura Pedro Lindovico Teixeira, 2000. REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil. De Vannhagem a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. CHAUI, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000. SANTOS, Mariza Veloso Motta & MADEIRA, Maria Angélica. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

leituras e disseminação das “idéias novas” ou “modernas”, sobretudo científicas e européias em torno do grupo composto por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Xilderico de Farias Thomas Pompeu, França Leite dentre outros²⁸.

Já para Tristão de Ataíde, é em 1859, com a presença do escritor romântico Gonçalves Dias no Ceará que se deve o “início” das atividades literárias no Ceará. De acordo com Dolor Barreira:

(...) “A nós parece-nos, data venia, que não tem razão, nem Antonio Sales, nem Tristão de Ataíde, nem Cruz Filho. É que se impõe recuar, como já tivemos ensejo de dizer, para o ano de 1813, a balisa inicial das nossas letras, nesses famosos oiteiros, onde, efectivamente, expele os primeiros balbucios a nascente literatura cearense (...)”²⁹

Apesar de Dolor Barreira salientar a condição econômico-material como fator condicionante para a elaboração e o florescimento das letras em torno dos inúmeros grupos literários, a leitura de sua obra não permite uma associação de “idéias” a determinadas “classes”, ocultando, pois, os reais interesses enrustidos nestes movimentos que prometiam subtrair do atraso a província de Fortaleza e deitá-la nos braços do “progresso” e da “civilização”, o que coube, de forma específica, aos movimentos do Clube Literário em 1886 e seis anos depois à Padaria Espiritual³⁰.

São muito vagas, embora muito significativas, devido a grande gama de informações que traz seu trabalho, as condições percebidas por Barreira na participação dos fatores econômicos na fomentação e qualidade da atividade literária cearense. O que permite a leitura da obra de Barreira, quando muito, é a constatação dos inúmeros movimentos culturais girando em torno de suas respectivas escolas, narrando de forma contínua estes movimentos sem relação alguma com os aspectos sociais, contribuindo ou formando, pois, uma “história das idéias” cearense.

Os movimentos literários são concebidos e analisados como movimentos artísticos que tendem ao sublime, resultado de mentes engenhosas, associados a “vultos” literários capazes de criarem suas “literatices” que apaixonam o leitor, capacitando desta forma uma

²⁸ BARREIRA, Dolor. Op. Cit., p. 69.

²⁹ Ibidem. p. 69

³⁰ Dentre os inúmeros movimentos culturais aparecidos em Fortaleza a partir da década de 70 do século XIX em decorrência das flutuações econômicas carreados pelas nascentes classes médias urbanas, os movimentos do Club Literário assim como o da Padaria Espiritual foram essencialmente literários, no sentido de proporem subtrair uma sociedade indiferente as atividades letradas a partir do estímulo as artes e ciências, ao passo que o abolicionismo cearense atuou de forma precisa na instalação da república por meio da “instrumentalização” das idéias “evolutivas”. Analisaremos ao longo do trabalho estes aspectos.

identidade local coberta por laços cada vez mais afetivos ao seu torrão, a sua “terra amada”. Daí uma certa literatura “regional” feita por seus “tipos”, como forjaram os homens do Clube Literário e, tempos depois, os homens da Padaria Espiritual, o que diferenciava o povo cearense desde os primórdios com a valente “Iracema”, guerreira e forte do restante povo brasileiro³¹.

Não se encontra no trabalho de Barreira relação alguma com a formação de “novas classes”, fruto de um reordenamento das forças produtivas em que a aristocracia de terra perdia espaço para o surgimento de uma incipiente classe média residente nas cidades nos idos de 1870, o que clareia o movimento das idéias e sua “instrumentalização” por parte de determinados grupos “literários” a fim de estabelecerem uma ordem³². O que interessa para o autor é elencar os grupos literários, primando por suas contribuições na “evolução” da literatura cearense³³.

Tomando por base o movimento político em torno da abolição dos cativos durante os anos de 1880 a 1884, momento muito significativo no “quadro” traçado e construído por Barreira, onde os “homens de letras” revelaram-se verdadeiros poetas como Antonio Bezerra, Antonio Martins e Justiniano de Serpa, os “três poetas oficiais do Abolicionismo”³⁴, o autor não relaciona os ideais românticos a serviço de uma “maior circulação de riqueza”³⁵, constituído e elaborado por homens empregados das grandes casas comerciais³⁶ de Fortaleza.

³¹ (...) “O methodo histórico-naturalista vai instruir-nos do modo da formação do character cearense, contrastando a divergência, que apontamos, entre o filho do Ceará e o typo nacional em geral. Determinemos primeiramente a influencia do clima, d’um sol senegalesco muita vez, do aspecto geral da natureza das condições mesologicas enfim, que têm trabalhado na modelação do typo e da índole da população cearense. Neste solo excepcionalmente constituído, em pronunciada elevação sobre o nível marítimo e violentamente açoitado por correntes aéreas, desenvolveu-se o homem lutando com as asperezas naturais e esforçando-se por neutralizá-lhes os efeitos. Fustigado pela necessidade de acercar-se de commodidades, neste embate de acções e reacções, creando artificios que tivessem decedido valor para resistir à pujança dos asgentes physicos, o cearense fôï averigorado o poder da vontade a intelligencia, e adquiriu esse pendor caracteristico, para as aventuras e facilidades de cruzamento de raças pouco adiantadas, como a portuguesa, a aborígine e a africana, não possuia ainda o cearense, há quatro séculos, o poder da civilização, da arte, que consegue utilizar em proveito do próprio homem as forças cósmicas, as leis da natureza e, muita vez, apagar traços climatericos. Quem conhece o processo ethnico da constituição da raça brasileira, não estranhará certamente que affirmemos que há algumas centenas de annos o viver das populações deste recanto do Norte, era quase primitivo, rudimentar. Era então a acção da intelligencia do homem quase impotente sobre as leis physicas. E impetuosidade que ainda hoje o assignala” (...) GARCIA, Abel. A Quinzena. Propriedade do Club Litterario. Anno I, nº 2, 30 de janeiro de 1887, p.10.

³² TINHORÃO, José Ramos. A Província e o Naturalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

³³ ADERALDO, Mozart Soriano. “Renascimento Literário Cearense”. In: A Quinzena. Propriedade do Club Litterario. Op. Cit., p. IX-XV.

³⁴ SALES, Antonio. História da literatura cearense. In: O Ceará. GIRÃO, Raimundo & MARTINS FILHO, Antônio. 3ª ed. Fortaleza: Instituto do Ceará. pp. 257-266.

³⁵ TINHORÃO, José Ramos. Op Cit.

³⁶ Eis, de forma resumida a posição social dos abolicionistas cearenses: José Correia do Amaral, sócio do pai em sua casa comercial de ferragens; Antônio Cruz Saldanha, montou casa de negócios comerciais em Fortaleza;

O autor diluiu o teor político do movimento abolicionista, segundo Tinhorão em *A Província e O Naturalismo*, fase mais marcante do pensamento literário cearense, preocupando-se com associações e com influências de poetas do romantismo brasileiro, como Castro Alves, e até do romantismo clássico como Guerra Junqueiro aos “três poetas oficiais” do abolicionismo cearense.

As possíveis “posturas intelectuais” se esboroam ante a “homogeneidade” dos grupos enfeixados em suas respectivas “escolas literárias”. O resultado de todas as informações levantadas por Barreira é despertar o amor do cearense à sua terra amada, não sem razão que dentre os critérios de seleção para compor sua *História da Literatura Cearense* o autor privilegia intelectuais “artistas” que falaram de sua terra natal, apesar de distante, e mesmo não sendo de naturalidade cearense. O que mais importa é divulgar o nome do Ceará, mesmo a partir de uma literatura coberta por secas e epidemias, noutras plagas literárias. Este foi o preço que custou a Alencar, enquanto responsável por divulgar lá fora que existe um Ceará na República Federativa Brasileira.

Depois do trabalho de Dolor Barreira, sem dúvida o trabalho que mais contribui para o estudo de uma “história das idéias” cearenses, em função de seu alto teor informativo, apesar das limitações já descritas, seguem inúmeros outros trabalhos esparsos lançados ora pela *Revista do Instituto do Ceará*, ora pela *Revista da Academia Cearense de Letras*, a primeira academia de letras do país, surgida em 1894.

O que se percebe nestes trabalhos é a continuidade do pensamento de Dolor Barreira, no sentido de pontuar a sequência dos movimentos beletrísticos cearenses, esboçando o “início” ou o “pontapé inicial” das atividades literárias, seja a partir da plêiade de poetas para o recitar de “odes e ditirambos”, em torno do palácio do governador Sampaio

José Teodorico de Castro, exerceu funções comerciais no estabelecimento, Boris Freres, significativa empresa comercial dos tempos da febre algodoeira, nas décadas de 60 e 70 na segunda metade do século XIX. José Barros da Silva, trabalhou na Bolsa do Comércio. Francisco Florêncio de Araújo, abriu casa de comércio de tecidos na Praça do Ferreira, centro de Fortaleza, liquidou o negócio e depois empregou-se na Campanha Ferrocarril. Manoel Albano Filho, o pai era um dos irmãos Manoel Francisco, José Francisco e Antonio Francisco onde se estabeleceram sob a loja Albano & Irmão, importante loja comercial da época. Joaquim José de Oliveira Filho, livreiro, filho e sócio do pai, que foi dono da reputada Livraria Oliveira, estabelecida na Praça do Ferreira; Antonio Dias Martins, foi caixeiro de escrita, mais tarde, funcionário da Alfândega, dirigiu vários órgãos de imprensa em Fortaleza. Alfredo Salgado, exerceu o cargo de caixa da Singlehust & Cia, de Liverpool, havia sido guarda-livros da firma viúva Salgo, comércio onde sua mãe era sócia. Viaja para a Europa e se forma em comércio na Inglaterra. Raimundo Maciel, comerciante que esteve em Fortaleza por algum tempo comercializando em seus armazéns diversos gêneros, dentre eles, café. Luís Xavier da Silva e Castro, foi professor primário no interior do Ceará e vindo para Fortaleza consegue o cargo de escrevente do cartório de órfãos. GIRÃO, Raimundo. *A abolição no Ceará*. 3º. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1969. pp. 79-85. SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. *História da escravidão no Ceará: das origens à extinção*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.

constituindo o *Oiteiros*, em 1813³⁷, na visão de Dolor Barreira, seja com a *Fênix Estudantal*, fundada por Rocha Lima, um rapazelo jovem na idade de uns 15 anos, ou por meio da *Academia Francesa*, surgida em 1873.

Na esteira destes trabalhos, segue o artigo do futuro padeiro-mor Antônio Sales, *História da Literatura Cearense*³⁸. Citado por Dolor Barreira quando do questionamento com relação à “baliza” inicial das letras cearense, que para Sales iniciava-se com a publicação da poesia do poeta cearense Juvenal Galeno com suas *Lendas e Canções populares*, em 1856, este trabalho se mostra de grande relevância por ser um dos trabalhos tomado de análise não só por Barreira como por outros estudiosos locais para a compreensão da historiografia literária cearense.

“Preparando para historiar e registrar em sua história literária somente escritores que contribuíram para a expansão do meio literário cearense”³⁹, a preocupação maior de Sales é com a divulgação da literatura cearense no sul do Brasil, até mesmo no exterior e no maior centro literário de então, o Rio de Janeiro, onde o “meio” não era tão adverso e as publicações não tão difíceis como no Ceará.

Contrário a Dolor Barreira, Mario Linhares, Braga Montenegro, Mozart Soriano Aderaldo, dentre outros, para quem, apesar das adversidades do “meio”, o Ceará possuía seus filhos ilustres como José de Alencar, Capistrano de Abreu, Clóvis Bevilacqua, Rocha Lima, Araripe Junior, Barão de Studart, Antônio Sales desconsidera escritores como José de Alencar e Clóvis Bevilacqua.

Como já mencionado, o propósito maior do padeiro era ver sua “literatura cearense” conhecida noutros meios literários, o que mais tarde aconteceria com seu grêmio literário e artístico, a Padaria Espiritual⁴⁰. Sales, por este motivo, considera o baiano Rodolfo

³⁷ Para José Veríssimo, “(...) esses saraus literários eram uma reminiscência ou repercussão do que se fazia na velha ARCÁDIA LUSITANA que florescera, em Portugal, de 1756 a 1770, ou, mais perto de nós, entre os poetas do grupo brasileiro que luziu, em Minas, pelos fins do século XVIII e “em que, a par do americanismo nascente, se ostentam formas do gosto que os árcades em Portugal haviam defendido e exemplificado”, nos diz Fidelino de Figueiredo, o eminente autor de LITERATURA PORTUGUESA (...). VERÍSSIMO, José. Op. Cit. BARREIRA, Dolor. Associações literárias e científicas no Brasil, e particularmente no Ceará-Oiteiros. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo I, 1943. pp. 148-196. Para o estudioso da historia literária cearense Dolor Barreira, o grupo dos Oiteiros representa o início da atividade literária cearense se contrapondo assim à concepção do futuro padeiro Antonio Sales e ao renomado pensador católico Alceu Amoroso Lima, Tristão de Atayde. Mas, segundo Sânzio de Azevedo quem primeiro mencionou as tertúlias literárias em torno do governador Manoel Inácio de Sampaio embora de forma negativa foi Sílvio Júlio em *Terra e povo do Ceará*.

³⁸ SALES, Antônio. História da literatura cearense. In: GIRÃO, Raimundo & MARTINS FILHO, Antônio. O Ceará. 3ª ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966 p. 257-266.

³⁹ Ibidem., p. 257.

⁴⁰ Segundo o próprio Antônio Sales certa vez sabendo da formação do *Club Literário* e sua *Quinzena* formado por João Lopes, Antônio Martins, Álvaro Martins, Oliveira Paiva e outros, para aderir ao grupo de intelectuais

Teófilo, mais tarde integrante de seu grupo, o maior escritor “cearense” porque contribuiu para a “expansão” do meio literário cearense. Mas, o que cabe ressaltar é que Moacyr Jurema, apesar de divergir de outros “homens de letras” que compõem a crítica literária local, salienta a participação do próprio “meio” para o florescimento dos aspectos beletrísticos cearense.

Num “meio” constituído por raças indígenas, caboclas e européias, arroteada por um solo pobre, fadado às constantes secas, o Ceará se tornou alheio durante todo o século XVIII, enquanto a “civilização” se instaurava por meio de seus heróis que são os “homeros”, os poetas que graçavam em Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, debaixo de suas academias literárias.

A própria colonização tardia do Ceará, explica em parte o marasmo das letras e a indiferença da mesma num “meio” inóspito ao florescimento da ciência e das belas artes. Daí a preocupação maior de Sales em divulgar o Ceará noutros espaços brasileiros.

A fatalidade das secas, consequência, pois, da posição geográfica na qual se encontrava o Ceará era, assim, o maior entrave ao florescimento das letras cearense, mas justamente por ser este o maior entrave, este elemento constituía o pano de fundo da literatura cearense. O que degradava e assolava o Ceará com seu constante estado de miséria, matando milhares de pessoas de fome e desorganizando sua vida material era o que diferenciava seu povo e, por conseguinte, os unia, caracterizando ou identificando seu povo a partir de valores regionais com seus “tipos” valentes e fortes. Sobressaía aí força do cearense, surgida justamente da hostilidade do meio, às vezes canalizada para as letras que criava os “vultos” literários locais.

Por isso mesmo, o autor, assim como grande parte dos polígrafos que se espreitam sob os aspectos sócio-culturais cearense, toma o “meio” como pano de fundo para explicar um certo “atraso” do Ceará em relação aos outros estados brasileiros. Assim, Sales logo se prontifica a elucidar os “vultos” cearenses encarcerados em seus respectivos grupos. Da Academia Francesa ressalta o motivo por ter inserido este grupo em sua breve *História da Literatura Cearense*. A Academia se revelou “(...) um acontecimento de caráter excepcional, de significação elevada e efeitos inestimáveis para os nossos destinos literários (...)”⁴¹.

Com relação ao movimento abolicionista do início da década de 80, Sales ressalta que este foi não só período “em que toda gente fez versos”, mas um período ímpar para a

redigiu um soneto que meteu por baixo da redação sob seu pseudônimo, para só assim integrar o grupo. BARREIRA, Dolor. Op. Cit., p. 121.

⁴¹ SALES, Antônio. Op. Cit., p. 259.

História do Ceará, certamente devido às penas condoreiras de Antonio Martins, Antonio Bezerra e Justiniano de Serpa, autores da *Três Liras* saídos pelos *Libertador*, órgão semi-oficial do governo, justamente por ter sido divulgador noutros estados das glórias do Ceará, primeira província a eliminar a “nódoa escrava”, daí o epíteto de “Terra da Luz”.

No movimento dos homens da Academia Francesa, Sales superestima a genialidade plástica de Rocha Lima, fadado a morrer precocemente aos 23 anos.

(...) “Todos os grandes pensadores e artistas lhe eram familiares, e nesse superior convívio o seu critério científico assumiu proporções assombrosas para a sua idade e para o meio, como o demonstraram os seus trabalhos ora enfeixados com o título de CRITICA E LITERATURA”. (...) ⁴² (grifo nosso)

Vimos nesta citação, de forma sutil, a relação que o autor elabora entre as condições materiais e as idéias do crítico literário. Raimundo Antonio da Rocha Lima possuía uma capacidade mental não condizente com os aspectos de um determinado “meio”. Por mais largo e polissêmico que seja este termo, é indiscutível a relevância de um determinado “meio” na participação e elaboração das atividades letradas. Tomando sempre este elemento como fundamento de suas análises, Sales pretende legitimar uma literatura cearense para divulgar noutras plagas literárias. Não sem razão que seu trabalho procura pontuar e relevar os traços “regionais” cearenses a partir dos verdadeiros romances que são a “fotografia” de um povo sofrido em decorrência das agruras das secas⁴³.

O que cabe, pois, a Sales é registrar a participação de alguns polígrafos e suas obras na formação da literatura cearense para divulgar esta literatura “regional” lá fora. Para o autor não interessa ser de naturalidade cearense para figurar no quadro de sua *História da*

⁴² Ibidem. p. 259

⁴³ Os romances sempre tocam na problemática das secas. *A Normalista*, do padreiro Adolfo Caminha, possui como enredo a vinda de uma retirante do interior que passa a estudar na Escola Normal. Maria do Carmo é entregue a seu padrinho, João da Mata, porque seu pai se dirige ao Pará para tentar melhores dias. A grande seca de 1877 é a causa da vinda de Maria do Carmo do interior para Fortaleza. Obra que reflete o poder científico no âmbito das letras, introduzindo assim o *Naturalismo* no Ceará, o romance de Adolfo Caminha pretende “fotografar” os costumes de uma provinciana Fortaleza, mais preocupada com os fatos da vida alheia com seus mexericos, e com um mundanismo falso e hipócrita, do que com as reais preocupações “civilizatórias”. Um dos personagens do romance, o futuro bacharel Zuza, filho do coronel Souza Nunes, estudante da Faculdade de Direito de Recife, afirma que, em relação ao Recife, Fortaleza é uma “terra de bugres”. Outro padreiro que se debruçou sobre o fenômeno das secas foi Rodolfo Teófilo. Ainda de linhagem remota com os Feitosas, senhores feudais da região sul cearense, o autor, nascido por “acidente” na Bahia, é um dos literatos da época que retrata as mais esdrúxulas atitudes políticas por parte da oligarquia aciolineira, e foi o maior escritor sobre secas. Teófilo escreveu *A Fome*, romance que narra a vinda do fazendeiro Manoel de Freitas na Grande Seca de 1877 para a capital. Freitas emprega tudo que tinha, até o último grão de farinha, para poder chegar a Fortaleza, e se depara com cenas horripilantes de múmias escaveirados, corpos esqueléticos e nauseabundos sendo chupados por morcegos gordos que sequer conseguem levantar vôo, em meio aos desmandos políticos que caracterizavam a época.

Literatura Cearense. O que mais interessa ao padeiro é mencionar os nomes que, de uma forma ou de outra, contribuíram para tornar conhecida a literatura de seu estado no resto do Brasil, ou até mesmo no exterior como aconteceria tempos depois com sua Padaria Espiritual.

De forma nítida e clara, percebe-se que mais interessava ao idealizador da Padaria Espiritual não só o contato com o Rio de Janeiro, centro da civilidade⁴⁴ e “cidade das letras”, mas o que preocupava Moacyr Jurema era o resultado deste contato, onde os “homens de letras” inebriavam-se com as discussões “literárias” em torno da Rua do Ouvidor, o conhecimento e o futuro reconhecimento de sua literatura “regional”.

Seria o próprio Sales, tempos depois, o maior agraciado destas relações, pois manteria contato com personagens famosos das rodas literárias cariocas e seria funcionário de importantes jornais do Rio de Janeiro⁴⁵. Sua visão literária visava não só o contato das literaturas provinciais, se assim podemos falar, com esta “literatura maior”, no sentido de ser a literatura realizada pelos intelectuais fincados no Rio de Janeiro, a literatura não só conhecida, mas aquela que, apesar de todas as disparidades, falava da “alma” nacional brasileira.

Othon Costa no prefácio que realiza da obra de Mário Linhares, *História Literária do Ceará*⁴⁶, ressalta a influência que possui o Rio de Janeiro, como já mencionado, sendo a “alma” de uma literatura genuinamente brasileira formada a partir das literaturas “regionais”. O que cabe ressaltar é que esta “alma”, este sentimento de identidade que seria ou identificava o Brasil, caracterizando, pois, uma “História da Literatura Brasileira”, era formada pelas diferentes literaturas regionais que se desenrolavam nas demais províncias.

Eis a razão da inserção da obra *História Literária do Ceará* de Mário Linhares em nossa análise historiográfica e porque também esta é a obra que pontua os mais significativos movimentos literários, abordando seus aspectos gerais, o que realiza Dolor Barreira em sua *História da Literatura Cearense*.

A História da Literatura Brasileira é assim composta pelas diversas manifestações literárias que se desenrolam nas demais províncias. Esta é a explicação do prefaciador da obra de Mário Linhares para a inserção de sua *História da Literatura Cearense*. Já no prefácio desta obra se presencia as forças do “meio”, hostil a qualquer “expansão civilizadora”⁴⁷,

⁴⁴ CAMINHA, Adolfo. Tentação. No país dos ianques. Rio de Janeiro: J. Olympio. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

⁴⁵ BÓIA, Wilson. Antonio Sales e sua época. Fortaleza, BNB, 1984.

⁴⁶ LINHARES, Mário. História literária do Ceará. Tomo I. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, 1948.

⁴⁷ Ibidem

participando do alvorecer e da consolidação das belas letras brasileiras, dificultando, pois, as atividades letradas.

Independente de tais análises, o que sobressai das idéias do prefaciador Othon Costa como do próprio Mário Linhares, é a participação do “meio” frente suas dificuldades para o estabelecimento das letras cearense. É o “meio” geográfico ou as condições físicas de uma determinada sociedade sujeita aos ininterruptos flagelos e misérias que “determinam” o futuro das atividades letradas ou culturais.

Esta visão “estruturalista” prevalece porque por vezes chega a ser estas próprias condições do “meio” o elemento mais importante para o surgimento e qualidade das letras.

Devido às imposições do “meio”, hostil não só ao florescimento da prosa e da poesia como também de outros elementos civilizadores, “bandeirante” era o ser que se aventurava nas atividades do espírito. Mas este “bandeirante”, forte por natureza, por “vocação objetiva”⁴⁸, poderia fazer medrar as letras mesmo diante das poucas condições deste próprio “meio”.

Aqui se percebe um sutil artifício elaborado por parte da crítica cearense, qual seja: supervalorizar as condições do “meio” para suscitar seus “vultos” sem se perguntar pelas próprias condições sócio-políticas de seus próprios pares. Chega a ser enfadonho, mas a crítica literária toma sempre como elemento balizador para a formação de suas análises literárias o elemento “meio”, as condições materiais pela qual se encontra um determinado “meio social” que comporta os “homens de letras”.

Estas idéias sintetizam muito bem não só o pensar de Mário Linhares como também de outros polígrafos que integram a crítica literária cearense. É a partir das condições materiais nada “favoráveis” a um futuro promissor “decorrente” dos aspectos geográficos, fadado às grandes crises climáticas que se assenta a crítica literária em seus estudos de “idéias”, formalizando, pois, sua historiografia literária. Provém das adversidades do “meio” geográfico a luta pela sobrevivência: surgem daí os “homens de letras” como “tipos” cearenses fortes, corajosos, valentes, hospitaleiros e antes de tudo filhos da “terra natal”, do torrão ou rincão que lhes serviu de origem.

A literatura, objeto de “arte literária” nas mãos do “intelectual artista”⁴⁹ que o realiza, toma as condições de um “meio” inóspito só como pano de fundo não só para ancorar

⁴⁸ ADERALDO, Mozart Soriano. História Literária do Ceará: dos “Oiteiros” ao grupo clã, edições comemorativas do 1º centenário do Instituto do Ceará. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

⁴⁹ CAMINHA, Adolfo. Cartas Literárias. Op. Cit.

e dá sentido a enredos ou tramas de inúmeros romances, como também para suscitar devaneios e homens carentes do inefável, do sublime. A literatura surge, pois, como um “bálsamo”, contrabalançando toda uma sociedade miserável e analfabeta, vitimada e tão marcada pelo “regime” das secas que até forjou uma “literatura do norte” identificada pelas misérias do flagelo, conhecida tempos depois, a grosso modo, por “literatura regionalista” ou “literatura das secas”.

Mas, era no campo ou no âmbito das belas artes que a força e valentia do cearense prevalecia de uma forma mais intensa, onde o Ceará gerava seus filhos ilustres jamais esquecidos de sua “terra natal”, da terra mártir e gloriosa, por fim, da “Terra da Luz”. Linhares registra e pontua estes “filhos” do Ceará:

(...) “Quem superou José de Alencar na concepção e na beleza do romance, no Brasil?
 Juvenal Galeno não é ainda considerado o nosso maior poeta popular? Quem se avantajou a João Brígido como jornalista panfletário? Clovis Bevilacqua não traçou, com mão de mestre, o projeto do nosso Código Civil, nivelando-se aos maiores jurisconsultos mundiais? Araripe Júnior devotando-se à crítica, mercê de uma vasta cultura e de uma alta visão objetiva, não foi o mais sereno analista das nossas letras? Há maior autoridade no conhecimento das minuciosidades da história pátria, que Capistrano de Abreu?
 Raimundo de Farias Brito não culminou na filosofia? Alberto Nepomuceno, na música? José Avelino, no jornalismo? Heráclito Graça, na filosofia? Thomas Pompeu, na geografia? Moura Brasil na oculística? Barão de Studart, na investigação e vultos do Ceará? Oto Alencar, na matemática? Paula Ney, na sátira? Tristão de Araripe na jurisprudência? E Justiniano de Serpa, na tribuna parlamentar?” (...) ⁵⁰

Mário Linhares, assim como Othon Costa, assume a visão conservadora por parte de uma historiografia determinista que associa diretamente as forças do meio concorrendo na participação como também para a boa qualidade da literatura regional.

São as adversidades ou hostilidades do meio que suscitam a valentia e a força do “tipo” cearense, sempre engendrando tais elementos, sendo assim responsáveis pela reação obstinada do “homem de letras” e de artes nascido na pobre terra, castigada pelas misérias de seu solo e escassez de suas chuvas.

Em nenhum momento esta historiografia conservadora se pergunta pelas condições sociais e econômicas de seus pares, pelo contrário, relacionando capacidade mental à condição do meio, só anuvia a análise social de “intelectuais medianos” que se diferenciavam do restante da população pobre, faminta e, sobretudo, analfabeta.

⁵⁰ LINHARES, Mario. Op. Cit., p. 18.

As análises para uma compreensão historiográfica literária a partir de Mário Linhares não poderia ser tão próxima ao pensamento de Mozart Soriano Aderaldo, integrante do Instituto do Ceará, com sua *História Literária do Ceará*⁵¹.

Neste trabalho, Soriano Aderaldo pontua os mesmos vultos elencados por Linhares, caracteriza a “valentia” e “hospitalidade” do cearense e afirma ser a raça ou o povo cearense um povo marte e heróico que carrega em si uma “vocaço objetiva”. Seu pensamento historiográfico reduz-se às mesmas condições materiais, resultado em parte das condições mesológicas assumidos pela historiografia cearense tradicional.

Eis a singularidade do “cearense” explicitada em seus caracteres físicos e morais, onde a literatura deveria refletir todo este quadro material, uma vez que esta deve falar de todos estes elementos. Conforme Soriano Aderaldo:

(...) Foi me dado dizer em oportunidade outra, e agora o repito, que o gritante paradoxo entre a pobreza econômica e a riqueza intelectual do Ceará provém da intensidade da competição, obrigando o cearense a buscar apoio para a sua classificação social nas vitórias intelectuais, reproduzindo destarte opinião abalizada do sociólogo Abelardo Montenegro. (...) ⁵²

Percebe-se que o polígrafo utiliza-se das pobres condições materiais, decorrentes em parte das condições mesológicas para suscitar a resistência do cearense e assim criar os “vultos”⁵³ literários da terra de Iracema. O autor mais não faz do que criar um “tipo” regional para assim sacralizar os “vultos” literários cearense.

É devido à carência dos aspectos materiais que faz nascer a valentia e força do cearense. A situação de miséria, resultado do flagelo com suas conseqências, só reforça o surgimento de uma literatura cearense encarregada de falar dessa situação sócio-econômica. O autor recorre à questão das secas como “pano de fundo” só para suscitar a criação de uma literatura “regional”, onde estas idéias devem ser exploradas.

O que mais interessa a Soriano Aderaldo, assim como à crítica literária é a busca por elementos que sirvam de suporte ao surgimento de uma literatura intrinsecamente ligada às condições do meio. (...) “*A literatura desse povo, a cultura cearense e as artes em nosso*

⁵¹ ADERALDO, Mozart Soriano.Op. Cit.

⁵² Ibidem., p. 5

⁵³ CARVALHO, Rodrigues de. O Ceará literário (nestes últimos dez anos). Revista da Academia Cearense. T. 4: 195, 1899.

Estado haveriam de refletir, inexoravelmente essa tendência que espanta e por isso nem sempre tem sido compreendida lá fora”. (...) ⁵⁴

“Essa tendência” a que se refere o autor é senão o ilimitado desejo do cearense de se interessar por suas tradições, sendo, pois, “vocacionado” ou “predestinado” ao mundo das letras, o que caracteriza uma afirmativa no mínimo ideológica, mascarando uma realidade que a própria crítica considera, qual seja: o Ceará era sempre indiferente às letras, traço motivador dos movimentos especificamente do *Club Literário* e da *Padaria Espiritual* que prometiam subtrair a provinciana Fortaleza do “marasmo” ou da “indiferença” das letras.

É justamente em função de um meio “nada” promissor, acometido pelas constantes crises climáticas, somados a uma atividade jornalística que não engatava as discussões literárias que emergem os “vultos” fabricados pela crítica. É desta carência de condições imersas numa província pobre e analfabeta que a historiografia constrói o “tipo” cearense, valente, forte, heróico e, antes de tudo, hospitaleiro. Carente de todas estas condições, os trabalhos analisados se resumem a traçar o “quadro” da literatura cearense atravessado por suas “fases” ao longo do processo histórico ⁵⁵.

Os polígrafos estão interessados “na baliza inicial” ou no “pontapé inicial” das belas letras cearenses. Deste “quadro” da literatura cearense florescem a descrição dos inúmeros grêmios literários e seus integrantes com suas respectivas obras, marcando suas épocas, sobretudo com a presença de personagens ímpares que sobrepuseram os demais como Rocha Lima e Capistrano de Abreu na *Academia Francesa*, Clovis Bevilacqua na *Escola do Recife*, razão esta que faz Dolor Barreira como parte da crítica tomar a divisão de Alceu Amoroso Lima, Tristão de Ataíde, um pensador não cearense, como parâmetro de análise aos três movimentos culturais acontecidos no Ceará ⁵⁶.

Grande parte dos trabalhos realizados pelos polígrafos atestam a paixão pelos velhos tempos de Fortaleza de outrora, onde apesar de todas as limitações materiais, a cidade vivia tempos harmônicos ante sua estética confortante que ligava seus filhos à mãe, à terra natal. Nestes trabalhos, não se encontra relação alguma com aspectos culturais, tão pouco com as mínimas idéias em voga da época. As idéias são soltas, constituindo pequenos ensaios e crônicas com o intuito somente de mostrar uma cidade harmônica, capaz de apaixonar o

⁵⁴ ADERALDO, Mozart Soriano. Op. Cit., p. 8

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ BARREIRA, Dolor. Op. Cit., p. 83.

leitor, para só assim o conquistar, incapacitando, pois, as mínimas condições de crítica, porque não existem falhas na “Fortaleza amada”.

O que cabe a estes trabalhos de ensaios, de crônicas ou de memória histórica é sacramentar o pensamento dos trabalhos analisados, tomando por base o pensamento de Dolor Barreira.

Todas as obras mais se preocupam e se reduzem a traçar o “quadro” da literatura cearense desde *Oiteiros*, segundo Barreira o pontapé inicial das letras cearenses, até um importante movimento literário escolhido pelo “autor”. Dentro desta estrutura perfeita e apaixonante, o leitor é tomado a viajar pela “Fortaleza Antiga”, “Fortaleza Velha”, “Fortaleza de Ontem a Anteontem” para se identificar ainda mais com uma cidade harmônica⁵⁷, embora de poucas condições materiais, mas que distribuía seus filhos ilustres por todo o Brasil e assim justificava o desenvolvimento das letras cearense ante a formação dos inúmeros grêmios literários, visto que, segundo Valetim Magalhães, era Fortaleza, depois do Rio de Janeiro, a cidade brasileira onde a atividade literária era menos apagada⁵⁸.

Nunca se percebe uma Fortaleza conflituosa, coberta por tensões sociais, resultado de movimentos políticos onde a própria crítica retira seus personagens, mas nada alude. O que mais interessa é a busca por “vultos” e para isto há sempre que recorrer às carências de um meio para suscitar homens valentes e fortes, dentre estes, alguns de mentes superiores, de capacidade intelectual e literária ímpar que se sobressaem ao restante da sociedade, carecendo, pois, figurarem no cenário da literatura nacional.

Os fatores políticos e as condições econômicas só são ativados para daí surgirem “tipos” valentes e fortes que fazem jus a uma cidade instalada sob a insígnia da violência⁵⁹, onde o colonizador nunca se interessou em povoar, mas tão somente em se esconder sob seus

⁵⁷ ALENCAR, Edigar de. Fortaleza de ontem e anteontem. Fortaleza: Casa José de Alencar, UFC, 1980. Para um olhar memorialístico e saudoso sobre Fortaleza antiga com seus “tipos populares”. ADERALDO, Mozart Soriano. História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada. Fortaleza: Edições UFC/ Casa José de Alencar, 1993. MENEZES, Raimundo de. Coisas que o tempo levou: crônicas históricas da Fortaleza antiga. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. COLARES, Otacílio. Crônicas da Fortaleza e do Siará Grande. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980. NOGUEIRA, João. Fortaleza velha: crônicas. 2º. ed. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980. AZEVEDO, Otácilo de. Fortaleza descalça; reminiscência. 2º. ed. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1992.

⁵⁸ BARREIRA, Dolor. Associação Literárias e científicas no Brasil, e particularmente no Ceará. *Oiteiros*. Op. Cit., p. 148.

⁵⁹ SILVA FILHO, Antonio Luiz de Macêdo. Fortaleza: Imagens da cidade de Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

fortes, pois Fortaleza nasceu de forma violenta, servindo de base de instalação para ataque e defesa entre corsários e colonos não menos desinteressados em suas riquezas minerais⁶⁰.

Contrário a todos estes trabalhos que investem na análise dos movimentos literários realizados ora por cronistas, memorialistas e até por historiadores da literatura, exemplo de Dolor Barreira, se encontra o trabalho de José Ramos Tinhorão, *A Província e o Naturalismo*⁶¹.

Tinhorão que, na maioria dos seus trabalhos se deteve aos aspectos da música “popular” brasileira, neste trabalho, propõe um novo olhar sob os movimentos literários surgidos em Fortaleza a partir de 1870, período de surgimento da “*Mocidade Cearense*”, responsável pelas atividades intelectuais, de modo específico, da Academia Francesa à Padaria Espiritual. Investindo, pois, nos movimentos beletrísticos, Tinhorão coloca questões não relevadas pelos trabalhos já mencionados, tais como: possuíam estes movimentos uma “gratuidade”? Visavam os interesses somente de sua classe social?

Tinhorão não somente situa as sociedades literárias como revela a “instrumentalização” das idéias, visando puramente o interesse de determinadas classes. O autor desconstrói assim a idéia de “gratuidade”, ou seja, da ausência de interesse prático ou econômico concernente às transformações econômicas por parte dos inúmeros movimentos intelectuais. Para Tinhorão, os movimentos das belas artes carregados pela nascente classe média urbana, intrinsecamente ligados ao desenvolvimento das forças produtivas, a partir de 1870, visava respaldar e legitimar os interesses de “suas classes” dentro do conjunto maior das relações capitalista.

O autor não está preocupado na análise estilística de “arte literária” como elabora a crítica literária com relação aos aspectos beletrísticos cearense porque entende que os movimentos literários se inserem de uma forma ou de outra no sistema econômico capitalista, razão que faz Tinhorão afirmar:

⁶⁰ Foram três as expedições colonizadoras empreendidas pelos conquistadores ao Ceará. A primeira comandada por Pero Coelho de Souza em 1603, instalando seu forte nas margens do Rio Ceará, dando o nome de São Tiago, Nova Lusitânia ou Nova Lisboa. A segunda comandada por Martins Soares Moreno instalando-se no forte São Sebastião. E finalmente a terceira expedição colonizadora se processou pelo holandês Matias Beck sob o comando do major Joris Gartsman. Fixando-se nas proximidades do Rio Pajeú, Telha ou Majaraitiba, (terra das palmeiras), aí se processaria todo o povoamento de Fortaleza. O Forte Schoonemborch, nome do governador holandês do Recife, “liquidara o valimento e prestígio do Siará dos primeiros dias da exploração. Se algumas estacas dêle ficaram, cobriram-nas as areias, as bôlçosas dunas que têm sido o sudário de muitas intenções da geografia humana. GIRÃO, Raimundo. Geografia Estética de Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959. pp. 51-61; ainda do mesmo autor. O Ceará Pré-Histórico. *Os nativos e sua organização familiar. As primeiras tentativas de colonização*. Edição comemorativa do primeiro centenário do Instituto do Ceará. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986. A cidade do Pajeú. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1982.

⁶¹ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit.

“(…) Até hoje, a falta de um raciocínio dialético, capaz de compreender a evolução das produções intelectuais como um processo paralelo ao da produção material e da evolução das classes, subordinou a crítica e a história ao estudo do ponto de vista dos que se propõem a tais estudos. O resultado é que – tal como se dá em outros campos do “pensamento”, como o filosófico e da cultura em geral – esses críticos e historiadores tomam o ponto de vista da sua classe no seu tempo, como a expressão final e definitiva dos fenômenos estudados, que explicam através de uma série de exemplos destinados a ratificar o seu ponto de vista. Assim, quando pretendem ter chegado à verdade total, os pósteros vêm a descobrir que eles conseguiram apenas definir a sua participação no processo. (...)”⁶² (grifo nosso)

Para Tinhorão que determinou a infinidade de movimentos literários juntamente com os gabinetes de leitura foi tão somente o caráter prático das atividades letradas, o que parece contraditório, pois os intelectuais sabiam que o “modo-de-produção” capitalista não lhes reservava qualquer futuro numa província onde as atividades letradas estavam intrinsecamente ligadas às maquinações políticas.

Se, por um lado, o sistema econômico então vigente, frente à ampliação do capital aos mercados europeus a partir da segunda metade do século XIX, quando se processou na Europa a 2ª Revolução Industrial, disponibilizava múltiplos setores de serviços burocráticos, para o “homem de letras” de cultura mediana, restavam os cargos públicos, e quando muito, um emprego ligado aos grandes jornais ou o ensino de primeiras letras.

Os movimentos das artes e das letras, apesar de correrem paralelos a outras atividades econômicas impostas pelas forças do capital representam os anseios de determinadas classes na estrutura maior do sistema econômico capitalista. Isto nos faz conceber que o surgimento e o desenvolvimento das atividades culturais estão subordinados às classes que possuem antes de tudo a estabilidade de sobrevivência.

Dessa forma, se torna inválido a idéia de “arte pela arte” ou de “mera gratuidade” por parte dos movimentos literários que inevitavelmente esboçam, embora nem sempre de forma objetiva a partir de suas “idéias” e “pensamentos”, a relação dialética entre “produção intelectual” e “base material”.

⁶² TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit., p. 8.

Adentrando sua obra, percebe-se que os movimentos intelectuais não se revestiram de uma “mera gratuidade” pelo simples fato de surgirem sob iniciativa particular, uma vez não ligada claramente ao “poder” do estado⁶³. Tinhorão inicia seu estudo acreditando, pois, na “instrumentalização” das idéias porque os movimentos intelectuais possuíam fins práticos ou econômicos, numa sociedade urbana já socialmente estratificada, já com a formação de uma incipiente classe média.

Todos os movimentos literários surgidos em Fortaleza foram encabeçados por classes médias urbanas que objetivavam senão ascender socialmente numa estrutura econômica que não possibilitava o florescer das coisas do espírito, como a arte (poesia) e a literatura, ao menos tendiam “respaldar” seus interesses e suas posições sociais na estrutura maior das relações capitalistas.

Estes grupos, formados por “intelectuais artistas”, possuíam um “capital simbólico” que o sistema não abarcava, uma vez imerso numa sociedade analfabeta e faminta, presos às grandes tipografias, se desesperaram em busca de uma situação que lhes garantisse a sobrevivência do dia-a-dia. Eis o sentido de se associarem em “grupos”, pontuados por Leonardo Mota⁶⁴, possibilitando, pois, a fomentação e divulgação de idéias às mais diversas.

⁶³ Os trabalhos analíticos de Michel Foucault que têm em vista o Poder, principalmente *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder* destoam de uma análise marxista que centra o poder nos aparelhos do Estado. De acordo com Foucault, não existe o poder e o não-poder, espécie de coisa onde este possa estar, mas sim correlações de forças, onde o poder não se faz necessariamente por uma linha “descendente” que sai do “Estado” em direção à “sociedade civil”. Nenhum poder se faz somente pela força, eis aí o caráter positivo que nos faz pensar numa estrutura de “micro-poderes” encapados por gestos, palavras, etc, que não são nem mais nem menos que poderes, mas o próprio poder. Há toda uma estrutura de poder que para Foucault nada os escapa, seja por meio de um disciplinamento, seja pelo poder que possui as ciências sociais que somente se estabelecem porque possuem um determinado poder. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: 12ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996. *Vigiar e Punir*. Nascimento da prisão. Petrópolis. Vozes, 1987. Já Platão, na *República*, indicava a teoria do Rei-filósofo, levada a cabo, tempos depois, por Aristóteles, especificamente na *Política*, onde o filósofo por entender e conhecer as leis deve reger e ser o administrador da cidade grega, constituído, uma espécie de demiurgo. Para uma análise detida entre “campo intelectual” e “campo político” ver FORTES, Luiz R. Soares. *O Iluminismo e os reis filósofos*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. *Os Intelectuais e o Poder na Construção da Memória Nacional*. “Revista Tempo Brasileiro, 1986. BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense. 1985.

⁶⁴ Tamanha foi a infinidade de grêmios literários que segundo Leonardo Mota: “(...) Era intuito meu abrir este trabalho com uma vista panorâmica sobre quantas sociedades belestrísticas o Ceará tem tido. Com esse propósito cheguei a anotar cento e tantos grêmios literários e gabinetes de leitura que vicejaram ou vicejam nesta capital e no interior do estado. Abandonei a idéia, porque a enunciação dos societários, de seus programas e realizações determinaria um prefácio de proporções desconformes. Imagine que só a Academia Polimática arrebanhou para mais de um milheiro de espirituais confrades (...). MOTA, Leonardo. *Padaria Espiritual*. 2ª ed. Fortaleza: UFC / Casa de José de Alencar, 1994. p. 26.

A Academia Francesa, grupo capitaneado por Rocha Lima, divulgou o avanço das técnicas científicas e dos valores burgueses num período em que Fortaleza vivenciava um conjunto de transformações urbanas aptas a uma nova fase pela qual atravessava o capital⁶⁵.

Percebemos, pois, que José Ramos Tinhorão propõe um outro determinismo em relação à historiografia tradicional. Não são as condições do meio que balizam e dão sentido às atividades literárias, mas sim o “modo-de-produção” que engendra e até determina os movimentos culturais.

Cabe ressaltar que Dolor Barreira atina para o fator econômico apenas “influenciando” as atividades intelectuais, de modo a afirmar que “*economia pobre, literatura pobre*”⁶⁶, mas não se percebe em Barreira uma visão determinista como se presencia nas análises de Tinhorão. Este não elabora uma “sociologia da cultura” ou uma relação entre “campo intelectual” e “campo político”, embora chegue a afirmar a dependência dos “intelectuais” frente às grandes tipografias.

Contrário, portanto, ao pensamento da crítica literária cearense que investe na análise dos movimentos beletrísticos de Fortaleza à procura de “arte literária”, do escritor ou poeta que desperte a paixão do cearense, Tinhorão procura salientar o interesse de determinadas classes por meio das respectivas e inúmeras atividades intelectuais. Diferente do pensar de Tristão de Ataíde, para quem o movimento da Academia Francesa constituiu-se fundamentalmente como “movimento filosófico”⁶⁷, para Tinhorão, tal movimento sagrava não só os avanços do capital e suas representações por meio da nascente iluminação a gás, do abastecimento de água e da estrada de ferro Baturité, como também o advento da “filosofia experimental” com a presença das idéias materialistas do positivismo e do evolucionismo⁶⁸.

Da análise determinista de José Ramos Tinhorão que propõe os “meios de produção” como balizador e responsável pelo florescimento dos movimentos intelectuais do Ceará, sobretudo de Fortaleza, em detrimento ao determinismo da historiografia clássica que toma as condições do “meio” como preponderante na fomentação das atividades letradas, o

⁶⁵ TAKEYA, Denise Monteiro. Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro. Natal: UFRN. Ed. Universitária 1995. NOGUEIRA, Francisco de Alcântara. O Pensamento cearense na segunda metade do século XIX. Em torno do centenário da morte de R. A. da Rocha Lima. Fortaleza: Casa de Juvenal Galeno, 1978. MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. História das idéias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará. Fortaleza: UFC, 1996. HOBBSAWM, Eric. J. Era do Capital. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

⁶⁶ BARREIRA, Dolor. “O factor econômico na literatura cearense. O povo pobre e mal nutrido. Outras circunstâncias”. Op. Cit. p. 47-55

⁶⁷ Dolor Barreira aborda seu pensamento a partir da célebre divisão de Tristão de Ataíde para quem o Ceará teve três movimentos intelectuais, quais sejam: Academia Francesa (filosófico), o litero-político em torno do Libertador e a Quinzena, e estritamente literário que foi o grupo da Padaria Espiritual. Op. Cit., p. 83.

⁶⁸ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit.

trabalho do sociólogo João Alfredo Montenegro, integrante do Instituto do Ceará, se volta à análise de uma história das idéias cearenses, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, onde reverberaram as idéias científicas, fruto das exigências carecidas pela 2ª Revolução Industrial processada na Europa.

João Alfredo Montenegro em *História das Idéias Filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*,⁶⁹ percebe a “instrumentalização” das idéias científicas, de modo específico, as idéias evolutivas em torno de Spencer e a filosofia autoritária dos três estágios de Comte. Embora o trabalho não aborde explicitamente um determinismo como nos moldes da historiografia clássica ou do pensamento de Tinhorão, o autor elabora em seu trabalho, “a fomentação e movimentação das idéias científicas”, tendo por base as mudanças econômicas que as transformações do capital careciam.

As idéias científicas como o positivismo de Comte, o evolucionismo de Spencer e o darwinismo social foram senão idéias a legitimar as mudanças do capital e, portanto, objetivando instalar a filosofia liberal da classe burguesa industrial cearense. Uma nova mentalidade liberal ancorada nestas idéias científicas se contrapunha ao pensamento tradicional elaborado pela Igreja no Ceará, embora o confronto entre as idéias “modernas” e “tradicionais” não tenha sido tão contrastante e tão agudo como no Rio de Janeiro e em São Paulo como chega a afirmar o autor.

A Academia Francesa e seu expoente máximo, Rocha Lima, foram a representação direta de um certo liberalismo filosófico, pois a atividade “racionalizante” do próprio Rocha Lima não descia às classes subalternas, resumindo-se à elite burguesa da cidade, e portanto, camuflando as reais “lutas de classes”⁷⁰.

Não há alusão ao nome de Marx, como na obra de Tinhorão, mas há sim a concepção filosófica que caracterizava a “dialética” e, portanto, a “luta de classes”. O grupo de Rocha Lima anuviou as reais desigualdades sociais de uma província pobre coberta pelo flagelo da seca. É verdade que João Alfredo Montenegro não trabalha a movimentação de idéias a partir de uma flexibilidade maior entre os campos “intelectual” e “político”, e se reduz a associar a disseminação das idéias a favor das mudanças econômicas. Seu trabalho

⁶⁹ MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. *História das idéias filosóficas da faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza: EUFC, 1996.

⁷⁰ *Ibidem.*, p. 18.

pode ser compreendido, tendo por base a associação entre “idéias” e “classes”, o que se restringiu à tradicional historiografia cultural brasileira⁷¹.

Mas, apesar da relação direta por parte do pensamento de João Alfredo Montenegro, seu trabalho se situa, a nosso ver, entre o “determinismo” da historiografia tradicional cearense e o “determinismo” de José Ramos Tinhorão. Apesar das limitações já ponderadas, a principal é a relação direta entre “idéias” e “classes”.

O trabalho de Montenegro percebe o alto nível de “instrumentalização” das idéias, assim como José Ramos Tinhorão, divergindo, pois, da historiografia tradicional que nubla esta “instrumentalização” e se centra nas condições mesológicas, sempre precárias para só assim suscitar o valente “tipo” cearense, seja vaqueiro, caçador, pescador ou mesmo o intelectual mediano concebido sempre como “vulto” literário.

Mesmo reconhecendo a dialética das idéias marxistas entre “filosofia” e “práxis”, nesse sentido, as idéias científicas da “filosofia experimental”, corroboradas pelos homens da Academia Francesa, se restringiram à obra retórica de Rocha Lima que não permitiu alcançar as bases sociais. A leitura que permite *Histórias das Idéias Filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará* é mais tênue do que a obra de Tinhorão, devido ao seu maior grau de determinismo.

O cientificismo da Academia Francesa e, tempos depois, o naturalismo do *Club Literário* em torno da *Quinzena*, não descia aos reais conflitos ou aos reais problemas sociais. As idéias sempre se ligam ou sempre são utilizadas para a instalação de uma determinada ordem econômica, legitimando um momento histórico em detrimento de um passado retrógrado, arcaico ou conservador. As idéias de Rocha Lima e sua análise retórica em *Crítica e Literatura* refletem o interesse da elite urbana, visto que não saía do “campo político” de sua própria classe, excluindo do discurso filosófico-racionalizante as camadas populares afligidas pelos problemas sociais do presente⁷².

Contudo, este é o trabalho que mais avança frente aos trabalhos então analisados, elaborados pela historiografia tradicional. O determinismo de João Alfredo Montenegro já não é o determinismo das “condições do meio”, tornando o cearense um “predestinado” à glória ou ao sucesso em sua área com sua “vocação objetiva”⁷³, nem é tão pouco o determinismo das atividades intelectuais sendo realizadas aos reflexos da base econômica da

⁷¹ ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁷² MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. Op. Cit., p. 19.

⁷³ ADERALDO, Mozart Soriano. Op. Cit.

sociedade, no caso, o “modo-de-produção”. O determinismo de Montenegro trabalha a movimentação de “idéias” ligadas propriamente às “classes”, o que não quer dizer necessariamente somente a “instrumentalização” das idéias liberais, como também de idéias católicas, logo porque o autor possui trabalhos que se espreitam nas idéias cristãs do tradicionalismo católico cearense⁷⁴.

1.2 Conjuntura Cearense no último quarto do século XIX

Passada toda a euforia de uma gama de idéias positivistas, evolucionistas, darwinistas e espiritualistas⁷⁵ que permeou as leituras sociais encabeçadas pela Mocidade Cearense em suas atividades intelectuais, sobretudo a partir da década de 70, o Ceará entraria na última década do século XIX se conformando aos ditames de formação para se pensar o estado e a nação brasileira no advento de uma “nova” ordem, um novo sistema representativo, onde as oportunidades seriam mais “democráticas”: a República Federativa do Brasil.

Durante todo o 2º Reinado, o Império Brasileiro combatia os movimentos separatistas, sob a mão centralizadora do monarca na consolidação de um estado nacional tutelado pelas oligarquias regionais⁷⁶. Socialmente, o povo, na acepção democrática da palavra não existia, salvo mascarado por uma “soberania nacional” que colocava sempre em primeiro lugar o nome da pátria viabilizada por meios “democráticos” e liberais que afastara a maior parte da sociedade brasileira, excluída do processo político, uma vez que era analfabeta e composta em grande número por negros que não participavam dos processos políticos⁷⁷.

Apesar da Lei Saraiva sancionada em 9 de janeiro de 1881, introduzindo o voto direto, não mais ligado às qualificações, esta lei não poria término aos vícios da política cearense como um todo. Politicamente, o que reinava no Ceará, frente a um “sistema representativo” personalista, era o interesse das grandes famílias desde os tempos coloniais. Alencares, Castros, Feitosas, Fernandes Vieira, Pompeus, Paula Pessoa eram famílias poderosas politicamente nos interiores ou sertões mais importantes do Ceará. Sob estas

⁷⁴ MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. O trono e o altar. As vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978). Fortaleza, BNB, 1992.

⁷⁵ NOGUEIRA, Francisco de Alcântara. Op. Cit.

⁷⁶ COSTA, Emília Viotti da. Da monarquia à república. São Paulo: UNESP, 1999, pp. 19-46.

⁷⁷ Ibidem. Ainda. ALONSO, Angela. Op. Cit.

famílias, de papel significativo na arena partidária, os jornais eram frutos diretos de seus anseios a empalmarem o poder⁷⁸.

Assim, dentre uma vasta arena partidária com uma infinidade de órgãos, quatro eram os jornais mais significativos para o entendimento da conjuntura político-partidária em Fortaleza, divididos entre Caranguejos (conservadores) e Chimangos (liberais).

Pedro II, órgão de cor conservadora, substituiu o *16 de Dezembro*, data do primeiro aniversário da subida dos conservadores ao poder. Publicado em 1º de julho de 1840, este órgão estava nas mãos do Dr. Miguel Fernandes Vieira, formando a ala Boticária-Carcará, “o partido da botica”, devido á importância do vereador e presidente da Câmara de Fortaleza, Antônio Rodrigues Ferreira, o célebre Boticário Ferreira⁷⁹, responsável por ter participado e colaborado no aformoseamento da cidade em meios aos planos urbanísticos de traçado xadrez e ortogonal, influência francesa do Barão de Haussman e do engenheiro Adolfo Herbster.

A outra ala, designada de conservadores “miúdos” ou aquirazes, os “grei” dos Fernandes Vieira, localizavam-se no município de Saboeiro. Da dissidência desta ala conservadora que não mais aceitara o domínio do Dr. Miguel Fernandes Vieira, o Barão de Aquiraz, surge em oposição ao *Pedro II*, o órgão *Constituição* lançado em 24 de setembro de 1863, cessando sua publicação com o advento da República. Dirigido por Domingos Jaguaribe e Joaquim da Cunha Freire, o Barão de Ibiapaba, eram denominados conservadores graúdos: “(...) *Para esta facção do partido conservador, o grupo carcará havia morrido(...)*”⁸⁰.

O partido liberal era composto pelas famílias Pompeu e Paula Pessoa. Os dois representantes maiores destas famílias, ex-senadores do império eram primos. “(...) *O partido liberal no Ceará obedecia à chefia de Padre Thomas Pompeu de Souza Brasil, ex-soldado das bandeiras conservadoras(...)*”⁸¹. O órgão representante da facção Pompeu era o “*Gazeta do Norte*”, fundado em 8 de junho de 1880. Já a facção Paula Pessoa falava pelo *Cearense*, surgido em 4 de Outubro e que durou até 1891⁸².

⁷⁸ MONTENEGRO, F. Abelardo Op. Cit., p. 36.

⁷⁹ GIRÃO, Raimundo. Geografia estética de Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959. PONTE, Sebastião Rogério Barros. Remodelação urbana de Fortaleza na virada do século. Fortaleza, Série História n 8, NUDOC/UFC, 1990.

⁸⁰ MONTENEGRO, F. Abelardo. Op. Cit., p. 38.

⁸¹ Ibidem., p. 39.

⁸² Ibidem.

Era o interesse das grandes famílias, segundo Abelardo Montenegro, o balizador das manobras políticas as mais corruptas, como o uso da violência física, o recrutamento em tempos de eleição, a demarcação de círculos, o empastelamento de jornais, a “criação” de crimes por parte de eleitores para não somarem nas futuras urnas, a perseguição política aos adversários, e a virada dos votos nas mesas de apuração. Por vezes, as próprias votações eram realizadas no salão da própria família, cobertas por facínoras, imprimindo toda sorte de violência política.

Apesar deste caráter sócio-político fortemente autoritário, Fortaleza, a partir da década de 60-70, com a formação de uma incipiente burguesia comercial, conseguiu avanços técnicos e materiais jamais vistos em função de sua economia do algodão⁸³ e de outros produtos comercializados com os mais significativos portos europeus, sobretudo ingleses, como Manchester e Liverpool.

Datam deste período, ou seja, da segunda metade do século XIX, um conjunto de “transformações urbanas”⁸⁴, propugnando Fortaleza aos bons costumes “civilizatórios” europeus, como a instalação em 17 de setembro de 1866 da iluminação a gás carbônico, em detrimento da era do azeite de peixe, extraído do carvão de pedra, explorado pela Ceará Gás Co. Ltda., do surgimento do *Ateneu Cearense*, o mais importante educandário particular de Fortaleza, onde boa parte da *Mocidade Cearense* lá se instruiu como Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Adolfo Caminha, instalado em 8 de janeiro de 1863, e as fundações do Seminário Episcopal de Fortaleza, surgido em 10 de dezembro de 1864, do Colégio da Imaculada Conceição, dirigido pelas irmãs de São Vicente, surgido em 15 de Agosto de 1864⁸⁵.

Surgiram também, à época, a *Ceará Water Works Co. Ltda.*, inaugurada em 1867, onde o abastecimento de água era feito por chafarizes espalhados em vários logradouros

⁸³ TAKEYA, Denise Monteiro. Op. Cit. ARAGÃO, Elizabety Fiuza. Origem e formas de acumulação no Ceará: reflexões a partir da indústria têxtil. Série Idéias, nº 8, Fortaleza: Nudoc / UFC, 1987.

⁸⁴ Sebastião Rogério Barros da Ponte em seu clássico estudo sobre o processo de “modernização” de Fortaleza, pelo qual se buscou alinhar a cidade segundo os grandes centros urbanos europeus, como resultado do poderio econômico e suas relações, descreve a formação das reformas urbanas estampadas em *boulevares*, praças e ruas alinhadas, sob a tutela do engenheiro Adolfo Herbster, homem de ciência que encabeçou esta série de reformas e ampliou o plano urbanístico de Silva Paulet dos idos de 1813, época do Governador Sampaio. Esse aformoseamento tentou fazer de Fortaleza uma cidade cosmopolita, como prova de sua sintonia com o “progresso”. Tal progresso se traduzia em adotar costumes das nações republicanas e pois modernas dos países industriais tidos por civilizados. Fortaleza, então, passou a aspirar ares progressistas, como reflexo de um Liberalismo que se iniciava e se opunha ao trabalho escravo. PONTE, Sebastião Rogério Barros da. Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha / Multigraf, 1993. Para uma influência de Haussman no processo de “aformoseamento” de Fortaleza. Ver. CASTRO, José Liberal. “Contribuição de Adolfo Herbster à forma urbana da cidade de Fortaleza”. In: Revista do Instituto do Ceará, 1994, pp. 43-90.

⁸⁵ GIRÃO, Raimundo. Op. Cit. BEZERRA DE MENEZES, Antonio. Descrição da cidade de Fortaleza. Fortaleza: UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992.

públicos em Fortaleza, e a Biblioteca Pública, instalada em 25 de Março de 1867, contando com 1730 volumes, sendo 1.116 de doação particular e 614 comprados pela província⁸⁶.

Esta fé no “progresso”, nos avanços técnicos e, portanto, no progresso material, não significa necessariamente “progresso moral”⁸⁷, divulgado sobretudo pelos “homens de letras” e seus pares, médicos, engenheiros, comerciantes, funcionários públicos, etc. Tal “progresso” caracterizou-se num *arrivismo chic* e mundano dos idos da *belle époque* cearense, sempre atualizada pelas atividades intelectuais, sobretudo de hábitos e valores tipicamente europeus, de modo específico, franceses⁸⁸.

Todo o processo de reformas urbanas processadas em Fortaleza, visando seu “aformoseamento”, se fez tendo por base valores externos no momento em que a cidade se enchia de levas de retirantes “esquálidos” e “nauseabundos”, clamando por um punhado de farinha somado a um pouco de carne seca. A *belle époque* foi construída sob a miséria de retirantes que vendiam sua força de trabalho, carregando pesadas pedras para a construção do Porto do Mucuripe, trocando-a por um prato de comida⁸⁹.

José Ernesto Pimentel fala da “ilusão moderna”⁹⁰ experimentada por estes “aristocratas provincianos” que se dirigiam a seus pares no mais fino francês como forma de se acharem “civilizados”, numa sociedade até mais conservadora do que a de outrora, pois, se por um lado, Fortaleza respirava “ares modernos” no mais alto grau de mundanismo com seus bailes aristocráticos, com seus símbolos civilizados ou modernos representados pelo Passeio Público, bondes, iluminação a gás, últimas vestimentas vindas da França, o que na verdade, existia era uma hierarquia e uma exclusão social sem precedentes.

A “divisão” do Passeio Público⁹¹ e o combate às “práticas populares”⁹², como a do entrudo, realizados pelo poder público demonstravam que o povo cearense ainda era

⁸⁶ TINHORÃO, José Ramos. Op. cit. p.

⁸⁷ LE GOFF, Jacques. Op. Cit., p. 375-422.

⁸⁸ PONTE, Sebastião Rogério Barros. Op.Cit

⁸⁹ TEOFILO, Rodolfo. Seccas do Ceará. Segunda metade do Século XIX. Ceará: Louis C. Chollowie çki. Typ. Moderna a vapor – Ateleirs. Louis, 1901.

⁹⁰ PIMENTEL FILHO, José Ernesto. Aristocratização Provinciana em Fortaleza (1840-1890). Recife: Dissertação de mestrado defendida no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, 1995.

⁹¹ Em *A Normalista*, Adolfo Caminha descreve sobre os três planos do aristocrático Passeio Público. Eis a descrição da Avenida Caio Prado, logradouro da fina flor cearense. “(...) A avenida Caio Prado tinha o aspecto fantástico d’um terraço oriental onde passeassem princesas e odaliscas sob um céu de prata polido, com as suas esfinges... Senhoras de braço dado, em toilettes garridas, iam e vinham no macadame, arrastando os pés, ao compasso da música, conversando alto, entrechocando-se, numa promiscuidade interessante de cores, que tinham reflexos vivos ao luar. D’um lado e d’outro da avenida estendiam-se duas alas de cadeiras ocupadas por gente de ambos os sexos, na maior parte curiosos que assistiam tranqüilamente ao vaivém contínuo dos passeantes (...)”. CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza: Verdes Mares Ltda, 1997.

⁹² CAMPOS, Eduardo. Capítulos de História da Fortaleza do século XIX. Fortaleza: EUFC, 1985.

considerado “bárbaro”. Além disso, havia uma infundável tipologia de “códigos de posturas” nas mãos destes mesmos “homens de poder” que foram os porta-vozes da “civilização”⁹³ e faziam parte desse poder coercitivo e “civilizatório”, caracterizando o poder material concreto e de fato, ao punir aquilo que destoava das normas “civilizadas”, regendo da cor das janelas à altura das casas⁹⁴.

A cada passo desta “modernização” pronta e acabada, o poder público procurava coibir possíveis desordens causadas pelas “classes perigosas” dos retirantes que saiam do campo ao litoral em busca de “socorros públicos”⁹⁵. Falseado por um certo embelezamento que antes de “embelezar”, coibia⁹⁶, tais práticas de urbanização se assemelhavam àquelas existentes nos grandes centros europeus, sob a enorme farsa excludente da *belle époque*.

Jeffrey Needeel chega a afirmar, estudando o Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, que “*a belle époque fora o período áureo da civilização*”⁹⁷. Discordamos deste autor e concordamos com Mônica Pimenta Velloso, que estuda a europeização do Rio de

⁹³ PONTES, Sebastião Rogério Barros da. Op. Cit.

⁹⁴ BEZERRA, José Tanísio Vieira. Op. Cit.

⁹⁵ Romance das fraudes nos socorros públicos. TEÓFILO, Rodolfo. A fome: violação. Rio de Janeiro: J. Olympio. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979. Rodolfo Teófilo denunciou inúmeras vezes em seus romances, sobretudo em *A Fome* a corrupção por parte dos comissários ou da comissão de socorros públicos quando da seca de 1877, a grande seca ou seca tipo que vitimou mais de 75% da população cearense e desorganizou assim as bases produtivas do Ceará. Um dos elementos mais questionados por Teófilo era o desvio de socorros públicos, ou seja, a manipulação dos alimentos destinados aos flagelados com a corroboração de boa parte da burguesia comercial de Fortaleza que “segurando” os produtos assim os tornava mais difícil, e portanto, mais caros. Conforme Teófilo em *A Fome*. (...) “É Simeão de Arruda, comissário distribuidor de socorros públicos, uma das personagens mais importantes desta história. Tem trinta anos e estaura regular. O rosto é alvo e descarnado, os olhos azuis e vivos, enfeitado por uma barba à inglesa, ruiva como a espessa cabeleira. É diligente, falador, tem em grande conta os serviços que prestou e vai prestada na seca. Deve o lugar de comissário à política. É partidário exaltado, bom cabo de eleições, reúne capangas, e não há quem grite mais nos conflitos eleitorais. A sua nomeação não foi muito fácil. O lugar era ambicionado como se fosse um rendoso emprego. As vagas eram preenchidas mais de acordo com os interesses da política, do que com a conveniência pública. O presidente da província tinha sempre uma lista de pretendentes a escolher. Falsos patriotas que, aparentando serviços à pátria, só visavam ao interesse pessoal. Entretanto, o patriotismo e a dedicação à causa pública não se tinham embotado completamente no espírito cearense. Havia ainda muito coração leal e dedicado à pátria. A par dessa degradação moral no meio do enxame de zangões do erário, dedicados até o sacrifício, encontravam-se alguns cidadãos que, sem a menor retribuição, devotavam com toda a abnegação à causa da humanidade. O governo da província era cúmplice nos estelionatos de alguns de seus agentes, cúmplice porque aceitava e não retribuía os serviços de homens onerados da família e completamente deserdados da fortuna. Simeão de Arruda era casado, tinha mulher e filhos, e a subsistência da família, difícil já em outros tempos, tornava-se agora impossível. Os amigos políticos obtiveram sua nomeação para comissário de um dos abarracamentos na capital, emprego este cuja remuneração constava apenas de sessenta mil réis mensais para o aluguel de uma cavalgada. Arruda aceitou o emprego, disposto a fazer dele um meio de vida honesto como qualquer outro, pensava como muita gente pensa: juntar do governo não é furtar (...)”. TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome; Violação*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979, pp. 97-98.

⁹⁶ CASTRO, José Liberal. Fatores de localização e expansão da cidade de Fortaleza. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1977.

⁹⁷ NEEDEEL, Jeffrey. *Estilo Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Cia das Letras, 1993. pp. 19-73.

Janeiro, vendo inúmeras práticas de “controle social”⁹⁸ que mais não eram do que particularidades constituintes desta *belle époque* que padronizava a “cultura popular” e via esta a partir de um olhar científico, por isto, coercitivo, posto que analisado por este “olhar civilizatório”, sempre concebido por “superior”, devido a sua estética eminentemente burguesa. Não cabia nesta ou não era possível a realização de uma “cultura popular”, uma vez que a regra era pautar-se a partir de um modelo exterior, criando classes perigosas ou marginalizadas⁹⁹ numa cultura tida como “subdesenvolvida” e “menor”.

Em Fortaleza, onde este discurso liberal da *belle époque* foi a ideologia maior das elites com seus porta-vozes, os “homens de letras” e de ciência, sob forma de um falso “embelezamento”, levado a cabo por aqueles que estavam no poder, a cidade inaugurava suas praças e boulevares, fundava suas instituições, implementava seus bondes e sua iluminação e lia os últimos periódicos franceses, *Revue des Deux Mondes*, como prova de sua sintonia com o “progresso”¹⁰⁰.

Todo este processo de grandes reformas urbanas experimentadas em Fortaleza, já sede da província do Ceará, ocorreu da união de aristocratas rurais com a burguesia comercial, promovendo a ampliação da economia, que a criação de gado jamais¹⁰¹ seria capaz de prover em excedente e, portanto, fomentar a criação de um mercado interno. Lembremos que, antes de 1850, Fortaleza sequer possuía condições de sede portuária, sendo superada por cidades como Icó, Crato, Camocim, Sobral e Aracati, devido as suas limitações econômicas e geográficas que intermediavam o comércio com Pernambuco, maior praça da época¹⁰².

Cidades como Camocim e Aracati, principalmente a esta última, se deve não só a relevância de seu porto como sua economia de “carne do Ceará”¹⁰³, abastecendo o mercado pernambucano e consumindo suas mais diversas manufaturas e principalmente suas quinquilharias.

⁹⁸ VELLOSO, Monica Pimenta. As tradições populares na belle époque carioca. Rio de Janeiro: FUNART/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

⁹⁹ CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte. MURICY, Katia. A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado no Instituto Filosofia da UFRJ, 1985. ENGEL, Magali. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹⁰⁰ OLIVEIRA, Almir Leal de. Universo letrado em Fortaleza na década de 1870. In: Intelectuais. Imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996. SOUZA, Simone de.; NEVES, Frederico de Castro. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. pp. 15-40.

¹⁰¹ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit.

¹⁰² BRIGIDO, João. Op.Cit

¹⁰³ GIRÃO, Valdelice Carneiro. As charqueadas do Ceará Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1984.

Em parte, como veremos mais tarde, os padeiros iriam entrar em choque com todas estas normas e valores legitimados pelo arsenal técnico-científico, uma vez que suas narrativas se voltam para o campo com seus “tipos” populares, do homem que conta histórias, às vezes engraçadas, cobertas de “pilheria” e “jocosidade”¹⁰⁴.

Por ser em grande parte oriunda dos sertões cearenses, a composição dos homens da Padaria iriam capturar um sertão ainda não tocado pelos “arroubos civilizatórios”, em que os “costumes populares” iam se degenerando em festas aristocráticas, aos sabores burgueses comprometidos com o avanço da ordem capitalista. Inúmeras vezes *O Pão* denunciou a degeneração do que há de mais importante na “cultura popular”, como a festa do nascimento de Jesus e os folguedos populares em detrimentos dos valores burgueses.

(...) Para o povo a noite de natal é a maior noite do anno.
O povo chama a noite de natal noite de festa porque é no natal que começam todas as brincadeiras que nos legaram os nossos avós.
Com que saudades não me recorde eu hoje das festas populares que vão sendo substituídas pelos bailes aristocráticos!...
Antigamente, eram os fandangos, os congos, o bumba-meu-boi e as legendárias pastorinhas que, por toda parte, enchiam de luz e de alegria e noite de natal; hoje são os bailes da alta sociedade; o povo já não brinca, o povo já não se diverte.
Com que saudades eu não me recorde hoje da minha meninice, quando um mez antes eu começava a ajuntar dinheiro para na noite de festa tomar aluá, beber capilé e comprar traques afim de entreter a noite até que tocasse a missa do gallo.
Bendicta sejas tu, ó noite de festa, que tantas recordações me trazes dos tempos idos, da minha meninice tão rendilhadas de sonhos e de harmonia...” (...) ¹⁰⁵ (grifo nosso)

Como se verifica, a narrativa popular do padeiro Satyro Alegrete, o Sabino Batista, autor dos livros *Flocos* e *Vagas*, elaborados durante os tempos de Padaria, diferenciou a sociedade de letras e artes do geral, em relação aos movimentos intelectuais de outrora. Alguns padeiros nascidos nos interiores cearenses ou mesmo noutros estados, como é o caso do paraibano Sabino Batista, se dirigiam à capital, mas não esqueciam dos valores recebidos durante os tempos de infância no sertão, onde campeava uma idéia harmônica para o homem que reside na cidade ou que fala a partir desta.

O Pão denunciaria inúmeras vezes, o enfrentamento de duas culturas intrinsecamente ligadas à suas classes: a “cultura erudita”, de estética burguesa e européia, fincada sob o aporte científico, e a “cultura popular”, integrada pelos setores médios e baixos da sociedade, residente no campo.

¹⁰⁴ CARVALHO, José. Perfis sertanejos: costumes do Ceará. Ed. Fac-similar: Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

¹⁰⁵ *O Pão...* da Padaria Espiritual. Anno I, nº 6, 24 de dezembro de 1892. Ed. Fac-similar. Fortaleza: EUFC/PMF, 1982. p. 5.

O discurso maior dos padeiros, em parte, não mais seria o privilégio pelas leituras de “regeneradores sociais” tais como Comte, Darwin e Spencer, idéias atualizadas para por término a “nódoa escrava”, como também para validar e legitimar a proclamação da República, como um estágio superior fadado à “civilização”, iniciada pela “moderna geração cearense” em torno da Academia Francesa, mas sim a primazia pela “cultura popular” da maioria da população cearense residente nos interiores.

A Padaria iria, pois, atualizar um “regionalismo” que a princípio teve como norte os elementos “raça” e “meio”, visualizados pelo “tipo” forte e heróico do cearense, sagrado pelos movimentos do Abolicionismo e, tempos depois, do Club Literário. Ao “tipo” cearense fabricado a partir destes elementos clareados tipicamente pela visão ilustrada e científica dos homens da *Mocidade Cearense*, os padeiros partiriam desta cristalização já pronta e acabada.

O fato de os padeiros desprestigiarem em parte a linguagem naturalista na explicação dos fenômenos sociais, tendo por base os elementos da clássica tríade taeniana, concernente às “leis evolutivas” e à idéia de “seleção natural” não significa afirmar por parte destes “intelectuais menores”, uma visão de “cultura popular” a partir de seus próprios elementos constituintes.

Se *O Pão* inúmeras vezes denunciou a “degeneração dos costumes populares”¹⁰⁶ em função dos costumes e hábitos viciosos que acarretam a vida “civilizada”, por outro lado, a concepção de “cultura popular”, engendrada pelos padeiros, era de uma cultura “já morta”, como nos lembra Michel de Certeau e Raymond Williams¹⁰⁷, que serve somente para nos socorrermos das aflições do presente, resultando daí um caráter tipicamente “folclórico” e harmônico como forma de fugir das tensões sociais do presente, sem conflitos, o que marcou a “cultura popular” fabricada pelos folcloristas da Padaria como Xavier de Castro, autor de *Cromos* e José Carvalho, autor de *Perfis Sertanejos: costumes do Ceará*.

¹⁰⁶ Inúmeras vezes o *Pão* denunciou o processo de aculturação dos valores e hábitos do “tipo” regional campestre por parte da implementação dos elementos “modernos”. Esta seria uma das preocupações maiores, no plano teórico, como rezava o Programa de Instalação dos movimentos dos Padeiros. Exploraremos mais tarde o choque entre as culturas “modernas” e “civilizadas” e a “popular” da maioria das pessoas que não experimentava a modernidade fincada nos grandes centros urbanos.

¹⁰⁷ CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas; São Paulo: Papirus, 1995. WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

1.3 Movimentos intelectuais anteriores ao surgimento da Padaria Espiritual

1.3.1 O Ceará e a “Geração de 70”: civilização e cientificismo

A segunda metade do século XIX, a partir de 1850, marcou uma nova forma e fase no pensamento social brasileiro¹⁰⁸, devido às mudanças econômicas¹⁰⁹ decorrentes da alteração da cultura agrícola que bem representava toda uma estrutura social, mental e tradicional, explicitada por um romantismo que bem condizia com uma sociedade hierárquica, legitimidade pelo poder da Igreja.

Desde 1850, com a abolição da escravidão que canalizou o dinheiro outrora investido no tráfico de negros para as atividades comerciais fincadas na cidade, a “mocidade” passou a migrar do campo para os centros urbanos e a consumir múltiplas idéias européias como positivismo, evolucionismo, darwinismo, liberalismo, dentre outras.¹¹⁰

Essas leituras sociais resultaram em diferentes e inovadoras “posturas ideológicas”, não mais sob uma visão arcaica, em que uma hierarquia cimentada a partir do poder de terra era o fundamento implicativo para uma sociedade surgida sob o poder da Igreja, onde apesar de todos os desníveis sociais, eram todas as pessoas filhos de um mesmo Pai¹¹¹.

Outro fator por demais significativo entre as décadas de 50 e 70 foi a Guerra do Paraguai (1864-1870)¹¹² desvelando as reais bases sociais brasileiras composta por uma população herdeira composta em grande parte de negros escravos, demonstrando pois, a composição do baixo exército brasileiro e seu fracasso militar, embora o Brasil tenha saído vitorioso na guerra. O monarca ou imperador não era simpatizante com as classes baixas do exército, e será desta “classe média” que resultará a maior força para a crítica, e logo depois, queda da monarquia¹¹³.

¹⁰⁸ COSTA, João Cruz. Contribuição à História das idéias no Brasil. 2ª ed.: Civilização Brasileira, 1967. ALONSO, Angela. Op. Cit.

¹⁰⁹ JUNIOR, Caio Prado. Formação do Brasil contemporâneo 18ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. 26ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995. COSTA, João Cruz. Contribuição à Histórias das idéias no Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

¹¹⁰ ALONSO, Angela. Op. Cit. CARVALHO, José Murilo de. Os bestializadores e a República que não foi. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p.42.

¹¹¹ ALONSO, Angela. Op. Cit.

¹¹² COSTA, Cruz. Op. Cit.

¹¹³ Ibidem.

A “Questão Religiosa”¹¹⁴, discutida em uma nação predominantemente católica foi outro elemento significativo em que o papel da Igreja também era por demais influente. Com um quadro clerical que não seguia o “regalismo”¹¹⁵ romano, mas sim atendia e falava a língua da maioria da população “despossuída” e “analfabeta” com seus cultos de fanatismo e ignorância, de uma simples questão de hermenêutica¹¹⁶, gerou-se uma questão política envolvendo o Estado brasileiro e suas ligações com a Maçonaria, pois o monarca brasileiro era simpatizante com algumas lojas maçônicas.

Basicamente, este foi o panorama que precedeu a década de 1870 e a geração que passou a criticar as instituições imperiais do Estado brasileiro¹¹⁷.

É a partir da segunda metade do século XIX, sobretudo a partir de 1870, diante da forte economia do algodão que as reformas urbanas¹¹⁸ se processarão na cidade, face à Guerra de Secessão Americana, que tornou possível a ampliação do mercado local e por fim ligou Fortaleza aos portos europeus, fortalecendo seu mercado interno e dando à província possibilidades de se tornar cidade “moderna”, apta a portar costumes e valores de uma sociedade “moderna” e “civilizada”, libertando-a da provinciana Fortaleza dos tempos de outrora registrada pelos cronistas que passaram por aqui e avistaram uma vila assentada “numa imensa colina de areia”¹¹⁹.

¹¹⁴ A “Questão Religiosa”, assim como a “Questão Militar” e o problema da abolição é um dos fatores estudados pela história intelectual brasileira como um dos fatores que acarretou na queda do império. O Clero brasileiro, contraditoriamente, mais ligado a pompa do que ao verdadeiro culto espiritual, era leigo e ignorante, se confundindo com a população analfabeta e suas crendices. Os benefícios eclesiásticos eram de incubência do estado, daí o padroado, como também a licença para se publicarem atos na cúria romana, caracterizando o Beneplácito. A religião católica era oficialmente a religião do estado brasileiro, muito embora homens como Visconde do Rio Branco e Saldanha Marinho fossem ligados a Maçonaria. Algumas irmandades religiosas comportavam padres simpatizantes com as idéias maçônicas que se opunham ao estado imperial. Como o aval para designar cargos eclesiásticos assentava nas mãos do imperador, alguns padres se rebelam quando partiu do monarca a supressão por parte da Igreja que havia expulsado das irmandades alguns clérigos heréticos e devido a uma moral decadente. Em homenagem a Lei do Ventre Livre de 28 de Setembro de 1871, realizada no Rio de Janeiro em 1872, alguns padres maçons mandaram realizar uma missa para comemorarem a fundação de uma loja maçônica. D. Vital, educado na Europa e antimaçônico proíbe a cerimônia religiosa. Os maçons, respaldados pelo prestígio do monarca publicam uma lista de personalidades, dentre esta, a participação de alguns padres. O bispo de Olinda suspende estes clérigos de ordem e ordena que os maçons sejam expulsos das irmandades. Em 12 de julho de 1873 o monarca ordena a supressão, uma vez que, a admissão dos cargos eclesiásticos cabia ao estado. Em 1874, os respectivos bispos de Olinda, D.Vital de Oliveira e D.Antônio de Macedo Costa, do Pará, são condenados a quatro anos de prisão com trabalhos sendo revestido em prisão em Fortaleza e anistiados em 1875 já no gabinete de Caxias. COSTA, Cruz. Op. Cit., ainda. Pequena História da República. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. pp. 11-26.

¹¹⁵ COSTA, Cruz. Op. Cit.

¹¹⁶ TINHORÃO, José Ramos Op. Cit.

¹¹⁷ ALONSO, Angela. Op. Cit.

¹¹⁸ PONTE, Sebastião Rogério Barros. Op. Cit.

¹¹⁹ BRÍGIDO, João Op. Cit.

A década de 1870, momento de atuação e surgimento da *Mocidade Cearense* é o período em que Fortaleza possui condições materiais para processar suas trocas comerciais com os portos europeus. Nesse momento surgem inúmeros elementos sociais jamais vistos antes que bem demonstram o poder de uma incipiente burguesia fincada em atividades comerciais, muito embora o grosso da sociedade viva alheia ou excluída de tais processos como o retirante, sobre quem recaía toda uma imagem de “atraso” e “barbárie”, com todo um processo disciplinar sob a infinidade dos “códigos de posturas”¹²⁰.

A *Geração de 70* foi antes de qualquer desígnio uma geração leitora de pensadores da “ciência moderna”¹²¹. Baseados não mais no método da intuição e da subjetividade¹²² que bem caracterizou o romantismo brasileiro, concebido como atrasado, representante do mundo hierárquico e arcaico do Primeiro Império brasileiro, mas sim em pensadores que analisavam a sociedade tal e qual um “organismo vivo”, esta geração buscou apoio no poder científico para explicar e explicitar os processos inerentes às transformações sociais em voga no momento.

O romantismo de Alencar, criação da subjetividade e da intuição, não fiel à situação atual apregoada pela *Geração de 70* sucumbira ao real-naturalismo que representou a força da ciência moderna e do poder científico no âmbito das letras¹²³. Leitores de Comte, Taine, Spencer, Darwin, Buckle, dentre os mais importantes da ciência, e de Stuart Mill, do

¹²⁰ BEZERRA, José Tanísio. Op. Cit.

¹²¹ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1995.

¹²² AZEVEDO, Sânzio de. A academia francesa do Ceará (1873-1875). Universidade Federal do Ceará: casa de José de Alencar, 1971.

¹²³ Surgido num período onde a ciência “ditava” os ritmos das transformações sociais devido as implicações econômicas decorrentes da 2ª Revolução Industrial, o Naturalismo é resultado e pois reflexo desta conjuntura sócio-histórica. Baseado nos avanços da ciência experimental o Naturalismo amalgamou-se tendo por base o evolucionismo de Darwin, o determinismo de Ratzel e Buckle, e sobretudo a análise que influenciou fortemente os estudos de crítica literária centrada no “meio”, “raça” e momento histórico baseadas pelo pensamento de Taine. A obra de Adolfo Caminha *A Normalista* é portanto segundo Sabóia Ribeiro a introdutora da corrente literária naturalista no Ceará. Mas, a nosso ver, concordamos com Sânzio de Azevedo no que diz respeito ao romance *A Fome*, do futuro padreiro Rodolfo Teófilo. Segundo este autor, a saga da família do retirante Manuel de Freitas do interior para a capital integra e, por assim dizer, instaura o naturalismo no Ceará, mesmo antes do surgimento da *Normalista*. O romance de Teófilo surge em 1890 ao passo que a obra de Caminha aparece em 1893. Como veremos no terceiro capítulo, Teófilo atribui muita importância a participação do meio e da raça para formação e desenvolvimento da índole do “tipo” cearense. Os romances analisados mais tarde do padreiro são: *Maria Ritta*, *Os Brilhantes* e *Violação*. Como veremos neste tópico iremos analisar o grupo disseminador dessas “ideais novas” e “modernas” processadas pela Academia Francesa. RIBEIRO, Sabóia. O romancista Adolfo Caminha 1867-1967. Em comemoração do seu centenário. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967 p.81. AZEVEDO, Sânzio de. Aspectos da literatura cearense. Fortaleza: UFC/Academia Cearense de Letras, ainda do mesmo autor. Adolfo Caminha. Vida e obra. 2ª ed. Fortaleza: UFC, 1999.p.80.

ponto de vista liberal, “*a moderna geração do Ceará, forte, corajosa e viril*”¹²⁴, no dizer de Capistrano de Abreu, introduziu o pensamento moderno pregando abolicionismo e republicanismo. É com a geração dos homens reunidos sob a Academia Francesa que os pilares imperiais serão criticados, assim como o romantismo, o escravismo e o tipo de regime instituído por um imperador legitimado pelo poder “representativo”.

A aristocracia rural fincada no campo de conhecimento precipuamente bacharelesco e de cunho retórico dominava não só as letras como todo o pensamento social brasileiro. A Faculdade de Direito de Recife inicialmente instalada em Olinda, e depois transferida para Recife, e a instalada no Largo do São Francisco, em São Paulo, eram os institutos de formação desta elite “civilizada”, mas conservadora. Somados aos cursos de ciências sociais e jurídicas, os cursos de medicina e de engenharia constituíam o pensamento social brasileiro, pois nestes espaços surgiam os “homens de letras” brasileiros¹²⁵.

Apesar do estudo de Ângela Alonso que visa desconstruir uma “história das idéias” que percebe a “instrumentalização” destas mesmas idéias a fins políticos se contrapondo, assim, aos estudos de Antonio Paim e Cruz Costa, pois, segundo a autora, pensadores que desconsideram o “cenário interno” onde estas idéias são “recodificadas” ou “ressemantizadas” e, assim, “instrumentalizadas”, é inegável que uma nova mentalidade tradicional e romântica encabeçada pelos bacharéis em ciências sociais e jurídicas oriundos em grande parte das decadentes oligarquias fincadas sob a economia açucareira arrefecia-se em detrimento de uma nova base econômica industrial que não só ampliava e ligava os mercados e, por conseguinte, o capital, como também possibilitava um contato maior das idéias européias a outras partes do mundo¹²⁶.

Assim, é que mesmo apesar da demora das idéias européias em torno de vinte anos como aponta José Veríssimo¹²⁷, a burguesia incipiente que se formava nas cidades imersa no conjunto maior das relações capitalistas e, em casos específicos, com estreitos vínculos com as antigas oligarquias rurais se animam com os avanços da ciência experimental esboçados na literatura de forma geral, e nos “*mettings*”¹²⁸ em torno das praças, consumindo idéias evolucionistas, positivas, materialistas e etc.

¹²⁴ ABREU, Capistrano de. “Raimundo Antônio da Rocha Lima”. In: *Crítica e Literatura*. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968. pp. 82.

¹²⁵ SCHWARTZ, Lilia Moritz. Op. Cit. P.141-188.

¹²⁶ COSTA, Cruz. Op. Cit.

¹²⁷ VERÍSSIMO, José. Op. Cit.

¹²⁸ CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit.; SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit.

É esta incipiente burguesia residente nas cidades consumidora destas “idéias novas” e “modernas” que permitirá uma nova mentalidade ao pensamento social brasileiro. O romantismo reinante durante a primeira metade do século XIX se esvai com toda sua tendência espiritualista¹²⁹ católica e o poder da ciência com seu “método positivo” e suas leis irredutíveis de objetividade se instaura.

No Ceará, o contexto sócio-histórico é semelhante ao cenário nacional onde os autores que integram a crítica literária local desprezam as condições locais e, em consequência, o cenário nacional, trabalhando toda uma “movimentação de idéias” apenas como “escolas literárias”, mais preocupados com as influências européias do que com as análises sociais que resguardam este mesmo cenário de idéias, tipicamente as idéias advindas da Europa, de forma particular, da França.

O Ceará, apesar do flagelo das secas com suas epidemias causadoras de alta mortalidade, instaurava bases capitalistas mais sólidas exportando seus produtos, principalmente o algodão, a mercados ingleses e franceses. O poder da aristocracia rural de mentalidade tradicional e romântica de cunho bacharelesco não conferia o mesmo privilégio¹³⁰ ao doutor tradicional saído das faculdades de Direito porque a cidade sobrepunha o campo em sua nova mentalidade e base material.

Assim, é que os filhos de alguns representantes deste poder rural encapados e munidos sob a carta de bacharel irão defender no meio urbano os ideais da “geração moderna cearense”, clamando por “civilização” e “progresso”, pregando uma espécie de “regeneração social”, outorgando o pensamento tradicional e arcaico, endossando, pois, o pensamento evolutivo das ciências naturais. Esta mocidade se bacharelou sob os conceitos de “civilização” e “progresso”. Egressos em grande parte das Faculdades de Direito, Medicina e Engenharia, estes “homens de letras” regressavam a suas terras entranhadas dos estudos da ciência moderna e experimental, criticando a sociedade na perspectiva dos saberes “civilizatórios” equivalentes aos valores “modernos”. Estudavam, pois, “Crítica literária”, “História Universal”, “Geografia”, “Sociologia”, “Filosofia Positiva” e os mais diversos ramos do conhecimento¹³¹.

A *Geração de 70* respaldada pela *Mocidade Cearense* constituía-se de uma verdadeira “República dos Bacharéis”. Em sua maioria, esses “homens de letras”

¹²⁹ COSTA, Cruz. Op. Cit.

¹³⁰ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit.

¹³¹ AZEVEDO, Sânzio de. A academia francesa do Ceará. Op.Cit., p.5.

atravessavam o ensino secundário para depois realizarem os preparatórios, objetivando os cursos superiores. A *Mocidade Cearense* se instrui no mais importante educandário particular de Fortaleza, o Ateneu Cearense¹³², sob direção dos irmãos Costa Mendes, para depois sofrer os preparatórios do Liceu e assim obter ingresso nos cursos superiores, figurando entre estes os cursos mais procurados do país como Medicina, Ciências Sociais e Ciências Jurídicas. Com a carta de bacharel, regressavam para lecionar no Liceu do Ceará, espaço de formação dos “homens de letras” cearenses.

No Liceu do Ceará, apesar desta instituição não expedir¹³³ a carta de bacharel, foi possível pensar a atuação futura dos vindouros bacharéis “homens de letras”. Muitos deles faziam seus cursos preparatórios para Medicina e Direito no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Só as “melhores” famílias possuíam condições de mandarem seus filhos aos preparatórios, o que significa no mínimo afirmar que a “moderna geração cearense”, economicamente falando, pertencia à classe média, e intelectualmente, justamente por portarem a carta de bacharel, à elite intelectual.

Assim, dentro deste contexto sócio-histórico, surge como representação¹³⁴ da incipiente classe média que se formara na cidade de Fortaleza a partir de 1870, a Academia Francesa, representando uma nova forma de pensar, baseada nos valores da ciência moderna, em contraposição à sociedade tradicional¹³⁵ cearense da primeira metade do século XIX, balizada pelo poder da Igreja, responsável pela formação de uma educação eminentemente católica que atravancava a liberdade da razão, fundamento para a instauração de uma sociedade liberal, “moderna” e “civilizada”.

Surgida para divulgar os benefícios de uma sociedade regida pelos avanços da “ciência moderna”, a Academia Francesa, nome escolhido por gracejo que “acabou pegando”¹³⁶, para se confrontar com outros centros, também redutos das “idéias novas” e “modernas”, como Recife, e remotamente, São Paulo¹³⁷, era um “movimento filosófico”¹³⁸,

¹³² GIRÃO, Raimundo. Educandários de Fortaleza. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1956.

¹³³ OLIVEIRA, Almir Leal de. Saber e poder. O pensamento Social Cearense no final do século XIX. São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida no Programa de História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

¹³⁴ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit.

¹³⁵ MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. Op. Cit.

¹³⁶ ABREU, Capistrano de. Op. Cit.

¹³⁷ VENTURA, Roberto. Op. Cit., VERÍSSIMO, José. Op. Cit., COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 192

¹³⁸ Para o célebre crítico literário Alceu Amoroso Lima, o Ceará teve três movimentos culturais. “(...) O Ceará já teve três movimentos intelectuais – o movimento filosófico de 1870 (que outro não é que o guapamente capitaneado pela chamada Academia Francesa do Ceará) com Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Araripe Júnior, João Lopes, Tomás Pompeu, etc.; o movimento político de 1880, em torno do qual se fez todo o movimento abolicionista (no qual o Ceará

segundo o eminente crítico Tristão de Ataíde. A “moderna geração cearense” era constituída por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Thomas Pompeu de Souza Brasil Filho, Xilderico de Faria, França Leite, Araripe Junior, Antônio José de Melo, Felino Barroso e Amaro Cavalcante¹³⁹.

A designação “Academia Francesa” escolhida por Rocha Lima, o mais jovem de todos, era inspirada pelo simples fato de seu grêmio recorrer às leituras de autores franceses em contraposição ao grupo “moderno” do Recife que se baseou não só nas leituras francesas como também em obras de pensadores alemães¹⁴⁰. O grupo da Academia Francesa se reunia na casa do próprio Rocha Lima, segundo Capistrano de Abreu, a “mais fulgurante estrela” que rebentou no Ceará.

(...) “Era em casa de Rocha Lima que reuniam-se os membros do que chamávamos Academia Francesa. Quanta ilusão! Quanta força, quanta mocidade! França Leite advogava os direitos do comtismo puro e sustentava que o *Système de Politique* era o complemento do *Cours de Philosophie*. Melo descrevia a anatomia do cérebro, com a exatidão do sábio e o estro do poeta. Pompeu Filho dissertava sobre a filosofia alemã e sobre a Índia, citava Laurent e combatia Taine. Varela-o garboso abnegado paladino, – emistava lanças a favor do racionalismo. Araripe Junior encobria com a máscara de Falstaff a alma dolorida de René. Felino falava da revolução francesa com o arrebatamento de Camilo Desmoulins. Lopes, ora candente como um raio de sol, ora lóbrego como uma noite de Walpurgis, dava asas a seu humor colossal. Por vezes das margens do Amazonas chegava ao eco de uma vez, doce como a poesia de suas águas sem fim, – a de Xilderico de Faria, hoje para sempre mudo no regaço do Oceano.” (...) ¹⁴¹

Dentre os integrantes da Academia Francesa, como quer a historiografia literária cearense, o nome de Raimundo Antonio da Rocha Lima se sobrepõe aos demais. Concebido por gênio tanto pela crítica cearense como por parte de seus próprios colegas de refregas intelectuais, morto precocemente, Rocha Lima possuía uma plasticidade ímpar que, se a morte não tivesse lhe tirado deste mundo, teria sido um dos maiores gênios do Brasil não só no que diz respeito à “crítica literária”, área que estudava nos tempos da Academia, como também na área do conhecimento sociológico, e, sobretudo, filosófico.

A família de Rocha Lima possuía tradição no Ceará. Seu avô Miguel Antonio da Rocha Lima tinha exercido o cargo de secretário do Governo Provisório da Província e,

teve como se sabe um papel saliente) e republicano, com o *Jornal Libertador* e a revista *A Quinzena* (podia, antes, ter chamado literário o movimento que na década de 1880, a Quinzena encabeçou, porque realmente assim foi, como oportuno tempore se evidenciará); e finalmente, o movimento, literário de 1890, com a fundação da Padaria Espiritual e do seu órgão o *Pão*, pela geração de Farias Brito, Antonio Sales, Adolfo Caminha, Oliveira Paiva, Rodolfo Teófilo e outros” (...) Citado por BARREIRA, Dolor. Op. Cit. p. 83.

¹³⁹ AZEVEDO, Sânzio de. Op. Cit.

¹⁴⁰ VENTURA, Roberto. Op. Cit.

¹⁴¹ ABREU, Capistrano de. Op. Cit., p. 78.

depois de ocupar vários cargos, chegou a dirigir a Província como vice-presidente em 1831. O pai, de mesmo nome do avô, exerceu o cargo de coronel e morreu em Piracurura, no Piauí, como tabelião público, ficando a mãe de Rocha Lima, D. Maria Bezerra, de origem pernambucana, com uma filha e à espera do filho¹⁴².

Rocha Lima perde a mãe e a irmã, restando-lhe a proteção da tia, simples professora de primeiras letras. Foi na própria casa da tia que Rocha Lima iniciou o contato com as leituras e sua paixão pelos livros.

Assim como sua geração, Rocha Lima estudou no *Ateneu Cearense* e realizou seus estudos preparatórios no Liceu do Ceará, surgido em 19 de outubro de 1845, para depois se dirigir aos exames no Recife, objetivando a entrada no curso de Ciências Sociais e Jurídicas da renomada Faculdade de Direito do Recife.

Sua moderna geração da década de 70 disseminou os ideais de “evolução social”, “darwinismo social”, “meio social”, “momento histórico” e “raça”, sendo estas as principais idéias¹⁴³ da *Geração de 70* representada pela Academia Francesa do Ceará e seus integrantes. Thomas Pompeu de Souza Brasil Filho juntamente com o jornalista João Brígido, célebre redator do *Cearense*, jornalista carbonário em suas críticas, e Xilderico de Farias, inauguram¹⁴⁴ a *Escola Popular* ou *Noturna*, espaço de disseminação das idéias perpetradas pelos homens da Academia.

Lembremos que assim como os poetas do Abolicionismo desafogavam seus “versos nacionalistas” na Praça do Passeio Público¹⁴⁵ como Antonio Bezerra, futuro padeiro, Justiniano de Serpa e Antonio Martins, como também os “homens de letras” do *Club Literário*, integrado por nomes já conhecidos do próprio movimento abolicionista que pretendiam a instalação das conferências públicas, os intelectuais da Padaria Espiritual, tempos depois, não fugiriam a mesma idéia principiada pelos homens da Academia Francesa.

A *Escola Popular* ou *Noturna* instituída pelas conferências públicas destinadas aos pobres e operários pelos homens da Academia foi imprescindível para a disseminação dos ideais científicos “modernos” e “civilizados”. O próprio Capistrano de Abreu que escreveu, no *Fraternidade*, colunas de crítica literária, afirma:

(...) Grande foi a influência da Escola Popular não só sobre as classes a que se destinava, como sobre a sociedade em geral, por intermédio de conferências ali

¹⁴² MENEZES, Djacir; “Rocha Lima e a ideologia cearense de 1870”. In: *Crítica e Literatura*. Op. Cit., pp. 7-67.

¹⁴³ AZEVEDO, Sânzio de. Op. Cit., p. 5

¹⁴⁴ MENEZES, Djacir. Op. Cit.

¹⁴⁵ BEZERRA, Antonio. *O Ceará e os Cearenses* Op. Cit.

feitas, em que o ideal moderno era apregoado por pessoas altamente convencidas de sua excelência. Maior ainda foi a influência da Escola sobre os espíritos audazes e juvenis, que congregou, reuniu e fecundou uns pelos outros. (...)¹⁴⁶ (grifo nosso)

Essas conferências eram divulgadas na *Escola Popular* ou *Noturna* destinada aos empregados do comércio, pobres e operários, em sua maioria, que se dirigiam no final da tarde às aulas noturnas para receberem ensinamentos acerca dos problemas sociais à luz das ciências naturais. Tais conferências, tipicamente científicas, criticavam o clero por sua educação doméstica e conservadora que coibia a liberdade da razão. Segundo Djacir Menezes, “(...) a série de artigos sucessivos contra as famosas conferências perlongam uma dezena de exemplares do *Fraternidade* (...)”¹⁴⁷.

As conferências públicas iriam se contrapor aos ideais do clero divulgados na Praça da Feira Nova, atual Praça do Ferreira, por homens do clero ligados à Arquidiocese de Fortaleza como o Dr. Manoel Soares Bezerra, líder do tradicionalismo católico no Ceará, pautado a partir do pensamento espiritualista, pai do abolicionista e padreiro Antonio Bezerra, e pelo bispo D. Luiz, logo despertou a reação dos “homens de espíritos livres” da Academia Francesa. Estas conferências¹⁴⁸ eminentemente científicas realizadas na *Escola Noturna* ou *Popular* sobre “Soberania Popular” (Thomas Pompeu de Souza Brasil Filho), “Liberdade Religiosa” (Xilderico de Faria) “O Papado” (Araripe Junior) pretendiam disseminar os anseios “civilizatórios” de crítica à Monarquia cujo poder representativo não era “democrático”, uma vez que teológico, porque baseado e formalizado pelo pensamento da Igreja.

No jornal *Fraternidade*, logo viria a resposta dos cientistas sociais da Academia nos escritos de Thomas Pompeu Filho, Xilderico de Faria e Araripe Júnior. Renomado crítico literário e integrante da Academia, filho do bacharel Tristão de Alencar Araripe, e neto do conselheiro Tristão, filho do Tristão Gonçalves, personagem significativo na divulgação das idéias liberais de 1817 e 1824 no Ceará, Araripe Junior afirma:

(...) “Como era de esperar, não tardou que as conversações se fizessem jornal e o jornal tribuna. A questão religiosa ia no seu auge. Organizaram-se conferências contra o clero e esse momento chegou a operar tão grande abalo na opinião católica, que um desembargador não receou dar a Fortaleza o nome de Tübingen brasileira”¹⁴⁹(...)

¹⁴⁶ ABREU, Capistrano de. Op. Cit. P 77

¹⁴⁷ MENEZES, Djacir. Op. Cit., p. 41

¹⁴⁸ Ibidem.

¹⁴⁹ Ibidem. p. 18

Como se notifica, a querela maior dos homens da Academia em seu “movimento civilizador”, expressão de Thomas Pompeu, era o protesto a favor não só de um pensamento livre e liberto das concepções arcaicas disseminadas pelo poder da Igreja, como de uma certa liberdade econômica, como ele acentua no *Fraternidade*:

(...) “Quando se pede liberdade de pensamento, meus senhores, não se pede para o pensamento em sua pureza espiritual, quando escondida nos recessos do espírito: quer-se a liberdade da idéia escrita, falada, burilada, – a liberdade de imprensa, a liberdade de palavra, a liberdade da arte. Quando se fala em liberdade de ação, de movimento, entende-se a ação e o movimento manifestados, – a liberdade do trabalho a liberdade de indústria”¹⁵⁰ (...) (grifo nosso).

Não podemos deixar de relevar os aspectos econômicos pelos quais atravessava Fortaleza com a formação de uma incipiente classe média, e, portanto, com uma sociedade já estratificada a partir da década de 1870, quando a economia do algodão permitiu um conjunto de reformas urbanas, fruto seguramente de uma maior abertura ao capital estrangeiro. A esta formação de classes, mesmo de forma incipiente, a Academia Francesa representava um movimento das classes “alta” e “média” que pretendiam instaurar a “modernidade”, sob novos valores eurocêntricos, baseados nos pressupostos científicos¹⁵¹.

Ainda que haja uma renhida discussão por parte de alguns intelectuais acerca da independência¹⁵² ou não dos ideais da Academia Francesa em relação ao outro centro, reduto também das “idéias novas” ou “modernas”, a Escola do Recife, que se baseou mais nas idéias germânicas, ao contrário das leituras francesas por parte dos homens da Academia, e não ser voltada para as classes inferiores como defende os homens da “moderna geração cearense”, o certo é que a *Escola Popular* imprimiu os ares científicos dos defensores da “evolução social”.

A querela maior da Academia Francesa com sua visão eminentemente científica se deu com o pensamento católico da arquidiocese de Fortaleza e seu órgão *Tribuna Católica*. Esse embate foi a razão de ser do órgão maçônico e, por sua vez, das idéias defendidas pelos jovens da Academia Francesa como Araripe Junior, Tomas Pompeu, Xilderico de Faria, Capistrano de Abreu, entre outros.

Diferente dos padeiros que desejavam um “ódio de morte”¹⁵³ maior aos burgueses mais preocupados com as corridas do Prado e com o “estômago”, o conflito dos

¹⁵⁰ Citado por MENEZES, Djacir. Op. Cit., p. 37.

¹⁵¹ MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. Op. Cit. pp.11-29.

¹⁵² AZEVEDO, Sanzio de. Op. Cit.

¹⁵³ Exploraremos de forma específica e detido este “ódio de morte” no próximo capítulo.

homens da Academia foi presenciado em meio às idéias tradicionais¹⁵⁴ sustentadas pelo clero em seu órgão *Tribuna Católica*.

Grande parte da produção da Academia Francesa deriva dessa “Questão Religiosa”, salvo a obra póstuma do jovem Rocha Lima, *Crítica e Literatura*. As conferências estampadas no jornal *Fraternidade*, que não era o veículo da agremiação, mas sim órgão de divulgação da Augusta Loja Maçonica, registram os embates do clero com os homens da Academia. São, pois, os escritos estampados neste jornal, visto que alguns integrantes da Maçonaria integravam o grupo da Academia Francesa, que se tem notícia. Assim, homens comprometidos com as novas idéias científico-liberais foram maçons¹⁵⁵, como Thomas Pompeu de Souza Brasil Filho, João Câmara e Xilderico de Farias.

O primeiro número do órgão maçônico *Fraternidade* surgiu em 1874. Fundado por João Brígido dos Santos, Tomas Pompeu Filho e Eduardo Câmara, o jornal foi criado para se confrontar com o órgão da diocese de Fortaleza, o *Tribuna Católica*, fundado em 1866 para combater as idéias livres defendidas pela Maçonaria, quando rebentou a “Questão Religiosa”¹⁵⁶.

O órgão católico era tipografado à Rua D. Amélia, no estabelecimento de Teotônio Esteves de Almeida. O jornal saía semanalmente sob a direção de D. Luís Antônio dos Santos e era redigido por Manoel Soares Bezerra, líder do tradicionalismo católico ultramontano local e pai do historiador cearense Antônio Bezerra de Menezes, que integrou a *Mocidade Cearense* e que, tempos depois, fazia parte do movimento literário e artístico da Padaria Espiritual.

Nos tempos da Padaria, de 1892 a 1898, o poder tradicional do clero, controlando as instituições de ensino como colégios e seminários, ainda seria muito forte. Daí a intriga dos padeiros com o clero, semelhante à querela entre a “educação ultramontana” de cunho doméstico e a “científica”, defendida pelos homens da Academia Francesa que procuravam laicizar tal educação numa educação pública, mais civil. A Academia Francesa diferente da

¹⁵⁴ MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. O Trono e o Altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará, 1817-1978. Fortaleza: BNB, 1992. pp. 61-95.

¹⁵⁵ NEVES, Berenice Castro. Intrépidos romeiros do Ceará: Maçons cearenses no império (1870-1880). Dissertação de Mestrado defendida no programa de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 1998.

¹⁵⁶ BARREIRA, Dolor. Op. Cit.; MENEZES, Djacir. Op. Cit.

Padaria Espiritual não possuiu um órgão próprio como *O Pão*, lançado em 36 volumes, nas duas fases¹⁵⁷ da “sociedade de letras e artes no geral”.

Os intelectuais da Academia Francesa esboçaram suas idéias redigindo no órgão maçônico liberal *Fraternidade, propriedade da Augs.: Loj.: Frat.: Cearense com o lema Ordo ab Chao*, fundado por João Brígido dos Santos, Thomas Pompeu Filho e João Eduardo Torres Câmara. Já os “homens de letras” da Padaria Espiritual lançariam ao todo, durante os dois momentos do grêmio artístico e literário, 13 trabalhos, sendo 5 em prosa e 8 em versos, figurados todos pela “Bibliotheca da Padaria Espiritual”.

Os cientistas sociais da Academia resumiram seus escritos no órgão maçônico *Fraternidade* e no *Cearense*, órgão de cor dos anseios liberais, dirigido pelo pai de um integrante da “geração moderna cearense”, o senador e padre Thomas Pompeu de Souza Brasil, já aludido neste trabalho. O Padre Thomas Pompeu morria em 1877¹⁵⁸, ano da terrível “Grande Seca”, tão bem estudada pelo padeiro Rodolfo Teófilo, o Marcos Serrano do grêmio de Antônio Sales.

Cabe ressaltar que as leituras evolutivas da “moderna geração cearense, corajosa e viril”, deram vazão à influência liberal¹⁵⁹ e econômica, pois pensadores franceses como Taine, Comte, Lamarck, Spencer, e ingleses, como Buckle, Darwin, davam suporte a uma idéia de “regeneração social”, na implementação de uma nova forma de pensar frente aos avanços das novas técnicas produtivas propiciadas pela expansão do capitalismo.

O poder da ciência e a irredutibilidade de suas leis era o maior aporte dos cientistas sociais da Academia. Todos os fenômenos sociais eram questionados à luz das ciências naturais num grau maior ou menor de sua complexidade. A partir de um pensamento de “fisiologia social” em que todos os fenômenos, por possuírem uma ligação intrínseca com os outros órgãos, careciam ser explicados.

Assim como a Academia Francesa, “pioneira” na divulgação das “idéias novas” e “modernas”, reconhecida por nomes significativos da história cultural brasileira como Afrânio Coutinho e José Veríssimo, quando se trata da instalação da “ideologia modernizante”¹⁶⁰, é preciso ressaltar a importância do outro centro significativo na divulgação das “idéias novas”, da Escola de Recife, surgida de um grupo de bacharéis da Academia do Recife, fundada em

¹⁵⁷ Para Pedro Nava, sobrinho afim de Antonio Sales, e Wilson Bóia a Padaria Espiritual atravessou três fases e não duas, como pensa Dolor Barreira. BÓIA, Wilson. Op. Cit. NAVA, Pedro. Baú de ossos. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

¹⁵⁸ STUDART, Guilherme. Op. Cit. p.232.

¹⁵⁹ MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. Op. Cit.

¹⁶⁰ VENTURA, Roberto. Op. Cit.

1868. A Escola do Recife ou Escola Teuto-Sergipana foi formada pelos cearenses Clóvis Beviláqua e Farias Brito, Silvio Romero, Artur Orlando, dentre outros, sob a direção maior do mestre Tobias Barreto¹⁶¹.

O grupo de intelectuais-bacharéis do Recife lia obras alemãs, com o próprio Tobias Barreto publicando obras em alemão. É bem verdade que no “universo de leitura” dos intelectuais da Academia Francesa, figuravam pensadores alemães¹⁶² como Kant, Hegel e Schopenhauer, lidos por meio da capacidade “enciclopédica” de Thomas Pompeu de Souza Brasil Filho, mas o grupo do Recife se deteve mais fortemente nas leituras alemãs, não sem razão que depois de Tobias Barreto, o expoente máximo Silvio Romero lia na língua germânica e até publicara alguma de suas obras¹⁶³.

Diferenciando em parte das obras francesas proclamadas pela *Mocidade Cearense*, o grupo capitaneado por Tobias Barreto e Silvio Romero elaborou um “germanismo cultural”¹⁶⁴ nas análises sociais brasileiras. Quando dos conflitos intelectuais por parte de Silvio Romero, fosse com José Veríssimo, fosse com Araripe Junior, Roberto Ventura pontua: “(...) *Silvio afirma que os participantes da Escola do Recife começaram a estudar o idioma dez anos antes dos escritores do Rio de Janeiro, o que seria outra prova do pioneirismo do grupo no germanismo cultural e na renovação das idéias no Brasil (...)*”¹⁶⁵

Silvio Romero, assim como seu grupo, iriam primar por uma análise cultural ou uma crítica literária estritamente racial¹⁶⁶, dada à influência notoriamente germânica, ao passo que a Academia Francesa seguiria suas análises a partir das observações mesológicas, eis o sentido das leituras francesas de Taine e Spencer, e inglesas, a partir de Buckle e Darwin. A

¹⁶¹ VERÍSSIMO, José. Op.Cit. COUTINHO, Afrânio. Op.Cit. PAIM, Antônio. História das idéias filosóficas no Brasil. 3ª ed. rev. e aum. São Paulo: Convívio [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. pp. 373-416.

¹⁶² AZEVEDO, Sanzio de. Op. Cit., p. 5.

¹⁶³ VENTURA, Roberto. Op. Cit.

¹⁶⁴ Ibidem.

¹⁶⁵ (...) Contra tudo e contra todos, brandia, um orgulho e altivez, a força “revigorante” das idéias germânicas e o legado da Escola do Recife, tida como primeira na irradiação do “bando de idéias novas”, que abalara os alicerces da literatura e da sociedade imperial (...). VENTURA, Roberto. Op. Cit., p. 140.

¹⁶⁶ (...) A respeito do criticismo científico literário de Silvio Romero, Antonio Candido afirma: “O exemplo que baila na sua imaginação é o de Lessing, é o de Herder, preparando, com seus estudos e sua crítica, o advento da literatura nacional alemã, sobre as ruínas do classicismo importado dos Klopstock, dos Gottsched. Desde os primeiros escritos é evidente que não lhe basta uma crítica de caráter puramente literário. Quer segundo o modelo cientificista dos seus mestres europeus, descer à análise dos fatores condicionantes – meio, raça, evolução social, tradições, quer atingir-se setores da vida coletiva – política, ensino. Passa pela filosofia, pela etnologia, pela sociologia. É bem um homem do seu tempo, embriagado pela revelação de tantas disciplinas novas, que pareciam trazer a chave do conhecimento. Um homem como foi taine-crítico, historiador, filósofo, esteta, romancista; como foi Oliveira Lima – romancista crítico, economistas, historiador, publicista, político; como foram Renan, Teófilo Braga, Tobias Barreto (...)”. CANDIDO, Antônio. O método crítico de Silvio Romero. São Paulo: EDUSP, 1988.p.96

concepção cultural por parte de Silvio Romero se liga diretamente a “superioridade” da raça branca européia em detrimento de mestiços e negros, o que inevitavelmente, frente ao processo evolutivo, segundo o bacharel, em função de tal “superioridade” com relação às raças menores, resultaria uma sociedade mais eugênica, “civilizada”.

No fundo, Romero, adepto das teorias raciais divulgadas nos institutos e museus brasileiros, pretendia mostrar e provar a “superioridade” cultural de um povo ou “raça” em detrimento de outro¹⁶⁷ e, assim, legitimar ou consolidar a ideologia liberal implementada pela Escola do Recife como nos lembra Antônio Candido.

Já a concepção de “evolução social” pautada no pensamento do cientista francês Jean Baptiste Lamarck, pela qual todos os seres derivam do mesmo tronco se transformando ao longo da escala zoológica em meio ao “processo evolutivo”, entranhou as análises sociais dos homens da Academia, suscitando daí a idéia de “seleção natural”, não percebida pelo pensador francês e mais tarde lembrada pelo autor do tratado das *Origem das Espécies*, Charles Darwin, em 1859.

Esta idéia de “seleção natural” permeou mais tarde alguns artigos da revista *A Quinzena* surgida em 1887, lançada pelo Club Literário, para forjar a idéia de um “tipo” cearense heróico, valente e forte, mesmo vivendo num “meio” geográfico hostil e sofrendo todas as inclemências deste meio¹⁶⁸.

A concepção de “adiantamento moral” de intrínseca relação com os elementos “raça” e “meio” geográfico seria, tempos depois, atualizada pelos movimentos culturais da Abolição, no início da década de 80 para alavancar um certo “progresso”, fosse para extinguir a “nódoa escrava”¹⁶⁹ que envergonhava a Terra da Luz, fosse para subtrair Fortaleza do

¹⁶⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit. pp.141-188.

¹⁶⁸ “(...) Rompa por entre os obstáculos naturaes ou sobrepuje os empecilhos e artificios oppostos pelo governo central que tem para elle a rispidez d’uma madrastra, parece que o cearense timbra em dar a todos seus actos sancção do sacrificio. A ardencia da natureza desta parte do continente sul-americano como que infiltrou nas funções physicas e moraes de seus filhos os traços reais da virilidade e altivez de sentimento que transparece nos seus usos e costumes, nas suas instituições, na sua pequena litteratura, na sua poesia popular tão vivamente colorida. Situado num meio alias fértil, mas, periodicamente esterilizado por um accidente climaterico, o homem tem desenvolvido extraordinariamente actividade procurando prover à sua subsistencia e precatar-se da acção dos phenomenos externos. Nesta luta muita vez reproduzida, reflectindo sobre as coisas e adquirindo, à custa de penosa experiência, conhecimentos e arte, tem-se-lhe apurado a agudez da percepção e accrescido a impressionabilidade de systema nervoso”(…) GARCIA, Abel. *A Quinzena*. Propriedade do Club Litterário. Anno I, nº 2, 1887.

¹⁶⁹ “(...) Em meio das grandes idéias que nobilitam o nosso século, uma grande vergonha faz ainda corar a nossa querida pátria. É a vergonha da escravidão! E ser o Brasil, este paiz, immenso, como immenso é seu território, livre, como livres sam suas matas seculares, cujas frondes topetam às nuvens, altivo, como altivas sam as catadupas que soerguem as águas de seus rios – oceanos, rico, como rica é a vegetação do seu solo, majestoso, como majestosa e a perspectiva de sua natureza, que há de contar em seu seio o elemento servil, elemento de vergonha, que o desconhecia na opinião das nações civilizadas? Oh não; é tempo que desapareça do meio de nós esta infâmia que retarda o nosso progresso e nos distancia do lugar que compete-nos no congresso nas nações. Enquanto a liberdade não congregar-nos no mesmo amplexo,

marasmo ou da indiferença das letras, idéia principal do Club Literário surgido em 1886 e, mais tarde, da Padaria Espiritual.

Mesmo num clima adverso e fruto do cruzamento de raças pouco adiantadas, o cearense era forte e glorioso por reagir às intempéries do meio. Suas forças eram arrojadas e o povo cearense, portanto, era heróico e glorioso. As colunas de Abel Garcia e Antonio Bezerra, futuro padeiro, constituem boas provas para demonstrar a influência das leis científicas na formação do caráter e da índole do povo cearense¹⁷⁰.

Somado a isto, acresce o fato de que, em 1870, um “sodalício de rapazelhos” terem se reunido em torno da *Fênix Estudantal*, movimento literário que a historiografia literária alude, mas nada registra devido à inexistência de fontes. Apenas se sabe que estavam reunidos nesta agremiação Rocha Lima com apenas 15 anos, João Lopes, com 16 e Fausto Domingues, com 19 anos¹⁷¹.

O que nos interessa aqui é a “evolução mental” que sofreu o pensamento do próprio Rocha Lima, que ele e seus companheiros de refrega intelectual da Academia tanto defendiam. O Rocha Lima da Academia Francesa já era o positivista arraigado¹⁷² à “irredutibilidade das leis” científicas, diferente do jovem que três anos antes colocara sua *Fênix Estudantal* sob o patrocínio de São Luiz Gonzaga¹⁷³.

como irmãos que somos perante Deus e a humanidade, perante a civilização e o progresso seremos um povo sem autonomia, sem consciência do nosso valor, por quanto amesquinha a nossa grandeza, as instituições liberaes que nos governam, o desequilíbrio de acção, o poderio do forte contra o fraco, do senhor contra o escravo, cuja permanência criminosa, a despeito dos brados de indignação da imprensa livre, atira ainda a face da nação a repetição de scenas de horrores, praticados a sangue frio e em pleno século XIX. Oh! Não, a escravidão não tem mais razão de ser; desaparecida de todas as nações que com grande sacrificios lavaram-na de seu solo, desapareça também do Brazil, que deve orgulhar-se de não ceder-lhe o passo na expansão dos sentimentos generosos. Só assim teremos fé no futuro que se ele desenrola deslumbrante, na attitudo soberana, que deve assumir como nação culta e que dam-lhe direito as forças vitais de que dispõe. Esta mais que provado que só o trabalho livre é que enobrece, e não aquelle que arregimenta a fortuna pública, amontoada à custa das lágrimas e do sangue dos desgraçados.” (...) Libertador. Órgão da Sociedade Cearense Libertadora. Anno I, nº 2, 15 de janeiro de 1881. p. 02.

¹⁷⁰ “(...) Poderosos factores do desenvolvimento social, cujas circunstâncias determinantes já evidenciamos, intervieram na formação do character cearense: o meio, a luta pela existência e, derivadamente, a seleção natural. A mulher cearense compartilhando, portanto, o *modus vivendi* do homem irriçado de difficuldades, alargando o circulo de sua actividade, adquiriu esse exaggero de sensibilidade, a extremada vivacidade de sentimento e vigor mental que deu-lhe direito de occupar saliente posição nos ousados commetimentos que convulsionaram a província e repercussão em todos os angulos do paiz (...)” GARCIA, Abel. “A mulher cearense”. In: A Quinzena, Ano I, nº 3. Fortaleza, 15 de fevereiro de 1887, nº 3, p. 24.

¹⁷¹ BARREIRA, Dolor. Op. Cit., p. 85. (...) “Não hesito em apontar em Rocha Lima o verdadeiro precursor dos ideadores da socialização de nossos letrados. O mais tarde, autor de *Crítica e Literatura* tinha jeito para controlar. Em 1870, com João Domingues, ele fundara a *Fênix Estudantal*, que era um sodalício de rapazelhos, de vez que Rocha Lima tinham, então 15 anos, João Lopes, 16, e Fausto Domingues 19. (...) Note-se: quem, um triênio depois daria na famosa Academia Francesa provas de ferrenho agnosticismo, começara pondo a *Fênix Estudantal* sob o patrocínio de São Luís Gonzaga” (...). MOTA, Leonardo. Op. Cit., p. 26.

¹⁷² MENEZES, Djacir. Op. Cit.

¹⁷³ BARREIRA, Dolor. Op. Cit.

Outro fato que vale ressaltar é que para Leonardo Mota, folclorista e célebre estudioso da Padaria Espiritual, vale o teor associativo¹⁷⁴ do grupo, o que balizou e deu sentido aos inúmeros movimentos literários locais que se formavam, pretendendo subtrair Fortaleza do marasmo intelectual ou da indiferença das letras, artes e ciências.

Instruídos nos ares científicos e modernos dos três estágios, como apregoava Comte¹⁷⁵, o estado político moderno-científico seria o “positivo”, uma vez instaurada a “nova” ordem republicana, sob os auspícios da ciência.

O princípio ideológico desse pensamento está explícito nas palavras de Tomas Pompeu Filho, integrante da Academia Francesa, filho do ilustre Senador Pompeu, fundador do órgão do Partido Liberal o *Cearense*, e do Liceu do Ceará em 1845. Tomas Pompeu de Souza Brasil Filho, na primeira conferência na *Escola Popular* ou *Escola Noturna* sobre o curso de *História Universal*, afirma:

(...) “A ciência tem um instrumento que se chama método. Além do método, deve ter ela uma esfera determinada de fenômenos explicados por leis, os quais devem prender-se a um fato supremo, final, isto é, a uma lei irredutível.

Toda vez que qualquer ciência se acha possuidora desses três requisitos, a sua constituição afirma-se.

A sociologia possui um método idêntico ao das ciências da natureza, um grupo determinado de fenômenos que são as ações humanas em concorrência social e uma lei irredutível que é a evolução.

Mingisem, portanto, pode negar-lhe o cunho científico

Resta classificá-la na hierarquia dos conhecimentos humanos, que mistificados e generalizados, constituem o que chama filosofia”¹⁷⁶ (...) (grifo nosso).

As conferências¹⁷⁷ científicas na *Escola Noturna* ou *Popular* sobre *Soberania Popular* (Thomas Pompeu de Souza Brasil Filho), *Liberdade Religiosa* (Xilderico de Faria) *O Papado* (Araripe Junior) pretendiam disseminar os anseios civilizatórios de crítica à

¹⁷⁴ MOTA, Leonardo. Op. Cit. pp.85-98.

¹⁷⁵ (...) De acordo com esta doutrina fundamental, todas as nossas especulações estão inevitavelmente sujeitas, tanto no indivíduo como na espécie a passar sucessivamente por três estados teóricos diferentes, que as denominações habituais de teológico, metafísico e positivo podem aqui qualificar de modo suficiente para aqueles, pelo menos, que tiverem compreendido bem seu verdadeiro sentido geral. Embora a princípio indispensável sob todos os aspectos, o primeiro estado deve ser doravante concebido sempre como puramente provisório e preparatório; o segundo, que é na realidade a modificação dissolvente do anterior, nunca comporta mais que um simples destino transitório, a fim de conduzir gradualmente ao terceiro; é neste, único plenamente normal que consiste em todos os gêneros o regimen definitivo da razão humana. Em seu primeiro surto, necessariamente teológico, todas as nossas especulações manifestam espontaneamente uma predileção característica pelas questões mais insolúveis, sobre os assuntos mais radicalmente inacessíveis a toda investigação decisiva (...). COMTE, Augusto. Discurso sobre o espírito positivo: São Paulo: Ed. Escala, 1995. pp. 15-16.

¹⁷⁶ LIMA, Rocha. Op. Cit. p. 230-231.

¹⁷⁷ AZEVEDO, Sânzio de. Op. Cit.

Monarquia, cujo poder representativo não era “democrático”, uma vez que teológico, porque baseado pelo pensamento da Igreja.

Os homens agremiados sob a Academia Francesa acreditavam na evolução do pensamento da mente humana condizente a um “aperfeiçoamento intelectual”. Para eles, tal e qual um ser vivo que nasce, desenvolve e morre, o pensamento humano evolui ancorado nas leis que ditam o “processo evolutivo”.

Outro elemento muito em voga e por demais importante, apenas citado, mais pouco explorado pela Academia foi a idéia de “raça”, o que privilegiou o outro centro disseminador das “idéias novas”, a Escola do Recife, liderado por Tobias Barreto e Silvio Romero, que contou com a participação do cearense Farias Brito e Clóvis Beviláqua que, em entrevista ao cronista Luiz Edmundo, o João do Rio, afirma ter sido fortemente influenciado pelo autor de *Crítica e Literatura*, Rocha Lima¹⁷⁸.

As leituras evolutivas, tempos depois, seriam atualizadas¹⁷⁹ pelos homens do abolicionismo, iniciadas na década de 80, defendendo “verdades positivas”¹⁸⁰, uma “aversão às leis morais”, criticando o “comércio de carne humana” e clamando por um regime republicano. O Club Literário, surgido em 1886, e sua revista *A Quinzena* em 1887, instrumentalizaram os elementos “raça” e “meio”, como fica claro nos artigos de Abel Garcia e Antonio Bezerra, sobre a influência do “meio” geográfico na formação da índole do “tipo” cearense.

Portanto, apesar de serem as idéias de “evolução social” as mais significativas, os intelectuais da Academia Francesa lançaram outras idéias que mais tarde foram atualizadas pelos outros movimentos literários já citados. Se o movimento do Club Literário foi tipicamente marcado por uma literatura naturalista baseado nas leis científicas, a Padaria Espiritual se conformaria com as idéias de “meio” e “raça” assumidas por Rodolfo Teófilo,

¹⁷⁸ MENEZES, Djacir. Op. Cit. p.63.

¹⁷⁹ OLIVEIRA, Almir Leal de. Saber e poder: o pensamento social cearense no final do século XIX. Op. Cit.

¹⁸⁰ “(...) Já não é uma aspiração utópica, vaga, indefinida a redenção universal dos escravos. De uma theoria abstracta platonicamente involta nas brumas e ficções da palavra, temos por assim dizer a concretisação plastica de um phenomeno social; de um producto ethereo do subjectivismo paradoxal, temos a affirmação cathegorica de uma verdade positiva. O grande intuito da collectividade nacional já não pode ser illudido por sophismas nem paralogismos; porque o trabalho hercúleo da geração moderna é domar todas as hydras e chimeras do pensamento humano. Diante do progresso, que é o dynamismo univers das sociedades constituídas, abatem-se todas as muralhas do immobilismo tradicional, que tem gerado a raça dos novos Cains, immoladres de seus irmãos nas aras do egoísmo.. O progresso, como a religião da humanidade, tem como scopo supremo a fraternidade dos homens e dos povos, commungando todos no mesmo agape os mesmos direitos e os mesmos deveres. Nós, que representamos a opinião, queremos a consagração política social dos princípios de liberdade, de justiça de solidariedade, que constituem a sciencia moderna. (...) Libertador. Órgão da Sociedade Cearense Libertadora. Anno I, nº 2, 15 de janeiro de 1881. ed. Fac-similar. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1988.

basicamente em seus escritos *Maria Ritta* e *Os Brilhantes*, analisados ao longo deste trabalho e lançados durante os tempos do grêmio de letras e artes no geral.

O padeiro Rodolfo Teófilo muito se deteria, nos tempos da Padaria, aos fatores de “meio” e “raça” para explicar a influência das leis científicas na formação da índole humana. O “meio social”, elemento lançado pela *Mocidade Cearense* da década de 70, a partir da Academia Francesa, explicaria assim o grau de “ignorância” de determinados seres. Assim, é que Teófilo explica o aparecimento de alguns elementos latentes em função do atavismo, leis da hereditariedade, que capacita ao “meio” despertar ou frear estes elementos humanos.

As “práticas abolicionistas” ou suas leituras seriam, tempos depois, a aplicação direta¹⁸¹ das idéias iniciadas e divulgadas pelos homens da Academia Francesa, em sua *Escola Popular* ou *Noturna*, com suas conferências públicas que viam a sociedade a partir do pensamento científico, atrelada à irredutibilidade das leis, tal como um organismo vivo, em que a “História” seria não menos que a passagem de um momento a outro em que se chegaria, inevitavelmente, ao estágio “moderno-civilizatório”, o estágio positivo, o estágio liberal, como apregoava Comte.

Neste momento, é que se percebe a atualização dos ideais principiados pelos homens da Academia Francesa, tendo por base os ideais de “evolução social” somente permitido pelo poder da razão, da ciência, em detrimento do pensamento teológico e conservador da Igreja.

Assim como o grupo de Rocha Lima acreditava instaurar novos tempos a partir do poder da razão e da ciência, ou seja, subtrair um período de crendices e superstições, instaurando uma “nova mentalidade”, característica de um novo estágio, os abolicionistas acreditavam nos ideais científicos que bem caracterizavam uma “evolução mental” e “social”¹⁸².

¹⁸¹ Segundo Almir Leal de Oliveira, é a partir da Academia Francesa que emerge uma leitura peculiarmente evolutiva da estrutura social cearense. O que antes existia era a preocupação disciplinar do trabalho como forma de coibir possíveis revoltas e preocupações com outras particularidades modernas encapadas sob uma estética de *belle époque*. De acordo com Oliveira. (...) “Podemos até aqui verificar que a partir da seca de 1877 algumas abordagens sociais foram construídas na imprensa local, a partir do cotidiano estabelecido com a presença da população retirante na cidade de Fortaleza. Podemos ainda argumentar que este momento de desorganização da província possibilitou a construção de representações sociais que tiveram como eixo central a disciplina e o trabalho, instrumentos de superação das questões imediatas colocadas pelas secas. E ainda, que a idéia de positividade do trabalho expressa pela imprensa local já incorporava elementos de leituras evolucionistas, porém de uma forma mais superficial e pontual e que ainda não se caracterizavam enquanto uma leitura do social, sob a ótica dos intelectuais (...) OLIVEIRA, Almir Leal. Op. Cit., p. 90. PINHEIRO, Francisco José. A organização do mercado de trabalho no Ceará (1850-1880). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco, 1990. Op. Cit.

¹⁸² BEZERRA, Antonio. Op. Cit.

Assim como os integrantes liberais maçons da Academia Francesa como Thomas Pompeu Filho, em sua conferência na *Escola Popular sobre História Universal*, dizia ser a disseminação das idéias científicas com suas leis irredutíveis um “movimento civilizador”, o padeiro Antonio Bezerra, intelectual muito atuante nos grupos literários do Club e da Padaria, e um dos fundadores do Instituto do Ceará, dizia ser o movimento abolicionista também um “movimento civilizador.”

Na libertação dos cativos de Canindé, no Ceará, em 4 de outubro, a “*Sociedade Cearense Libertadora*” mandara uma comissão para prestigiar a solenidade do ato. É o padeiro Antonio Bezerra quem narra momentos desta festa:

(...) É impossível descrever o que se passou naquêlle dia
Coincidiu justamente a festa do padroeiro com a da libertação do município, e por
isso a população afluio em massa dos pontos circunvizinhos, achando-se pelas dez
horas do dia, quando começou o acto no corpo da igreja matriz, para mais de cinco
pessoas.
Foi um delírio
Antonio Cruz não se poupou a sacrificios, e muita gente ainda hoje recorda com
saudades aquella data gloriosa.
Nada faltou para a solenidade do acto
A sessão magna esteve imponentíssima, e o povo cumpriu o seu dever, saudam os
heróis do movimento civilizador¹⁸³ (...) (grifo nosso)

Mapeando o *Libertador*, órgão da *Sociedade Cearense Libertadora*, cujo primeiro número é lançado em 1º de janeiro de 1881, o que se percebe em suas colunas é uma multiplicidade de idéias que se filiam aos princípios liberais da Revolução Francesa, a uma moral cristã, à “evolução social” nos moldes do positivismo ortodoxo, a um nacionalismo extremado, a uma razão iluminista que se instaura pelo poder da razão, etc. Assim, logo no Programa, lançado no primeiro número do jornal, esclarecia o *Libertador*:

(...) Com o paiz que se levanta em prol da mais santa das causas, vem hoje o
Libertador inscrever-se na liça de seus combatentes.
Sua missão é de amor; mas não vem trazer a paz.
A liberdade só combate com a espada; porque a tyrannia não cede a razão e nem
conhece o direito.
Onde estiver o oprimido, ahi estaremos nós.
Fição suspensas as garantias dos potentados.
Contestamo-lhes o direito de servir os únicos que tem razão.
Liberdade, egualdade e fraternidade e a legenda de nosso estandarte.
A consciência humana também não reconhece outro principio
Ao reflexo da nova aurora, ao clarão da luz que tem illuminado as páginas da
história, começamos, pois, a nossa romagem.
No seu apostulado o Libertador não restringe a sua esphera de ação. (...) ¹⁸⁴

¹⁸³ BEZERRA, Antônio. Op. Cit., p. 65.

¹⁸⁴ Libertador. Órgão da Sociedade Cearense Libertadora. Anno I, nº 1, 12 de janeiro de 1881. Op. Cit., p. 01.

Com os princípios da razão, às vezes, somados aos princípios da Revolução Francesa, a “nódoa” da escravidão que fazia a “vergonha do Brasil” frente às nações livres e cultas, “não tem mais razão de ser”. Para o engrandecimento da pátria fortalecida pela filantropia do povo cearense, fadado aos grandes cometimentos, a Abolição se torna uma “verdade positiva”, algo inexorável, tal e qual a “irredutibilidade das leis científicas defendidas pelos homens da Academia Francesa”.

(...) “Oh não; é tempo que desapareça do meio de nós esta infâmia que retarda o nosso progresso e nos distancia do lugar que compete-nos no congresso nas nações. Em quanto a liberdade não congraçar-nos no mesmo amplexo, como irmãos que somos perante Deus e a humanidade, perante a civilização e o progresso seremos um povo sem autonomia, sem consciência do nosso valor, por quanto amesquinha a nossa grandeza, as instituições liberaes que nos governam, o desequilíbrio de acção, o poderio do forte contra o fraco, do senhor contra o escravo, cuja permanência criminosa, a despeito dos brados de indignação da imprensa livre, atira ainda a face da nação a repetição de scenas de horrores, praticados a sangue frio e em pleno século XIX (...)”¹⁸⁵. (grifo nosso).

A escravidão era a “vergonha do Brasil” e causa do atraso do país porque ia de encontro as suas “leis morais”, princípio da inevitável lei evolutiva, resultado de sua “verdade positiva”. Jamais o Brasil seria um país “moderno” e “civilizado”, sustentando a “nódoa escrava”, este infame “mercado de carne humana”:

(...) Lembrae-vos que é ella uma violação as leis moraes e sociais do mundo moderno, que para nós converge neste momento suas vistas, confiando na generosidade nunca desmentida de vossos corações.

Nós que aceitamos sem repugnância todos quantos melhoramentos a civilização tem inventado, que fomos os primeiros em admittir ao uso o suytima métrico decimal, quando em outras partes derramou – sangue para obrigar a sua introdução, que sem o balejo do governo já estávamos effeitos a ouvir o grito da locomotiva abrangendo não poucos Kilometros de terrenos, que não nos deixamos vencer em dedicação e patriotismo, não seremos indifferentes ao maior feito deste século – a extinção da escravatura. (...)”¹⁸⁶ (grifo nosso).

Como se notifica, segundo o *Libertador*, o Brasil não seria um país “civilizado” se continuasse a ser escravista. Nesses discursos, já não aparece a idéia de uma raça pouco adiantada em função de sua mestiçagem e de um meio físico e social adverso, como seria concebido pouco tempo depois na *Quinzena*, mas sim o grau de compreensão do cearense, elemento que pode muito bem capacitá-lo a uma sociedade “civilizada”, culta e “moderna”, vivendo o “estágio positivo”, o último estágio da escala social.

Já não aparece somente a força física do cearense, mas também a força intelectual capaz de “conhecer”, justamente, as leis científico-morais, levando a sociedade rumo à

¹⁸⁵ Libertador. Órgão da Sociedade Cearense Libertadora. Anno I, nº 2, 15 de janeiro de 1881. Op. Cit., p. 1.

¹⁸⁶ Ibidem p. 1.

“civilidade”. O cearense já não era mais o resultado de raças pouco adiantadas e produto do meio, sendo, pois, considerado “bárbaro”, mas inteligente, por ter aceitado pacificamente os “*Quebra-Quilos*”¹⁸⁷ sem repugnância, o que significa conhecer, na visão dos “homens de letras”, as particularidades civilizatórias, pressupondo, pois, sua própria capacidade à “civilização”.

A sociedade cearense, por ser “inteligente” e “civilizada”, jamais iria se opor às leis evolutivas. Daí a recorrência extrema à população ou ao povo cearense, sentido maior de um nacionalismo extremado¹⁸⁸. A abolição da escravidão foi resultado da inteligência do povo cearense por este compreender as “leis evolutivas” que culminariam numa sociedade “civilizada”, “moderna”, não mais atrasada, bárbara e ignorante:

“(…) A revolução pela intelligencia tem a força da erupção das crateras.

Tudo submerge.

Passou felizmente a aristocracia do dinheiro e tocamos ao reinado do talento, onde perante o século tem mais mérito o obreiro vulgar que conhece sem direitos políticos, que o fazendeiro bestial que mal saber ler e calcular o redito de uma safra de café.”¹⁸⁹ (grifo nosso)

¹⁸⁷ Em um dos romances do farmacêutico e padeiro Rodolfo Teófilo, escrito durante os anos da Padaria Espiritual, o intelectual narra o que foi a revolta dos Quebra-Quilos. *Os Brilhantes*, tem como trama a revolta contra a adoção dos novos pesos e medidas da vila de Patu, situado no estado do Rio Grande do Norte. A partir do romance, se lê (...) Palácio do Governo da Paraíba, 6 de janeiro de 1874. Tendo sido adotado, pelos poderes competentes o sistema métrico decimal, recomendo a Vmc que no primeiro dia do mês vindouro o faça adotar nesse município, cessando absolutamente o uso dos antigos pesos e medidas. Deus guarde a Vmc. Sr. Presidente da Câmara Municipal da Vila. Era o presidente do edis da vila que àquela hora recebia do governo da província a ordem de pôr em prática o novo sistema de pesos e medidas e finalmente o que dizia o ofício, mas o que o estava preocupando seriamente era o sistema métrico decimal. Por mais que refletisse não chegava a compreender a significação daquelas três palavras. Repeti-as pausadamente como se o ouvido impressionado pelo som lhe desse conhecimento e lhe clareasse a razão. A família já estava toda de pé e a mulher estranhando o fechamento de portas àquela hora, veio à sala e encontrou o marido na mesma posição, de candeia acesa a repelir: - sistema métrico decimal! A primeira vista julgou-o alucinado, mas ele a tranqüilizou dizendo que era uma ordem do governo mais difícil de adivinhar do que as sortes do tio Bernardo. Ciente do contratempo, a sertaneja se retirou, depois de ter aberto as portas e janelas que davam para a rua. A entrada brusca da luz obrigou o matuto a fechar os olhos. Logo que pôde ler, continuou a repetir – sistema métrico decimal.(...) .TEÓFILO, Rodolfo Marcos. *Os Brilhantes*. 3º ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1972. p. 26.

¹⁸⁸ “(...) As grandes idéias partiram sempre do povo. É elle quem dá a primeira e a última palavra em todas as questões. Inicia a evolução e consuma a revolução. Erige o principio em direito e converte a lei em costume. Aquillo que o povo quer, é o que se faz. E o governo que se levantou contra elle, cahiu irremissivelmente perdido. É o povo que derruba o throno e levanta o cadafalso. A sua autoridade tem tanto pezo, que a história erigiu em provérbio – Voz do Povo, voz de Deus. E contra essa voz que tudo pode, só subsiste o recurso de acceitar-lhe a imposição. Prova desta verdade, ahi então os acontecimentos recentes que toda a nossa capital presenciou. No dia 27 de janeiro uns senhores que não conhecem outro meio de vida, senão comprar e vender creturas humanas, trataram de exportar para os portos do sul quatorze homens e mulheres. Quando, á luz da civilização, a sociedade inteira se levanta contra a escravidão, o povo cearense não podia ficar aquém do seu século e collocar-se na reta-guarda dos tempos que já lá foram”. “Os Acontecimentos de 27, 30 e 31 de janeiro”. *Libertador*. Órgão da Sociedade Cearense Libertadora. Anno I, nº 3, 7 de fevereiro de 1881. Op. Cit., p. 1.

¹⁸⁹ A coluna apresenta-se desta forma mas acreditamos ser a palavra crédito e não redito. *Libertador* Órgão da Sociedade Cearense Libertadora. Anno I, nº 3, 7 de fevereiro de 1881, p.3

Aqui se percebe não mais a retórica das tradicionais oligarquias rurais que se conservavam no poder por meio de idéias conservadoras da elitista Faculdade de Direito do Recife sempre por meio da força, da política do bacamarte, mas sim a fala de uma geração moderna cearense, em parte herdeira dos chefes políticos tradicionais, que se instruíra tendo em vista o poder das letras, consumidora das “leituras novas ou modernas”, que caracterizou a gloriosa Geração de 70¹⁹⁰ com seu projeto modernizador a partir dos valores científicos.

A escravidão é explicada a partir das leis sociais acessíveis àqueles que as conhecem e nelas acreditam. O mesmo discurso empreendido pelos homens da Academia Francesa é compartilhado pelos homens da *Sociedade Libertadora Cearense*. Ambos acreditavam que o “aperfeiçoamento intelectual” subtraía, por meio da razão, um estágio bárbaro, de ignorância e os colocaria num estágio inteligente, culto e facilitador das leis morais, a “verdade positiva”, face à irredutibilidade das “leis modernas” evolucionistas.

1.4 Semelhanças e diferenças da Padaria Espiritual em relação aos movimentos anteriores

Diferente da Academia Francesa, carregada pela *Mocidade Cearense* que introduziu e disseminou os “ideais novos” e “modernos” baseados nos valores técnicos da ciência experimental quando das leituras evolutivas dos primeiros anos da década 1870, e do movimento abolicionista que conclamou a valentia, força e, sobretudo, a glória do povo cearense de uma forma jamais vista, o movimento dos padeiros seria tipicamente um movimento das *belas artes*, preocupado com a instalação e desenvolvimento das letras, artes e ciências.

A Padaria Espiritual surgia para subtrair a provinciana Fortaleza do “marasmo” ou “indiferença” das letras e artes, não sem razão que a sociedade dos padeiros, como rezava o *Programa de Instalação*, se dizia um grêmio “de rapazes de letras e artes”¹⁹¹. Semelhante ao movimento do Clube Literário e sua revista *Quinzena*, surgidos seis anos antes, a Padaria Espiritual prometia despertar o gosto literário e artístico numa província ainda afeita às questões partidárias assumidas pelos grandes jornais, disputas de grandes famílias, mexericos e, sobretudo, num meio ainda marcado pelas carências materiais da província, onde as letras

¹⁹⁰ VENTURA, Roberto. Op. Cit. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit. CANDIDO, Antônio. Op. Cit.

¹⁹¹ PROGRAMA de Instalação da Padaria Espiritual. Fortaleza: Typ. d'O Operário. 1892.

difícilmente medrariam, conforme noticiava o *Pão* frente ao seu surgimento, ante uma sociedade indiferente às letras, artes e ciências.

“(…) A capital do Ceará encantadora como uma pérola do Oriente, bella como a conheceis, é entretanto, uma cidadezinha sofrivelmente atrasada com laivos de civilização. Si temos duas livrarias, em compensação não temos livros que prestem. Para matar o tédio que nos mina e consome a existência, somos obrigados a ir, às quintas-feiras e aos domingos, alli no Passeio Público exhibir a melhor de nossas fatiotas e o mais hypocrita e imbecil de nossos sorrisos.

Não vivemos - vegetamos

Na falta de um divertimento bom que nos deleite o espírito e nos faça vibrarem os nervos, occupamo-nos de política torpe, reles, suja, indigna de ser tocada por mãos que calçam luvas de pellica.

Temos, é certo, dois clubs choreographicos que se abrem uma vez por mez a todo cidadão que calça burzequins; porém, é força confessar, a vida não consiste exclusivamente em comer, procrear, dormir e dansar.

A litteratura e as artes são, por assim dizer, os melhores tonicos para o espírito.

A Padaria Espiritual é, pois (não vos escandalizeis) uma instituição utilíssima, tão útil quanto a Sociedade S. Vicente de Paula, tão necessária quanto o Instituto Histórico e Geographico; e *O Pão*, cujo apparecimento foi causa de tantos commentarios injustos, é, nada mais nada menos, que o vehiculo das nossas idéas, o archivo hebdomadário dos nossos pensamentos, das nossas palavras e das nossas obras. (...) ¹⁹² “(grifo nosso).

A mesma situação de indiferença geral com relação às letras e às artes, denunciada pelo agora padeiro Felix Guanabarin, momento antes recebeu críticas por parte do futuro padeiro Antônio Bezerra, quando integrante do Club Literário, o André Carnaúba, que redigiu na *Quinzena*, autor da coluna *Nosso Progresso*.

Nos tempos do Club Literário, o marasmo ou a indiferença das letras era geral, apesar de Antonio Bezerra se voltar ao momento de atuação da Academia Francesa e dissertar sobre a “personalidade geniosa” de Rocha Lima¹⁹³. Intelectual comprometido com as

¹⁹² O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 2, 17 de janeiro de 1892. Edição Fac-similar, Fortaleza: EUFC/ACL/PMF, 1982. p. 2.

¹⁹³ Antonio Bezerra que integrou a *Sociedade Cearense Libertadora* e faria parte do grêmio de Antonio Sales ressaltava o marasmo das letras em Fortaleza no momento em que surgia o Clube Literário. Assim escrevia Antonio Bezerra na *Quinzena*: “(…) Cerca de vinte annos atraz mais ou menos, poucos, bem pouco dos nossos compatriços, residentes na província, se dedicavam a estudos de litteratura, e ainda menos a especulações scientificas. É certo que para aqui regressavam alguns bacharelizados pela academia do Recife, mas estes quanto muito faziam do direito o alvo de suas locubrações, impellidos pela necessidade de salientarem-se na advogacia si antes, preferindo a carreira da magistratura, não iam para o interior depreciar-se pela indolência e identificar-se mesmo com a ignorância dos seus jurisdicionados. Apesar da invariabilidade desta regra, de quando em vez surgia aqui ou alli uma mobillissima excepção. Quanto aos outros, os que não tinham a sagração acadêmica, mas dispunham de aptidão para as letras, definhavam à míngua de estímulo eu deria antes mais acertadamente, do apreço de entendido em assumpto tão elevado, e bem cedo descoroçoados deixavam-se levar sua onda invasora. Só um ou outro mais impertinaz dava de quando em quando signal de vida na imprensa, mas sempre despercebidamente. Eu que do Rio e S. Paulo trouxera um pouquinho dessa ancia de saber communicada pela convivência de talentosos condiscipulos, tive de ceder ante a indiferença geral, mau grado o desesperado esforço que empreguei para congraçar os pouco que liam, pode-se assim dizer. O mal era geral. Com Juvenal Galeno, José de Barcellos, Catão Mamede e Dr. Augusto Barbosa, em cuja casa nos reuníamos aos domingos, tentamos e vimos com tristeza avultarem as difficuldades na criação de um jornal litterário, que servisse de centro, onde se agremiassem os moços intelligentes e com disposições para as letras. Não se encontrava

estruturas de poder, uma vez que participou tanto dos movimentos culturais da “velha mocidade”, quanto dos “novos do Ceará”, sendo, pois, um dos fundadores do Instituto do Ceará, Antonio Bezerra forjaria um “progresso”, devido justamente às carências das atividades letradas ou culturais em Fortaleza.

Adolfo Caminha, o Felix Guanabarrino, padeiro integrante da primeira fase da sociedade literária e artística, foi possivelmente um dos mais ácidos intelectuais comprometidos com os anseios civilizatórios de “progresso” e “modernidade”. Expulso da Padaria devido a suas críticas contundentes já na *A Normalista*, onde denunciou uma “terra de aldeia”, de espírito provinciano, em contraposição ao Recife, símbolo de “civilização” e “modernidade”, onde lá estudava o filho do Coronel Souza Nunes, o bacharel Zuza, Fortaleza era neste momento um “arremedo de civilização”, uma “terra de bugres”, uma cidade “muito atrasadinha”, mais acostumada aos mexericos da vida alheia do que com as reais questões literárias¹⁹⁴.

Esta tomada de consciência a favor da “civilização” se notifica, sobretudo, nos primeiros números do *Pão*, juntamente com o caráter de troca e pilhéria, onde o grêmio se preocupava com o estado de abandono do *Parque da Liberdade*, com a destruição do *Cassino*, e com a falta de iluminação do terceiro plano do Passeio Público¹⁹⁵, elementos em que

assignantes e muito menos leitores. Recorremos a idea de fundação de uma bibliotheca e a bibliotheca teve a sorte do jornal. Como ultimo recurso lembrou um dos companheiros a vantagem de instituir-se uma associação, com o fim de serem discutidas theses sobre diversos assumptos, o que foi bem accedido; mas não chegou a realizar-se por falta de frequentadores, e, como devia acontecer, despersaram-se os associados cada um para o seu lado. Não obstante esse menosprezo aos productos da intelligencia, eu enviava por vezes, quando me apertavam as saudades do tempo de estudante, algumas linhas para o Cearense, e de tudo quanto escrevi, me lembro que uma única vez encorajou-me a prosseguir o Sr. Major João Brígido. Isso no decurso de 1868 (...). BEZERRA, Antonio. “Nosso progresso”. In: *A Quinzena*. Propriedade do Club Litterario. Anno II, nº 7. Fortaleza 3 de maio de 1888. pp.51-53 (grifo nosso).

¹⁹⁴ “(...) João conhecera-o uma noite no baile do Dr. Castro. Havia meses que se achava em Fortaleza estudando o quinto ano de direito e gozando a sua fama de rapaz rico. Às seis horas da tarde já lá estava ele no trilho, em casa do amanuense queixando-se da monotonia da vida cearense e gabando com ares de fidalgo, a Capital de Pernambuco. Ali, sim, a gente pode viver, pode gozar. Muito progresso, muito divertimento: corridas de cavalo, uma sociedade papa - fina multíssimo bem educada, magníficos arrabaldes, certo bem-gosto nas toilettes, nos costumes, certas comodidades que ainda não havia no Ceará... – Ao que parece o Sr. Zuza não gosta do Ceará... disse-lhe um dia D. Teresinha, - Absolutamente não, minha senhora. Sou meio exigente em matéria de civilização; isto me parece, ainda uma terra de bugres... – De bugres?! -... Sim, uma Terra em que só se fala nas secas e no preço da carne verde. V. Ex^a compreende, não pode corresponder à expectativa d’um rapaz de certa ordem, por assim dizer educado na Veneza Americana(...)” CAMINHA, Adolfo. Op. Cit., p. 18-19. (grifo nosso).

¹⁹⁵ Possivelmente foi a Praça do Passeio Público o mais significativo espaço mundano para a elite fortalezense. Antiga Praça dos Mártires devido as mortes dos heróis da Confederação do Equador de 1824 e dos movimentos insurrecionais de 1817, era no Passeio Público que fluíam as idéias consonante ao momento histórico como aconteceu com as idéias abolicionistas e republicanas. Dividido em três planos, a avenida Caio Prado destinava as elites, enquanto para a “araia-miúda”, “canelau”, restava a avenida Mororó.” Ver MENEZES, Raimundo de. “Origens do Passeio Público. In: Coisas que o tempo levou: crônicas, históricas da Fortaleza antiga. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. pp.93-97.

incidirão fortemente os ideais civilizatórios de “progresso” e “modernidade”, nos anos febris da *belle époque*.

Já no primeiro número d'O *Pão*, o jornal sagrava os efeitos de uma cidade “moderna”, tal como Londres, Paris, ou mesmo o Rio de Janeiro. Isto porque Fortaleza acomodaria um Prado, local de apostas para a burguesia que lá se dirigia aos domingos, classe “mais” perseguida pelos padeiros. A contradição maior é que o *Pão* e alguns padeiros ora criticavam esta diversão profundamente elitista, ora enalteciam como pressuposto indispensável ao estabelecimento de uma sociedade “civilizada”, conforme se ler, no jornal, segundo palavras do idealizador da Padaria e padeiro-mor Antonio Sales:

“(…) Pensamos que este divertimento predilecto das grandes cidades vai ter entre nós o maior incremento e cahirá gostosamente no gosto de nosso povo, que, antes de ter notícia dos prados de Paris, de Londres e do Rio de Janeiro, já fazia as boas cavalhadas de que os velhos nos falam em saudade. Em nossa próxima edição falaremos minuciosamente a respeito do Prado dando os números dos animaes inscriptos, seus nomes, seus donos etc (...).”¹⁹⁶

É ambíguo que Adolfo Caminha, um dos padeiros mais comprometidos com os anseios “modernos”, fosse, num primeiro momento, enaltecer¹⁹⁷ uma sociedade fina, burguesa, e pouco depois criticar a degeneração de sua “cultura popular” com o estabelecimento justamente dos elementos “civilizados” ou das “normas modernas” defendidos por alguns colegas seus das letras cearenses.

Assim como se presenciam intelectuais padeiros sagrando os benefícios do “progresso” e “modernidade”, como no caso de Antônio Sales (Moacyr Jurema) e Adolfo Caminha (Felix Guanabarro), presenciam-se padeiros que denunciaram a “degeneração” dos costumes populares em face à desmesurada apologética “civilizatória” como José Carlos Junior, Sabino Batista, Antônio de Castro, Lopes Filho, Lívio Barreto e Cabral de Alencar.

Num contexto onde não mais careciam os ideais científicos que serviram de base para extinguir a “nódoa escrava” e implementar um “imaginário” de república, o movimento dos padeiros iria revelar múltiplas “posturas intelectuais”, que guardam desde um romantismo-conservador onde a imagem do escritor maior cearense seria enaltificada, caso de José de Alencar, sendo até propugnada uma estátua em sua homenagem, uma razão-iluminista, que serviria de base aos discursos de “civilização” e “progresso”, intrinsecamente associada aos movimentos literários, propondo subtrair a “atrasada” e provinciana Fortaleza

¹⁹⁶ O Pão... da Padaria Espiritual. Fortaleza, 10 de julho de 1892, nº 01, p. 01.

¹⁹⁷ CAMINHA, Adolfo. Tentação: no País dos Ianques. Op. Cit.

da “barbárie” e “ignorância” e, sobretudo, a linguagem simbolista por parte dos padeiros poetas decadentistas Lopes Filho, Livio Barreto e Cabral de Alencar, com o surgimento de suas poesias mórbidas, onde a “ressaca da modernidade”¹⁹⁸ não os abarcaria por meio de suas “linhas de fuga”, que bem caracterizaram a poesia simbolista do fim do século.

O que interessa a este trabalho não é a análise estilística ou estética das obras simbolistas, mas sim, a raiz ou o sentido destes trabalhos: a crítica a toda a estrutura “moderna”, “civilizada”, liberal, burguesa, alavancada justamente pelos movimentos anteriores, sobretudo da Academia Francesa e do abolicionismo, dirigidos pela velha *Mocidade Cearense*, composta, em parte, pela aristocracia rural e pela nascente¹⁹⁹ classe média urbana que surgiu em Fortaleza nos primeiros anos da década de 1870.

Nos movimentos anteriores, apesar das confecções poéticas produzidas pelo crítico literário da “geração moderna cearense”, Rocha Lima, e pelos “três poetas oficiais do abolicionismo”²⁰⁰ cearense, Justiniano de Serpa, Antonio Martins e Antonio Bezerra, é com os poetas simbolistas da Padaria que se pode verificar uma característica ímpar e marcante do grêmio de Antonio Sales em relação aos movimentos anteriores.

Advém daí o “ódio à burguesia”, tantas vezes denunciado no *Pão* como classe responsável pela indiferença das letras e mais preocupada em ganhar dinheiro se dirigindo aos domingos às corridas do Prado: “(...) *O burguez é como uma bóia, não vive nem vegeta – fluctua(...)*”²⁰¹.

Na última partida do Club Iracema, espaço fino para o anseio mundano das elites cearenses, um padeiro foi acusado de desligar o registro de gás e aí o ódio dos padeiros seria eterno. O ódio à burguesia foi muito presente nos seis primeiros números do *Pão*:

(,,,) “ Ah! Burguez d’uma figa, ousaste calumniar assim a *Padaria Espiritual*! Pois bem, o nosso odio será eterno: nunca mais, nunca mais terás socego n’este mundo e no outro, grandissimo fascinora da civilisação, mil sobreiras te persigam! Fiquem sabendo de uma vez para sempre os leitores *d’O Pão*, os amigos da Padaria, que nós somos incapazes, mas mesmo incapazes, de tão incorrecto procedimento, como somos incapazes de acreditar na infalibilidade das pillulas do Dr. Maya para sesões. (...)”²⁰²

¹⁹⁸ CARDOSO, Gleudson Passos. República das letras: literatura, imprensa e política. 1873-1904. Op. Cit. AZEVEDO, Sanzio de. “Livio Barreto e o verso Humorístico. In: Novos ensaios de literatura cearense. Fortaleza: UFC/ Casa de José de Alencar, 1994.p.81-84, ainda do mesmo autor. “Livio Barreto e o simbolismo no Ceará” In: Aspectos da literatura cearense. Fortaleza: UFC/Academia Cearense de Letras, 1982.p.67-81.

¹⁹⁹ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit.

²⁰⁰ SALES, Antonio. História da literatura cearense. Op.Cit., pp.257-266.

²⁰¹ “Sacco de Ostras”. Máximas e Pensamentos. In: O Pão... da Padaria espiritual. Anno I, nº 6, 13 de novembro de 1892. Op. Cit., p. 8.

²⁰² O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 3, 6 de novembro de 1892. Op. Cit., p. 3.

Mas, como já mencionado, sendo basicamente “três” as “posturas intelectuais” presente na Padaria Espiritual, em nenhum momento se torna possível reduzir o estudo do grêmio à crítica a esta classe, logo porque há inúmeras contradições no “projeto cultural” dos padeiros, advindo, daí, traços de “continuidade” e “ruptura”. O Próprio Antônio Sales afirma, no *Retrospecto dos Feitos da Padaria...*, que o artigo XXXIV, a nosso ver um dos mais importantes artigos da sociedade literária e artística, aquele responsável pela “organização de um cancionero genuinamente cearense”, não foi “cumprido à risca”²⁰³.

O movimento dos padeiros, apesar de presenciar um novo momento, considerou as atividades letradas como forma de ascensão social, objetivando cargos públicos e, como veremos no próximo capítulo, vários padeiros se acomodaram nas repartições públicas.

Assim, como a *Mocidade Cearense*, que viera do campo para a cidade sendo, pois, a representante da nascente classe média urbana dos anos de 1870, alguns padeiros migravam de seus interiores e se exilavam na capital, isto por que nem mesmo Fortaleza dispensava atividades públicas condizentes a seus “interesses” letrados.

Embora já passada a movimentação das “idéias novas” e “modernas”, a geração dos padeiros enfrentava as mesmas dificuldades econômicas que o sistema não dispensava a seus “dotes” intelectuais. O *Pão* se posicionaria ora a favor da implementação dos elementos “civilizatórios”, objetivando subtrair Fortaleza de um certo atraso propugnado pelos movimentos anteriores, ora denunciaria os prejuízos que esta mesma “civilização” com seus códigos e normas “modernas” poderia acarretar.

Daí é que alguns padeiros, como José Carlos Júnior, olhavam para o campo como refúgio, algo harmônico, sem conflitos, porque não tocado ainda por certos elementos “modernos” e “civilizados” somente presentes na cidade. Esta idéia de “pureza do campo” e “ingenuidade” das pessoas que nele habitam seria o sentido maior da concepção de “cultura popular” produzida pela Padaria, enrustida numa imagem “folclórica”, bucólica, à procura de uma “idade do ouro”²⁰⁴, de raízes que, só assim, firmasse a verdadeira e genuína “alma” do povo cearense, valente, hospitaleiro e digno.

Nas análises folclóricas dos homens da Padaria, seja por parte de José Carvalho ou de Eduardo Saboya, estes padeiros iriam olhar a “cultura popular” como algo “já

²⁰³ JUREMA, Moacir. *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual*, a contar de 30 de maio de 1892 (dia da fundação) a 28 de setembro de 1894. Fortaleza: Padaria Espiritual. Editora Typ. d'A República, 1894. p. 12.

²⁰⁴ WILLIAMS, Raymond. Op. Cit.

morto”,²⁰⁵ como peça de museu, somente para reforçar ainda mais a “superioridade” de uma cultura erudita, em detrimento de uma “cultura popular” que não oferecia nenhuma resistência à implementação dos valores “modernos” ou “civilizados”. Para Michel de Certeau e Raymond Williams, essa busca incessante a uma “idade do ouro”, rusticofilia, é senão estratégia de evasão aos reais problemas ou tensões sociais do presente.

Cabe ressaltar que os padeiros e sua Padaria, antes de tudo, como movimento identificado às belas artes, estavam à procura de “arte literária”, fruto da mente engenhosa do “intelectual artista”, capaz da produção de uma prosa artística, somente julgada por determinados valores estéticos. Na apresentação do trabalho em prosa, *Contos do Ceará*, de Eduardo Saboya, prefaciado por Antonio Sales, podemos identificar a Padaria como um real movimento beletrístico, mais preocupado com a “deusa da arte”, do que com os verdadeiros problemas sociais que atingem a sociedade em seus conflitos do dia-a-dia.

“(…) Eduardo Saboya tem qualidades innatas de artista a revelarem-se a cada instante na sua palestra, nos seus contos, n’um brinde que perpetre, nas meias dúzias de linhas que tenha o constrangimento de escrever para albuns e polyanthêas, em tudo enfim que escreve ou diz. E si querem saber melhor, leiam as folhas que se seguem incontestavelmente os indecisos cotyledones de uma intelligencia promettedora de excellentes fructos. (...)”²⁰⁶.

As diferentes “posturas intelectuais”, principalmente aquela comprometida com a denúncia aos valores “modernos” defendidos pelos movimentos anteriores, sobretudo os movimentos da Academia Francesa e do abolicionismo cearense por parte de alguns integrantes da padaria iriam, pois, marcar a característica fundamental do movimento e comprometer o projeto maior da sociedade literária e artística: a concepção de “cultura popular”. Não fosse a crítica aos anseios “civilizatórios”, defendido por uns e criticado por outros, seria mais fácil dilucidar o movimento dos padeiros e seu projeto literário de construção de uma “cultura popular” genuinamente cearense.

Como já falado, afora a postura simbolista dos poetas Lívio Barreto, Lopes Filho e Cabral de Alencar, o confronto entre “cultura erudita” e “cultura popular”, entre “campo” e “cidade”, entre “modernidade” e “atraso” marcaria o movimento dos padeiros. Defendendo os valores do campo coberto por sua “cultura popular” ainda não marcado pelos elementos do

²⁰⁵ CERTEAU, Michel de. Op. Cit.

²⁰⁶ SALES, Antônio. “Prefácio”. In: SABOYA, Eduardo. *Contos do Ceará*. Primeiro. Fortaleza: Typ-Universal – Rua Formosa, 33, Cunha, Ferro 81 C^a 1894. p. IX. Para uma melhor compreensão de “literatura” com “arte”, ver RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. “A Deusa Arte”. In: *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: UNICAMP, Ceult, 2001.

“progresso” e “modernidade”, Waldemiro Cavalcante mostrava não só o choque de culturas como também a “degeneração”, e seguramente, a morte de sua “cultura popular”.

(...) “Dias movimentados, Festas, Anno Novo e Reis Magos, mas sem uma nota que fique recordando o que foram esses dias, incaracterizados por essa consagração burguesa que se resume na exposição de uma vestimenta nova ou escovada, de um bolo feito com economia de manteiga, attenta a carestia de gênero, e n’esse insipido vae vem pelos passeios, trocando às portas cumprimentos sedicos aos conhecidos que se encontram.

Nada de tradicional que desperte a admiração ou emocione.

As antigas lapinhas, que em sua simples encenação d’outros tempos nos suggeriam alegrias bucólicas, effusoes sadias e confortantes, enleivam-nos, transportando-nos em espírito aos tempos primitivos da era christã seguem caminho da decadência, desvirtuando as bellas lendas que representam, e, n’uma vertigem de modernice cabem na mais chata e ridícula força que um espírito esmulambado pode imaginar” (...)²⁰⁷ (grifo nosso)

Nos trabalhos em verso dos intelectuais padeiros aparece sempre a “estilização” do campo, produto da arte literária de “intelectuais artistas”, onde nunca se evidencia a presença dos conflitos sociais do presente. A imagem do campo é sempre coberta por uma perfeição que jamais aborda os conflitos ou a realidade das coisas. A coluna acima, redigida por Waldemiro Cavalcante, é bastante elucidativa para se perceber a “destruição” de uma cultura em detrimento de outra. Sabino Batista homenageava o próprio amigo de grêmio, Waldemiro Cavalcante, em função de sua visão “folclórica”:

DIA NO CAMPO
Ao Waldemiro Cavalcanti

Dia festivo, inteiramente cheio
De luz, de aroma e pipilar de ninho,
Em que a gente a correr, num louco anseio
Segue sorrindo ao longo do caminho...

O sol num rubro e doido devaneio
Beija a campina toda em desalinho;
E a passarada em festival gorjeio
Faz no arvoredo um grande borborinho...

Ah! Como é bom um dia assim de festa
Passado longe, dentro da floresta
Na mais formosa e alegre garrulice

Foi para mim esse ridente dia
Um thezoiro de risos e alegria
Que recorda-me toda a meninice²⁰⁸.
(Ceará – Novembro – 1891)

O que os padeiros iriam registrar de “cultura popular” da população sertaneja era senão a imagem de um campo, espaço somente do bucólico, onde campeiam os infinitos

²⁰⁷ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 8, 15 de janeiro de 1895. Op. Cit., p. 1.

²⁰⁸ BAPTISTA, Sabino. Floccos. 1891-1893. Fortaleza. Padaria Espiritual: TYP-Universal - Rua Formosa, 33. Cunha Ferro 81 C^a. 1894. P. XIII.

pássaros com seus cantos harmônicos. Em todos os trabalhos em verso, há o enaltecimento do campo, justamente devido a sua estilização por parte do intelectual padeiro. Como já mencionado, essa visão das origens, presa somente a “agressão positivista” de busca ao passado é senão a do folclorista que, ainda que seja natural do campo, vê este espaço preso à “modernice” dos grandes centros urbanos. Esta visão comprometeria o projeto de formação de uma “cultura popular” genuinamente cearense.

Ivan D’Azof, nascido no interior de Granja, onde guardava suas remotas lembranças dos tempos em que residiam seus momentos pueris de infância, denunciava a morte de sua “cultura popular” iniciada no sertão. Como boa parte dos padeiros que migrava do campo para a cidade, apostando nas letras como meio de ascender socialmente, alguns padeiros iniciavam seus estudos nos Gabinetes de Leituras de seus próprios interiores para depois, já na cidade, se agremiarem nos “grupos literários” e, só assim, adentrarem, a partir de laços “afetivos” ou de “simpatia”, ao funcionalismo público²⁰⁹.

A fala maior dos intelectuais padeiros seria a primazia pela “cultura popular” cearense, pela “formação de um cancioneiro genuinamente cearense” que abordasse os valentes “tipos” cearenses, apesar de todas as dificuldades do meio, potencializadas pelo caçador, aboiador, vaqueiro, repentista, sobre este “imaginário” da população sertaneja, coberto por histórias que integrassem e falassem destes elementos²¹⁰.

O Chromos de Xavier de Castro representa o mais importante trabalho onde aí se apresenta “os diferentes aspectos da vida cearense, um kaleidoscópio eminente poético dos nossos costumes”²¹¹. Neste trabalho é enfatizada a valentia do povo cearense que libertou a “Terra da Luz” da vergonha da escravidão. O trabalho de Bento Pesqueiro traça os hábitos e valores da população do sertão:

²⁰⁹ Para uma maior compreensão do que seja o “intelectual” dentro de suas redes de sociabilidade Ver. SIRINELLI, Jean - FRANÇOIS. Os intelectuais. In: Por uma história política. Org. René Rémond. Rio de Janeiro: UFRN, 1996. p 231-269.

²¹⁰ CARVALHO, José. Perfis sertanejos: costumes do Ceará. Para uma compreensão dos inúmeros tipos cearenses reforçados pela Padaria Espiritual. ver MONTENEGRO, Abelardo. Interpretação do Ceará. Fortaleza: Casa José de Alencar, 2001.

²¹¹ CASTRO, Xavier de. *Chromos*. Ceará. Padaria Espiritual. Editora Typ. Universal, CUNHA FERRO & CIA, 1895. p. VII.

NUA, NA SALA

A Maricota é menina
 De sete annos completos
 È tudo, – a graça, os affectos
 Da mamãi, D. Paulina

No quintal esta despida;
 N'uma bacia de estanho
 Mexendo n'água entretida,
 Fallando só, toma banho

Chega Luiz, o irmãozinho
 Diz: – Me deixa um banhosinho
 Cotinha, d'ess'água tua...

Ella à sala vem gritando
 — Papae, néné 'stá espiando
 P'r'a gente no banho, nua!...²¹²

Nestes versos, ainda que o autor tenha nascido em Fortaleza, é possível a visão de certos hábitos por parte da população campestre. De forma específica, o poema deixa ver uma criança que se banha no terreiro, no qual é indispensável o uso da bacia d'água. Lembremos que há uma diferença sutil, mas não menos importante. Enquanto a maioria da população despossuída instala seus banheiros fora de suas casas, os que possuem uma melhor condição constroem estes no interior da própria, feito de tijolo e cimento, ao passo que para a maioria das pessoas sobressai um banheiro de palha, onde o uso da bacia é fundamental.

Dessa forma, ainda que no *Pão* se presencie um traço de “continuidade” por parte de “exíguas” e “esparsas” leituras evolucionistas que aludem a Darwin e a Spencer, a Padaria iria divulgar os costumes e hábitos da população cearense do campo, desprovida das condições materiais, imersa num imaginário de seca e pobreza, mas, sobretudo com a presença do cearense forte, digno e hospitaleiro.

Desta forma, como movimento literário e artístico, pois integrara o grêmio um artista plástico e um músico, a Padaria enveredaria pelo campo das *belas artes*, primando por célebres escritores e poetas europeus. (...) Art. XX – *Durante as jornadas é permitido ter o chapéu na cabeça, excepto quando se fallar em Homero, Shakespeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar, porque, então todos se descobrirão (...)*²¹³.

Diferente das leituras por parte dos pregadores da “evolução social” como Comte, Darwin, Comte e Spencer, e de pensadores que tomavam o “meio geográfico” como fator determinante para formação da “índole” e “caráter” do povo cearense, exemplos de Taine e Buckle, os padeiros erigiriam “tipos”, onde estes só foram possíveis em função das idéias

²¹² Ibidem. p. 11.

²¹³ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

lançadas pelos homens da Academia Francesa a partir da clássica tríade taeneana: “meio”, “raça” e “momento histórico”²¹⁴.

O fato dos padeiros desprestigiarem em parte a linguagem naturalista na explicação dos fenômenos sociais, tendo por base os elementos da clássica tríade taineana, concernente às “leis evolutivas” respaldada pela lei da “seleção natural”, não significa afirmar, por parte destes “intelectuais menores”, uma visão de “cultura popular” a partir de seus próprios elementos constituintes. Rodolfo Teófilo que escreveu na *Quinzena* artigos de *História Natural*, no *Pão*, defendeu seu posicionamento científico no que concerne à questão das precipitações das chuvas com o Barão de Capanema.

Apesar de pouco mencionar autores lidos e divulgados pela *Mocidade Cearense*, especificamente no momento de atuação da Academia Francesa, o padeiro discorre uma leitura eminentemente científica. Historiador das Secas, Rodolfo Teófilo discorda da posição do Br. Capanema. Para o padeiro Marcos Serrano, não há relação alguma entre a “quantidade de manchas solares” com o fenômeno das precipitações. Na coluna *As Manchas do Sol e as Seccas*, escritas para negar as idéias de Capanema, o padeiro alude a nomes como William Herschll, Baliane, Arago, Barral e, sobretudo, ao astrônomo italiano Galileu²¹⁵.

O padeiro Rodolfo Teófilo muito se deteria nos tempos de Padaria aos fatores de “meio” e “raça” para explicar a influência das leis científicas na formação da índole do “tipo” cearense. O “meio” geográfico, elemento lançado pelo grupo de intelectuais da velha *Mocidade Cearense* da década de 70, a partir da Academia Francesa por parte das “leituras evolutivas”, balizaria assim o grau de “ignorância” de determinados seres. Assim é que Teófilo, nos romances analisados mais tarde neste trabalho, explica o aparecimento de alguns elementos latentes em função do atavismo, leis da hereditariedade, que capacita ao “meio” frear ou despertar tais elementos.

Outro padeiro que muito se atrelou aos ideais científicos de “civilização”, baseado em Spencer, foi José Carlos Junior, o Bruno Jaci. Na coluna “*Infância de outrora e a de seu tempo*”, afirma:

“(…) O Dr. Luiz Robinson, estudando à luz das theorias darwinianas a vida do homem primitivo, procura por meio de alguns caracteres, singularmente persistentes ainda hoje, em raças muito diversas, estabelecer alguns dos factores principais da sobrevivência infantil na humanidade pré-histórica. E nada de bello o quadro que elle,

²¹⁴ AZEVEDO, Sânzio de. Op. Cit., p. 5.

²¹⁵ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 10, 15 de fevereiro de 1895. Op. Cit., p. 2-3.

si não traça, nos deixa entrever, das misérias e perigos que rodeavam a infância n'aquellas eras. (...)”²¹⁶ (grifo nosso)

Consultando a bibliografia, José Carlos Júnior utiliza-se de uma obra de Herbert Spencer, um dos pensadores da “evolução social”, lido pela “moderna geração cearense” de Capistrano de Abreu e Rocha Lima.

Se os homens da Academia Francesa buscavam suporte teórico para tornar as “condições mesológicas” fator preponderante para a confecção narrativa de suas análises sociais, daí um certo caráter de resistência por parte do valente povo cearense, os padeiros partiriam da consolidação cultural deste povo, cristalizado por determinados valores “regionais”, não sem razão que o *Pão* ainda alude pouquíssimas vezes aos pensadores “regeneradores” para forjar sua “cultura popular” genuinamente cearense.

O grêmio de Antônio Sales celebra e só reforça determinados valores “regionais” a caminho da “civilização”. O projeto cultural da Padaria solidificaria um imaginário de seca, fome e miséria, porque os trabalhos de prosa descrevem todos estes aspectos. Vale lembrar que como movimento, sobretudo “científico”, respaldado por uma visão iluminista, literária e artística, o movimento dos padeiros propugnava à “civilização” assim como todos os movimentos culturais de outrora, de maneira específica, o movimento do Club Literário. “Civilizatório” no sentido em que, por meio das letras e artes, estes movimentos propugnavam alavancar um determinado “progresso” material e mental de Fortaleza, propondo subtraí-la de um certo “atraso” em relação aos outros estados brasileiros, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro.

Mostrando valores inerentes à cultura européia, os “homens de letras” da Padaria cultuariam valores exteriores e tomariam a realidade local a partir de tais valores. Semelhante ao movimento político da abolição, no qual a “nódoa escrava” atravancava o “progresso”, porque a escravidão era senão uma “violação as leis moraes”, uma “verdade positiva”, o *Pão*, nos 6 primeiros volumes tomaria posição demasiada à favor da instauração do “progresso” e da “civilização”, embora tenha sido esta primeira fase do movimento o maior momento de “troça” e “irreverência”, sucedido por um segundo momento de real comprometimento e de produção dos trabalhos em prosa e verso²¹⁷.

²¹⁶ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 9, 1 de fevereiro de 1895. Op. Cit., p. 3.

²¹⁷ NAVA, Pedro. Op. Cit.

O próprio Antônio Sales reconhecia:

*“(...) Devemos confessar aqui: essa folha era menos o vehiculo litterario da Padaria do que uma valvula para a pilheria petulante que se fazia lá dentro. Ainda conseguiu-se publicar seis números do Pão, que veio afinal a morrer de cachexia pecuniaria. (...)”*²¹⁸

Se, por um lado, a cultura privilegiada, grosso modo, pelos padeiros seria a “cultura popular”, a Padaria iria se posicionar em parte à favor da “civilização”, elemento da cultura científica, em que reside aqui uma contradição. O que torna mais lúcido a compreensão do grêmio de “letras e artes no geral” é ser a Padaria um movimento cultural tipicamente científico, no sentido em que a “cultura popular” que os intelectuais padeiros iriam registrar, em parte, não condiz com a cultura da maioria da população pobre e iletrada que reside no campo a que o *Programa de Instalação* tanto aludia.

As análises sobre a “cultura popular” são sempre tomadas a partir da visão “civilizada”, do erudito, do “intelectual cidadão”²¹⁹ que descreve os hábitos e costumes do campo ou sertão a partir de sua compreensão letrada fincada na cidade. Aqui, o que não condiz com os paradigmas “modernos” ou “civilizados” e, pois, letrados, se torna “bárbaro”, fruto de um “meio” inóspito onde tais elementos jamais são possíveis.

Mas, os mesmos elementos inúmeras vezes aludidos pelos movimentos literários anteriores são mencionados como a “hospitalidade”, a “filantropia” do povo cearense, a “valentia” e a resistência de um povo mártir, valente e, sobretudo heróico. O mesmo Alencar, filho ilustre da terra de Iracema que tanto colaborou na divulgação e “nacionalização” da literatura cearense, é enaltecido pelo movimento dos padeiros²²⁰. O mesmo povo que contribuiu para ver o Ceará liberto por meio de sua força e valentia, quando dos movimentos

²¹⁸ JUREMA, Moacyr. Op. Cit.

²¹⁹ CERTEAU, Michel de. Op. Cit., pp. 55-85.

²²⁰ “(...) “Ninguém que tenha critério, ninguém que seja brasileiro, ninguém que tenha nascido nesta valente terra do Ceará, conteste esta verdade: - José de Alencar teve na sua immorredóira obra, a preocupação eterna, a preocupação unica de nacionalizar a nossa litteratura. Quando lhe não bastasse ser talvez a mais robusta e possante mentalidade desta cohorte de escriptores que o Brazil tem dado, quando elle não aliasse a sua qualidade de patriota o desempenho e a envergadura de artista que o era, bastava para sua glorificação essa constante idéa de realizar a nossa independência artística, a nossa liberdade intellectual. Não chegou ainda para nós, - povo que inicia apenas a sua autonomia política, - o momento de introduzir nas letras o cosmopolitismo artístico; para uma velha nação gasta, onde se tenha exgotado o sentimento de originalidade, é possível que a universalização da Arte seja um bem:- não o será, porém, para nós - que temos tudo ainda por explorar, que temos nesta prodigiosa natureza poemas a germinar, - rica diamanteira donde irá tirar preciosa e fecunda semente o arroubo da nossa extranha imaginação de povo poeta. Glorifiquemos, pois, a esse extraordinário vulto de patriota, corêmos de loiros essa possante cabeça de artista, cujas fallas, doces como uma melopéa intangível de astros, cantam ainda hoje nas fraudes das carnaubeiras esguias da nossa terra, no marulhoso ancilar destes “verdes mares bravios de liquida esmeralda” no coração inteiro desta valente terra de Iracema. (...)” Pão...da Padaria Espiritual. Anno II, nº 30, 15 de dezembro de 1895. Op. Cit., p. 6.

liberais de 1817, da Confederação do Equador de 1824 e do movimento abolicionista, é conclamado pelos intelectuais da Padaria, assim como personagens célebres da literatura mundial.

Tal como o Clube Literário, que propunha ativar o “progresso intelectual”²²¹ de Fortaleza, a partir das letras, artes e ciências o *Pão* noticiava a comemoração do 18º aniversário de morte do mais célebre escritor cearense. Caberia de forma específica ao Centro Literário, surgido da dissidência²²² dos padeiros Temístocles Machado e Álvaro Martins em 1894, e sua revista *Iracema*, o estudo das obras e da vida de Alencar. De forma contraditória, o *Centro Literário* iria rivalizar com o grupo dos padeiros. Num período de “indiferença e marasmo das letras”, o *Pão*²²³ registrava a “superioridade” de Alencar, ainda em um meio nada promissor com relação às labutas literárias.

A Padaria Espiritual, juntamente com o *Centro Literário*, iria ser criação dos “Novos do Ceará”²²⁴, novo grupo de intelectuais oriundos em sua maioria dos interiores, comprometidos com as atividades letradas em Fortaleza, já num novo momento histórico de república, onde não mais condiziam as leituras “modernas” e apoteóticas em nome da “civilização” e do “progresso”. Pelo contrário, muitos intelectuais que lutaram na arena jornalística e nos movimentos intelectuais, não só no Ceará como no Rio de Janeiro, em meio a tais ideais, tornaram-se os “desiludidos” da república com o advento da “nova” ordem²²⁵.

O movimento da “geração moderna cearense”, juntamente com as glórias permitidas e criadas pelo abolicionismo, são tomados em parte pela Padaria Espiritual como suporte às “confeções narrativas” para a formação da “cultura popular” cearense. Ainda com a forte presença de médicos e bacharéis, o movimento dos padeiros se “contrapõe” em parte aos ideais evolucionistas e ao mundo liberal burguês para implementar seu projeto cultural “genuinamente” cearense.

Antonio de Castro, que integrou o movimento da Padaria em seu primeiro momento, enaltece um dos elementos ou símbolos mais significativos da força e glória do

²²¹ Se lia num dos artigos do Estatuto do Clube Literário. “(...) Art. I. O Clube Literário tem por fim promover e activar o progresso intellectual de seus associados (...)” “Estatutos do Club Literário”. In: Quinzena. Propriedade do Club Litterario. Op. Cit., Anno I, nº 17, 17 de setembro de 1887. p.135.

²²² Fundado em 27 de setembro de 1894 da dissidência dos padeiros Álvaro Martins e Temístocles Machado, o Centro Literário não teve a mesma originalidade dos padeiros. SALLES, Antonio AZEVEDO. Op. Cit., Sânzio de. O Centro Literário (1894-1904). Fortaleza: Imprensa Universitária, 1973.

²²³ O Pão. Op. Cit.

²²⁴ AZEVEDO, Sânzio de. “Grêmios literários do Ceará”. Op. Cit.

²²⁵ CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit.

povo cearense, que permitiu ao Ceará figurar na história da vanguarda nacional por meio da abolição dos cativos. Recitando sua poesia:

A JANGADA
A Antonio Bezerra

Semelhante a uma garça alva, singella,
Desliza alem impávida jangada
Dela espuma das águas salpicada
A's mansas brisas desprendida a vela

Cada vaga ao passar-lhe perto, ao vel-a
Beija-lhe as plantas lânguida, enlevada...
O dorso curva, então, toda apressada,
P'ra deixal-a a passar serena e bella

Ah! se eu pudesse, em horas de pezares,
Em ti, jangada, na extensão dos mares
Abafar de minha'alma as fundas maguas!

Muitas vezes, meu Deus, invejo a sorte
Do jangadeiro que, encarando a morte,
Esquece as dores na solidão das águas²²⁶.

Nestes versos, Aurélio Sanhaçu celebra a “valentia” e a “força” do pescador cearense que se embrenha num mundo desconhecido. A jangada do pescador “regional” é rápida, semelhante a uma garça que é veloz em seu vôo. O padeiro ainda que guardando em seu trabalho “linhas de fugas”, como forma de escapar aos anseios “modernos”, gostaria de ter a “valentia” e a “coragem” do pescador que se torna solitário nas agitadas ou calmas ondas do mar. Desta forma, o padeiro enaltece não só o valente “tipo” cearense como, de forma inevitável, as glórias do movimento abolicionista local. O padeiro Antonio Bezerra a que se dedicam os versos de André Carnaúba, como vimos, integrou o grupo de intelectuais “carbonários” da *Sociedade Libertadora Cearense*, agenciando complôs em nome da “santa causa” e escondendo os futuros libertos nas casas dos interiores vizinhos ou nas fazendas próximas de Fortaleza²²⁷.

O padeiro José Carlos Júnior também ressalta o abolicionismo cearense em seus *Floccos*. O padeiro alude ao abolicionista João Cordeiro que foi presidente²²⁸ da *Sociedade Cearense Libertadora*, do qual já tratamos neste trabalho. Descrevendo o poema do poeta Bruno Jaci:

²²⁶ CASTRO, Antônio de. *Versos*. Fortaleza. Typ. Universal – Rua Formosa, 33. Cunha, Ferro & Cia, 1894. p. 6.

²²⁷ GIRÃO, Raimundo. Op. Cit., p. 107.

²²⁸ Ibidem.

A JOÃO CORDEIRO

Um fogo intenso e crepitante ardia
 Dentro em teu peito, com hercúleo afan,
 Tonificando a fibra da energia
 Que há na tu'alma intrépida e lançan

— É que esperavas com fervor o dia
 Da Liberdade, — a límpida manhã
 Que encheu de luz, de glória e de alegria
 Tua alma pura, intransigente e san...

Quem remontar-se ao teu feliz passado
 Há de notar que foste sempre ousado
 Pela causa do Bem e da Verdade

Por isso é justo que ante a tua imagem,
 Eu que te estio e tenho-te amizade
 Deposita esta pallida homenagem ²²⁹

Como se percebe o movimento dos padeiros só reforçou a “força” e a “glória” do povo cearense por este ter “participado” da abolição da escravidão cearense. O mesmo discurso, tantas vezes presentes no *Libertador*, remetendo a elementos como luz, energia, alma, liberdade, verdade, etc., é agora reforçado e, pois, enaltecido pelo padeiro José Carlos Junior.

Em parte, não mais ligada à aristocracia rural que defendeu os ideais científicos sob o poder da carta de bacharel nos nascentes centros urbanos, os integrantes da Padaria pertenciam às classes “médias” e “baixas”, e boa parte destes intelectuais eram provenientes do sertão. Advém possivelmente daí a construção de um campo “entremeado” pela visão “civilizada” fincada na cidade, realizada pela concepção “folclórica” da sociedade literária e artística.

Mas, o que iria diferir a Padaria Espiritual de todos os movimentos literários anteriores é ser esta uma “sociedade original”²³⁰, “uma cousa nova”, diferente das inúmeras academias mirins com seus estatutos massudos em suas falas eruditas ancoradas nos pensadores da evolução social, do determinismo, do positivismo, e etc. Uma das características marcantes do movimento é possuir um traço de “jocosidade” e “pilhéria”, chegando por vezes à ironia e ao escárnio.

As atitudes de alguns padeiros nas fornadas, amassando o *Pão*, regados a uma boa pinga, ou nas ruas, carregando um pão de três metros, após os encontros literários nas

²²⁹ BAPTISTA, Sabino. Op. Cit., p. 10.

²³⁰ SALES, Antonio. Op. Cit. SALES, Antonio. Retratos e lembranças (reminiscências literárias). Fortaleza. Waldemar de Castro e Silva, 1938.p.12.

formadas somadas ao uso de suas barbas postiças, denotariam e marcariam o movimento divulgado por Antônio Sales, ficando conhecido no sul do Brasil e até mesmo fora do país.

O objetivo maior do grupo e sentido, pois, de sua existência, seria “escandalizar” e fazer “mexer” com a provinciana e pacata Fortaleza, “acostumada ao aluá e à seca” dos idos de 1892²³¹.

²³¹ O Pão... da Padaria Espiritual. Fortaleza. Anno I, nº 2, 17 de julho de 1892, Op. Cit., p. 1.

CAPÍTULO 2

PADARIA ESPIRITUAL: RUPTURA OU CONTINUIDADE?

(...) Todas as noites reuniamo-nos no Forno a palestrar sobre litteratura e tudo o que faz o assumpto de confabulação entre rapazes que têm dous dedos de espirito e encaravam as cousas deste mundo velho através da luneta cor de rosa que a adolescencia lhes encarapita sobre o nariz.

Bilhares, cafês, clubs e todos os demais necroterios da intelligencia eram espontaneamente abandonados por amor da sã convivencia da Padaria, onde só havia uma banca, algumas cadeiras, jornais e poucos cigarro, (...)

Antônio Sales

2.1 Os Padeiros: histórico da agremiação e seus componentes

Sob ruídos e estouros, prometendo “estremecer” e “escandalizar” a provinciana Fortaleza de então, acostumada ao aluá, a seca e a política²³² debaixo de um caráter boêmio, pilhérico, jocosos e com laivos sarcásticos, a partir de seu explosivo *Programa de Instalação*, contendo 48 artigos, e de seu jornal o *Pão*, surgia a Padaria Espiritual em 30 de maio de 1892, ano da graça, data da primeira fornada, onde um grupo de rapazes escritores, poetas e artistas “padeiros” passaram a se reunir em torno daquela “original” agremiação não só voltada as letras como também para as artes no geral. Assim falava Adolfo Caminha, o Felix Guanabary sobre o surgimento dessa agremiação literária e artística.

“(...) Perguntas-me, entre curioso e tímido, como é que nasceu a Padaria Espiritual. Sei lá! Quem sabe a verdadeira origem das cousas? O que desde logo posso te ir dizendo é o seguinte: Aos tantos de maio de 1892, foram ao escritório do Diário, jornal em que eu trabalhava, dois rapazes (lembra-me que um deles trazia um pince-nez) convidar-me para fundar uma sociedade literária, cujo nome fosse Padaria Espiritual.

- Qual o programa? Inquiri depois de estranhar o título.

- Isso veremos. A primeira sessão preparatória realizar-se-á no Café Java, ali à Praça do Ferreira. Você está designado para escrever uma carta a Guerra Junqueiro.

- Como uma carta a Guerra Junqueiro?

- O Sales vai se dirigir a Ramalho Ortigão, o Tibúrcio a Eça de Queiroz, o Lopes Filho a Antonio Nobre. A você, coube-lhe Guerra Junqueiro.

- Mas, expliquem-se!

- Não é nada: uma ousadia, um escândalo, o que você quiser! Trate de fazer a correspondência para ser lida amanhã, no forno.

Ri-me embaraçado, com um ar tolo...

- Que devo escrever, então?...

- Fale ao Guerra sobre a Padaria e diga-lhe que queremos um exemplar da “Morte de D. João”, outro de Musa em Férias, outro da “Velhice”, enfim, um exemplar de cada obra dele para a nossa futura biblioteca. Uma cousa assim...

²³² O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 2. 17 de julho de 1892. Ed. Fac-similar. Fortaleza: EUFC / BNB, 1982. p. 1.

No dia marcado, ai pelas sete da noite, inaugurou-se publicamente a Padaria. Antonio Sales desenrolou o programa, que fez rir muito a burguesia curiosa e leu a carta ao Ramalho.

Estava, enfim, criada a Padaria Espiritual, essa Padaria de que hoje se fala na Rua do Ouvidor e a quem o sr Afonso Celso dedicou ultimamente o seu Um Invejado. Eis meu amigo como nasceu a Padaria.(...) (grifo nosso) ²³³

Consagrada e celebrizada pela historiografia literária cearense como o maior movimento literário com reconhecimento noutras paragens literárias, uma vez que inúmeros jornais divulgaram por inteiro²³⁴ seu *Programa de Instalação*, a Padaria Espiritual prometia falar da real “cultura popular” do povo cearense a partir de seus valores do campo, uma vez

²³³ CAMINHA, Adolfo. Cartas literárias. 2º ed. Fortaleza: UFC, 1999. pp. 127-128. (...) “Um dia na formosa e risonha Fortaleza, alguns moços de talento decidiram ajuntar-se, no intuito comum de estimular o estudo e o desenvolvimento das letras, constituindo uma associação que fosse como um núcleo da litteratura do Norte. Surgiu assim a Padaria Espiritual, que já conta hoje bastante socios mesmo aqui no Sul entre os nossos inscriptores da mais justa nomeada. Eu penso que foi com muito boa logica, que os membros d’essa associação vieram a chamar-se padeiros e que scintillante hebdomadores – órgão dos seus interesses reunidos – veio intitular-se ovamente o Pão. Mas teries denominações dão bem nos olhos, valha a verdade, e a gente de letras ggordas, que não gosta de coser seu pão no forno, é naturalmente que torcesse o nariz a ellas, julgando-as muito mais, farináceas, do que litterarias. Não há, porém, mão gosto, ao meu verm na suposta exquisitece d’ellas além de que exprimem com forte solidez nutricia uma idéa simplicíssima, para a qual aliás não se acharia facilmente em outros termos mais felizes expressão, nem mais precisa (...) O Pão ... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 21, 1 de agosto de 1895. p.6. A partir de então falaremos ancorados a partir dos reais trabalhos que constituem a historiografia literária cearense que investigam a Padaria Espiritual. JUREMA, Moacyr. Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual, a contar de 30 de maio de 1892 (dia de sua fundação) a 28 de setembro de 1894. Fortaleza, Padaria Espiritual, Editora Typografia d’A República, 1894. PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Fortaleza: Ty.d’o Operario, 1892. SALLES, Antonio. Retratos e lembranças. Fortaleza, Waldemar de Castro e Silva – Editor, 1938. O Pão... da Padaria Espiritual. ed. Fac-sim. Fortaleza. EUFC/PMF, 1982. MOTA, Leonardo. A Padaria Espiritual. Fortaleza: Edesio editor, 1938. NAVA, Pedro. Baú de ossos. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. BOIA, Wilson. Antonio Sales e sua época. Fortaleza, BNB, 1984. TINHORÃO, José Ramos. A Província e o Naturalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. THEÓFILO, Rodolpho. Scenas e typos. Fortaleza, Assis Bezerra, 1919. BARREIRA, Dolor. História da literatura cearense. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.v.1. GIRÃO, Raimundo. Geografia estética de Fortaleza. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959. AZEVEDO, Sanzio de. A Padaria Espiritual (1892-1898). Fortaleza: Casa José de Alencar, UFC, 1970; A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará. Fortaleza: Casa de José de Alencar/UFC, 1982; Adolfo Caminha: vida e obra. Fortaleza: EUFC, 1999. FIUZA, Regina Cláudia Pamplona. O Pão... da Padaria Espiritual. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação de mestrado em letras na UFRJ. CARDOSO, Gleudson Passos. As repúblicas das letras cearenses: literatura, Imprensa e Política (1873-1904). São Paulo: Dissertação de Mestrado defendido no Programa de História da Pontificia Universidade Católica, 2000.

²³⁴ (...) Quanto a Moacyr Jurema, o que mais posso fazer em beneficio da Padaria Espiritual do que aqui transcrever sua íntegra todos os artigos dos seus Estatuto? (Sugere-se a transcrição do programma de instalação da padaria). Eis uma sociedade, em que debalde se procuraria um simples figurante da vida. Todos os membros, da Padaria Espiritual tem espírito, espírito fino, bom, affetuoso, que faz cócegas e provoca risos, sem maltratar, sem vilipendiar, mesmo o que é banal e chato. Em todo o programma, traçado com tanta verve e tanto humor, isto apenas uma falta: tirassem os padeiros o chapéu da cabeça sempre que se falar em Homero, Schakspeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar, e não se descobrirem diante das figuras magestosa de Cervantes, Rabelais, João Paulo e Sterne! O respeito a estes semi-deuses da comédia humana se impõe uma lei aqueles que possuem em alta dose o sentimento da proporcionalidade e da harmonia das causas por entre as mesquinharias e monstrosidades, os desconchavo a os ridículos do mundo (...). O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 1, 10 de julho de 1892. Op. Cit. p. 2-3.

que grande parte dos integrantes desta sociedade, não só de letras como das artes em geral²³⁵, eram oriundos dos sertões cearenses, conforme escritos do *Pão*.

Reunindo-se à noite no Café Java, um dos quatro quiosques²³⁶ em torno da Praça do Ferreira, então coração da cidade, este pequeno grupo de rapazes conversava sobre assuntos literários entremeando-os por anedotas. Emerge daí o caráter de “originalidade” do grupo e, por conseguinte, do que os tornou conhecido no cenário nacional: o comportamento boêmio e pilhérico que fez a diferença do grupo em relação às outras sociedades literárias surgidas anteriormente. Assim falava Antonio Sales, idealizador da padaria e homem que escreveu o *Programa de instalação* e o *Retrospectos* de seu grêmio de letras e artes.

(...) “Festa original essa, onde a boa gargalhada substituiu ao tonitroar da rethorica sediciosa e narcótica, destoando travessamente das lúgubres noitadas que se passa no recinto dessas sociedades litterárias, hirtas e parvas com seus estatutos massudos, as suas actas de irmandade do Sacramento e a sua discursão impante de eloquencia de circo de cavalinhos – redundando tudo numa esterelidade desoladora e numa vulgaridade idiota (...)”²³⁷

No Café Java, sob direção do aracatiense Manoel Pereira dos Santos, o Mané Côco, a Padaria se tornou conhecida e passou a ser celebrada no cenário nacional como Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, a ponto de Antônio Sales registrar que ao chegar à capital federal era logo interpelado: “*É da Padaria*”?²³⁸

“(...) O êxito da “Padaria Espiritual” começara por surpreender a nós mesmos: sua popularidade se affirmou a cada dia de uma maneira estrondosa: a vasta correspondência a meu cargo, na qualidade de 1º forneiro (1º secretário) era uma tarefa bem pesada e entre as cartas recebidas havia-as de muitos pontos do paiz e até do estrangeiro (...)”²³⁹

O primeiro número de *O Pão* já trouxe registros da recepção dessa agremiação em noutras paragens literárias

²³⁵ (...) Não só de letras se preocupava a “Padaria”, mas também de artes, e assim incorporamos os violinistas Henrique Jorge e Carlos Victor e o desenhista Francisco Sá, que decorou artisticamente as paredes do armazém com o nome de cada padeiro, cercado de vinhetas e allegorias traçadas a giz de cor (...). SALLES, Antonio. Op. Cit., p. 13.

²³⁶ GIRÃO, Raimundo. “Salões e Cafês”. In: Op. Cit., p. 284.

²³⁷ JUREMA, Moacyr. Op. Cit.

²³⁸ Ibidem., p. 17.

²³⁹ JUREMA, Moacyr Amazonas (...) O Echo alegre da Padaria repercutiu em todo este colosso, que se estende, como sabeis, do finazomas ao Prata. Toda a imprensa brasileira desde jornal de 20 centímetros até o de 1 metro (Jornal do Commercio etc.) accusaram a recepção do nosso programa o qual transcreveram em todo ou em parte. Diversos escritores, entre os quais Clovis Bevilacqua, padre Corre de Almeida, Juvenal Galeno, Araripe Junior, Rodolfo Theophilo, Abel Botelho (de Portugal) e outros mandaram obras a Padaria que também, recebeu diversos jornaes. Esses livros nos foram entregue por inventário e acham-se guardados até que a Padaria resolva o destino que lhes quer dar. (...) Op. Cit., p.8

“(…) Muito amável recepção teve a “Padaria Espiritual” por parte dos colegas d’A República, do Diário do Operário e do Silva Jardim, que fez uma delicada e espirituosa crítica ao nosso Programma.”

A Província do Recife assim se manifestou; Recebi hontem dous officios: um do Exmº Sr. Governador do Estado e outro de Moacir Jurema, 1º Secretario da “Padaria Espiritual”, pedindo-me para que secunde aquella aggremação “moral e materialmente recomendando-a em todos os círculos de minhas relações (...)”²⁴⁰

A Padaria Espiritual era composta por um Padeiro-Mor (Presidente), dois Forneiros (secretários), uma Gaveta (tesoureiro), um Guarda-Livros, na acepção intrínseca da palavra um bibliotecário. Havia também um investigador das Coisas e das Gentes, que se chamava “Olho da Providência” e os Amassadores (sócios). Todos os sócios terão a denominação geral de padeiros²⁴¹. Os intelectuais padeiros assinavam seus trabalhos com seus criptônimos ou com seus respectivos “nomes de guerra”. Assim, eis os nomes dos primeiros 20 padeiros da primeira fase da sociedade literária e artística. De acordo com o artigo III “(…) *fica limitado em 20 o número de sócios, inclusive a diretoria, podendo-se, porém admitir sócios honorários que se denominarão padeiros livres (...)*”²⁴².

Antônio Salles – Moacir Jurema
 Adolfo Caminha - Felix Guanabario.
 Jovino Guedes – Venceslau Tupiniquim
 Tibúrcio de Freitas – Lúcio Jaguar
 Ulisses Bezerra – Frivolino Catavento
 Carlos Vitor – Alcino Bandolim
 José de Moura Cavalcante – Silvino Batalha
 Raimundo Teófilo – José Marbri
 Álvaro Martins – Policarpo Estouro
 Lopes Filho – Anatólio Gerval
 Temístocles Machado – Túlio Guanabara
 Sabino Batista – Sátiro Alegrete
 José Maria Brígido – Mogar Jandira
 Henrique Jorge – Sarasate Mirim
 Lívio Barreto—Lucas Bizarro
 Luis Sá – Corrégio Del Sarto
 Joaquim Vitoriano – Paulo Kandalaskaia
 Gastão de Castro – Inácio Mongubeira
 José dos Santos – Miguel Lince
 João Paiva – Marco Agrata

²⁴⁰ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

²⁴¹ Ibidem.

²⁴² Ibidem.

Os nomes acima fizeram parte do primeiro grupo e foram os fundadores da Padaria Espiritual. Em seguida, os nomes dos 14 padeiros que “vieram depois”²⁴³ ou fizeram parte da segunda fase do movimento:

Antônio de Castro – Aurélio Sanhaçu
José Carlos Junior – Bruno Jaci
Rodolfo Teófilo – Marcos Serrano
Almeida Braga – Paulo Giordano
Valdemiro Cavalcante – Ivan d’Azof
Antônio Bezerra – André Carnaúba
José Carvalho – Cariri Braúna
Xavier. de Castro – Bento Pesqueiro
José Nava – Gil Navarra
Roberto de Alencar – Benjamin Cajuí
Francisco Ferreira do Vale – Flávio Boicininga
Artur Teófilo – Lopo de Mendoza
Cabral de Alencar – Abdul Assur
Eduardo Sabóia – Brás Tubiba.

Segundo Antônio Sales, idealizador e padeiro-mor que por muito tempo lutou para ver esta sociedade conhecida no sul do Brasil, principalmente nos círculos literários cariocas e até mesmo no exterior, a Padaria Espiritual não seria “(...) *uma sociedade literária, como já se havia fundado tantas com um caracter formal de academia mirim, burguesa, retórica e quase burocrática, era coisa para qual eu sentia uma negação absoluta. Só se fosse uma coisa nova, original e mesmo um tanto escandalosa que sacudisse o nosso meio e tivesse uma repercussão lá fora (...)*”.²⁴⁴ (grifo nosso).

Um fato que parece ter sido responsável por esta “originalidade”¹⁴ tão propalada pelos boêmios escritores eram as atitudes irreverentes do “grupo” por parte de alguns padeiros. Ora portavam um pão de três metros que era carregado pelas ruas da cidade em direção à Praça do Ferreira, depois dos encontros nas fornadas, ora usavam barbas postiças e recitavam trabalhos de cima dos sobrados, pondo a ferver os nervos da burguesia, considerada “ignara”²⁴⁵ pelo grupo. A irreverência dos padeiros já é atestada no *Programa de Instalação* em alguns artigos que o compõem. Ar. XVI “(...) *Aquella que durante uma semana não disser*

²⁴³ MOTA, Leonardo. Op. Cit., p. 17. AZEVEDO, Sânzio de. A padaria espiritual e o Simbolismo no Ceará. Op. Cit., p. 78.

²⁴⁴ SALLES, Antonio. Op. Cit., p.12.

¹⁴ Ibidem.

²⁴⁵ Há inúmeras passagens no *Pão*, principalmente em sua 1ª fase de crítica a burguesia, assim como no retrospectos, e em menor grau, no Programa de Instalação. (...) *Todas as noites reuniamo-nos no Forno a palestrar sobre litteratura e tudo o que faz o assumpto e encaram as causas deste mundo velho através da luneta cor de rosa que a adolescência lhes encarapeta sobre o nariz (...)* JUREMA, Moacyr. Op. Cit., p. 6.

uma pilhéria de espírito, pelo menos fica obrigado a pagar no Sabbado café para todos os colegas. Quem disser uma pilhéria considerada superiormente fina, pode ser dispensado da multa na semana seguinte (...)”²⁴⁶.

A primeira fase do grupo é das blagues, sem um maior comprometimento com as letras onde se via o Mane Côco lançando²⁴⁷ um balão aos céus quando do natalício de algum dos confrades com o distintivo da Padaria Espiritual para dizer ao Padre Eterno os feitos do pequeno grupo de escritores-artistas, dando à primeira fase da “sociedade de letras e artes no geral” um caráter de troça e pilhéria, diante de um segundo momento mais ajuizado e de real produção literária, o que segundo Sales não anulou o tom pilhérico do movimento, mas tão somente o amortecera. Para Antonio Salles “(...) *esta primeira phase da Padaria foi quase que somente de divertimento e de blague* (...)”²⁴⁸ No dizer de Pedro Nava:

(...) “O período mais pitoresco teria sido o inicial, o das blagues, dos foguetórios, das barbas postiças, da gritaria, do escândalo, das serenatas, dos pequiniques, da hostilidade aos burgueses e da simpatia da mocidade. Havia partidas fora da cidade, que eram em casas amigas e deviam ter o aspecto que ficou documentado na fotografia feita por Alfredo salgado em festa congênere às da Padaria Espiritual e oferecida em 1888 ao príncipe-presidente Caio Prado, na Vila Isabel, propriedade do livreiro Gualter Silva. Nela se vê o paulista no meio de uma guirlanda de senhoras sentadas no chão, reclinadas em espreguiçadeiras e misturadas aos cavalheiros de chapéu-coco e paletó abotoado, sobraçando vilões e bandolins. Todos conservando, na face, a expressão fremente de quem recita ou aquela fisionomia ondulante de quem solfeja, como nos *Anjos Cantores de Benozzo Gazzoli*. Não ficou fotografia das *garden-parties* da Padaria, mas a que descrevemos é sua imagem análoga.”²⁴⁹ (...)

Sânzio de Azevedo baseando-se justamente no trabalho de Antônio Sales fala sobre os dois momentos vivenciados pelo grupo literário e artístico:

(...) “Podemos dividir, como fez o próprio Antonio Sales, a existência da Padaria Espiritual em duas fases: a primeira, cheia de espírito, primando, acima de tudo, pela pilhéria. Era a época em que, da sacada do segundo prédio que serviu de sede ao grêmio, um dos padeiros, de barbas postiças, fazia conferência para o povo da rua, tempos em que o Mane Côco embandeirava o Café Java, distribuía aluá aos fregueses e soltava um imenso balão com o letreiro “Padaria Espiritual”, a fim de levar ao Padre Eterno a notícia dos feitos do grêmio; faziam-se pequeniques onde os padeiros, ao som de violinos, conduziam um pão de três metros de comprimento; a segunda, a partir de 1894, seria aquela em que, deixando de existir, o Forno, as reuniões se faziam uma vez por semana em casa dos Padeiros... que tinham casa, como pitorescamente informa Antonio Sales. Esta fase, menos boêmia, mas nem por isso alheia às brincadeiras e às anedotas, caracterizou-se por maior seriedade

²⁴⁶ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

²⁴⁷ SALLES, Antonio. Op. Cit., p. 16

²⁴⁸ Ibidem. p. 14.

²⁴⁹ NAVA, Pedro. Op. Cit., pp.106-107.

nos Trabalhos e sobretudo pela publicação de quase todos os livros da sociedade²⁵⁰. (...) (grifo nosso)

O sentido “revolucionário” atribuído ao movimento por Pedro Nava se deve tão somente aos ideais dos padeiros que diziam sentir um “ódio de morte” a burguesia, somado ao estandarte avermelhado cortado por duas espigas de milho, dando uma clara impressão socialista ou até mesmo anarquista de pretender revolucionar as reais bases sociais deitadas sob o processo de transformação sócio-política gerenciada sob as mãos desta classe social. Art.VII. “(...) *O distintivo da padaria espiritual será uma haste de trigo cruzada de uma pena, distintivo que será gravado na respectiva bandeira, terá as cores nacionais(...)*”²⁵¹

Para Pedro Nava “(...) *A Padaria Espiritual, sob seu aspecto alegre e inocente de sociedade boêmia e de letras, era na realidade um foco de rebelados contra a ordem estabelecida, fosse ela literária, política ou social*”²⁵²

Esse caráter “socializante” não é uma leitura utópica realizada por Pedro Nava. O autor não analisou o movimento de forma errônea, pois a Padaria investira sim, ao menos em vias retóricas no ataque ao poder instituído, personificado por seus elementos como delegados de polícia, clero e a burguesia, aquela que tudo pode, atestado no Art. XXVI: “(...) *São considerados, desde já, inimigos naturais dos Padeiros – os padres, os alfaiates e a polícia. Nenhum Padeiro deve perder ocasião de patentear seu desagrado a essa gente (...)*”²⁵³. De acordo com Pedro Nava alfaiates eram todos os burgueses, classe que espolia e estorque, eis o sentido do termo.²⁵⁴

Nava partiu da fala direta do movimento dos padeiros que em vias retóricas dizia odiar a burguesia, dando a entender o confronto desta com as bases sociais do poder nas mãos desta classe, embora não especificasse se esse ódio se destinava à “burguesia material” ou “intelectual”, e o memorialista não atinou para o fato de que a Padaria foi revolucionária por suas atitudes extravagantes, pretendendo “mexer” com a pacata Fortaleza, diferente da postura formal²⁵⁵ e retórica dos movimentos anteriores, sobretudo da Academia Francesa, e dos movimentos literos políticos da abolição.

²⁵⁰ AZEVEDO, Sânzio de. A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará. Op. Cit., p. 76-77.

²⁵¹ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. cit.

²⁵² NAVA, Pedro. Op. Cit., p. 109.

²⁵³ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

²⁵⁴ NAVA, Pedro. Op. Cit., p. 109.

²⁵⁵ SALLES, Antonio. Retrospectos. Op. Cit., p. 6.

No entanto, embora exposto em inúmeras falas no *Pão*²⁵⁶, este “ódio à burguesia” não foi um verdadeiro ódio segundo José Ramos Tinhorão. Divergindo de Pedro Nava e, em parte, de Sânzio de Azevedo, Tinhorão²⁵⁷ afirma que esse ódio nunca existiu. Embora iniciado pelo Clube Literário, que propusera “*épater les bourgeois*”, ante uma dependência literária, fazendo com que vários “homens de letras” buscassem na literatura apenas um instrumento para atingir determinadas posições políticas e cargos públicos adentrando assim nas atividades de imprensa e se reunindo em determinados grupos literários, daí o sentido e a infinidade de grêmios literários apontados por Leonardo Mota²⁵⁸ os padeiros buscavam a boemia e a irreverência, justamente por que sabiam que jamais seriam reconhecidos como “intelectuais”, numa sociedade que só os concebia como boêmios²⁵⁹.

Essa posição já denota a consciência de saberem que nunca viveriam de suas “literatices”, clareando assim o sentido revolucionário de “mexer” e “escandalizar” com a sociedade fortalezense do final do século XIX, de forma específica, com a burguesia ignara tendendo “atingir” a classe que mais se preocupava com os elementos materiais, enquanto que o objetivo do grupo se deixarmos falar O *Pão* era alimentar o pão de espírito, exposto no artigo I do *Programa*: “(...) *Fica organizada, nesta cidade de Fortaleza, capital da “Terra da*

²⁵⁶ (...) A burguesia. Aqui têm os analysts da moderna escola, os dissecadores de viceras sociaes, um intuito interessante para um livro de effeito em que se fisesse a autopsia encandalosa e implacável d’essa porção da sociedade que tem a coragem maldita de nos perseguir, a nós, argonautas intrépidos, revolucionários do Bem amigos da Verdade, que trocamos desassombradamente todas as vaidades e todas as grandezas d’este – mundo inclusive o crachá de commendador – pela delicia incomparável de dizermos o que muito bem sentimos, pensamos e observamos. Porque convençam-se os que vêm tudo – ceos e terras – pelo prisma falso do interesse pessoal e do preconceito, se a humanidade ainda soffre e geme, a culpa é della, da burguesia, esse flagello de todas as grandes virtudes, esse algoz da esthetica e do bom gosto, cujas aspirações, em summa resumen-se n’este preceito ignóbil: - encher bem a pança e ganhar dinheiro (...). O Pão... da Padaria Espiritual. “Sabbatina”. Anno I, nº 4, 6 de novembro de 1892.. Op. Cit., p. 3.

²⁵⁷ TINHORÃO, José Ramos. A Província e o Naturalismo. Op.Cit.

²⁵⁸ MOTA, Leonardo. Op. Cit., p. 26.

²⁵⁹ Embora Tinhorão sustente que os homens encarcerados nos movimentos beletrísticos cearense como o da Academia Francesa, Abolicionismo e o da Padaria Espiritual buscavam atingir empregos para melhor se acomodarem na estrutura da lógica material-capitalista, vale dizer que alguns padeiros já haviam publicado antes do surgimento do grêmio idealizado por Antonio Sales. Adolfo Caminha, por exemplo, já havia escrito e assim publicado um livro de poemas *Vôos Incertos* (Rio de Janeiro, 1887) e um de contos *Judite e Lágrimas de um Crente* (Rio , 1887) e obtinha o cargo de oficial da marinha, no qual teve de abandonar em função do seu relacionamento com uma mulher casada, sendo então, rechaçado pela sociedade cearense de então. Para boa parte da critica literária local *A Normalista* é um revide a uma sociedade fortalezense hipócrita, com sua fala maledicente que beira um “cortiço de vespas” com seu som semelhante a um zum-zum-zum! Apesar da informação de Dolor Barreira, segundo qual Antonio Sales desejando participar do grupo do Club Literário colocou sob a porta da redação da tipografia do *Libertador* um de seus poemas dando a entender o caráter pragmático do escritor cearense, Sânzio de Azevedo afirma que durante os idos da Padaria Espiritual o nome do padeiro já era bastante conhecido no Sul. AZEVEDO, Sânzio de. A Padaria Espiritual. (1892-1898). Op . Cit., p. 15.

Luz”, antigo Siará Grande, uma sociedade de rapazes de Letras e Artes, denominada “Padaria Espiritual”, cujo fim é fornecer o pão de espírito aos sócios, em particular, e aos povos em geral (...).”²⁶⁰(grifo nosso).

Em face disso, não se poder afirmar que os membros dessa sociedade literária e artística, por pertencerem às classes médias e baixas em sua maioria, oriundos, em grande parte, dos interiores cearenses e constituindo os “Novos do Ceará”²⁶¹, tenham sido revolucionários no sentido percebido por Pedro Nava por utilizarem em parte uma linguagem diferente da erudição burguesa utilizada pela *Mocidade Cearense* quando dos movimentos literários anteriores, que ainda possuía laços com as tradicionais oligarquias de terras, representadas por suas falas eruditas pautadas na “ciência moderna”, cuja representação eram os ideais positivistas, evolucionistas, deterministas, e etc..

A linguagem dos artistas padeiros, e por sua vez, da Padaria Espiritual conferia às suas produções um sentido de “ruptura” social, no entanto, como veremos ainda, essa “ruptura” não foi possível, pois as contradições de seu projeto cultural foram inúmeras e a Padaria não materializou o falar da real “cultura popular”, muito embora tenha defendido, em alguns momentos, como veremos no próximo capítulo, a linguagem da maioria das pessoas “despossuídas” e assentadas no campo ou sertões cearenses.

O estudioso cearense das questões sociais locais Abelardo Montenegro²⁶² a respeito de um caráter revolucionário de classe, afirma que essa revolução não se liga a um fator meramente de posição social, o que desconstrói toda uma idéia utópica e romântica em torno da Padaria no sentido em ter elaborado esta uma análise da “cultura popular”, o que muito releva a historiografia cearense devido justamente a posição social de alguns padeiros, resultando daí um caráter de não só pretender “romper” com as estruturas sociais e econômicas, como também ver esta “cultura popular” a partir de seu próprio universo de valores.

Acresce a tais argumentos seu caráter de “troça” e “pilhéria” que credita a esta agremiação uma idéia de pensar uma “cultura popular” olhada a partir de valores autóctones, pois a historiografia literária cearense muito se detém sobre a imagem ou a idéia do *Ceará*

²⁶⁰ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual

²⁶¹ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit., p. 65. Azevedo Sânzio de. “Grêmios literários do Ceará”. In: SOUZA, Simone. História do Ceará. Fortaleza. Universidade Federal do Ceará / Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1989. p. 180-182.

²⁶² MONTENEGRO, Abelardo Fernando. Interpretação do Ceará. Fortaleza: Casa José de Alencar, 2001. p. 171.

*Moleque*²⁶³, resultado das manifestações populares em resposta as manobras políticas, uma vez que os padeiros eram do interior do Ceará e pretendiam se voltar para o mundo social da população pobre de onde vieram.

Nas leituras de *O Pão*, percebe-se que isso nunca existiu, apesar de constar nesse jornal um destaque ao Partido Operário em que a sociedade “*faria de tudo que pudesse para o bem do partido*”, permitindo pensar ainda mais o grêmio de Antônio Sales uma aproximação com a “cultura popular” a partir do conhecimento de causa, “visando” abalar as estruturas sociais, o que não concordamos.

“(…) É nobre e sublime a acção do Partido Operário; enquanto o governo trata de sobrecarregar de impostos a instrucção entre nós, o Partido Operário composto na sua totalidade de homens sem instrucção, de artistas rústicos, angaria donativos para uma kermesse e emprega todo o seu producto em favor das aulas nocturnas que o mesmo partido fundou e sustenta há mais de um anno. O operário, o filho do povo também precisa de instrucções, por tanto, o partido operário que lança mão de todos os meios para semear a instrucção no seio da indigência não pode deixar de merecer o nosso apoio.”²⁶⁴(…)

(…) “O Partido Operário desta capital por intermedio de sua directoria, pede nosso auxilio para a kermesse que pretende realizar no dia 24 de dezembro próximo em beneficio das aulas nocturnas que funccionam no salão das sessões do mesmo Partido. Pois não. Fique certo o Partido Operário de que a Padaria achará um meio de concorrer para o êxito de tão generoso designo.”²⁶⁵ (…)

No entanto, a análise de outras produções desse jornal demonstra que não houve de fato, tal aproximação. A Padaria Espiritual foi uma sociedade não só literária, como também das artes em geral como qualquer outra já mencionada, formada por pessoas de posse e com uma íntima ligação com o poder, ainda e sempre num mundo de analfabetismo, o que dá sentido às visões de seus integrantes encarcerados nos institutos ou nas academias brasileiras. Um breve e rápido “perfil sociológico”²⁶⁶ de alguns Padeiros se mostra de muito relevo.

1. Jovino Guedes (Venceslau Tupiniquim):

- Professor do Liceu, Deputado Estadual e, no Pará, onde residiu, ocupou altos cargos administrativos.

2. Antônio Sales (Moacir Jurema):

²⁶³ Ibidem, p. 167.

²⁶⁴ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 6, 24 de dezembro de 1892. Op. Cit., p. 8.

²⁶⁵ Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 4, 6 de novembro de 1892. Op. Cit., p. 7.

²⁶⁶ STUDART, Guilherme. Dicionário bio-bibliographico. Fortaleza, Typolitographia a vapor, 1910.

- Trabalhou no comércio ainda menino, chegando mais tarde a ser Secretário do Interior e Justiça. Deputado à Assembléia Legislativa do Estado. Ocupou um importante cargo no Tesouro Nacional.

3. Tibúrcio de Freitas (Lúcio Jaguar):

- Interagiu no Rio de Janeiro com personagens importantes do Simbolismo brasileiro, como Cruz e Souza, Nestor Victor, Carlos D. Fernandes.

4. Alvaro Martins (Policarpo Estouro):

- Fora repórter do jornal “Cidade do Rio de Janeiro”, de José do Patrocínio e da “Gazeta Mercantil”, de Aristides Lobo.

5. Adolfo Caminha (Felix Guanabario):

- Oficial da Marinha

6. José Carlos Junior (Bruno Jaci):

- Bacharel em Direito, Promotor e Juiz no interior do Ceará. Chefe de Polícia e Secretário da Fazenda. Professor de Línguas no Liceu.

7. Rodolfo Teófilo (Marcos Serrano):

- Formado em Farmácia na célebre Faculdade de Medicina da Bahia. Professor do Liceu do Ceará.

8. Valdemiro Cavalcante (Ivan d’Azhoff):

- Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Promotor de Icó. Secretário de Polícia em Fortaleza e Diretor da Escola Normal.

9. José Nava (Gil Navarra):

- Doutourou-se em Medicina na capital do País (Rio de Janeiro)

10. Cabral de Alencar (Abdul Assur):

- Formou-se em Medicina em 1901, no Rio de Janeiro.

11. Eduardo Sabóia (Braz Tubiba):

- Formou-se em Direito na Bahia, em 1902. Oficial de Gabinete do Governador da Bahia. Lente de Direito na Faculdade de Direito do Ceará. Secretário da Fazenda no governo Acioli.

12. José Carvalho – Cariri Braúna: - Foi Tabelião no Ceará e no Pará.

O grupo de rapazes padeiros em suas discussões sobre assuntos literários entremeados por outros temas regado a um boa pilheria inicialmente no Café Java, depois, na Rua Formosa, atual Barão do Rio Branco, respectivamente nos números 105, 106, 111, e finalmente, na casa de Rodolfo Theófilo, primava por uma linguagem “genericamente” nacional, lida de forma apressada por “cultura popular” estampada no *Programa de Instalação*, sempre tendo em vista a “cultura européia”, concebida por superior em relação à esta “cultura popular” da maioria das pessoas que não pertenciam nem à elite material e nem à elite letrada²⁶⁷.

A Padaria Espiritual diferiu dos outros movimentos por não ter sido composta em sua maioria por intelectuais pertencentes às camadas médias e altas como aquelas que integraram os outros movimentos, da Academia Francesa ao Movimento Abolicionista, além de não ter alardeado o ideal de “progresso” e “civilização” explicitamente, o que possibilitou e caracterizou o sentido maior da instalação da República, e assim, a divulgação das idéias “modernas” que resultariam²⁶⁸ tempos depois na abolição e na república, pois a Padaria é iniciada quando finda a monarquia.

Isto não significa dizer que o movimento deixou de pertencer a uma minoria intelectual simbolicamente “elitizada” para se tornar “popular”, somado ao perfil sociológico dos padeiros que em alguns casos eram pertencentes às camadas médias e altas da sociedade cearense. O movimento pode ser caracterizado como um movimento de elite, pois o fator econômico não invalida tal pressuposto, quando se presencia da mesma forma um analfabetismo como nos tempos imperiais. Se os padeiros não eram endinheirados, não eram desprovidos de um “capital simbólico” apto a ser utilizado pelas atividades de imprensa,

²⁶⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. *Tradições Populares na Belle Époque carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore. 1988.

²⁶⁸ OLIVEIRA, Almir Leal de. *Saber e poder. O pensamento social cearense no final do século XIX*. São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-graduados em História Social e Pontifícia. Uma verdade Católica de São Paulo, 1998.

como nos tempos de Academia Francesa, pensando na garantia de um futuro promissor, fosse aquinhoados com uma cadeira no Instituto do ceará ou na Academia Cearense.²⁶⁹

Advém daí a aposta no conhecimento letrado facultado a muitos poucos, geralmente às elites, embora encabeçado por pessoas oriundas do interior, não necessariamente despossuídas, a ponto de não portar o poder letrado, como bem acentua a historiografia literária cearense, que aponta a Padaria como porta-voz de uma “fala popular” por ter sido esta em boa parte composta por pessoas oriundas dos sertões cearenses, “supostamente” pobres materialmente e intelectualmente, o que é uma observação ideológica, pois vários integrantes tiveram posições confortáveis como vimos quando de um breve “perfil sociológico”.

Desse modo, o caso da Padaria é inédito, quando se associa formação de “idéias” a “classe”, o que realiza a historiografia literária cearense, o que só reforça a nosso ver ainda mais o grau de elitismo por parte destes movimentos literários, no sentido em que uma gama de “homens de letras”, ante uma situação de miséria e frente a um estado inoperante que não disponibilizava as mínimas condições de existência se transferiam para a capital visando um “aperfeiçoamento intelectual”, tentando adquirir a segurança material, o que jamais aconteceria com o retirante que se dirigia à cidade para não “morrer de fome” e não para discutir “literatices”,²⁷⁰ se agremiando em torno dos movimentos literários.

O fato de seus integrantes saberem ler já evidencia uma exclusão social por demais acentuada, visto que somente as pessoas de posse tinham acesso a essa “cultura letrada” que quando muito girava entre seus pares e os jornais sequer conseguiam sair do perímetro central da cidade. O elitismo destes movimentos intelectuais é demonstrado pela existência de educandários particulares, como o *Ateneu Cearense*²⁷¹, reduto de instrução da *Mocidade Cearense* facultado somente a estas elites e pela fundação do Liceu do Ceará, em 1845 pelo padre e senador Pompeu, imbuída na gestação de uma nata intelectual cearense e no gerenciamento dos cargos públicos viabilizado por meio de um saber impregnado pelas ciências naturais, resultado de um momento liberal só compreendido por estas mesmas elites e somente permitidas a elas.

²⁶⁹ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit., p. 66.

²⁷⁰ PIMENTEL FILHO, José Ernesto. A aristocratização provinciana em Fortaleza (184-1890). Recife: Dissertação de Mestrado defendida no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, 1995.

²⁷¹ GIRÃO, Raimundo. Educandários particulares. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1956.

Como movimento intelectual que jamais poderia fugir ou romper com as “estruturas de poder”, a Padaria, como representante ou portadora desse pensamento ilustrado face as diferentes “posturas intelectuais” por parte de seus intelectuais confrades apresentou várias ambigüidades, a contar de seu *Programa de Instalação* quando do não cumprimento de alguns artigos, como aquele relacionado com a análise da “cultura popular” em à “cultura moderna” de raiz européia, o que para vários estudiosos o movimento literário e artístico antecipou²⁷² em trinta anos o projeto modernista do grupo paulista, centrado principalmente nos nomes de Mário e Osvaldo de Andrade.

Essa agremiação literária e artística tinha como movimento elitista que visa à dominação, o célebre pensamento ilustrado positivista de associar “progresso científico” a partir das letras à “progresso moral”, traço relevado também pelo Clube Literário dentro de um contexto social que permitiria este discurso somente a poucos. Saber ler, dessa forma, já era uma condição que permitia uma aproximação a esta elite material como acentua o seguinte artigo: “(...) Art. XXXIX – “A Padaria desejaria muito criar aulas nocturnas para a infância desvalida; mas como não tem tempo para isso, trabalhará por tornar obrigatória a instrução publica primaria(...)”²⁷³.

Como nos tempos de Academia Francesa com a presença das aulas noturnas em sua *Escola Popular* onde eram divulgadas os ideais modernos da ciência experimental, fruto das transformações técnicas, e mais tarde viria a ser também uma das preocupações do *Club Literário*, este elemento positivista de transformação também ficou presente na sociedade dos padeiros, quando se primava que as atividades letradas subtraíam o atraso material e moral de Fortaleza. Tal discurso balizou os ideais letrados dos padeiros de conhecer não só para explicitar como para explicar determinadas “hierarquias sociais”, o que caracteriza o pensamento ilustrado das academias, salões e universidades, enquanto representantes diretas das estruturas do “poder material”²⁷⁴.

O fato de emergir no cenário local uma sociedade como a Padaria Espiritual não só mostra o viés de caráter gregário decorrente de inquietações políticas debaixo de uma arena partidária onde não era possível a independência literária, como aponta a “instrumentalização” literária característica desses movimentos, artifício já conhecido pelos

²⁷² Esta idéia de que movimento literário e artístico da Padaria Espiritual antecipou em trinta anos o modernismo paulista da Semana de 22, corroborada por boa parte da crítica literária cearense foi primeiramente lançada por Sânzio de Azevedo. AZEVEDO, Sânzio de. A Padaria Espiritual. (1892-1898). Op. Cit., p.28.

²⁷³ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

²⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 7-16.

“homens de letras” a partir de 1870 quando aí implicou as oscilações econômicas²⁷⁵ e deu sentido aos inúmeros movimentos literários e gabinetes de leitura²⁷⁶ espalhados por todo o interior do estado.

O fato de boa parte dos intelectuais padeiros advir dos sertões cearenses reforça a idéia de que estes intelectuais “menores” eram desprovidos das mínimas condições de existência. Uma análise minuciosa a partir do “perfil sociológico” de alguns padeiros mostra que essa foi uma “sutileza” encontrada pela historiografia literária cearense para reforçar esse caráter “civilizatório”, apostando na cidade ainda e sempre como o único local onde “progresso” moral e material seria possível, como escrevera o padeiro-mor Antônio Sales em sua *Aves de Arribação*, pressupondo a superioridade de um povo fincado na cidade na pessoa do bacharel, adiantado, “moderno” e “civilizado”, em detrimento da pessoa do campo ou sertão fixado fora da cidade, incapaz de realizar produções intelectuais, e ainda que possível sempre concebida como uma literatura “menor” ou sub-cultura.

Nessa obra, Antônio Sales mostra os “pracianos”, pessoas que vieram de fora, geralmente da cidade com uma formação acadêmica “científico-civilizada” em detrimento da população campestre agarrada a sua “cultura popular”.

“(…)D. Bilinha fazia quase só os gastos da palestra, satisfeita de falar com um homem polido, senhor da arte da galanteria, como o verificou ao trocar com ele as primeiras palavras. Para a gente da terra D. Bilinha passava por afetada em seus modos e gestos, acontecendo que, a despeito da sua afabilidade, algumas pessoas, sobretudo as mulheres fugiam de conversar com ela porque não sabiam “falar difícil”.²⁷⁷

(...) O Dr. Alípio entrou logo a compará-la à Florzinha, com sua tez muito clara, grandes olhos inocentes, maneiras tímidas de adolescente envergonhada das suas formas e de seu vestido comprido (...).²⁷⁸

Embora saibamos, grosso modo, do universo ilustrado dos padeiros a partir de suas visões de mundo, os rapazes de letras e artes contribuíram de uma certa forma para problematizar a análise da cultura popular cearense. Na fala acima o padeiro-mor critica a visão estereotipada do bacharel em detrimento da cultura que assiste a maioria das pessoas de origem humilde. Temos que salientar que a visão geral dos padeiros não recaiu somente a partir de uma análise naturalista onde as forças do meio são determinantes para as confecções

²⁷⁵ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit.

²⁷⁶ MOTA, Leonardo. Op. Cit.

²⁷⁷ SALES, Antônio. *Aves de arribação*. Fortaleza: Editora UFC, 2005. p. 47.

²⁷⁸ Ibidem, p. 48.

narrativas da produção dos escritores artistas do grupo de Antônio Sales. Se é verdade que Rodolfo Teófilo baseou sua produção literária influenciado tão fortemente pelos fatores raciais e mesológicos, no grupo dos padeiros houve a preocupação com os “tipos” cearenses a partir das análises de José Carvalho, o Cariri Braúna da Padaria Espiritual.

Na fala acima tendo em vista a análise da cultura popular do povo simples e habitante dos sertões cearenses, Sales se contrapõe à análise social por parte do bacharel que é deletéria, e claro, prejudicial à organização da cultura popular cearense por parte de seu grupo de letras e artes. Desta forma, nossas análises de forma alguma são ambíguas, haja vista a sátira realista por parte do idealizador da Padaria Espiritual, pois apesar de tal crítica, desprovida das influências científicas, o grupo dos intelectuais padeiros captou uma cultura popular já livre dos elementos científicos de outrora. O maior avanço dos padeiros foi trazer à tona a discussão de uma cultura popular, algo que os grupos estritamente filosófico da Academia Francesa e do movimento político do abolicionismo não conseguiram suscitar. Este é sim o grande salto ou o avanço do grupo literário e artístico dos padeiros.

Nesse mesmo romance, Alípio por ser bacharel, pessoa “civilizada” em função de residir na cidade é prestigiado por ter seus trabalhos publicados em um jornal do Recife, enquanto Matias, moço do interior cearense, escreve seus versos, mas envergonha-se de mostrá-los ao bacharel por ser uma pessoa da roça ou do campo, considerada “atrasada”, de mente inferior, e portanto, incapaz de compreender o mundo racional e “moderno” do homem civilizado defendido e divulgado pelos “homens de letras” fincados na cidade.

Esta visão ilustrada não só invalida a preocupação por parte da Padaria com a formação e análise da real cultura do povo cearense debaixo de “tipos” como credita a partir daí, a visão de meia dúzia de pessoas ilustradas que tocaram em particularidades dos costumes do povo cearense porque este existe e se faz não sob formas genéricas ou redundantes, mas sim em suas realizações maiores que bem fogem aos esteriótipos destes “tipos” cearenses, visto que nem todo cearense é pescador, caçador ou contador de história, ou outros exemplos que não abarcam a “cultura popular” maior do povo cearense, como concebem os folcloristas que olham a “cultura popular” como uma *“coisa morta”*²⁷⁹.

²⁷⁹ CERTEAU, Michel. A cultura no plural. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 55-85.

2.2 Objetivos literários e políticos da agremiação

Consagrada e celebrizada pela historiografia literária cearense como o maior movimento literário cearense com reconhecimento noutras paragens, uma vez que inúmeros jornais divulgaram seu *Programa de Instalação* na íntegra, o grupo de rapazes de letras e artes prometia falar da real “cultura popular” do povo cearense por meio da formação de um “cancioneiro genuinamente cearense”, a partir de seus valores do campo, diferenciando assim a Padaria Espiritual dos outros movimentos literários anteriores que primavam por uma retórica fina, visto que grande parte dos integrantes desta sociedade não só de letras como das artes em geral eram oriundos dos sertões cearenses.

A Padaria Espiritual objetivava fugir ao academicismo burguês das antigas academias-mirins com seus estatutos massudos e suas falas cientificistas baseados nos valores da ciência moderna, voltando o olhar à “cultura popular” vista sempre a partir de “tipos” e entranhada na “alma” do povo cearense. Em seu *Programa de Instalação* com quarenta e oito artigos, dois atestaram a primazia pelo nacional, pela identidade do povo ou alma do cearense, sob um caráter de “tipos”. Eis os dois artigos:

“Artigo XIV – É proibido o uso das palavras estranhas à língua vernácula, sendo porem permitido o emprego dos neologismos do Dr. Castro Lopes”.²⁸⁰

“Artigo XXI – Será julgada indigna de publicidade qualquer peça litteraria em que se fallar de animaes ou plantas estranhas á Fauna e á Flora brasileira, como – cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, etc”²⁸¹.

A demonstração de ojeriza pela burguesia também fazia parte desse *Programa de Instalação* e inúmeras vezes foi documentada no *Pão* sobretudo nos primeiros 6 volumes que marcaram os tempos de “troça” e “pilhéria” do primeiro momento do grupo literário e artístico.

“(…) Não é que houvesse da parte d’ellas (typographies) o propósito de uma recusa ao nosso modesto e bem intencionado jornal, que só tem por inimigos a burguesia; mas havia a deficiência de meios com que satisfazer aos compromissos já tomados e imprimir “O Pão” – o que tanto monta (...)”²⁸².

²⁸⁰ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

²⁸¹ Ibidem.

²⁸² O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 3, 30 de outubro de 1892. Op. Cit., p. 2.

Sales também registra: “(...) *não perdíamos ao efeito de armar ao efeito e apavorar o burguês (...)*”²⁸³. Este era um dos elementos mais importantes do grêmio e sentido maior dessa sociedade de letras que também declarava como inimigos naturais os alfaiates, policiais e mulheres fumantes: “(...) *Art. XXXVIII – As mulheres, como entes frágeis que são, merecerão todo o nosso apoio, exceptuadas as fumistas, as freiras e as professores ignorantes (...)*”²⁸⁴.

Tais artigos, entretanto, não significavam que a sociedade tivesse a concepção de uma “cultura popular” a partir dela mesmo. Antônio Sales, ao escrever o *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual*, obra em que faz um balanço sobre a Padaria Espiritual reconhece que não foi possível o cumprimento do artigo do *Programa de Instalação* que falava a respeito da organização de um “cancioneiro genuinamente cearense”, salientado também por Leonardo Mota o que consideramos ser um dos artigos mais importantes, já que a sociedade investira na análise e registro da “cultura popular”, elemento que realmente diferenciou a linguagem da Padaria Espiritual dos movimentos intelectuais anteriores. Sales registra no *Retrospecto*.

(...)“Quase que injustificável é a nossa desídia não levando a efeito a bella idea contida no artigo XXXIV, no qual nos comprometemos a publicar um Cancioneiro Popular Cearense.

Todos vós sabeis de cor algumas dessas deliciosas trovas de uma concepção tão original, de um sentimento tão profundo que surpreendem a Nós, eruditos fazedores de versos e de estrophes banaes, valendo mais pelo rendilhado da forma do que pela espontaneidade e sinceridade do fundo.

Reunir em um livro essas flores bellas e sylvestres do lyrismo popular, cremos que será um dos mais valiosos serviços que poderíamos prestar á nossa terra”²⁸⁵.(...) (Grifo nosso).

Os intelectuais padeiros em parte “criticavam” a burguesia tendo em vista suas confecções narrativas imersa num contexto de um imaginário tipicamente burguês, calcado sob os tempos gloriosos de “*belle époque*” como representação direta de um mundo capitalista sob a influência das idéias européias, sobretudo francesa, onde a maioria da população vivia alheia, primando assim por outros valores calcados no sertão cearense, com histórias que envolviam as práticas do real homem do campo e suas tradições de cearense forte, inseridas no resguardo da mãe-natureza que apesar de oferecer sacrifícios ainda num

²⁸³ JUREMA, Moacyr. Op. Cit., p. 6.

²⁸⁴ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

²⁸⁵ JUREMA, Moacyr. Op. Cit., p. 12.

mundo de pobreza e miséria assolado por suas secas periódicas tão bem exploradas pela historiografia literária, diferenciava o povo do campo da sociedade citadina com sua gama de vícios “degenerativos”²⁸⁶.

Frente a outras sociedades literárias cearenses já pontuadas neste trabalho, a Padaria Espiritual em parte rompeu com o apelo científico alardeado desde a Academia Francesa por não ter falado, de forma clara e explícita, sobre os avanços que o poder científico traria à “modernidade”, a um novo estágio “positivo” e “civilizado”, um dos traços característicos da *Mocidade Cearense* que carrearou os movimentos intelectuais da Academia Francesa e do abolicionismo.

Tachados de boêmios por “escandalizar” e “mexer” com a pacata e atrasada sociedade fortalezense de então, o movimento ficou conhecido por ter “rompido” com as antigas academias-mirins em função de sua “originalidade” e por pretender falar de uma “cultura popular” baseada nos valores campestres, diferente da linguagem científica dos movimentos anteriores num mundo que jamais os reconheceria²⁸⁷ como intelectuais.

O “ódio ao burguês” foi outra prerrogativa da Padaria Espiritual que de fato não se concretizou. Contando em seu seio com poetas que se agarraram a “linhas de fuga”, como foi o caso de Lívio Barreto, Lopes Filho, Cabral de Alencar, e mais tarde Tibúrcio de Freitas²⁸⁸, numa desterritorialização que é o reflexo de um período provinciano de iletrados e aturdidos por uma “civilização” que só degenerava os costumes, o *Pão* anunciava a descrença com a instauração da nova sociedade republicana e moderna que de forma ambígua foradantes defendida por alguns padeiros.

“(…) Dias movimentados. Festas. Anno Novo e Reis Magos, mas sem uma nota que fique recordando o que foram esses dias, incaracterizados por essa consagração burgueza que se resume na exposição de uma vestimenta nova ou escovada, de um bôlo feito com economia de manteiga, attenta a carestia de genero, n’esse inspido vae-vem pelos passeios, trocando ás portas cumprimentos sedícios aos conhecidos que se encontram. Nada de tradicional que desperte a admiração ou emocione. As antigas lapinhas, que em sua smples encenação d’outros tempos nos suggeriam alegrias bucolicas, effusões sadias e confortantes, eleiavam-nos, transportando-nos em espírito aos tempos primitivos da era christã, seguem caminho da decadência, desvirtuando as bellas lendas que representam, e, n’uma vertigem de modernice cahem na mais chata e ridícula força que um espírito esmulambado pode imaginar (...)”.²⁸⁹ (grifo nosso).

²⁸⁶ OLIVEIRA, Caterina Maria de Sabóia. Fortaleza: seis romances, seis visões. Fortaleza: EUFC, 2000.

²⁸⁷ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit., p. 69.

²⁸⁸ AZEVEDO, Sânzio de. “Lívio Barreto e o verso humorístico”. In: Novos Ensaio de Literatura Cearense: Fortaleza: UFC / Casa de José de Alencar, 1980. pp. 81-94. “Lívio Barreto o simbolismo no Ceará”. Aspectos da literatura cearense. Fortaleza: edições UFC / Academia Cearense de Letras, 1982. p. 65-81.

²⁸⁹ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 8, 15 de janeiro de 1895. Op. Cit., p. 1.

Tais escritos podem pressupor uma certa consciência de classe por parte de alguns padeiros. Somado a outras falas que ora aludem ao nascimento de Jesus Cristo²⁹⁰ com toda uma carga de humanidade, ora a importância do partido operário²⁹¹ como já mencionado segundo algumas narrativas do *Pão*, e também devido as tônicas cétricas por parte de sua poesia mórbida, como sintoma de um mundo em que o velho conceito de “civilização” só trouxera à tona uma sociedade farta de traumas existenciais, carente de sentido, buscando em outro mundo a segurança deste. Nessa linha, dentre os treze trabalhos publicados pela “Biblioteca da Padaria da Padaria Espiritual” sete trabalhos são em estilo poético, onde alguns se caracterizam pelo decadentismo, numa poesia mórbida, em que o sentido da vida é questionado, com seus traumas existenciais, resultado do mundo “moderno” e “civilizado” tão defendido pelos intelectuais da *Mocidade Cearense*.

Dessa forma, a hostilidade propugnada pelos padeiros ao ramerrão burguês nunca existiu, embora Pedro Nava os defina como uma classe de rebeldes, cheirando a suor proletário, cabendo a este trabalho esmiuçar tais pressupostos.

“(…) Quase não é hipótese, mas certeza. A Padaria era extremista, socializante, levemente anarquista. Num país verde e amarelo basta lembrar a escolha da cor do lábaro da associação: pena e espiga de trigo bordados em campo de sangue, do vermelho da revolução e da anarquia, do vermelho da luta da “gente vulgar, pobre que vive de pada, e água, ou pouco mais; habita pobremente e assim se veste: o vulgo. Essa bandeira de oposição estava sempre visível. Nas reuniões. Nas manifestações coletivas. Os nomes “padaria”, “padeiro”, “fornada” cheiram

²⁹⁰ “(...) Nascimento de Christo. Lá n’um recanto Florido da Virente Bethlem, na Judéia, nascia neste dia uma criança loura como ostrigaes egypticiaos e que, mais tarde, feito homem, havia de lavar com seu purissimo sangue as culpas dos humanos. Uma estrella mystica descia do céu envolvendo no seu diaphano e lúcido manto a casinha em que nasceu Jesus; e uma virgem, bella, morena e rosada como os cactus púrpuros do Carmello, enternecida em extasis, chorando no intimo lastimava o ficho cujo futuro doloroso fazia-a, tão cedo soffrer! Piedosos, rústicos pastores, do todo a parte, traziam ao Menino as primicias de seus rebanhos; e do extremo oriente os Magos, de deserto em deserto, através de mil perigos, guiados por um raio da estrella de Bethlem, buscavam a criança, para adoral-a, e a seus pés depunham ouro, myrrha, e incenso. Sacra tradição que nossas mães nos infiltraram n’alma, como o primeiro leite que nos deu vida, bendita sejas! bendito sejas, Natal! O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 6, 24 de dezembro de 1892. Op. Cit., p. 04. (...) Noite de Festa. É este o termo popular, o nome commum que o povo dá a noite de Natal, a grande noite em que, segundo diz a lenda, na velha cidade de Bethlem, na Judéia, dentro de uma mangedoura, Maria, a doce mãe dos peccadores, deu á luz um menino que veio mais tarde resgatar a humanidade inteira. Que boa e humilde que era Maria! Para que se cumprisse a prophesia do anjo Gabriel deixou ella a sua casa, a sua pátria, para ir a Bethlem, a velha cidade de David, como uma peregrina, vagando de casa em casa, de tenda em tenda, de hospedaria em hospedaria, a procura de um lugar para fazer um berço para Jesus nascer n’aquella noite. Foi sobre as palhas de uma mangedoura, onde horas depois foram cantando e tocando as suas flautas de barro todos os pastores de aquellas redondezas que avisados por um anjo iam render homenagem ao pequeno Jesus, que havia de por mais tarde um Rabbi entre os judeus (...). Ibidem., p. 5.

²⁹¹ “(...) O Partido Operário desta capital, por intermédio de sua directoria, sede nosso auxilio para a Kermesse que pretende realizar no dia 24 de dezembro próximo em beneficio das aulas no chersão: fique certo de que a Padaria achará um meio de concorrer para o êxito de tão generoso designo (...). O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 4, 6 de novembro de 1892. Op. Cit., p. 7.

grandemente a suor proletário. “Pão” também, que além das idéias de reivindicação, de direito pela necessidade, tem mais o conteúdo transcendental do sagrado – do mesmo jeito que o vinho, que o azeite. Além dos símbolos revolucionários, há o princípio fecundo do ódio ao burguês, da guerra ao burguês contidos no programa e evidentes na ação da Padaria Espiritual (...).²⁹² (...) (grifo nosso).

A denominação Padaria Espiritual se contrapõe à idéia de “matéria” privilegiada pela burguesia que mais se preocupava em ganhar dinheiro e assistir às corridas no Prado aos domingos, e que fora a gerenciadora das grandes transformações urbanas em Fortaleza, quando da segunda metade do século XIX, sobretudo a partir da cultura do algodão nas décadas de 1860 e 1870 que fez da província de Fortaleza uma cidade com ares de “modernidade” do que com as atividades letradas denunciadas desde o Clube Literário pela pena do padeiro Antônio Bezerra, frente à situação de inércia arregimentada por uma população analfabeta que não suscitava o florescer das belas letras.

Qual “cultura popular” constituída pela “alma” deste “povo cearense” difundido pela Padaria Espiritual num conceito em si próprio já ideológico, uma vez que, a partir desta universalização dos “tipos” cearenses esta sociedade registrou? Qual a “cultura popular” apontada pela Padaria Espiritual?

Essa “cultura popular” não era a priori percebida a partir de um “olhar civilizatório”, e claro, de fora, que antes de tudo pressupunha a superioridade da cultura tida por “civilizada”, cimentada a partir do pensamento europeu e divulgada pelos movimentos literários anteriores à Padaria, diferente de uma cultura concebida por menor, sub-cultura, lida por atrofiada, gerada e vista a partir de um romantismo acentuado que redundava numa ideologia saudosa, concebendo o cearense sempre como “hospitaleiro”, “valente” e “forte”, elementos constituintes da historiografia literária cearense, como bem atesta boa parte de seus trabalhos romanescos.

Desse modo, apesar de todas as dificuldades do meio o tipo “cearense” valente e forte ama a sua terra com seus costumes “rudes”, mas naturais, como bem registrou Antônio Bezerra, Rodolfo Teófilo, e as diversas leituras sociais divulgadas por esses “homens de letras” e ciências, fosse na revista *A Quinzena*, propriedade do *Club Literário* ou nos movimentos políticos do abolicionismo, que mais não foram do que a “instrumentalização”²⁹³ dessas leituras impregnadas por um pensamento evolutivo que sempre propôs subtrair o atraso

²⁹² NAVA, Pedro. Op. Cit., p. 113 e 114.

²⁹³ OLIVEIRA, Almir Leal de. Op. Cit.

moral e material a partir das letras, o que coube de forma específica aos movimentos literários do Clube Literário, e tempos depois, da Padaria Espiritual.

Por outro lado, as alusões à tão festejada “civilização” a partir do conhecimento científico racional numa sociedade analfabeta, revelam que o movimento é um instrumento continuador, posto que construído a partir do saber, do poder letrado, simbólico, legitimando assim o poder material real e de fato. Semelhante a preocupação da Academia Francesa e do Clube Literário em relação a disseminação do saber como elemento “transformador” e assim “progressista” da sociedade a partir das atividades letradas, art. XXXIX. “(...) *A padaria desejaria muito criar aulas noturnas para a infância desvalida; mas, como não tem tempo para isso, trabalhará por tornar obrigatória a instrução pública primária (...)*”²⁹⁴.

É preciso esclarecer que como todos os movimentos literários anteriores com seus “homens de letras” portando um “capital simbólico” apto a ser explorado pelas atividades de imprensa, num momento em que a saída ou era o jornalismo ou um emprego público de baixa remuneração muitas vezes associado ao ensino de primeiras letras, a Padaria Espiritual serviu de meio ou forma de ascensão sócio-econômica para alguns de seus confrades.

Desse modo, a migração desses “homens de letras” de seus locais de origem pode ser atribuída a tais interesses, como mostram os “perfis sociológicos” aqui apresentados, diferente do flagelado da seca que migrava do sertão em direção ao litoral para se refugiar debaixo de árvores e prédios públicos para não morrer de fome vendendo ou trocando sua força de trabalho por um prato de comida, diante de um “olhar disciplinador”²⁹⁵ que fez da miséria destes milhares de retirantes a força de trabalho na construção da *belle époque*²⁹⁶. Poucos segmentos sociais se beneficiaram com essa “civildade”: somente a elite do comércio e outras pessoas que possuíam estreita ligação com o poder, exemplo de alguns “homens das letras” cearenses contemplados com seus empregos públicos.

Como “continuidade” aos movimentos anteriores a Padaria Espiritual em parte também chegou a falar a linguagem científica, haja vista as colunas de Rodolfo Teófilo sobre a *Influência das manchas solares* ou os escritos de Clóvis Beviláqua em seus artigos sobre *Criminologia e Direito*, ainda muito influenciado por uma concepção etnográfica assentada

²⁹⁴ PROGRAMMA de instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

²⁹⁵ BEZERRA, José Tanísio Vieira. Quando a ambição vira projeto. Fortaleza, entre o progresso e o caos (1896/1879). Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de História Social da Pontifícia Universidade de São Paulo, 2000.

²⁹⁶ NEVES, Frederico de Castro. A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de História Social da Universidade Federal Fluminense, 1998.

em nomes como Lombroso. Nesse trecho do artigo, Teófilo explica à luz da ciência as causas da seca:

“(…) Não fosse uma verdade a influencia das manchas solares sobre a quantidade de chuva que cahe sobre a terra, ella não se faria sentir sobre um ponto tão limitado como é a zona flagelada pelas seccas no norte do Brazil e na Índia, e sim em todo o globo, porque há manchas solares, cujas dimensões ecedem muitas vezes as da terra. Do mesmo modo que o mínimo de manchas diminue a quantidade de chuva, o máximo de manchas a augmente, isso se disse e se sustentou no Instituto Polytechnico. Se fosse exacto que a quantidade de chuva que cabe ao Ceará augmenta na razão directa do número de manchas solares, o inverno de 1866 devia ter sido muito escasso, pois em 1867 as manchas de sol desceram seu mínimo. Não foi escudado em um facto único que condemnei o que se disse no Instituto sobre as seccas do Ceará: sigo o conselho de Arago: - N’estas matérias convem que nos abstenhamos de generalisar, em quanto não tivermos um numero mui crescido de observações (...)”²⁹⁷.

Esses textos, ainda que de forma exígua e esparsa, atestam a presença das idéias científicas, bem como nas sociedades literárias anteriores, muito arraigadas em alguns padeiros, embora se saiba que Bevilacqua não integrou o movimento, mas só o fato de tais idéias estarem estampadas no *Pão* dispensa maiores comentários, e já aponta a “continuidade” ideológica do movimento em relação ao naturalismo da *Quinzena*.

José Carlos Junior, que também escreveu na *Quinzena*, foi outro personagem que num primeiro momento alardeou uma “civilização” baseando-se no mesmo pensamento científico e depois registrou sua decepção quando tais elementos civilizatórios “degeneravam” uma pureza que só existia no campo. Tal visão já é lançada pelo “homem de letras” fincado na cidade, olhando o campo como puro, ingênuo, desprovido dos conflitos que só existem na cidade²⁹⁸. É quando já há a separação entre campo e cidade, duas visões e dois projetos culturais já cristalizados

“(…)Torralha, como Campoamor, e como a sociedade actual são agitados por sentimentos contradictorios e por um estado de verdadeira perplexidade. De um lado, as conquistas da sciencia positiva, de outro, a saudade dos ideais que fogem ao ardor de ver que a perfeicção sonhada ainda vem longe, a um futuro incerto, crea na alma moderna esse estado mórbido que se resolve ora n’um pessimismo extremo, ora em um mysticismo inconsequente e as mais das vezes em um tédio atroz.”²⁹⁹ (...) (grifo nosso)

Como vemos, os novos valores desenrolados pelas normas “civilizadas” da ciência moderna causa um estágio de morbidez e profundo pessimismo possivelmente devido

²⁹⁷ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 11, 1 de março de 1895. Op. Cit., p. 3.

²⁹⁸ OLIVEIRA, Caterina de Saboya. Op. Cit.

²⁹⁹ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 8, 15 de janeiro de 1895. Op. Cit., p. 4.

as relações de força que pairam nos grandes centros urbanos. Na coluna de José Carlos Junior, que integrou o Clube Literário, fica por demais clara a presença de um “olhar civilizatório” por parte deste “homem de letras”. Tratando da condição da criança, à luz do pensamento europeu, o padreiro escreveu:

(...) O aborto, o infanticídio e o abandono das crianças na antiguidade foram tão largamente praticados e o são ainda em tão grande numero de povos que não se pode duvidar que fossem factos sociológicos muito naturaes e determinados por motivos fortes e ineluctáveis.

Referindo-se a este factos, Herbert Spencer explica-os pela “necessidade de minorar a massa total dos soffrimentos, impostos pelas condições de vida selvagem n’uma região estéril”³⁰⁰. (grifo nosso).

Na fala de José Carlos Júnior, ainda se presencia as mesmas posições científicas pautadas na teoria darwiniana respaldada pela seleção natural e nas idéias atávicas que tão bem marcou o pensamento do farmacêutico Rodolfo Teófilo. O nome do Spencer tão bem aludido pelos homens do Clube Literário em sua *Quinzena* é citado na coluna, como “continuidade” do movimento cultural dos padreiros, haja vista os escritos de Rodolfo Teófilo e José Carlos Júnior neste veículo.

Adolfo Caminha, expulso da sociedade em 1896 quando de sua transferência para o Rio de Janeiro em 1894, padreiro rebelde que embora tenha brigado com Antônio Sales foi convidado por este a se agremiar na Padaria Espiritual enalteceu uma sociedade “civilizada” num primeiro momento ancorado no pensamento ilustrado ao apontar os Estados Unidos como modelo de nação e de povo e, no fim das contas, desacreditou estes valores alardeados em suas primeiras produções.

Se por um lado Adolfo Caminha enaltece e vê sua terra a partir do que viu quando de sua passagem por Nova York em sua viagem a brigue do Almirante Barroso, documentada em seu *País dos Iankes*, onde os Estados Unidos aparecem como modelo de nação, por outro, o padreiro reconhece que no geral esta tal “modernidade” só destrói o que há de valor presente nas pessoas ainda não tocadas pelas mãos “civilizadoras”

(...) “O autor destas simples notas de viagem, que admira os Estados Unidos como uma segunda pátria, porque ali moram juntas todas as liberdades e florescem prodigiosamente todas as nobres idéias civilizadas, de braços cruzados estendia o

³⁰⁰ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 9, 1 de fevereiro de 1895. Op. Cit., p. 3.

olhar cheio de admiração, cheio de deslumbramento por cima das extensas planícies das margens do grande rio”³⁰¹

E punha-me, nessa embriaguez do grandioso, a pensar no progresso dos Estados Unidos, desse país modelo, onde tudo move-se por meio de eletricidade e vapor, onde tudo é feito às carreiras, num abrir e fechar de olhos, sem a menor perda de tempo; vinham-me à imaginação escandecida, as descobertas de Franklin, de Fulton e de Edison, as maravilhosas experiências sobre o telégrafo, sobre o telefone e sobre o fonógrafo, e eu repetia com os meus botões, mergulhando o olhar na distância, abarcando a cidade inteira: - Grande país! Grande povo, gente feliz, que sabe compreender a vida e amar a pátria!

Como era pequeno o meu país, com toda a grandeza de suas montanhas e rios, diante do colosso americano do norte!

Caia-me na alma uma tristeza de desterrado, uma profunda e incompreensível melancolia, feita ao mesmo tempo de saudade e descrença...

Incansáveis os americanos! Nenhum povo os excede em temeridade e perseverança. Sequiosos de glórias para o seu país, ávidos de empreendimentos que causem assombro ao mundo, eles têm uma grande qualidade – o amor à sua terra, o nativismo instintivo, o chauvinismo (deixem passar o termo) incondicional absoluto, e é força confessar que, sem essa qualidade, sem esse egoísmo patriótico, as nações vivem, mas não progridem.

Ainda ultimamente a câmara do Estado de Nova Iorque aprovou, por unanimidade, o *bill* que propôs a construção de uma nova ponte de ferro sobre East River, passando sobre a ilha de Blackorel, que ligue Nova Iorque a Long Island, e que terá seis mil metros de comprimento e 46 de altura, com uma resistência de 65 quilômetros de velocidade para os trens que a devem atravessar.

É o caso de dizer, parodiando o outro: se eu não fosse brasileiro, desejaria ser americano do norte” (...)³⁰².(grifo nosso).

Há sim falas e elementos da “cultura popular” envolvendo particularidades que integram a cultura maior das pessoas vista a partir de um “olhar civilizatório” na vasta produção da “Bibliotheca da Padaria Espiritual”, não mais apelando por uma sociedade “moderna” ou “civilizada” a partir de um pensamento evolutivo que traria a “modernidade” e a “civilização” como se encarregara a *Mocidade Cearense* em seus movimentos intelectuais, como vimos com os movimentos intelectuais da Academia Francesa e do abolicionismo cearense em torno da *Sociedade Cearense Libertadora*.

Afinal, os tempos eram outros e o que muito deu sentido àqueles que se engajaram em prol das idéias “modernas” em meio as atividades letradas na arena partidária, sustentando o conceito de “civilização” como discurso direto dos anseios das elites foi a idéia de uma

³⁰¹ CAMINHA, Adolfo. Tentações; no país dos ianques. Rio de Janeiro: U. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979. p. 152.

³⁰² Ibidem, p. 164.

república “científica”, representante direta dos ares “democráticos” para a instauração de uma “nova” ordem.

Essas mudanças poderiam “oferecer” maiores oportunidades políticas causando a impressão de que o povo seria arregimentado em sua totalidade, a partir de um sistema político de maior representação “*do povo para o povo*” como bem registrou Caminha ao enaltecer o modelo liberal “democrático” de constituição da nação americana.

Este ideal democrático, como representação direta do poder da ciência e resultado da modernidade-progresso que motivou o engajamento dos “homens de letras” e de “ciência” em nome da tão festejada “civilização”, tempos depois seria denunciado por alguns homens que tanto se embrenharam nas leituras pelos ideais modernos como Caminha, José Carlos Júnior e outros, ao afirmarem que “*esta não era a república de nossos sonhos*”³⁰³.

Eis talvez o sentido das “linhas de fuga” de alguns poetas da Padaria Espiritual como fora o caso de Cabral de Alencar, Lopes Filho e Lívio Barreto, somado a nostalgia de Antônio Sales e Antônio de Castro que deixaram em seus versos uma misantropia³⁰⁴ sem precedentes.

Claro está que, uma vez instalada a república, o apelo à ciência como substrato ideológico não foi tão defendido, uma vez que esta ferramenta se constituía de arma política utilizada pelos homens de poder e seus porta-vozes, alardeando a falácia de subtrair a provinciana Fortaleza do atraso e deitá-la numa “modernidade”, já “civilizada”, razão de ser da *Mocidade Cearense*, realizadora dos movimentos intelectuais já analisados.

Assim, a Padaria Espiritual investiu a partir de um “olhar civilizatório” numa “cultura popular”, tentando investigar e analisar a verdadeira “alma” do povo cearense. Essa “postura intelectual” mostra que só com auxílio do poder letrado seria possível a realização desta “cultura popular”, o que não quer dizer que as idéias dos padeiros foram apenas baseados na análise científica da sociedade como presenciamos com a Academia Francesa, no sentido de aludirem ao poder das ciências naturais com suas leis irredutíveis, o que muito se baseou a Geração do grupo de Rocha Lima e Capistrano de Abreu.

Nos trabalhos em verso e prosa dos padeiros publicados em *O Pão*, há falas a respeito dos costumes dos moradores do campo, realizando farinhadas, caçadas, boiadas e uma série de histórias que integram a realidade e o imaginário do povo do sertão, o que já

³⁰³ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 140-160.

³⁰⁴ AZEVEDO, Sânzio de. “Lívio Barreto e o verso humorístico”. Op. Cit., e “Lívio Barreto e o simbolismo no Ceará”. Op. Cit.

basta para se identificar a fala maior da Padaria e esmiuçar esta totalidade: uma “cultura popular” vista a partir do “olhar de fora”, ilustrado, refletido nesses trabalhos.

Em uma análise sobre o caráter de “ruptura” ou de “continuidade” frente aos demais movimentos literários, pode-se afirmar que “em parte” a Padaria rompeu em relação aos outros movimentos literários já pontuados. Mas, não houve uma “ruptura” social como quer Pedro Nava no sentido de pretender revolucionar as estruturas sociais a partir de suas idéias, questionando tais bases, apesar das críticas de alguns padeiros às mazelas sociais, atribuindo-as a um mundo engendrado por uma sociedade mercantil que mais primara pelo material do que pelo espiritual, donde já analisado o falso “ódio de morte” a burguesia.

Até mesmo a crítica à burguesia, classe mais “perseguida” pelos padeiros não quer dizer uma crítica sócio-econômica aos meios de produção ou à base econômica, pois não há na produção da Padaria alusão a Marx ou a Engels, embora o próprio movimento alardeasse uma “oposição” à “burguesia ignara” como vimos.

Esse fato e o “apoio” ao Partido Operário é pouco para associarmos os padeiros e suas idéias a uma “ruptura”, pois só o fato de ser uma sociedade antes de tudo literária já invalida uma idéia de “ruptura”, pois estas, compostas por literatos, já excluem toda a sociedade iletrada e analfabeta, uma vez que suas idéias só giram entre seus pares.

O que houve de “ruptura” na Padaria quando muito foi a linguagem utilizada em algumas de suas produções em relação aos movimentos anteriores que privilegiaram pelo discurso científico, o que propôs Antônio Sales quando da idealização de seu grêmio de letras e artes

Apesar desta “ruptura”, a Padaria Espiritual fugiu em suas devidas proporções das falas científicas reverberadas pela Academia Francesa, pelo Movimento Abolicionista e pelo Clube Literário, pois no *Pão* ainda há artigos de caráter científico nos seis primeiros números desse jornal, aludindo às belezas e as glórias dos países “civilizados” e “modernos”.

No *Pão*, na coluna *Os Quinze Dias*, Antônio Sales, o Moacyr Jurema, discordava da idéia do *Centro Literário* de modificar a denominação de Fortaleza para Iracema, como representante da força cearense e, ao mesmo tempo, como um verdadeiro “mosqueteiro intelectual”, tocava no fenômeno das secas, elemento que engendrou todo um projeto literário cearense, onde tão bem se coadunou o repertório de leituras científicas baseadas no pensamento europeu. Sales discutia essa concepção civilizatória, capaz de apontar a direção política mesmo quando de um momento já republicano, uma vez que já portava nas mãos o uso da razão e, pois, o poder das letras:

(...) “É à lucidez de espírito de um homem investido de alto cargo que honra e ennobrece devemos a vitória d’essa decisão que deixa de ser nossa para ser um triumpho esplendido do direito e uma garantia mais para o equilibrio da política americana.

Conquista da razão sobre a força – o direito em seu conjuncto – tem feito mais do que todas as guerras que sepultaram nacionalidades e aviltaram povos.

Bello ideal o que nos faz ver a humanidade como uma só família dispersa em toda superficie terraquea com relações e afinidades juridicas reguladas por uma só lei, agindo e pensando sob um ponto de vista amplo, mas convergindo todo seu esforço para um fim commun, embora separados seus membros pela distância, diferenciados pela cultura intellectual, pelas línguas e pelas condições naturaes e pelas religiões. Estatutos civis e políticos, organisados sob um ponto de vista geral, obedecendo aos princípios de uma ampla federação fariam do mundo uma nação única regida pelo altruístico dogma da Fraternidade.

Isto seria, se possível fosse, realizar a perfectibilidade na esphera do direito e a maior conquista do espírito humano em sua evolução para o Bem.

Mas detenham-nos: isto não é chronica, tem cheiro de artigo de fundo; cinjamo-nos as congratulações reciprocas pelo laudo que assegurou aos brasileiros a posse do que era legitimamente nosso mas que, contestado, poderia levar-nos ao cruento sacrificio de uma guerra com um povo americano, com uma nação republicana, afinal, com um povo irmão”³⁰⁵. (...) (grifo nosso).

Na coluna de Antônio Sales é implícita a “concepção missionária” das letras, cabendo a este “mosqueteiro intelectual” a participação nos apontamentos dos rumos do estado e da nação brasileira, sendo algumas vezes estes mesmos “homens de letras” os políticos de então.

Antonio Sales, como detentor da razão e, pois, “mosqueteiro intelectual” possui um significado e uma função importante: participar da “modernidade” do país, ainda que já se presencie os tempos de república. O fato de já instaurada a república não anula no movimento literário da Padaria o enaltecimento aos países “civilizados”, porque este universo letrado “civilizatório” e “moderno”, e, sobretudo europeu, era o mundo dos “homens de letras” da Padaria Espiritual.

O mesmo apelo tantas vezes presente nas falas da *Mocidade Cearense*, fosse na Academia francesa, no Clube Literário ou nos movimentos da abolição onde era privilegiado a razão sobre a força é mencionado por Moacir Jurema. As mesmas leis “evolutivas” e “civilizadas” são lembradas para respaldar o discurso civilizatório. A lei da razão é o elemento vital para a “modernidade”, não dispensando a participação fraterna do povo, onde desde os tempos da Academia Francesa esse discurso fora elaborado. Percebe-se que, para Antônio Sales, o “homem de letras” imbuído de um alto cargo é aquele que possui condições

³⁰⁵ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 10, 15 de fevereiro de 1895. Op. Cit., p. 1.

para discutir questões sócio-políticas que enfrenta seu país em relação a uma sociedade iletrada que se agarrava às falácias “democráticas” por parte desses “homens de letras”, uma vez que essas idéias só circulavam entre seus pares.

Daí a recorrência no *Pão*, dos lucros de uma sociedade “civilizada”, e por sua vez, de todas as críticas aos símbolos que representavam o “bárbaro”, “ignorante”, enfim, o “atraso” cearense. No artigo XLVII, do *Programa de Instalação* se lê: “(...) *Independente das disposições contida nos artigos precedentes, a “Padaria” tomará a iniciativa de qualquer questão emergente que entenda como Arte, com o Bom Gosto, com o Progresso e com a dignidade Humana (...)*”³⁰⁶. Que bom gosto seria este senão adotar as normas condizentes aos países europeus “modernos” e “civilizados” ?

Nessa visão, *O Cassino* era um símbolo que representava o “atraso” e a “vergonha” de Fortaleza instalado no meio do aristocrático Passeio Público, espaço privilegiado das elites cearenses e também dos artistas padeiros. Segundo o artigo XL do *Programa de Instalação*: “(...) *A Padaria declara, desde já, guerra de morte ao legado do Cassino(...)*”.³⁰⁷ Mas para saber o que era o *Cassino*, tão ojerizado pelos padeiros, remonte-se às páginas de *O Pão*:

“(…)Em cumprimento ao art. X do nosso programma vimos hoje levantar o brado de Guerra contra o Cassino, esse casarão lúgubre que afeia e entristece o 1º plano do Passeio Público.

Aquillo, naturalmente está cheio de almas do outro mundo, encarnadas no pello repugnante de alguns morcegos sinistros.

Há casas predestinadas ao abandono.

Aqui há uns tempos atrás, o Abílio quiz dar vida ao Cassino, abrindo em seus salões aulas de esgrima, de gymnastica e patinação; mas a má estrella que presidia ao levantamento daquela casa fez em pouco tempo sentir sua maléfica influencia e suas portas fecharam-se para todo o sempre.

Fechado, silencioso e escuro como está hoje, o Cassino lembra as casas mysteriosas onde se reuniam as sociedades secretas dos romances de Ponsor.

O Cassino é uma excrescência que precisa ser extirpada.

Para chegar a esse resultado lembramos a seguinte idéa:

No domingo próximo compareçam no Forno da Padaria Espiritual, ao meio dia em ponto, todos os cidadãos que possuírem acções do Cassino.

Depois de servir-se num copo d’água... do Benfica, que corre por nossa conta, todos accionistas sacam do bolso suas acções, collocam-nas em pilha no meio da casa, derrama-se por cima um pouco do Kerosene, risca-se um fôsforo e... prompto.

Findo este auto de fé, os accionistas, os Padeiros e todos os cidadãos que ao adherirem à idéia, armados de alviões e picaretas e acompanhados de uma banda de música, dirigem-se ao 2ºPlano do Passeio.

Chegados ahi, canta-se em coro a Marselheza e mette-se mais pedra sobre pedra. O Padeiro Polycarpo Estouro, de pé sobre os destroços, recitará com ar prophetico e vez plangente umas estrophes análogas ao acto.

³⁰⁶ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

³⁰⁷ Ibidem.

Em seguida dirigem-se todas em passeata ao palácio do governo a fim de pedirem que esse dia seja considerado feriado em homenagem a Queda do Cassino, como é o da Queda da Bastilha.

Os Srs. Accionistas que approvam esta idéia queiram communicar-nos por carta (...)³⁰⁸.

Como se lê, toda esta revolução se dava porque o *Cassino* “enfejava” o 1º Plano do Passeio Público, local destinado somente às elites. O *Cassino* é comparado ao Bendegó, meteoro caído³⁰⁹ na Bahia, pesando mais de 5.000 quilos. Tal como o movimento abolicionista que reprovava os elementos tradicionais que significava o tradicionalismo cearense em torno da *Sociedade Cearense Libertadora* e seu *Libertador* o *Cassino* representava o atraso da sociedade cearense porque não condizia com as normas dos países “civilizados”, atravancando, pois o progresso da sociedade fortalezense. Mas, a Padaria Espiritual como “continuidade” aos movimentos intelectuais anteriores se preocuparia com outros símbolos “modernos” e “civilizados”, elementos de um *ethos* burguês bem condizente aos países europeus. A *Rampa* seria outro símbolo antiestético, inibidor de uma sociedade civilizada, defendida pelos escritores artistas da Padaria Espiritual. Segundo *O Pão*:

“(…) A Rampa, a legendária Rampa, de longínqua e obscena memória, está sendo calcada e illuminada.

Se aquelle muro preto do Gasômetro falasse, certo teria que contar cousas pavorosas, histórias nefandas, dignas de figurar nas páginas da *Pall Mall Gazette*.

A Rampa era a Rocha Tarpeá da prostituição ao pé da Avenida, que é o Capitolio da honestidade.

E desta para aquella só ia um passo...

Era tão fácil rolar pelo sorvedouro abaixo!

Em cima a Avenida alagada de luz e sonorizada de música, deixava-se calcar pelos pesinhos ágeis das virgens cearenses, que iam e vinham numa garrulice de aves novas; embaixo o vício sórdido florescendo na lama illusoria da treva...

A gente sentia-se impressionado ante aquelle boqueirão de treva, muyterioso e lúgubre, aberto sobre o mar negro, que rugia como um leão no cio, estorcendo-se sobre o leito macio, fofo e convidativo das areias brancas da praia...

Mas a Civilização vai accender ali os olhos dos combustores e ... era uma vez a Rampa.

A Sra. Câmara Municipal queira receber os nossos cumprimentos(...)³¹⁰,

A *Rampa* seria o espaço entre o primeiro e o terceiro plano do Passeio Público. Este último plano era o espaço freqüentado pelo “populacho”, dedicado a “arraia miúda”, pessoas analfabetas e não incutidas dos valores “modernos”, “burgueses”, “civilizatórios”, portanto, às “classes perigosas”. O conceito de “trevas” abarca tudo aquilo que não condiz

³⁰⁸ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 2, 17 de julho de 1892. Op. Cit., p. 6-7.

³⁰⁹ AZEVEDO, Sânzio de. A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará. Op. Cit., p. 72.

³¹⁰ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 1, 10 de julho de 1892. Op. Cit., p. 5.

com a realidade dos “homens de letras”, “civilizados” e “modernos”, detentores das luzes, o que caracteriza o iluminismo por parte dos movimentos intelectuais, dentre eles o da Padaria Espiritual e seus integrantes.

Freqüentado por pessoas menos favorecidas, a “ralé” da sociedade ou “mulheres da vida”, este plano punha em risco os outros espaços do aristocrático Passeio Público. Na coluna fica clara a relação direta dos “homens de letras” com o poder real, concreto e de fato, o que é muito significativo, desconstruindo a idéia de um movimento elaborado por pessoas pobres dos interiores cearenses, como apregoa a crítica literária cearense.

A avenida Caio Prado, uma das alamedas mais prestigiadas do aristocrático Passeio Público, reduto da elite cidadina que outrora ali se dirigia a “flertar”, passear e mostrar suas últimas vestimentas européias trazidas pelo último vapor, seria o retrato do mundo dos padeiros: um mundo em que a cada dia, o liberalismo se instaurava, e o exemplo disso, segundo Tinhorão, eram os clubes, bondes e os confrades padeiros primando por tais símbolos, pressupondo ainda mais uma “modernidade” e um pensamento evolutivo que era o veio desta “civilização”, registrado em um dos artigos do *Programa de Instalação*: “(...)Artigo XXX – A Avenida Caio Prado é considerada a mais útil e a mais civilisadora das instituições que felizmente nos regem e por isso ficará sob o patrocínio da Padaria (...)”³¹¹. (grifo nosso).

A Padaria Espiritual surge no período de *fin-in-siecle*, em meio à agitação de idéias, alardeando, a exemplo dos movimentos literários anteriores, subtrair o marasmo intelectual e material por meio das letras e artes da cidade de Fortaleza acostumada ao alua, à seca e à pilhéria.

Isso demonstra mais uma vez que a atividade letrada sob forma jornalística e gregária, era tão somente o resultado das discussões literárias porque estas levavam às estruturas de poder, como ficou claro em algumas posições alcançadas por alguns padeiros com intrínseca relação com o estado onde em alguns casos chegaram a atingir cargos políticos. Tal fato também é apontado por Ângela Alonso se referindo a segunda metade do século XIX. Conforme a autora era necessário a publicação de alguma obra para atingir cargos políticos³¹².

³¹¹ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

³¹² ALONSO, Ângela. *Idéias em Movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e terra, 2002.

Por estes elementos arrolados e inúmeros outros, o movimento literário dos padeiros estruturalmente não rompeu com os movimentos de outrora, quando já sabemos das contradições de seu “projeto cultural” e do não cumprimento de alguns artigos do *Programa de Instalação*, o que coloca em questão todo um “projeto literário”. De acordo com Leonardo Mota, o cancioneiro popular elaborado pela Padaria se reduziu a não mais que trinta e cinco trovas e os *Chromos*, que mais não são do que pequenos recortes do cotidiano que, quando muito, falam em sua totalidade de experiências do dia-a-dia da população que habita os interiores cearenses.

*“Eu vi teu rastro na areia
E puz-me a considerar:
Grande mimo tem teu corpo
Que teu rosto faz chorar!”*

*Menina diga a seu pae
Que si quer ser meu amigo
Ou me pague o meu dinheiro
Ou case você commigo!*

*Sexta-feira da Paixão
Comi um quarto de bode;
A Deus eu poço perdão:
Cada um faz o que pode”.*³¹³

Assim, o que muito caracterizou o movimento intelectual dos padeiros tornando-o conhecido noutras paragens foi tão somente a pretensão de fazerem “graça”, “mexendo” e “escandalizando” com a sociedade fortalezense de outrora, marcados assim pelo caráter pilhérico diante de atitudes de irreverência, fugindo, pois, dos comportamentos dos “homens de letras” e de “ciência” dos movimentos anteriores. Diferente da historiografia literária cearense que percebe a irreverência dos padeiros como uma reação às tensões sociais e políticas justamente devido à “pobreza” de suas classes, caracterizando como já mencionado o *Ceará Moleque*, não tomamos o movimento dos padeiros como instrumento de confronto com as bases sociais, uma vez que o grêmio era literário, o que muito se conformaria com a busca de “arte” literária, e não mais que isto. Some-se a isto a indiferença de uma população analfabeta e a falta de um público leitor, e até mesmo da publicação de obras, fato bem lembrado por Adolfo Caminha em suas *Cartas literárias*, elemento que deu sentido a toda uma efervescência literária, dentre eles, a Padaria Espiritual, que prometia instaurar as letras e as artes numa sociedade “atrasada”, posto que “iletrada” e “analfabeta”.

³¹³ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 36, 31 de outubro de 1896. Op. Cit., p. 8.

Os pilhéricos padeiros contavam anedotas em suas fornadas tomando uma boa pinga³¹⁴, rumando em direção à Praça do Ferreira, arrancando graças de quem os visse com seu pão de três de metros, além de terem se reunido no início no quiosquezinho de madeira e terem sido expulsos de sua primeira casa por não pagarem o aluguel, uma vez que o dono não achava graça nenhuma em não ver o dinheiro³¹⁵.

Segundo Tinhorão³¹⁶, os próprios padeiros quando de suas falas contra os burgueses já demonstravam estar eles mesmos imersos num aburguesamento, dando a entender que por já estarem em situação cômoda não precisavam mais fabricar suas “literatices” em ojeriza à burguesia, pondo fim na alardeada Padaria Espiritual, indo uns para o Rio de Janeiro em busca de empregos, caso de Antonio Sales e Rodolfo Teófilo, e outros para o outro mundo, pondo fim ao movimento estritamente “literário”, não fugindo ao que caracterizou os movimentos literários anteriores a Padaria no Ceará: a produção de pouquíssimas obras-primas.³¹⁷

Apesar de críticas à burguesia, os padeiros poderiam estar se referindo ao burguês iletrado, como fora o caso da aristocracia rural cearense, reinante sobretudo a partir de 1870, período de atuação da *Mocidade Cearense* que se sustentara por meio do arsenal científico, o poder letrado, forma de violência sutil diferente de seus antecessores envolvidos em toda sorte de maquinações políticas.

“(…) A Burguezia. Aqui têm os analyistas da moderna escola, os dissecadores da vicerias sociaes, um titulo interessante para um livro de effeito em que se fizesse a autopsia escandalosa e implacável d’essa porção da sociedade que tem a coragem inaudita de nos perseguir, a nós, argonautas intrépidos, revolucionários do Bem, amigos da Verdade e todas as grandesas d’este mundo – incluzive o crachá de commendador – pela delicia incomparável de dizermos o que bem sentimos, pensamos e observamos. Porque convençam-se os que vêm tudo – ceos e terras – pelo prisma do falso interesse pessoal e do preconceito, si a humanidade ainda soffre e geme, a culpa é della, da Burguezia, esse flagelo de todas as grandes virtudes, esse algoz da esthetica e do bom gosto, cujas aspirações, em summa, resumem-se n’este preceito ignóbil: “encher bem a pança e ganhar dinheiro (...)”³¹⁸.

Quem seriam os possíveis compradores dos trabalhos literários padeiros, senão esta burguesia “ignara”, senão a burguesia material, apesar dos padeiros lhe votarem todo um “ódio de morte”?

³¹⁴ MOTA, Leonardo. Op. Cit., p. 52-54.

³¹⁵ Ibidem, p. 55.

³¹⁶ TINHORÃO, José Ramos. A Província e o Naturalismo. Op.Cit

³¹⁷ Ibidem.

³¹⁸ O Pão... da Padaria Espiritual. “Sabbatina”. Anno I, nº 4, 6 de novembro de 1892. Op. Cit., p.3.

Há inúmeras ambigüidades a analisar o próprio *Programa de Instalação* da Padaria Espiritual, que ora alude a personagens do cenário europeu bem distante da realidade local que constitui a real “cultura popular” do povo cearense, ora alude ao cenário europeu bem distante do olhar no qual estes homens se assentavam, conforme o artigo transcrito seguinte. Art. XX: “(...) Durante as fornadas é permitido ter o chapéu na cabeça, excepto quando se fallar em Homero, Shakespeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar, porque, então todos se descobrirão (...)”³¹⁹.

Sustentamos, pois, que essa sociedade não só de letras como das artes no geral, apesar de “privilegiar” a “cultura popular” calcada nos sertões cearenses e se propor a análise de tal cultura, embora a partir da visão “civilizada”, e em parte “científica”, foi um movimento cultural de elite, considerando-se que os movimentos intelectuais são por si só movimentos encabeçados por essa “elite simbólica” calcada no poder da escrita e da palavra, o que já exclui a maioria das pessoas letradas e despreocupadas com as aflições do dia-a-dia.

Além disso, um dado “perfil sociológico” nos revela terem sido os padeiros em parte oriundos dos setores médios e baixos do interior do Ceará, caso de Antônio Sales, de família pobre, e oriundo do interior cearense, foi caixeiro³²⁰ quando chegou em Fortaleza, o que não condiz com a idéia de que esta sociedade captara a real “cultura popular”, pois não só Sales como os integrantes de seu grêmio, ainda que nascidos no interior já estavam fincados na cidade e, passaram a perceber esta cultura com um “olhar de fora”, vendo só “virtude” e “pureza” do homem do campo, como bem atestam Raymond Williams e Michel de Certeau³²¹.

A Padaria Espiritual foi marcada por uma visão conservadora bem típica dos movimentos literários que visam o deleite quando seus pares já podiam falar das coisas do espírito, vendo antes de tudo o que leva ao sublime, ao artístico, e não o que de real e de fato presencia o povo com suas aflições do dia-a-dia. Os padeiros estavam mais preocupados como escritores artistas que eram em fazerem “arte” do que notificarem os aspectos sociais que causavam o desespero das pessoas pobres não só dos sertões cearenses, muito embora fabricassem “arte” das aflições diárias desta mesma sociedade cearense. O *Hymno da Padaria Espiritual* revela esse espírito:

³¹⁹ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual.

³²⁰ BOIA, Wilson. Op. Cit.

³²¹ CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. Campinas, SP: Papirus, 1995. WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

*Em busca do templo d'Arte
Marchemos com santo ardor
A desfraldar o estandarte
da Intelligencia e do Amor!*

*Luctemos, luctemos
Das letras em prol!
As fronte ornemos
De raios de sol!.*

*Dos aureos clarins da gloria
Festiva, rebôa além,
A vos que impelle à Victoria
Os luctadores do Bem.*

*Sob esta amplidão profunda
Ergamos um branco altar
À Arte que nos inunda
Com as bênçãos do seu olhar*

*Que a nossa ardente cohorte
Na crusada do Idéal,
levante em terras do Norte
Padrões de gloria immortal³²².*

Não foram os artistas padeiros pessoas de um alto conhecimento, “espíritos de prol” como quer Leonardo Mota, como bem apregoa e superestima a historiografia literária cearense realizada justamente por homens que concebem “literatura” como “arte”, sentados em suas posições confortáveis nas academias, e por vezes, nos institutos, mas tão somente pessoas de uma inteligência “mediana” que já podiam se deleitar com os versos de Hugo, Dante, Shakespeare, ou mesmo Alencar.

Nos trabalhos em prosa e verso fica clara a concepção de “cultura popular” dessa sociedade não só de letras, resultado das tradicionais leituras sociais que sempre partiam do mundo europeu “civilizado” e “inteligente” em direção ao mundo “atrasado”, “bárbaro”, carecendo das normas civilizadoras: a concepção de uma “cultura popular” concebida a partir de um “olhar civilizatório”, criada a partir de suas normas e padrões, com vistas à colonização³²³ e atrelada ao poder da civilização que antes de ver gente ou povo, ver o “bárbaro”, “matuto”, “ignorante”, numa boa demonstração do mundo europeu “civilizado” e “científico” divulgado pelos escritores artistas da Padaria Espiritual.

Se essa agremiação não sustentou o discurso científico explicitamente tão alardeado pelos outros movimentos literários e, mais tarde, pela Academia Cearense ou pelo

³²² O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 27, 1 de novembro de 1895. Op. Cit., p. 6.

³²³ SCHWARTZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questões racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras. VENTURA, Roberto. Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

Instituto Histórico, não significa dizer que o grêmio de Antônio Sales concebera a “cultura popular” a partir da formação de seu próprio universo de valores assentado nos interiores a partir de um olhar fiel às suas origens.

A Padaria Espiritual somente selou a visão de homens ilustrados ainda dentro de um mundo cientificista, uma vez que as sociedades artísticas e literárias tendem a este fim, como campo de atuação político do “poder simbólico”³²⁴. Se por um lado as confecções narrativas não deixavam clara ou de forma explícita a expressão “civilização” como antes, numa clara representação de sintonia com o “progresso” europeu, o grupo de rapazes de letras e artes concebia a “cultura popular” tendo em mente o mesmo “olhar científico” tão exacerbado pelos homens da Academia Francesa, onde todos os problemas sociais como a questão religiosa e escravista, caráter e índole do cearense eram explicados na perspectiva do mundo europeu com suas “leis irredutíveis” e seu mundo de valores “civilizados” e “modernos”

Não sem razão que no *Pão*, como vimos, ainda há tanto o apelo à ciência, e assim, as letras como forma de fugir ao atraso, traço característico do Clube Literário, reflexo de um mundo ilustrado bem típico dos institutos e academias, sendo, pois, positivista e romântico, característico da visão de meia dúzia de pessoas que sabem ler e escrever num mundo de iletrados e de flagelados das secas, como a alusão a particularidades constitutivas da real “cultura popular”, onde se verificam os poemets que integram o “cancioneiro genuinamente cearense” divulgados nos três últimos números do *Pão*, e publicações esparsas dos futuros trabalhos em verso e prosa dos padeiros escritores que bem refletiam “pequenas” particularidades do mundo da população residente no interior.

Embora não sendo de autoria de um padeiro, pois segundo o art. XXXVII: “(...) *A Padaria terá correspondentes em todas as capitais dos paizes civilizados, escolhendo-se para isso litteratos de primeira água (...)*”³²⁵ e contatos com personagens célebres da nossa literatura como Affonso Celso, Pardal Mallet, Raimundo Corrêa, podemos analisar o poema que se segue:

³²⁴ BOURDIER, Pierre. Op. Cit.

³²⁵ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

À PADARIA ESPIRITUAL DO CEARÁ

No intuito de livrar do captiveiro
Os homens de côr preta e de côr parda
O heróico Ceará foi o primeiro
A collocar-se afoita na vanguarda

Exemplo humanitário verdadeiro
A redempção completa lá não tarda
Realiza-se o facto lisonjeiro
Sem fumaça de tiro de espingarda

Quem sabe se também ao Cearense
Inteligente raça, hoje pertence
Nas lettras alcançar a primazia?

D'espírito e critério
alguns rapazes
Entregam-se ao estudo e são capazes
De inventar illustrada Padaria³²⁶. (grifo nosso)
(Barbacena, Minas Gerais, Dezembro de 1894.)

Este poema de 1894 não poderia ser mais condizente com as falas dos homens de Letras do Clube Literário e seu órgão de imprensa *A Quinzena*. Lembremos que o Clube só continuou imerso no projeto “civilizatório” dos movimentos lítero-políticos em torno da abolição em 1880, e mais não fez que atualizar³²⁷ as célebres leituras sociais iniciadas pelos homens da Academia Francesa, além de glorificar o poder das letras por ter “subtraído” Fortaleza de um atraso não somente material como também moral, uma vez que o discurso empreendido por estes intelectuais era a associação atraso intelectual-atraso moral. A palavra “estudo” citada no poema mais não é do que a equivalência de “razão”, pois quem estuda a adquire. Tais versos comprovam a continuidade das práticas dos outros movimentos literários, como vimos nas análises do *Libertador*.

Analisando o poema percebe-se que a escravidão era uma verdadeira nódoa, pensamento que muito contribuiu para a geração de Rocha Lima e sua *Mocidade Cearense* que sempre tendia ao estágio “moderno”, discurso maior das elites mercantis que se encarregaram na eliminação da escravidão, elemento que estancava o “progresso” e fazia vergonha ante o atraso da cidade face aos verdadeiros países “civilizados” “industrializados” “modernos” e “cultos” que já não dependiam do braço escravo.

Os versos desse poema fazem a mesma glorificação presente no *Libertador*, com seus discursos nacionais, também presentes no Jornal *Fraternidade*, onde a pátria servira

³²⁶ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 09, 1 de fevereiro de 1895. Op. Cit., p. 2.

³²⁷ OLIVEIRA, Almir Leal de. Op. Cit.

como “mãe” beneficiando todos os filhos e lutando contra a escravidão como sendo um “ato infame” que denegria e refletia o grau de “atraso” de um povo ou raça.

O Ceará ou o cearense era um povo heróico, posto que diferente, como bem deixou claro Abel Garcia com suas leituras baseadas nas condições do meio e das raças, assim como Antônio Bezerra, com uma visão baseada em Taine, Darwin, Spencer, Haeckel, que o distinguia, pois, do resto da população brasileira. Em síntese, assim *A Quinzena* descreve o homem cearense:

“(…) Poderosos factores do desenvolvimento social, cujas circunstancias determinantes já evidenciamos, intervieram na formação do caracter do cearense: o meio, a lucta pela existência e, derivadamente, a seleção natural”. Este tentamen das letras não é uma chimera nem uma utopia. Elle tem o seu grande alcance em toda a latitude da evolução do espirito moderno. Uma cousa distingue-o pelo menos – é a tentativa de facto: e o que evolue tem a virtude da actividade e da presunção do trabalho. O cearense não estaciona – é de seu espirito, da sua índole primitiva, a agitação, o esforço³²⁸.” (...) (grifo nosso)

Era a partir das influências climáticas advindas do meio e, pois, dos possíveis acidentes geográficos que Abel Garcia, Antônio Bezerra, José Carlos Junior, Rodolfo Teófilo, diante de uma severa seleção natural, buscavam explicar a especificidade do cearense quando de sua índole. Assim, o padreiro Rodolfo Teófilo escrevia em sua *Scenas e Typos*.³²⁹

“(…) O homem cearense tem a mesma anomalia da planta. Materialmente é de uma resistência orgânica assombrosa. Resiste à fome, à sede como nenhum outro homem de qualquer região da terra. Moralmente é um ser anormal, é um heroe. Coloniza a Amazônia e faz a abolição do elemento servil! A jangada cearense symboliza a fraternidade humana. O jangadeiro vem do abysmo, das luctas com o oceano, acostumado a fitar o espaço que se não mede, e o mar de que não vê o fim, com a alma cheia de piedade, afinada pela melopéa nostálgica das vagas. O Dragão do Mar fecha o porto do Ceará aos negreiros do Sul. É um monstro que tem garras, mas tem um coração de santo. O cearense é nômade por atavismo. Abandona a terra mãe, filhos pequenos, esposa, amigos, para acompanhar o primeiro aventureiro que o convida a deixar o torrão do berço. Vae, cumpre o fardo e depois cortado de saudades da terra dos verdes mares bravios, volta. Chegando, ajoelha-se, fita o céu azul da Terra da Luz, depois curva-se com grande reverencia, beija as areias brancas da praia e exclama commovido: minha terra, como és bonita. Tens a felicidade de ser muito amada por teus filhos. Elles serão os parias do Brasil enquanto os governos quizerem. Não és tu que és ingrata; ingrato é o clima que te coube na meteorologia do mundo.” (...) (grifo nosso).

Mas antes de tudo o cearense era um forte, fosse um mestiço, resultado de caracteres atávicos, ou de um meio pouco propício ao alvorecer de uma raça “adiantada, o que é mais um desencontro por parte da crítica cearense. Era a partir de tais elementos que estes

³²⁸ A Quinzena. Propriedade do Club Litterario. Anno I, nº 3, 15 de fevereiro de 1887. ed. Fac-simile: BNB / ACL, 1984. p. 24.

³²⁹ TEOFILO, Rodolfo. Op. Cit., p. 8-9.

homens buscavam prescrutar e explicar a índole ou o caráter do cearense sob a forma ideológica de “tipos” que escamoteia uma infinidade de particularidades sociais, pois nem todo o cearense é vaqueiro, jangadeiro ou tem a qualidade de ser hospitaleiro como quer a crítica literária cearense.

É tão somente debaixo deste aparato conceitual, e claro, ideológico, que a impressão que fica é esta, escondendo, pois, quais foram as verdadeiras pessoas que participaram e compactuaram com este universo de leituras, antes de tudo de idéias “políticas”. O que salta ou transcende à luz dessa visão científica que tem, ora no meio, ora na “raça”, e vezes, no “momento histórico” com bem pensava a geração de Araripe Júnior partindo da superioridade do sangue europeu e, pois, no desaparecimento do sangue de “raças” menores, é a construção romântica de um cearense hospitaleiro, pacato, que ama sua terra e jamais pode viver longe dela, o que se encarregou de cristalizar ainda mais o movimento dos padeiros. No *Pão* ainda há colunas científicas aludindo aos mesmos personagens apontados pelos homens da Academia Francesa, aquela que anunciou o pensamento da “moderna geração cearense” assim como narrativas em volta do imaginário do homem do campo a partir da visão romântica e ilustrada da ciência.

No movimento dos padeiros tal qual os movimentos anteriores era por meio da razão que se subtraía o marasmo ou inércia das letras, fala tão bem conhecida quando se verificou a querela entre a Academia Francesa e o jornal maçônico *Fraternidade* com a Igreja e sua *Tribuna Católica*, combatendo em prol das idéias livres por depositar nesta instituição toda a ignorância, responsável pelo “atraso” de um povo ou raça num determinado “momento histórico”. Não sem razão que o sentido de ser dos livres pensadores em torno da Academia Francesa era o aporte na ciência como representantes da razão, capazes de apontar os rumos ao estágio “moderno-civilizatório”.

Como sociedade de letras e artes, representante direta do poder e, claro, com estreita ligação com este, a Padaria Espiritual fora deveras ambígua. Se por um lado, a deixar falar seu *Programa de Instalação* primara pelos costumes populares baseando-se na vida da maioria da população residente do campo, “fugindo” da erudita linguagem das anteriores sociedades literárias, instrumentalizando uma linguagem “conhecida” pela maioria das pessoas, esta aludia por personagens românticos bem distantes da realidade do povo cearense como Dante, Hugo, Camões, Shakespeare e Alencar, continuando o pensamento romântico pautado em personagens ilustres do cenário mundial, o que demonstra o caráter de ver “vultos” e produzir tantos outros, característica de uma sociedade literária que sempre

concebera literatura como “arte” olhando sempre para cima, descolado do terreno da história e de seus elementos que suscitam toda a sorte de conflitos sociais do presente.

O mesmo teor positivista, posto que romântico, que outrora alimentara a Academia Francesa e sua *Escola Popular* ou *Noturna* estabelecendo suas leituras científicas para os trabalhadores que saíam no final de tarde de suas jornadas de trabalho como forma de dissipar as “idéias novas” ou modernas numa pretensa formação de opinião pública, o que caracterizou a visão de mundo dos “homens de letras”, encarcerados nas academias literárias e científicas, engendrou o pensamento dos homens da Padaria Espiritual.

Como “continuidade”, a Padaria Espiritual falou a partir de seu mundo conservador romântico que mais se preocupava em identificar “vultos” literários do que tocar nos reais elementos condicionantes da cultura maior do povo cearense, daí o sentido de ainda falar a partir de um olhar ilustrado, europeu, e portanto, civilizado, onde a preocupação maior era a busca pela “deusa da arte”.

O que tinha sido o sentido de toda uma agitação literária num Ceará tido sempre por “bárbaro”, “atrasado”, por não portar os elementos que outrora os países tidos por “civilizados” e “modernos” que eram, portavam, e aí cabem as elucubrações literárias que bem representa estes mesmos países “civilizados” e “modernos” com suas consistentes trocas comerciais já sem o auxílio do braço escravo, sentido maior da *Mocidade Cearense*, selava o sentido do grêmio literário e artístico de Antônio Sales, ainda molhado dos pés à cabeça com os ares “modernos” e “civilizatórios”, mostrando não necessariamente uma sintonia com as nações industrializadas, o que nem sempre acontecia, mas sim a visão de meia dúzia de pessoas, no caso, os “homens de letras” cearenses que seriam os porta-vozes deste alardeado “progresso” tão esperado por eles próprios.

Ainda como continuidade verifica-se em alguns artigos do *Programa de Instalação* o crédito no saber como elemento de “progresso”, uma vez que com as falas ideológicas de homens “abrigados” sob uma Academia Cearense ou um Instituto Histórico, compostos por um pequeno grupo de confrades, em meio a uma sociedade iletrada, o discurso positivista de centrar nas atividades letrada a solução para subtrair a provinciana e pacata Fortaleza das péssimas condições morais e, em consequência, das condições materiais em que a cidade se encontrava. De acordo com o “(...) art. XXXII. *A Padaria representará ao*

*governo do Estado contra o actual horário da Biblioteca Pública e indicará um outro mais consoante as necessidades dos famintos de idéias (...).*³³⁰

O saber serviu de elemento propedêutico facultado somente a uma minoria intelectual onde a partir de então se verificaria a formação dos apontadores políticos rumo à “modernidade” defendida por verdadeiros “mosqueteiros intelectuais”, deixando clara a relação entre “campo intelectual” e “campo político”. Se a Padaria Espiritual não foi encabeçada por pessoas que se em todos os casos almejassem atingir determinados cargos políticos por meio deste “campo intelectual”, uma vez que só o fato de mostrar “literatices” já é o resultado desvelado dos embrionamentos políticos daquele momento, em que se discutiam múltiplas idéias condizentes ou equivalentes aos anseios dos homens do poder, embora iletrado, tal fato já revela um positivismo que sempre visa a dominação, facultado somente aqueles que possuem um “capital simbólico”, mais fácil de chegar as elites econômicas.

No *Pão*, em seu primeiro momento, aquele considerado pelos estudiosos e pelos próprios padeiros como momento de pura pilhéria diante das atitudes de boemia e irreverência por parte dos irreverentes padeiros que “sacudiam” e “mexiam” com a provinciana Fortaleza de então, inúmeras vezes é elencado o olhar a partir do cenário europeu, muito embora não resida de forma contínua a existência de termos científicos e a “filosofia positivista” com suas “verdades positiva” onde o termo “civilização” era sua representação direta, mas infelizmente restara a visão de uma “cultura popular” sempre vista a partir de um mesmo caráter civilizatório onde a Europa era o modelo como sempre fora desde o romance alencarino onde o europeu é concebido por “civilizado” e inteligente, em detrimento do cearense “atrasado” e “bárbaro” e justamente do contato entre o branco europeu com a personagem Iracema nascia o povo cearense.³³¹

O *Prado*, local onde a burguesia se distraia aos domingos e, pois, classe tão “ojerizada” e mais perseguida pelos padeiros, que mais se preocupava em ganhar dinheiro apostando em seus cavalos é aludido n’o *Pão*. Não se entende o porquê de num primeiro momento os padeiros ojerizarem a burguesia sob um “ódio de morte” a partir de uma ironia fina e tempos depois sentirem falta destas mesmas corridas, tornando a vida monótona quando da ausência destas corridas. Seria contradição ou uma irreverência irônica por parte da Padaria Espiritual?

³³⁰ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual.

³³¹ ALENCAR, José de. Iracema. Fortaleza: UFC / Casa de José de Alencar, 2000.

“(…) Um domingo sem corridas, como este que hoje passa, parece-nos longo, enfadonho, maior que uma quinta-feira maior. Que diabo há de a gente fazer nestas cinco horas que costuma passar no Prado, tendo de uma lado o jardim humano das archibancadas e do outro a raia com suas peripécias de Victoria ou de derrota? Intimamos o João Carlos a não nos deixar mais passar um domingo sem corridas, do contrário mudamo-nos para Quixeramobim.”
 Ai meu Jezus, que tédio!...”³³²(…)

Sustentamos, pois, concordando com José Ramos Tinhorão que nunca existira o tão propalado ódio de morte à burguesia por parte da Padaria Espiritual, uma vez que mesmo nas “fornadas”, onde a burguesia não deveria comparecer, ao iniciarem as atividades nos fornos, aos poucos, esta classe adentrou as reuniões dos padeiros segundo apontamento de Leonardo Mota.

O fato de a Padaria ter uma “simpatia” pelo Partido Operário como bem atestam as colunas *O Pão*, e trazer algumas falas versando sobre Jesus Cristo, no mais profundo sentimento de alteridade, não invalida o caráter elitista que possuíam estes “homens de letras”, em sua maioria oriundos dos interiores de Fortaleza, uma vez que inúmeras foram as contradições do projeto, o que nos faz pensar em identificar e verificar a partir de então qual a “cultura popular” concebida e registrada por essa sociedade artística, e sobretudo literária.

Ao desenterrar vultos das catacumbas como os já mencionados, a Padaria Espiritual autorizava que seus membros levantassem o chapéu para o ilustre representante da literatura cearense, o escritor José de Alencar, o realizador da lendária Iracema que ficcionalmente viveu nos tempos da colonização, em 1603, nas terras cearenses, e da união dessa guerreira indígena com um guerreiro branco nascia o povo cearense. O romance, a nosso ver, mais não é do que a apologia à exploração branca, mais “civilizada”, diante de uma terra repleta de gentios dóceis e pacatos, de um povo “bárbaro” e “atrasado”³³³.

O “ódio ao burguês” tantas vezes estampado no *Pão* não se concretizou. Ainda recorrendo a partir do trabalho de Tinhorão o tão propalado ódio dos padeiros em relação a burguesia não era um verdadeiro ódio a esta classe ignara, pois os padeiros não viveriam sem ela se quisessem conseguir bons empregos e daí viverem de suas “literatices”, onde o mercado não disponibilizava cargos públicos condizentes aos seus dotes intelectuais, e também porque nunca se viveu de literatura no Brasil, fato lembrado por Adolfo Caminha³³⁴.

³³² O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 3, 30 de outubro de 1892. Op. Cit., p. 6.

³³³ PINHEIRO, Francisco José. “Mundos em confrontos”. In: SOUZA, Simone & NEVES, Frederico de Castro. Uma Nova História do Ceará, 2000. pp. 17-55.

³³⁴ CAMINHA, Adolfo. Cartas Literárias. Op. Cit.

Quando alguns padeiros conseguiram bons bancos na estrutura de poder, o que acontecera com o grupo do *Libertador* e da *Quinzena*, sem a fabricação de sequer uma obra-prima, indo uns para o Rio de Janeiro e outros para o outro mundo, findara a Padaria Espiritual ficando assim celebrizada e canonizada pela crítica literária local como o maior movimento beletrístico cearense, justamente porque fora o movimento conhecido noutros estados brasileiros, e segundo atesta Antônio Sales, seu grupo foi conhecido até fora do Brasil³³⁵.

O rompimento que houve fora somente dois: primeiro, o fato de os padeiros advirem em boa parte das camadas médias e baixas dos interiores cearenses, diferindo assim da “endinheirada” *Mocidade Cearense*, grosso modo, responsável pelos movimentos liberais a partir de 1870 onde a Academia Francesa é sua representação direta, e como consequência, por não ter falado somente a linguagem científica baseada nos valores científicos de então baseados no “meio” “raça”, “momento histórico” mas ter fabricado não mais do que 35 trovas nos três últimos volumes de *O Pão*, confeccionando uma “cultura popular” cearense, e também devido aos artigos 14 e 21 que para muitos estudiosos da Padaria precedeu o movimento modernista paulista de 1922.

O rompimento foi quando muito tão somente das falas e não de posições, pois a Padaria Espiritual foi fabricada para causar espanto e admiração a uma sociedade iletrada e carente das mínimas condições de sobrevivência que “acha bonito” e “real” aquilo que não conhece e, portanto, não entende. Tomando de empréstimo o título da obra de João Paulo Coelho Neto, *A dança das Cadeiras*³³⁶, as cadeiras dançavam, mas mesmo com esta dança nunca se pensou em acabar com elas. Alterou-se em “parte” a classe social dos “homens de letras” da Padaria, mas as letras cearenses ainda continuaram a serem produzidas pelos mesmos bacharéis em Direito, médicos, funcionários públicos que tanto agitaram a vida literária no Ceará, desde a década de 1870 com o surgimento da *Fênix Estudantal*, grupo liderado por Rocha Lima aos tempos do grupo liderado por Antônio Sales.

³³⁵ SALLES, Antonio. Op. Cit.

³³⁶ RODRIGUES, João Paulo Coelho de. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp Cecult, 2001.

CAPÍTULO 3

CAMPO E CIDADE NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DOS PADEIROS

(...) Aos 15 annos começou a sentir uns desejos vagos, mysteriosos, indefinidos, brotarem-lhe no coração. Sismava, sorria sem causa, saltava ás vezes contente, muito contente... Outras vezes entristecia, uma saudade, um pezar inconsciente, annuviavam-lhe a alma de immensa tristeza... chorava! E não sabia porque. Eram os prelúdios do amor! (...)

José Carvalho

3.1 A produção literária da Padaria: prosa

Apesar de já instaurada a República, equivalência direta de “modernidade”³³⁷ e, por sua vez, de “civilização”, as “leituras sociais” principiadas pelos homens da Academia Francesa e atualizadas³³⁸ para explicar o fenômeno das secas e alimentar sobretudo o movimento lítero-político da abolição, os intelectuais congratulados sob a Padaria Espiritual face à multiplicidade de “posturas intelectuais” referendaram o “olhar civilizatório” em suas falas.

O imaginário de República, ainda que acompanhado pelas inúmeras correntes ideológicas do fim do século como Positivismo, Liberalismo, Evolucionismo, Darwinismo³³⁹, e etc, era condizente com os anseios modernos pautados que eram pelo mundo europeu onde os “homens de letras” brasileiros só respaldavam em meio as suas atividades letradas.

A Academia Francesa lançou a “ideologia modernizaste”³⁴⁰ baseado nos valores científicos onde os termos “civilização” e “progresso” faziam parte do discurso alardeado por seus representantes. “Civilização” que equivalia à “modernidade”, uma vez que, a partir da visão destes “homens de letras” locais, o cearense era antes de “atrasado” e precisava viver num mundo “moderno” e “civilizado”, daí a influência das idéias sobretudo européias. Tendo sempre em mente o mundo europeu com sua ciência, Fortaleza ainda estava na barbárie, embora podendo se emancipar ao grau de civilizada, ou “moderna” ascendendo assim ao estagio “positivo-moderno” como período onde os valores tradicionais não mais existiriam.

³³⁷ SEVECENKO, Nicolau. Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4^o ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 78-118.

³³⁸ OLIVEIRA, Almir Leal de. Saber e Poder: O Pensamento Social Cearense no Final do Século XIX. São Paulo. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

³³⁹ CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 42.

³⁴⁰ VENTURA, Roberto. Estilo Tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil. 1870-1914. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

Enfim, foi em meio a esse imaginário de república, com a emancipação de um passado “atrasado” porque escravo e ainda não industrial, num Ceará ainda e sempre coberto por um imaginário de secas que os “homens de letras” da Padaria confeccionaram suas narrativas ideológicas, e antes de tudo políticas. Cabe salientar que a visão destes “homens de letras” foi sempre pautada no mundo europeu imerso por seus valores e idéias.

Neste capítulo, serão apresentadas as visões de mundo dos intelectuais padeiros a partir de suas análises sociais e regionais, tendo sempre em mente as idéias européias “civilizadas” diluídas em seus respectivos trabalhos. Apesar dos desencontros quanto aos trabalhos escritos em prosa e verso pelos integrantes da Padaria e arrolados por seus estudiosos, 13 foram os trabalhos publicados pela “sociedade literária e artística”. As publicações em prosa da “Bibliotheca da Padaria Espiritual” são, por ordem de publicação, *Contos do Ceará* de Eduardo Sabóia (1894); *Os Brilhantes* (1895) *Maria Ritta* de Rodolfo Teófilo (1897); *Perfis Sertanejos: costumes do Ceará* de José Carvalho (1897), e finalmente a novela *Violação*, também de Rodolfo Teófilo (1898).³⁴¹ Somado ao *O Pão* e ao *Retrospecto dos Feitos da Padaria Espiritual a contar do dia 31 de maio (data de sua primeira fornada)*, esses romances constituem as reais fontes para a análise da sociedade de letras e artes no geral. Além dessas obras, foi publicado pela “Bibliotheca da Padaria Espiritual”, o romance *O Paroara*, de Rodolfo Teófilo, em 1899 Espiritual, momento em que a Padaria não mais existia.³⁴²

Sânzio de Azevedo em seus trabalhos literários sobre o grêmio de Antonio Sales não inclui a novela *Violação* no opúsculo *A Padaria Espiritual* (1892-1898), mas insere essa novela no trabalho *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*.³⁴³ Pedro Nava, filho do padeiro José Nava e sobrinho afim de Antonio Sales em seu trabalho de memória *Baú de Ossos*³⁴⁴ só inclui cinco trabalhos entre prosa e verso. Já Dolor Barreira em sua *História da Literatura Cearense*³⁴⁵ cita todos os treze trabalhos publicados pela “Bibliotheca da Padaria Espiritual”.

Ver-se-á que dos cinco trabalhos em prosa, três deles foram de autoria de Rodolfo Teófilo, o *Marcos Serrano* da Padaria que participou do segundo momento, aquele de menos

³⁴¹ AZEVÊDO, Sânzio de. *A Padaria Espiritual e Simbolismo no Ceará* Fortaleza. UFC / Casa de José de Alencar, 1983. p. 77.

³⁴² Ibidem, p. 77.

³⁴³ Ibidem, p. 77.

³⁴⁴ NAVA, Pedro. *Baú de Ossos* – 6º ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 106.

³⁴⁵ BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, V. I, 1948. p. 136-178.

boemia³⁴⁶, de real produção, diferente dos períodos de troça e pilhéria que caracterizaram o início do movimento. Rodolfo Marcos Teófilo nasceu por “acidente”³⁴⁷ na Bahia em 6 de maio de 1853, no entanto, o escritor considerava-se cearense, a ponto de responder a quem perguntasse a respeito de sua naturalidade: “*sou cearense porque quero*”³⁴⁸.

Bisneto do comerciante português Manuel Gaspar de Oliveira, filho do também português Antônio Gaspar de Oliveira, casado com uma Feitosa, Rodolfo Teófilo descreve em sua *Scenas e typos*³⁴⁹ sua descendência remota com os senhores feudais da região sul do Ceará, o Cariri. Percebe-se, pelo parentesco de Rodolfo Teófilo com os Feitosas, a proximidade com Clóvis Beviláqua e ainda com Juvenal Galeno, personagens atuante da *Mocidade Cearense*.

Particularmente, Rodolfo Teófilo estudou no *Ateneu Cearense*³⁵⁰, o mais importante educandário particular que funcionava em regime de internato e externato, por onde passara e se instruíra a “moderna geração cearense” que lera as transformações sociais à luz do pensamento “evolutivo” e “moderno”. Interagiu, pois neste espaço educacional com alguns homens que compuseram a Academia Francesa como Capistrano de Abreu, Rocha Lima, João Lopes, Tomas Pompeu de Souza Brasil Filho, e outros que integravam a *Modernidade Cearense*, leitores e divulgadores dos ideais “novos” e “modernos”.

Nas páginas de reminiscências de sua obra *O Caixeiro*,³⁵¹ Teófilo registra os maus momentos de sua vida onde sequer podia estudar, pois o dono da firma tomava como atitude de indisciplina. Não fosse a ajuda dos doutores Arcelino de Queiroz e Praxedes, situados na Praça dos Voluntários, Teófilo não teria alcançado mais tarde o posto de farmacêutico, pois o próprio caixeiro de então afirma que seu pai morrera e o deixara paupérrimo.

Dos estudos realizados com muito esforço durante sua “escravidão branca”,³⁵² Teófilo desejava cursar o preparatório, o que levaria ao ensino superior. Depois de seus preparatórios, segue Teófilo para a Bahia para cursar a célebre Faculdade de Medicina se matriculando no curso de Farmácia. Segundo Waldy Sombra, “(...) *bem que seu verdadeiro*

³⁴⁶ NAVA, Pedro. Op. Cit., p. 107.

³⁴⁷ SOMBRA, Waldy. Rodolfo Theófilo: O varão benemérito da pátria. Fortaleza, 1997. p. 17.

³⁴⁸ Ibidem, p. 17.

³⁴⁹ THEÓFILO, Rodolfo. *Scenas e Typos*. Fortaleza: Assis Bezerra – TYP. Minerva, 1919. p. 35-65.

³⁵⁰ GIRÃO, Raimundo. *Educandário de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária. 1956. p. 54.

³⁵¹ THEÓFILO, Rodolfo. *O caixeiro: reminiscências*. ed. fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura, 2002.

³⁵² Ibidem, p. 19

sonho era a Medicina, profissão do pai, porém era um curso longo, exigia mais tempo e despesa(...)”.³⁵³

Estuda o primeiro ano do curso de Farmácia sem maiores problemas, uma vez que era custeado pelo governo, mas o segundo ano, por negligência deste mesmo governo, esse financiamento não é incluído em sua receita. Se encontrando de férias em Fortaleza, tomando, pois conhecimento dos fatos, Teófilo se dirige a Salvador onde é acolhido por seus três colegas de república prontos a lhe ajudarem. São estes mesmos colegas que lhe informam da disposição de duas vagas no Hospital Militar para alunos secundaristas do curso de Farmácia.

Em 1876, já diplomado, chega à terra que tanto venerava, apto a desenvolver suas atividades farmacêuticas, trabalhando em seu vacinogênio fabricado por conta própria e atuando em sua “missão civilizatória” como um verdadeiro e ativo “mosqueteiro intelectual”, participando assim das atividades letradas em torno do Clube Literário, Padaria Espiritual, Centro Literário e Academia Cearense de Letras.³⁵⁴

Durante a existência da Padaria Espiritual, notadamente em sua segunda fase, Rodolfo Teófilo produz três obras. *Maria Rita* é um romance que trata do Ceará colonial dos tempos de 1603, sob dominação portuguesa representada pelo governador Francisco Alberto Rubim, personificação direta da coroa lusitana. Neste trabalho se verifica a presença de elementos formadores do pensamento de Rodolfo Teófilo na Faculdade de Medicina da Bahia: “raça” e “meio”. Era nesta Faculdade³⁵⁵ que se disseminavam as teorias raciais e antropológicas baseadas na craniometria respaldados por cientistas como Gustave Le Bon, Gobineau, César Lombroso, onde mais tarde seus estudos seriam marcados por um determinismo biológico onde o elemento “raça” seria o pressuposto analítico para as análises sócias da época.

O estudo das raças avaliaria as possíveis “condições civilizatórias” dos países “subdesenvolvidas”³⁵⁶, dentre estes o Brasil, composto por uma população mestiça, herdeira de índios e negros. Alguns teóricos defendiam o branqueamento³⁵⁷ como solução para o desenvolvimento dos processos sociais, acreditando a priori, na superioridade da raça européia como Silvio Romero, e poucos defendiam o progresso num país mestiço abaixo dos

³⁵³ Ibidem, p. 35

³⁵⁴ Ibidem, p. 94

³⁵⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. (1870-1930). São Paulo: Cia das Letras, 1993. p. 156. Ver DARMON, Pierre. Médicos e Assassinos na belle époque: a medicalização do crime. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

³⁵⁶ VENTURA, Roberto. Op. Cit.

³⁵⁷ CÂNDIDO, Antônio. O método crítico de Silvio Romero. São Paulo: EDUSP, 1988. p. 98.

trópicos. Antes de tudo este pensamento racial perpetrado pelas faculdades de Direito, Medicina, Institutos e Museus brasileiros³⁵⁸ eram reflexos do pensamento europeu no Brasil da época.

Adentrando a obra iremos identificar ou mapear as cenas em que fique claro o “olhar civilizatório” que são formas sutis de dominação, no sentido em que, a cultura européia é concebida por “superior”, uma vez que “civilizada”, servindo de artifício político-colonialista para os países “subdesenvolvidos” concebidos como “bárbaros”, sob a influência de um “meio” tropical hostil.³⁵⁹

Fortaleza nestes tempos possui um “meio” atrasado, o que quer dizer muito para Teófilo. Com suas ruas mal alinhadas, o que significa motivo de “barbárie”, uma vez que nos momentos febris de *belle époque*, o aformoseamento³⁶⁰ foi o mais importante discurso em meio a implementação das novas normas “modernas” e “civilizadas”, o autor associa diretamente o atraso das pessoas ao atraso do meio: “(...) *Ao atraso material da Fortaleza juntava-se o atraso moral de seus habitantes. As artes e as indústrias, ainda hoje, como o povo em via de formação, estavam longe de nascer (...)*”³⁶¹

Sempre associando tendo em vista os elementos “raça” e “meio”, influência do determinismo geográfico de Taine, Teófilo procura justificar a moral ou o comportamento das pessoas a partir de tais elementos. Quando da vinda de um comboio composto por mestiços para comercializarem na feira de Fortaleza em que o dono era o português Jose Maria da Purificação, Teófilo narra:

(...) “O comboio parou nas imediações do palácio do governador. O ambiente ahi impregnado antes somente do aroma suave das flores dos cajueiros, se carregou de um cheiro de ranço, de um odor todo especial de sêbo, couro e suor: um cheiro próprio de matuto ou de surrão” (...)”³⁶² (grifo nosso).

Neste comboio onde os “saraás” viriam comercializar peixe, frutos silvestres e gêneros da agricultura, Teófilo analisa o comportamento destes “cabras” a partir de suas raças: “(...) o mestiço revoltado tinha no semblante uns longes tons da altivez; claramente

³⁵⁸ SCHWARTZ, Lília Moritz. Op Cit., p. 43-66.

³⁵⁹ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: O IHGB e o projeto de uma história nacional”. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FEV, nº 8, 1993.

³⁶⁰ PONTE, Sebastião Rogério Barros. Remodelação urbana de Fortaleza na virada do século. Série História, nº 8, Fortaleza: NUDOC/UFC, 1996.

³⁶¹ THEÓFILO, Rodolfo. Maria Ritta. Episódios do Ceará Colonial. Fortaleza. TYP Universal, 1897. p. 6.

³⁶² Ibidem, p. 13

advinha-se que n'aquelle sangue outros elementos havia que não eram indígenas ou africanos. (...) ³⁶³(grifo nosso).

Segundo o romance, era costume do governador Rubim escolher os melhores gêneros alimentícios como forma de tributo. Esta prática causava ódio aos vendedores que afirmavam passar a noite tarrafeando à procura das tainhas, sendo picado por muruins não poderiam ser explorados daquela forma. No íntimo, todos bradavam: “*esta terra ainda será dos brasileiros*”. ³⁶⁴ Na feira Rodolfo Teófilo chama atenção para os diferentes “typos”:

(...) “Uma variedade de typos todos de côr e alguns interessantes sob o ponto de vista ethnografico, machos e fêmeas, enchia a torta viella quase até a praça. Poucos eram os typos puros de índio que se descobriam naquelle ajuntamento; a maioria eram mestiços e entre estes não era raro ver-se as feições chatas do caboclo com pelle quase branca e cabellos lisos e ruivos. Os olhos destes sararás tinham o íris de cor clara, amarella ou esverdeada, porém pequenos e oblíquos, como os da raça vermelha, e o ângulo facial maior que o do tupy e menor que o do hollandez” (...) ³⁶⁵(grifo nosso).

Assim, Rodolfo Teófilo descreve os personagens principais da obra, relacionando-os ora à “raça”, ora ao meio. Partindo do caráter etnográfico e descrevendo a fisionomia dos seres o padeiro acredita encontrar o eixo balisador da capacidade intelectual, por conseguinte, do comportamento humano, suscitando assim, a idéia do que seja um homem “civilizado” e do que seja um homem “bárbaro”.

³⁶³ Ibidem, p. 17.

³⁶⁴ Em seu trabalho de memória *Scenas e Typos* Rodolfo Teófilo traça o sentimento de revolta do brasileiro, de modo específico de seu bisavô por ser o Brasil um país governado pelo português, denominado de “marinheiro”. É muito elucidativa a passagem que confere o trabalho de Teófilo, na demonstração deste sentimento nacional, senão vejamos. (...) No mesmo lugar, em que eu ouvia missa, em um domingo também, mas no anno de 1821, o Sr. Manoel Gaspar de Oliveira, vestido á côrte, soffreu uma descortezia a que seu gênio, altivo em demasia, deu fóros de affronta. Não havia entrado a missa, e já se achava meu bisavô perfilado na Capella-mor, todo reverente com os olhos fitos no Crucificado, esperando que começasse o sacrificio. Estava naquella adoração muda sua alma de crente, quando o despertou, batendo-lhe no hombro, um soldado de guarda do governador Robim, para dizer-lhe estas palavras que quase o fulminaram: - Aqui só quem ouve missa é o Sr. Governador e sua real família. Manoel Gaspar ouviu a intimação e o seu espírito vebrou num arrepio de revolta. A imagem da pátria desenhou-se em sua mente, e elle sentiu a posição humilhante della, serva de um paíz pequeno, de homens atrevidos e ambiciosos que levavam o seu poderio até dentro dos templos! Quis gritar ali mesmo, perante o Deus que irmanou os homens, a independência de sua pátria, quebrar os ferros do grilhão português. Humilhado sahiu da igreja rumo de casa. Ia desesperado. Aquelle grande espírito não se conformava com o captiverio. Chegando ao lar, disse á mulher numa voz cujo timbre reprimia a tempestade que lhe ia n'alma: - Senhora D. Joana, arrume as malas que em terra em que marinheiro manda até dentro da igreja, eu não moro! Aquellas palavras eram uma sentença, um facto consumado. Entrar a mulher em considerações, não demoveria o marido do seu propósito. Nunca houve na vida quem fizesse o Sr. Manoel Gaspar mudar de opinião. Quem seria capaz de fazel-o torcer o rumo, uma vez convencido de que ia direito? A senhora D. Joana valeu-se das lagrimas, porém, inultimente. Tempos depois, meu bisavô, com mulher e filhos, formando grande caravana, deixava Fortaleza em rumo do sertão. Quando perguntavam qual era o seu destino, respondia: - uma terra que seja dos brasileiros: THÉOPHILO, Rodolfo. *Scenas e Typos*. Fortaleza: Editora Assis Bezerra: Typ. Minerva, 1919. pp. 38-40.

³⁶⁵ Ibidem, pp. 14-45.

José Maria da Purificação, pai de Maria Rita, dono do comboia era português, branco e de olho azul. Sendo degredado para a África acaba chegando ao norte do Ceará e conhecendo o dono da fazenda, localizada em Oiticica. Por interesse, por ser da índole portuguesa a deslealdade e a avareza³⁶⁶, Purificação poucos dias depois da morte de seu sogro, consequência da picada de uma cobra, assume não por amor, mas por interesse material as atividades da fazenda. Ainda em vida, o sogro lhe encomendou a educação da filha, pois esta era de raça branca e européia. *“(...) Com a Gloria da Purificação não se metheu, porque além de preta e feia, não lhe deu quartel. Arisca e casta por temperamento não se deixaria abordar por seductor algum (...)”*.³⁶⁷

Gloria da Purificação era filha do fazendeiro ao passo que Vivência da Glória era cunhada do português José Maria da Purificação. Há fortemente no romance o ódio ao português, “marinheiro”³⁶⁸, vilão de todos os males e responsável pelo “atraso” não só moral como econômico e político brasileiro.

Na visita em que o leal patricio português faz ao palácio do governador Rubim em Fortaleza, por ser este o representante do Imperador, e também, da mesma terra do governador, é notório o “olhar de fora”, e, pois “civilizatório”. O meio é totalmente hostil à frutificação das raízes e só os bichos-de-pé florescem a valer. Perguntando o governador a José Maria da Purificação como está Oiticica, lugar onde morava o português, este responde em relação ao meio:

“(...) a constância e o valor dos portugueses podem dominar as agruras do solo; a custa de trabalho e de suor se fertilizam até estéreis rochedos, mas não conseguirão domar feras humanas e muito menos plantar em seus corações rebeldes a semente do amor e submissão a corôa portuguesa. E eu que o diga, meu senhor, que tenho envelhecido entre esses bárbaros. Fingem-se mortos, arremedando certos besouros da terra delles e quando menos se pensa elles atacam e fogem (...)”.³⁶⁹ (grifo nosso).

Teófilo aponta inúmeras razões mesológicas para o não desenvolvimento de uma sociedade “civilizada”. Vale ressaltar que este meio ora pode abarcar os elementos naturais como temperatura quente causada por um sol intenso e fatores pedológicos ante uma variedade de relevo, ora pode constituir a um “meio” social compartilhado por seres humanos

³⁶⁶ Sérgio Buarque de Holanda, frente aos planos de colonização por parte de portugueses e espanhóis descreve a ambição e a avareza por parte deste colonizador que não possuía uma lógica racional, não se atrelou a nenhum tipo de economia, buscava o enriquecimento, donde emerge a “índole” portuguesa da cobiça e avareza. HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. 26ª. São Paulo: Cia das Letras, 1995. p. 41-70.

³⁶⁷ THEÓFILO, Rodolfo. Op. Cit., p. 42.

³⁶⁸ Ibidem, p. 94.

³⁶⁹ THEÓFILO, Rodolfo. Op. Cit., p. 29.

concebidos a partir de um “olhar de fora” respaldado pelos “homens de letras” e de “ciência”, concebendo estes homens como “atrasados”, e não forçando muito as coisas, como menos “inteligente”. As duas leituras aparecem no romance e difícil é conceber o “meio”, local de sol e chuva desprovido de seres humanos, onde é impossível afirmar se um elemento determina o outro. Ao “meio” geográfico composto por elementos naturais como relevo, solo e clima podemos ler a concepção do padeiro em relação a um “meio” hostil ao surgimento e desenvolvimento de uma “civilização”.

“(…) E nem as madeiras portuguesas tão estimadas no Reino, o louro pinho e o tostado carvalho escapam aqui a cólera dos animalejos. O cupim, um bichinho do tamanho do mosquito, muito industrioso, mas também muito perverso, mal chega a nossa bagagem vai, como se fosse empregado do fisco, e arromba nossas malas com sua tromba, que fura como amollada púa, e conhecendo pelos trajes sermos nós portugueses picam as nossas roupas até reduzi-las farinha. Tudo aqui nos odeia e nos é contrario. A própria terra que não tem dono, que é de Deus e do gênero humano, não recebe as sementes portuguesas. Se a planta nasce não medra, definha, amarellece e morre.

De árvores que não dão fructos e as que dão são venenosas ao menos para os filhos de Portugal. Se em vez dessa floresta de plantas bravas, vicejassem verdes parreiras, crescessem louros trigaes, que messes e que riquezas para a corôa de Portugal!... Mas quem amanhar pode esta selvagem e inculta terra!... Um homem leva dias a cortar de machado o tronco da arvore para derribal-a. Cahe o monstro com o estrondo tamanho que abala montes e vales! Depois vem o fogo, pois só elle pode fazer o amanho de tão rude solo. O incêndio mesmo custa a destruir o que a natureza fez em annos! Extincto elle fica um monte de cinzas que espalham o vento e os semeadores também. A terra parece mansa, mas não é. Mettam-lhe o arado puxado embora por vigorosos bois e o bico d'elle será retido pela rêde de grossas raízes, que enterradas escaparam no incêndio. Não pode haver agricultura que floresça em tão inculto solo”(…)”.³⁷⁰

Percebemos que o que serve para designar um meio geográfico hostil e habitado por “feras humanas”, “bárbaro” ou “selvagem” é a inadequação a outros cultivos agrícolas, diferente da cultura do homem do campo que habita o meio cearense, o que demonstra analisar uma realidade a partir de outra. O que para o português serve de elemento que resulta numa idéia de um meio hostil composto por seres humanos “bárbaros”, pode ser fruto da visão exploradora, por sua vez “colonialista”, de conceber o meio como fonte de riqueza, fruto da avareza do português, o que não condiz com a realidade do sertanejo da época que plantava para se alimentar e não comercializar.

Outro conceito de meio que permeia o pensamento de Rodolfo Teófilo é o “meio” social presenciado pelas pessoas do campo, pelo “matuto”, pessoa nascida ou oriunda do sertão. Não é simplesmente por ser do campo, considerando uma espécie de determinismo

³⁷⁰ Ibidem, pp. 27-28.

geográfico que os sertanejos na visão dos “homens de letras” são considerados “selvagens”, “feras humanas” ou “bárbaros”. É pura e simplesmente porque estes “intelectuais civilizados”, detentores do poder científico, como é o caso de Rodolfo Teófilo concebem os homens do campo fora de seus universos reais de valores, e pois, de sua cultura, o que sempre resulta em um homem do campo ou do sertão “bárbaro”, “rude” ou “ignorante”.³⁷¹

Enfim, não é só o fato de não morar na cidade, fator resultante das idéias de “barbárie” e “atraso”, representação direta dos homens comprometidos com a “modernidade” e “civilização”, mas sim porque se associa que o “meio” social experimentado pelo homem do campo e realizado por este é menos “inteligente” e menos “racional”, tomando as regras de sociabilidade citadina como baliza para a análise das culturas. O homem do campo é visto quando muito como “puro”, “ingênuo”,³⁷² incapaz de discernir a realidade das coisas, e aí entra a racionalidade do “homem de letras” fincado na cidade analisando o campo em sua totalidade a partir dos valores “modernos” e “civilizados” operados somente nos grandes centros urbanos.³⁷³

É muito presente no pensamento de Teófilo a interação do meio juntamente com o elemento raça na formação e explicitação da índole do “tipo” cearense. O meio pode desenvolver ou frear determinados caracteres hereditários, mas o certo é que um determinado “sentimento” permanece num estado de latência que por razões externas pode fugir deste estágio. Aqui, o pensamento de Rodolfo Teófilo é semelhante à concepção determinista adotada por Abel Garcia³⁷⁴ nos tempos do Clube Literário e de Antonio Bezerra,³⁷⁵ onde as forças do meio não só condicionavam como também determinavam a personalidade do cearense por meio da predisposição de “valentia” e da “força”, diferenciando o povo cearense

³⁷¹ CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995. p. 55-85. WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

³⁷² WILLIAMS, Raymond. Op. Cit.

³⁷³ Para uma análise detida sobre a visão civilizada perpetuada pelo intelectual que reside na cidade lançado sobre o campo. BARBOSA, Ivone Cordeiro. Sertão: um lugar-incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

³⁷⁴ GARCIA, Abel. “A mulher cearense”. In: A Quinzena. Propriedade do Club Literário. Ed. Fac-similar. Anno I, nº 2, Fortaleza: BNB, 1984.

³⁷⁵ (...) “O que estuda atentamente o homem cearense em relação ao seu território, a sua educação, sua inteligência, sua coragem, vida aventureira, tendência para as letras, meios de que se serve para se impôr onde quer que se ache, selvageria das suas paixões, actos de abnegação e de grandeza de alma na realização de nobres cometimentos, enxcedível resignação ante os regôres de seu clima e estragos das sêcas, entranhado amor a terra do berço da qual jamais se esquece, conclui que é êlle uma excepção no país, isto é que tem característicos diferentes entre os demais filhos do norte e do sul da União (...)BEZERRA, Antonio. O Ceará e os cearenses. Ed. Fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. p. 1. (...) “Observa perfeitamente quem por aquêlle Estado viaja quanto é justa a teoria dos meios e a influência que exercem sobre o homem a configuração do solo e do clima. Naquellas planícies êlle é livre como o filho dos desertos, é corajoso, empreendedor, activo” (...) ibidem, p.17.

em relação as outras raças brasileiras, respaldado que era pelo pensamento determinista de Taine e Spencer. Vale lembrar que Rodolfo Teófilo redigiu na *Quinzena* colunas sobre *História Natural*.

Assim, a tia de Maria Rita, Vivência da Glória era sanguinária por índole, tal traço deste caráter se manifesta pela primeira vez quando a personagem se compraz ao ver pequenos filhotes de sanhassús serem comido por uma cobra. Em outro momento, quando ainda menina, Vicência brincava de depenar os pássaros para depois se engraçar destes por não poderem voar. Mais uma vez, Teófilo recorre ao elemento raça para explicar a índole perversa de Vicência:

“(...) O louro grão de pollen em sua microscópica individualidade leva ao ser que vai gerar os matizes, os perfumes e até o veneno as vezes mortífero e subtil da flor de que nasceu.

Em Vicência da Glória observa-se um destes caprichos da natureza; ella tinha o corpo da índia, sua mãe, e a alma do portuguez seu pai. Já não era assim a finada mulher de José Maria, a qual tinha as formas e feições semelhantes aos seus ascendentes paternos, o retrato fiel de uma de duas avós, uma confirmação da fatal lei do atavismo. Quanto a sua psychologia, a mesma de seus ascendentes maternos, modificada um pouco pela civilização.” (...) ³⁷⁶ (grifo nosso).

É a carga genética designada por Teófilo “louro grão de pollen” que já contém a índole ou os extintos a serem desenvolvidos futuramente diante da interação-determinação do meio social, onde a “civilização” irá ou não “potencializar” esta personalidade já previamente formada. Como vemos, Rodolfo Teófilo credita fortemente a índole ou o temperamento do ser à herança sangüínea inerente à especificidade das raças. Essa índole se manifesta também quando a tia de Maria Rita não aceita o relacionamento da sobrinha com o mestiço Joaquim de Queiroz, poeta e vaqueiro que andava cantarolando pelas matas o amor de Maria Rita, e espanca a bela moça, que diferentemente de sua paciência de outrora, reage às humilhações da tia:

“(...) Maria Ritta revoltou-se com o castigo, com tão estúpido aviltamento. Havia até então suportado com resignação a palavra injuriosa, a humilhante pancada; mas agora uma onda insubmissa revolucionava todo seu sangue tupy e ella com a coragem selvatica de seus ascendentes maternos, com o semblante português crispado pelo ódio do índio, repeliu a tia com um valor que mettia medo.” (...) ³⁷⁷ (grifo nosso).

³⁷⁶ THEÓFILO, Rodolfo. Op. Cit., p. 33.

³⁷⁷ Ibidem; p. 67.

O ódio que Maria Rita sentiu diante das humilhações que sofreu por parte da tia era oriundo de seu sangue, indissociável de sua raça tupi. Por temperamento ou por índole, Maria Rita já continha no sangue ou em sua “raça” os elementos que formavam seu temperamento ou sua índole, embora em estado de latência.

“(…) a docilidade de Maria, a paciência com que soffria todos os castigos da tia, não fariam respeitar que seu espírito se revoltasse um dia, que em um momento explodissem sentimentos que faziam em estado latente, e a delicada donzella, cujos músculos pareciam não terem sido creados para o pugilato se atirasse a luta com energia e valor (...)”³⁷⁸. (grifo nosso).

Percebe-se, pois, a associação “raça cultura” por parte do pensamento de Teófilo. Em relação ao futuro homem de Maria Rita, o romântico vaqueiro Joaquim de Queiroz, o autor descreve:

“(…) casavam bem aquellas vestes com tão puro typo de sertanejo. Não se podia desejar exemplar mais perfeito do mestiço, da fusão das raças portuguesas e brasileira. Todo elle era rijo, másculo emfim. O rosto moreno, mais de um moreno claro, era illuminado por um olhar vivo e intelligente gerado em uns olhos grandes e negros. Mal apontava-lhe o buço e os primeiros pellos finos e sedosos da barba, que mui rudimentar ainda, mostrava contudo que seria cerrada e preta. Não parecia ter elle mais de vinte annos (...)”³⁷⁹. (grifo nosso)

Percebe-se, pois a sutileza ou a diferença tomada por base por Teófilo. Sua concepção lítero-científica não deixa de pautar-se num certo determinismo. Esmiuçando os elementos etnológicos, o padreiro visa seccionar duas culturas, “a civilizada”, facultada somente ao homem “letrado” que reside na cidade, num meio geográfico condicionante e facilitador de compreensão e cumprimento das normas “moderna e civilizada” e a “popular”, sempre vista e concebida a partir dos mesmos elementos que integram ou constituem esta cultura “civilizada”. Assim é que a partir da identificação da “raça” Rodolfo Teófilo procura elaborar uma associação tipo cultura-raça.

Portanto, Rodolfo Teófilo dá muita importância ao fator raça. Este fator, embora interno, interage na explosão de um certo sentimento ainda que num estado de latência como na cena em que Maria Rita se revolta contra as humilhações da tia, por ela interferir em seu relacionamento com o mestiço Queiroz. Há uma cena muito clara quanto a interação do meio com o sangue, responsável pelo temperamento ou índole do ser. É quando o português José

³⁷⁸ Ibidem; p. 67.

³⁷⁹ Ibidem; p. 57.

Maria da Purificação resolve visitar em seu palácio o governador Rubim. Sentindo-se humilhado, porque sequer o governador o mandou sentar, o autor descreve a reação do personagem, relacionando-a aos seus caracteres sangüíneos:

“(…) Recebeu-me enfronhado em seus calções curtos, de veludo, justilhos, casaca e com o rabino empoadado; nem me mandou sentar como se fosse eu um peão ou moço de suas cavallariças. Senti que se me revoltava nas veias o sangue português aquecido aqui pelo sol desta livre terra e para não dar mostras de meu desgosto e da revolta que me ia por dentro d’alma, beije a mão do governador e sahi sem lhe dizer palavra. (...)”³⁸⁰ (grifo nosso)

O sol, um dos elementos naturais da terra potencializou a revolta de Purificação, já que em sua própria raça seu sangue possuía caracteres que influenciaram e acabariam por determinar tempos depois sua personalidade. Nos personagens principais do romance, Teófilo realiza uma descrição minuciosa e até supõe como seriam certas atitudes morais de tais seres tendo sempre em mente a questão racial imersa nas condições mesológicas.

Em relação ao “meio social”, fugindo a um determinismo geográfico, embora este meio social não se desvincule do “meio geográfico” constituído pelos elementos naturais, e portanto, do meio geográfico já descrito, há uma passagem em que esta influência parece evidente. Belmonte, o fiel amigo de Queiroz que participará do rapto de Maria Rita, na fazenda de seu pai, era um mestiço e, por isto, lascivo por índole ou por natureza. Enquanto Queiroz amava Maria Rita de uma forma platônica, sem os desejos da carne, desejo casto, com toda pureza possível, Belmonte a queria como os animais querem suas fêmeas. Em suas falas, o personagem evidencia: quantas vezes não teve inveja de não ter nascido um touro e não ser humano. Mas foi o “meio” que interagiu e definiu dois comportamentos diferentes:

(...) “o meio actuava de modo diverso sobre o espírito dos dous moços sertanejos. Um via somente á Natureza pelo prisma do seu platonismo: as flores, as aves, as borboletas, os astros se amando castamente, desse amor puro d’alma e não do corpo. O outro vivia da volúpia dos animaes, cuja sensualidade expunham sem reboço, e elle gosava do goso delles, porque todo o seu ser se embebia de um deleite carnal como se elle fosse um dos protagonistas daquelle acto. Amava a noiva como o touro ama a novilha sentindo por ella somente os fremitos da carne em ancias pela realisação do sonho que sua mente creava quando seus olhos viam os idyllios dos beija-flôres e lhe chegavam aos ouvidos o arrulho das rolas em amoraveis núpcias. Que de desejos não lhe sacudiam os nervos quando os brutos em toda a sua animalidade amavam-se a sua vista, sem acanhamento, com toda a volúpia de uma carnção nova, vigorosa e sadia!” (...)”³⁸¹ (grifo nosso)

³⁸⁰ Ibidem, p. 64.

³⁸¹ Ibidem, p. 97.

Apesar de educados pelo mesmo padre, o vigário Frei José da Anunciada, na localidade de São José da Amontada, as condições mesológicas determinaram, definiram, e, pois, diferenciaram suas índoles. Numa conversa em que Queiroz tem com o Padre Bulhões, educado em Pernambuco, e que, por ser português, é desleal e avarento por índole, há mais uma vez a participação do meio. O Padre Bulhões comparando a educação de Queiroz e de Belmonte, ambos alunos do Frei José da Anunciada, e sabendo da boa educação moral que deixara o mestre, afirma:

“(…) Não se perdeu toda a sementeira, penso eu; e se mais joio se encontra do que trigo, não foi culpa do sementeiro, mas do terreno, que era daninho. Quem me dera a fortaleza de espírito de meu santo mestre. Era um padre feito pelo molde de Christo (...).”³⁸² (grifo nosso)

A expressão “terreno” significa explicitamente a participação do meio na formação moral de Belmonte. Como já esboçado, fica difícil definir a que meio o “homem de letras” quer reportar nas passagens do romance: se ao “meio” geográfico composto pelos elementos naturais ou se ao meio “social” constituído por pessoas concebidas sempre por “atrasadas”, “selvagens” ou “bárbaras”, imersas sempre num determinado meio geográfico, porque não moram na cidade, equivalência direta de “civilidade” e “modernidade”.

O certo é que de maneira alguma o “meio” social composto por pessoas em suas relações se faz na ausência de um determinado “meio” geográfico. O que acontece é que os “homens de letras” olhando o sertão a partir da cidade, frente a uma bucólica, romântica, idílica e perfeita natureza, encontram, em contrapartida a esta perfeita mãe-natureza, a “rudeza”, “pureza”, “docilidade”, “ignorância”, e sobretudo, “ingenuidade” do homem do campo.

O problema não é com a designação “matuto”, o que a priori já significa a divisão campo e cidade, que quer dizer aquele oriundo do mato, sertão ou campo, mas sim ao conjunto de valores presos a um imaginário campestre legitimado e respaldado pelos “homens de letras” com suas crenças bem representadas em seus romances, que não só dividem “campo” e “cidade”, como atribuem antes de mais nada um conjunto de valores ao “citadino” e ao “sertanejo”.

Este “olhar da boléia”,³⁸³ “de fora”, “civilizatório”, que credita ao campo a idéia de pureza e ingenuidade tal e qual a perfeição de sua vegetação, demonstra o “olhar

³⁸² Ibidem, p. 89.

³⁸³ WILLIAMS, Raymond. Op Cit.

científico”, que exclui, e assim estereotipa valores que não os seus. É este “olhar civilizatório” de dominação, pautado no conhecimento litero-científico que deixa claro a análise de uma cultura concebida por outra totalmente elaborada por elementos constituintes que não os seus. Este conhecimento letrado, e a priori, científico, toma a cultura branca, sempre de raiz européia como superior, uma vez “moderna” e “civilizada”, em detrimento de uma cultura concebida por “menor”, “bárbara”, “selvagem”, enfim, uma “sub-cultura”.³⁸⁴

Presenciamos no romance o pensamento de um ativo “homem de letras”, verdadeiro “mosqueteiro intelectual” que integrou a *Geração de 70* banhado pelas idéias científicas européias sendo arregimentado a partir das concepções “deterministas” e “evolucionistas”. Nessa obra, como vimos, os elementos “raça” e “meio” permearam as idéias de Rodolfo Teófilo e, por conseguinte, seu balizamento pautado na cultura “superior” branca, sobretudo, “científico-civilizada”. Para concluir, eis uma fala notável desta visão “superior”, posto que “científica” e cimentada a partir de valores europeus. Num encontro de José Maria da Purificação, na casa do Padre Bulhões, aquele conversa sobre sua visita ao palácio do governador Rubim. A respeito do encontro nada cortês do agora fazendeiro Purificação com o representante português em Fortaleza, o Padre Bulhões fala:

“(…) Pelo que dizeis, senhor capitão, e que por verdade tenho, muito pouca impostura trouxe da corte esse leal servidor de D. João VI. Não pelo que respeita a vós, mas se aos naturaes elle tratar como fios do mesmo panno, em breves tempos no pelourinho não correrá o sangue do gentio, mas do vassalo português. Conrado deu grandes exemplos de patriotismo e só o imitando poderá um governo trabalhar para a grandeza de nossa pátria e para gloria do Omnipotente. É melhor exterminar o selvagem do que civiliza-lo. Que lucra a religião com a cathechese de brutos que fingem adorar a Deus, mas uma vez em liberdade voltam a seus antigos usos e a adoração de seus ídolos... A corôa de Portugal com mais acerto obraria levando a destruição dos gentios a todos os recantos desta grande terra e colonizando-a com o branco, com uma raça mais pura, mais intelligente. (...)”³⁸⁵ (grifo nosso)

Percebe-se claramente a importância dos caracteres etnográficos para o advento da “civilização” entre o gentio “bárbaro”. O padeiro credita o surgimento de uma cultura ou uma sociedade “civilizada” tendo em vista a raça branca, mais eugênica, ou seja, superior, constituída por seus elementos. O outro trabalho de Rodolfo Teófilo é *Os Brilhantes*. Neste romance, ainda que denso, aparecem algumas cenas que denunciam o pensamento científico-civilizatório do padeiro, embora em menor grau em relação à *Maria Ritta*. A obra é coberta

³⁸⁴ VELLOSO, Mônica Pimenta. As tradições populares na “belle époque” carioca. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1988.

³⁸⁵ THEÓFILO, Rodolfo. Op. Cit., p. 113.

por termos científicos³⁸⁶, assim como em *Maria Ritta*. O autor demonstra um profundo conhecimento do meio, de modo específico, de Botânica, Geologia, Geologia e outros conhecimentos fisiológicos.

Adentremos a obra. O romance inicia narrando a revolução da população por parte da mudança dos pesos e medidas, caracterizando a revolta dos *Quebra-Quilos*³⁸⁷, com a conivência do padre da cidade e do Presidente da Câmara que mais por ignorância do que por perversidade levam a população a reagir “à adoção dos novos pesos e medidas”. Em consequência dessa revolta, logo se forma um bando liderado pelo facínora assassino e ladrão Pedro Jurema que nos tempos de seca assaltava as fazendas com seu séquito, desonrando mulheres e praticando todos os tipos de delitos.

É Pedro Jurema que da mera reação à adoção dos novos pesos e medidas estende a revolta para fazer o terror dos sertões da Paraíba.

“(...) Pedro Jurema apossava-se dos gados, dos celeiros, recrutava os homens válidos, e o povo, cuja fortuna êle defraudava, sofria todas as extorsões, a tudo se sujeitava, sem uma queixa, sem um protesto (...)”³⁸⁸

Mais uma vez, demonstrando ser um verdadeiro homem de ciência, integrante da *Geração de 70*, Rodolfo Teófilo parte para a análise da raça:

“(...) mestiço e concupiscente, como um bode, não pôs peias ao seu temperamento”. Sem educação, com o espírito embrutecido por quinze anos de cárcere, deixava-se arrastar somente pelos instintos da bête. Senhor do campo e dotado de uma coragem que não se abatia em frente às mais difíceis situações, tendo às suas ordens algumas dezenas de facínoras, Jurema dispunha de todos os elementos para conquistar, nos anais do crime, o mais elevado lugar (...)”³⁸⁹

Aqui aparece, e é consequência da visão de um “homem de letras” a associação entre “cultura” e “moral”. Por não ter sido educado, Pedro Jurema, apesar de mestiço se transformou num facínora. Rodolfo Teófilo, assim como em *Maria Ritta*, descreve toda a fisionomia do personagem, acreditando haver a participação da “raça” na índole ou no

³⁸⁶ Eis alguns termos mencionados pelo padeiro como mostra de seu profundo conhecimento anatômico e fisiológico: celerado, nevrose, hipoemia, espasmo tetânico, contração muscular, síncope, agente profilático, rosto esse cianótico, e etc.

³⁸⁷ Ibidem. Já citado neste trabalho no primeiro capítulo. A Revolta dos Quebra-Quilos aconteceu nos sertões do nordeste e o romance *Os Brilhantes* se passa especificamente na localidade de Patu, sertão ou interior da Paraíba. TEÓFILO, Rodolfo. *Os Brilhantes*. Op. Cit., p.77. COSTA, Cruz. Contribuição à História das Idéias no Brasil. Op. Cit., p. 111.

³⁸⁸ THEÓFILO, Rodolfo. Ibidem, p. 38.

³⁸⁹ Ibidem, p. 38.

temperamento do ser. Na devassa que coube aos revoltosos do *Quebra-Quilos*, em que foi praticada a tortura do cal, somado aos maus tratos do cárcere, era preciso uma maneira ainda mais cruel para despertar a índole impiedosa do povo.

“(...) Era preciso disfarçar o ódio, a vingança, iludindo o público, que bestificado, mal podia com a vergonha de sua pusilanimidade. Só havia um meio de levantar os brios daquela gente, era a honra das mulheres, prezada mais que os haveres e a liberdade.

Atacada esta, o povo, que de tudo tremia, como a mais mofina besta, alucinado, lutaria até exterminar os ofensores ou cair vencido. A esta provação, porém, não se arriscava a comissão executiva, que bem conhecia o caráter e a índole dos seus conterrâneos. Queria ela um gênero de tortura que os amofinasse e nunca lhes levantasse os brios (...)³⁹⁰ (grifo nosso).

Percebe-se, pois, os mesmos elementos presentes em *Maria Ritta* nas análises ou “leituras sociais” concebidos por Teófilo. Carregado de termos científicos, quando da descrição dos personagens e no momento de aludir ao “meio”, o farmacêutico carrega seu romance nos mesmos moldes da obra analisada anteriormente.

Jesuíno Soares, filho do velho Soares, cunhado de Silvestre e irmão de João Soares, integra o bando dos *Brilhantes* que enfrentava o séquito de Pedro Jurema, da família dos Calangros. Cognominado o Brilhante, mais uma vez Rodolfo Teófilo associa cultura à moral. Em relação ao personagem principal do romance, o autor afirma.

“(...) Casara-se muito novo e era criador como todos os seus ascendentes. A sua cultura intelectual limitara-se às primeiras letras, embora sua inteligência permitisse melhor cultivo. Até ser homem não se fez notável por nenhum ato extraordinário, bom ou mal. Nem mesmo a adolescência trouxe-lhe paixões violentas. Quando menino chamavam-no – o empaleado, e diziam os companheiros que um rapaz que vivia batendo o papo nunca teria coragem de correr atrás de um boi na caatinga. (...)”³⁹¹ (grifo nosso).

Devido a sua “limitada” capacidade intelectual somado a um “meio” inóspito, incapaz de potencializar os elementos genéticos resguardados pela raça que acabariam por determinar o comportamento, Teófilo credita a este “meio” não ter permitido a Jesuino Soares ser uma pessoa “inteligente” ou “civilizada” capaz de se comportar de uma outra forma. Já na adolescência, o fator “meio” foi de fundamental importância por alterar a personalidade de Jesuíno, como denota o seguinte trecho:

³⁹⁰ Ibidem, p. 56.

³⁹¹ Ibidem, p. 71.

“(…) A tristeza que lhe amortecia a expressão do rosto, a tibieza em tôdas as suas ações, desapareceram quando o sangue da adolescência lhe correu nas veias. Já não era o mesmo homem. Aquela apatia que lhe abatia o ânimo e enfermava o corpo, fazendo que sentisse um tédio profundo pela vida e grande aversão a tudo que fosse movimento, o havia deixado, e o seu espírito se tornou alegre, o seu gênio expansivo e folgazão.

Evitava dantes as mulheres e agora procurava conviver com elas. O clima, a luz tônica do sol e os perfumes afrodisíacos das flores silvestres despertavam-lhes os desejos lascivos. A vida naquele meio passava-se na contemplação quase interminada de cenas sensuais. A virgindade moral dos espectadores era a todo momento profanada pelo ato da procriação, ao qual os animais sem reboço se entregavam, desde a delicada borboleta até o touro vigoroso (...).³⁹² (grifo nosso).

Mais uma vez o padeiro recorre às forças deterministas do meio para analisar a “evolução” pessoal do protagonista de seu romance, Jesuíno Brilhante, cognominado “Brilhante”. “Raça”, “meio”, e por vezes “cultura” são os elementos tomados pelo padeiro para sustentar as idéias em torno das “leituras sociais” “modernas” ou “civilizadas”. Ainda sobre Jesuíno Soares, o Brilhante, há muito para analisar sobre o olhar científico civilizatório por parte do padeiro. Depois de ter presenciado a morte do parente Botelho pelo seqüito dos Calangros, o Brilhante adquire uma “nevrose homicida” que o torna mais assassino ainda.

“(…) Jesuíno pôde conhecer o assassino, mas não teve coragem de persegui-lo. Imóvel, quase assombrado diante do cadáver ficaria ali, se a crise que o estatelou em começo não tivesse depois trazido a mais violenta reação.

O sangue da vítima havia-lhe borrifado o rosto, e a fisionomia do Brilhante foi pouco a pouco perdendo a expressão de assombramento, para se carregar de uma ferocidade que metia medo. Aquêle semblante plácido de outrora era crispado agora pelas fundas linhas do ódio.

Uma mudança radical havia se operado naquela criatura. Portador da nevrose do homicídio, herdada de um de seus ascendentes maternos, mas até então em estado latente, Jesuíno teria talvez logrado viver sem matar, se não tivesse sido testemunha do assassinato de seu parente.

A nevrose explodiu com violência. Ao período de atordoamento, no qual parecia por completo suspensa no Brilhante a inteligência, a essa crise de adormecimento de suas qualidades psíquicas, sucedeu um acesso de loucura, cujo furor via-se lhe estampado no semblante (...).³⁹³ (grifo nosso).

A partir da citação acima percebemos que Jesuíno Brilhante já era predisposto a “nevrose do homicídio” em função de sua herança genética, somado a participação do “meio”. Bastaria apenas um acontecimento ou um fato para revitalizar o instinto bestial adormecido no indivíduo. É muito significativo no romance até então analisado o termo “grão de pólen”, expressão utilizada também em *Maria Ritta* que designa uma carga genética que interagindo com o meio pode ou não “explodir”. Senão podemos incluir Teófilo como um pensador

³⁹² Ibidem, p. 72.

³⁹³ Ibidem, p. 76.

determinista biológico ou geográfico assentado em nomes como os de Taine ou Spencer, o certo é que o padreiro atribui muita importância aos elementos mesológicos e etnográficos. Em relação ao bando dos Calangros, séquito de facínoras, Teófilo afirma:

(...) Os Calangros formavam uma grande família de mestiços, vulgarmente chamados cabras, no norte do Brasil, produto do cruzamento do índio e do africano, e inferior aos elementos de que é formada. O cabra é pior do que o caboclo e do que o negro. É geralmente um indivíduo forte, de maus instintos, petulante, sanguinário, muito diferente do mulato por lhe faltarem as maneiras e a inteligência deste. E, tão conhecido é a índole perversa do cabra que o povo diz: não há doce ruim, nem cabra bom. (...).³⁹⁴(grifo nosso).

Sendo a “raça” dos cabras inferior as duas raças que o formavam dar-se a entender que biologicamente falando estas raças seriam suprimidas pela raça dominante, “superior” e “civilizada”. Lembremos que foi a teoria do branqueamento em boa parte o apanágio para a confecção dos discursos narrativos da *Geração de 70*, carregados por homens como Silvio Romero, Capistrano de Abreu, Nina Rodrigues, Araripe Junior, dentre outros.³⁹⁵

Pelo fato de o sangue ou a raça branca ser concebida por “superior” em detrimento de mestiços, herdeiros de índios e escravos, tidos como “inferiores”, o predomínio seria da raça branca, e por sua vez, de sua cultura: a cultura européia-branca e civilizada. Os elementos “raça” e “meio” são pura e simplesmente instrumentos que não só servem para analisar uma cultura a partir de outra, como também conceber a partir de então uma cultura “menor”, “marginal”, “bárbara”, “subdesenvolvida”.³⁹⁶

No romance, há cenas que demonstram o olhar da “cultura popular” vista a partir da cultura européia, concebida por superior, uma vez que “civilizada”, resultando numa cultura ignorante ou “bárbara”. Do confronto entre o bando dos Calangros e os dos Brilhantes, Francisco Calangro, temendo ser morto pelos adversários se dirige ao preto velho Manoel do Congo para o ritual de “fechamento” do corpo. A cena clarifica uma “cultura popular” vista e analisada por valores científicos de seus hábitos e normas.

“(…) O africano ergue-o até pô-lo de pé. A custo conseguiu equilibrá-lo. O sertanejo foi pouco a pouco tornando a si, reanimando-se. O calor voltou à pele resfriada. O que continuava a mortificá-lo era a vista, que não se tinha restabelecido de todo, a cabeça que lhe andava à roda. Os ouvidos lhe zuniam e o corpo não tinha o preciso equilíbrio para se conservar de pé sem tombar.

³⁹⁴ Ibidem, p. 93.

³⁹⁵ VENTURA, Roberto. Op. Cit, SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit.

³⁹⁶ VELLOSO, Mônica Pimenta. Op. Cit.

O africano tendo pressa de receber o pagamento, disse ao sertanejo que se vestisse, e que podia de agora em diante entrar nas lutas que quisesse sem receio de ser ferido, nem de leve.

As palavras do feitiçeiro chamaram à realidade da vida aquele ser supersticioso e embrutecido, que acabava de expor miseravelmente a existência aos caprichos da mais chata ignorância.(...)³⁹⁷. (grifo nosso).

Por recorrer a outras práticas culturais não imersas no universo científico com suas leis e normas, mas sim a práticas que dão sentido a cultura da maioria das pessoas geralmente de origem indígena e africana, o velho Manoel do Congo é concebido por um ser embrutecido, supersticioso, e acima de tudo, ignorante.

Outro intelectual padeiro que escreveu trabalhos em prosa durante os tempos de Padaria Espiritual foi Eduardo Sabóia³⁹⁸, o *Brás Tubiba*. Sabóia nasceu em Fortaleza no dia 1º de maio de 1876 e faleceu em 10 de julho de 1918. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1894 para estudar na Escola Politécnica, mas abandona para se dedicar ao jornalismo. Escreveu no jornal *A Semana*, de Valentim Magalhães e auxiliou o abolicionista José do Patrocínio na *Cidade do Rio*.³⁹⁹

Formou-se em Direito, em 1902, na Bahia. Trabalhou como oficial de Gabinete do Governador deste estado, e mais tarde se tornou professor de Direito Criminal na Faculdade de Direito do Ceará. Exerceu cargo público como Secretário de Fazenda no governo Acioli, o maior oligarca⁴⁰⁰ que governou o Ceará de 1896 a 1912. Escreveu *Contos do Ceará* (Fortaleza, 1894) e *Nova Lei de Falências* (Bahia, 1902). Assim como Adolfo Caminha, Eduardo Sabóia foi expulso⁴⁰¹ da Padaria já estando no Rio de Janeiro em 1896. Eduardo Sabóia participa, pois, do segundo momento do grêmio artístico e literário.

Contos do Ceará reúne quatorze crônicas abrangendo ou falando sobre as mais diversas realidades da “cultura popular” da “maioria” das pessoas fincadas no “campo”. O trabalho é marcado pelo antagonismo campo-cidade, resultado do pensamento que balizou a atividade letrada dos intelectuais cearenses com a atuação da *Geração de 70* local, no caso, a *Mocidade cearense*. Neste trabalho já não encontramos as condições mesológicas ou etnográficas suportando uma cultura científico-civilizada em detrimento de uma “cultura

³⁹⁷ THEÓFILO, Rodolfo. Os Brilhantes. Op. Cit, p. 131.

³⁹⁸ STUDART, Guilherme. Dicionário bio-bibliográfico cearense. Fortaleza, Minerva, 1915. V. 3.

³⁹⁹ Ibidem

⁴⁰⁰ MONTENEGRO, F. Abelardo. Os Partidos políticos do Ceará. Fortaleza; Edições UFC, 1980. p. 75-82. MACEDO, Joaryvar. Império do Bacamarte: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense! Fortaleza: UFC, 1990. p. 41-49

⁴⁰¹ AZEVEDO, Sânzio de Adolfo Caminha: vida e obra. Fortaleza: EUFC, 1999. p. 60. RIBEIRO, Sabóia. O Romancista Adolfo Caminha. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967.

popular”, “bárbara”, “atrasada”, ou “ignorante”, como nos moldes de *Maria Ritta* e *Os Brilhantes*. Não que o padreiro desacredite de tais valores, mas sim porque o trabalho de Brás Tubiba já parte da cristalização diferenciada de duas culturas: a “cultura popular” do “tipo” sertanejo, “alma” do cearense, e a “cultura burguesa” do homem que habita ou mora na cidade com seus valores e suas normas “civilizadas” ou “modernas”. Neste sentido, a obra de Eduardo Saboya é continuadora da obra de Rodolfo Teófilo.

O campo é sempre visto como lugar de “pureza” e “ingenuidade”⁴⁰², onde seus habitantes são fortes não só fisicamente como moralmente, incapazes de mentir ou possuírem os dolos da “civilização” que carrega uma sociedade de vícios⁴⁰³ experimentada somente nas cidades, daí a honestidade ou a sinceridade do “tipo” campestre.

Antes de analisarmos os contos salientemos que o “olhar civilizatório” lançado sobre o campo ou sertão é do “intelectual” fincado na cidade, que olhando de fora percebe sempre este espaço como harmônico, e assim, desprovido das relações de força que não pairam somente nos grandes centros urbanos, e do sofrimento dos sertanejos explorados não pelos fatores “naturais” climáticos, mas sim pela corrupção das oligarquias rurais que passa despercebida pela maior parte da historiografia literária cearense.

O “intelectual citadino”⁴⁰⁴ não atina para a corrupção dos homens públicos, diferente do olhar lançado sobre a maioria das pessoas que se tornam viciosas em decorrência das condições do meio, o que é contraditório, tornando o célebre discurso das secas o apanágio para todas as mazelas enfrentadas pelo homem do campo.

Dos quatorze pequenos contos, oito se referem à cidade, quatro ao campo, e dois relacionam campo-cidade. Nos contos referentes à cidade o imaginário é plenamente burguês, aí aparecem a Santa Casa de Misericórdia, espaço terapêutico para os infestados do cólera morbus e varíola, o aristocrático e boêmio Passeio Público, espaço de encontro e pois de sociabilidade mundana e chique das elites locais, e finalmente, a Rua do Gasômetro que integrava o perímetro central da Fortaleza Antiga.

Estes espaços que constituíam o centro de Fortaleza com suas ruas alinhadas, sinônimo de “civilidade”, e, pois, espaços pertencentes às elites⁴⁰⁵, são mencionados em todos os contos referentes à cidade.

⁴⁰² WILLIAMS, Raymond. Op. Cit.

⁴⁰³ OLIVEIRA, Cateina Maria de Saboya. Fortaleza: seis romances, seis visões. Fortaleza: EUFC.

⁴⁰⁴ CERTEAU, Michel de Op. Cit. p. 55-81.

⁴⁰⁵ PONTE, Sebastião Rogério Barros da. Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1894. p. VIII.

Já na apresentação do trabalho de Eduardo Saboya, *Contos do Ceará*, Antonio Sales endossa o pensamento por parte da historiografia literária tradicional que torna as condições do “meio” como elemento determinante para o surgimento e desenvolvimento das atividades letradas. O Ceará em função das instabilidades climáticas que tanto marcaria sua “identidade” regional é carente de uma “literatura” em decorrência das condições materiais ou econômicas “provenientes” de tais condições “naturais”. Nas palavras de Antonio Sales, o Moacir Jurema, apresentando o trabalho.

(...) Há observação, precisão de phrase e arte de encenação n'estes Contos do Ceará, que têm, de mais a mais, o louvável objectivo de pôr em evidência os soffrimentos dos cearenses que, aguilhoados pela cobiza, se partem d'este torrão quando em busca das auríferas e perigosas regiões amazônicas (...) ⁴⁰⁶. (grifo nosso).

Apesar das dificuldades do povo cearense face a ingerência dos administradores políticos e não em decorrência do fenômeno das secas, uma vez que “*não existe só seca no sertão*”⁴⁰⁷, o padeiro-mor buscava por meio de sua literatura respaldar o surgimento desta justamente a partir de um imaginário da “fortaleza” do cearense, artifício elaborado pela crítica literária cearense, anuviando ou nublado os verdadeiros condicionantes de uma vida carente ou pobre. A literatura funciona como elemento que incapacita ou impossibilita ver os reais elementos que assolam a sociedade cearense. Aqui, a visão de Antônio Sales é a do “intelectual artista” semelhante à de Adolfo Caminha⁴⁰⁸ que procura arte e não os elementos sociais deflagradores de uma situação de pobreza e miséria social a partir do amor do cearense à sua terra natal. De acordo com Sales.

(...) Eduardo Saboya tem qualidades innatas de artista a revelarem-se a cada instante na sua palestra, nos seus contos “n’um brinde que perpetre, nas meias dúzias de linhas que tenha o constrangimento de escrever para álbuns e polyanthéas, em tudo enfim que escreve ou diz (...)”⁴⁰⁹.

(...) Para nós tem, pois, o presente livro mais este lado apreciável, quem nada tem que ver com os interesses do nosso Estado, encontrará nos CONTOS DO CEARA incontestavel valor intrinseco, pondo de parte os seus intuitos nativistas (...) ⁴¹⁰

⁴⁰⁶ SALES, Antônio. “Corta-prefácio”. In: SABOYA, Eduardo. Contos do Ceará. Fortaleza: Biblioteca da Padaria Espiritual, typ. Universal, 1894 p. VIII.

⁴⁰⁷ CHAVES, José Olivenor. Fortaleza e os retirantes da seca de 1877 – 1879: o real de um imaginária dominante. Dissertação apresentada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, 1995. p. 51.

⁴⁰⁸ CAMINHA, Adolfo. Cartas Literárias. Fortaleza: EUFC, 1999. p. 43 – 48.

⁴⁰⁹ SALES, Antônio. “Carta-Prefácio”. Op. Cit.

⁴¹⁰ Ibidem, p. VII.

Ante todas as dificuldades que atravessa o povo cearense devido a elementos já descritos, a literatura constrói a idéia de um cearense que não consegue viver longe de sua terra natal, o que é um argumento por demais frágil, pois boa parte dos padeiros se dirigiram para o Rio de Janeiro, o que aconteceu com o próprio Antonio Sales. A literatura funciona como bálsamo em função da “pobreza” de um povo e de um “meio”, onde não resguarda as mentes “engenhosas” dos homens de letras cearenses, elemento tomado por esta crítica como preponderante, pois é daí que emerge a idéia de um cearense forte, em que a construção de sua literatura é só mais um esforço.

Profundamente estudada por Rodolfo Teófilo, principalmente em seu trabalho *A Fome*, o flagelo ou a Grande Seca, a seca tipo de 1877 serve de matéria-prima justamente para a construção do “tipo” cearense forte, resistente as dificuldades do dia-a-dia. O próprio Teófilo atribuía às secas a venda⁴¹¹ da honra de meninas por parte de seus próprios pais em troca de um punhado de farinha, uma vez que para o “tipo” sertanejo cearense era desonroso pedir. Lendo o conto, um suposto viajante, personagem principal, viajava no alto sertão numa tarde de dezembro quando já muitas léguas após a partida depara-se com uma barraca de retirantes.

Desenrola-se pela mente do viajante um cenário de batalha, onde pessoas e mais pessoas morriam em conseqüência de um sol causticante. Frente a inúmeros cadáveres, permaneciam vivas somente uma mulher e seu filho de cinco anos, pois aquela morreria pouco depois sob “(...) o martyrio da morte que a fome propina aos desgraçados (...)”⁴¹². O viajante vê a mãe da criança morrer de fome, o que muita faz doer seu coração para acolher uma criança desamparada. O pai da criança havia saído à procura da mucunã⁴¹³, única alimentação que restava aos retirantes da seca.

⁴¹¹ THEOPHILO, Rodolfo. História da Seca do Ceará (1887 – 1880). Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

⁴¹² SABOYA, Eduardo. Op. Cit, p. 42.

⁴¹³ No romance *A Fome*, o viajante Manuel de Freitas vai a procura da mucunã para alimentar sua família que estava arranchada debaixo das árvores, já em Fortaleza, Rodolfo Teófilo disserta sobre a toxicidade da mucunã. (...) Freitas via a mucunã por prisma diferente. Tinha certeza de ser muito venenosa e, como tal, a maior assassina que o Ceará tem tido, durante as secas; mas também sabia que a ação tóxica podia ser modificada ou mesmo destruída, segundo o processo empregado na extração da fécula. Preparada por mãos ignorantes, é sempre um veneno e nunca um alimento. Convencido disso, dispõe-se a prepará-la com o máximo escrúpulo. Faltavam-lhe, entretanto, certos aprestos e entre eles um indispensável: um depósito para se pouparem as lavagens da mucunã. Era, se não impossível, ao menos difícil encontrar aquele avião, sem o qual a extração de fécula seria inexecutável. Tantas raízes perdidas e também o meu trabalho! Pensou Freitas. Não podia conformar-se com a idéia daquele prejuízo. A inação para ele era um crime, quando havia necessidade a provar. Se fosse possível obter o vaso de que precisava à vista mesmo de uma fadiga de horas, se resignaria a sofrê-la, mas por a sofrê-la, mas por, maior que fosse o esforço, não poderia adquiri-lo com a presteza do momento. (...) TEÓFILO, Rodolfo. *A Fome*; Violação. Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979. p.39.

No conto há um forte esforço para construção da idéia de um “tipo” cearense valente e forte, sobretudo daquele homem que não chora, imaginário que suporta a idéia do homem do campo. Ambigüidade ou paradoxo por parte da historiografia literária cearense, o tipo sertanejo de “(...) *homem que poucas vezes chorara, deslizesse agora um rosário de lágrimas também (...)*”⁴¹⁴. O flagelo das secas seria ainda muito explorado pelos trabalhos da Padaria para a construção de uma identidade “regional” constituída pelos “tipos” cearenses.

Outro “tipo” cearense explorado em *Contos do Ceará* seria o pescador, este seria não só lembrado e enaltecido pelo movimento da Padaria como seria um dos integrantes da verdadeira “alma” cearense. No conto *A jangada*, conto dedicado ao padeiro Livio Barreto é mostrada toda a valentia e dedicação por parte deste abnegado e heróico homem que rumo aos tortuosos caminhos do alto mar. “Alma” rústica de cearense acostumado ao frio, ao vento e a fome, o velho José levantava cedo todos os dias sob um céu lacrimoso e triste. Se preparando para se dirigir a praia, tomando a “tarrafa”⁴¹⁵ aos ombros e embrulhando a camisa por baixo do chapéu para tê-la enxuta depois da chuva, o velho pescador José “(...) *alma iluminada pelo clarão da Esperança(...)*”⁴¹⁶ se dirige todas as manhãs em direção a praia em busca do sustento da família

Apesar de todas as dificuldades que constituem a “fortaleza” do pescador cearense em nenhum momento é aventado os reais problemas que constroem esta “identidade regional”, pois acreditamos que muitos pescadores vão ao mar não por puro prazer, mas por falta de outro ofício. O romantismo do conto logo impossibilita a percepção das verdadeiras tensões sociais causadas pela ingerência do poder público. Face ao sofrimento enfrentado pelo pescador que como já falado nem sempre escolhe esta profissão por prazer, mas sim por pura necessidade, o conto revela a idéia de liberdade da jangada cearense, por ter sido o Chico da Matilde ou o Dragão do Mar o celebre jangadeiro cearense que “aboliu” o tráfico de escravos afirmando, no dia 27 de janeiro de 1881 que no “(...) *porto do Ceará não se transportava mais escravos (...)*”⁴¹⁷.

⁴¹⁴ SABOYA, Eduardo. Op. Cit, p. 43.

⁴¹⁵ Tarrafa ainda hoje é um instrumento de pesca utilizado pelo pescador local ou regional. É uma espécie de rede, chumbada, para que desça na água, e assim capturar o peixe. Esta forma de pescar consiste em arremessar a rede que uma vez aberta, a medida que toca a água se fecha de modo harmônico.

⁴¹⁶ SABOYA, Eduardo. Op. Cit, p. 47.

⁴¹⁷ “Os acontecimentos de 27, 30 e 31 de janeiro. Ed. fac-similar. In: Libertador. Órgão da Sociedade Cearense Libertadora. Anno I, n.º 3. Fortaleza: Secretaria de Cultura, turismo e Desporto, 1988.

É esta idéia romântica de liberdade em torno da jangada cearense que permeia e dá sentido à construção de um dos “tipos” cearenses, mais importante, no caso, o pescador, constituinte da “alma” cearense que é sempre valente e forte.

Nos contos, e pelo próprio objetivo da literatura cearense que como vimos busca “arte” e não os reais problemas do dia-a-dia, este “tipo” cearense, seja ele qual for é sempre obstinado e heróico e até parece padecer de uma “vocação objetiva”. Assim, o velho jangadeiro era “(...) *alma resoluta e firme confiou sua sorte à velha jangada, sobre cujos termos toscos de madeira muita vez chorara em alto mar, longe dos homens (...)*”⁴¹⁸.

Assim como no mundo das letras em que os “intelectuais” sofriam de uma “vocação objetiva” elemento sedimentado pela historiografia literária, o “tipo” cearense, seja pescador, caçador, agricultor etc., já nasceu “predestinado” com sua valentia e sua força, pois face a idéia romântica de liberdade abordada pelos movimentos artísticos, este tipo não sofre, uma vez que é muito forte, o que é mínimo uma afirmação contraditória..

Portanto, quanto mais sofrimento nos contos mais literários são estes, e mais se cristaliza a identidade da “alma” do cearense valente e forte, justamente para encobrir as fragilidades de ação ante a pouca percepção destes “tipos” iletrados aos reais problemas políticos, pois estes como desmerecidos que são em detrimento de outras questões políticas pouco podem fazer para solucionar seus problemas, salvo a crença ou a esperança no transcendente.

O pescador cearense, aqui simbolizado pela figura do velho José carece das mínimas condições de moradia e de perspectiva de um futuro melhor. Não sem razão que o que muito explora a historiografia é o lado “forte” e resignado, quando na verdade é esta luta a luta pela própria sobrevivência, o que grosso modo só depende dele, tornando-o mais frágil ainda para questionar os reais problemas sociais que dificultam a realização de uma vida própria, e que quando muito, consegue suprir suas mínimas condições de sobrevivência.

As difíceis condições do dia-a-dia servem para uma construção literária que “liberta” o sofrível cearense de um mundo que não lhes resguarda melhores dias, o que é uma ambigüidade, pois estes tipos valentes e fortes sequer compreendem a linguagem destes movimentos beletrísticos, dentre estes a Padaria Espiritual.

Nem sempre conseguindo pescar o que comer ele e sua família, enfrentando as tortuosidades do mar, o “tipo” pescador não percebe o que pode ser a razão de sua espoliação

⁴¹⁸ SABOYA, Eduardo. Op. Cit, p. 48.

e se contenta com sua vida familiar conformando-se com a acústica de sua viola, elemento que integra um dos símbolos da “alma” do homem do campo assim como a roupa de couro do vaqueiro, a fragilidade de sua abnegada mulher cearense como bem apontou Antonio Bezerra⁴¹⁹.

Em nenhum momento suscita o conto a noção de que o pescador percebe os fundamentos de sua marginalidade, pois a narração dilui um possível “enfrentamento” numa forçada harmonia que quando não é saudosa é entremeada pela visão “civilizada” do “intelectual artista” que desloca o foco dos reais problemas em busca do teor artístico.

Com certeza esta não é a visão do pobre pescador que se dirige ao mar todos os dias em busca do sustento da família. Há uma fala por demais elucidativa que dilui o possível enfrentamento a partir do ideal artístico de liberdade. (...) *E o velho também dormia, com a viola colada ao peito, e sonhava que a praia esperava-o a sua velha jangada, em uma manhã clara e serena, para levantar cedinho o vento de terra e trazela à noite cheia de peixe o vento do mar...* (...) ⁴²⁰

No conto *A Viola do Cearense* passados na cidade é mostrado outro “tipo” cearense que é o lavrador “(...) acostumado ao sol causticante na secca e ao acicâte do frio no inverno (...)”⁴²¹. Percebemos de maneira sutil o esforço na idealização e, assim, na construção imaginária de um agricultor ou lavrador forte, haja vista no Ceará, de modo específico, em Fortaleza, não existir uma temperatura baixa como nas regiões “frias” de suas serras e maciços. O que impressiona no conto, diferente do discurso sustentado pelos movimentos literários, dentre eles, o da Padaria Espiritual, é a consciência política por parte de um agricultor, que seguramente não é instruído, e assim, mais distante de perceber as “maquinações políticas” por parte dos administradores locais que são os principais responsáveis pela sua situação marginal experimentada por estes “tipos”. O velho lavrador se dirigia pela manhã em direção ao roçado sob um sol que alastrava a campina, donde escutara foguetes que “(...) si não fosse aquillo exercício dos alumnos na Praça de Pelotas, havia com

⁴¹⁹ O padeiro Antônio Bezerra disserta sobre o “tipo” vaqueiro com sua virtuosa e casta mulher. (...) “Apesar dos pesares o vaqueiro é um tipo, que não desaparecerá nunca do Ceará. Vestido airoso de estreitas pernas, espécie de calças de couro, guarda-peito, gibão e chapéu, tudo feito da melhor e da mais bem curtida pelle de veado capoeiro (cervos rufus), bem pospontado em admiráveis desenhos e linha, por isso que destoa do traje geral, torna-se um tanto curioso, principalmente para aquelle que nunca visitou o sertão. No interiôr, se referem inúmeras lendas a respeito da bravura, coragem e agilidade dessa gente. O vaqueiro faz consistir a sua fortuna no amor a mulher, na amizade extrema ao seu cavallo de campo, a sua vida e ao gado da sua entrega. A esposa é como as demais, virtuosa e casta, e ai della se não fôra! (...) BEZERRA, Antônio. Op. Cit., p.5.

⁴²⁰ SABOYA, Eduardo. Op. Cit, p. 50.

⁴²¹ Ibidem, p. 51.

*certeza grande novidade política (...)*⁴²². Apesar de preocupado com a idéia de revolta o lavrador mais preocupava com o embarque de seu filho acontecido meses antes para combater os revoltosos do sul.

Não identificamos qual revolta ou desenrolar político permitiu ao filho do lavrador cearense se dirigir para o sul para combater os revoltosos, mas o certo é que este “tipo” geralmente não compreende o desenrolar dos processos políticos. O fato de o lavrador perguntar o que há de novo em Fortaleza devido ao ruído que acontecia no centro da cidade não significa compreender as transformações políticas, uma vez que o “tipo” cearense estava mais preocupado com o regresso de seu filho e assim “(...) *tocava viola pelo proximo regresso do filho, soldado que embarcára n’aquella tarde em que o sol mandava á terra n’um ultimo reflexo o seu derradeiro olhar de agonizante (...)*”⁴²³

O velho agricultor residia em sua cabana no pobre bairro do Oitero, espaço da população pobre e marginal ainda dos tempos de Padaria Espiritual, ao passo que as elites citadinas reduziam-se ao centro da cidade, onde a referência maior era a Praça do Passeio Público, seguido pela Santa Casa de Misericórdia, Rua do Gasômetro, e etc. Era no centro da cidade que se reservavam toda as normas “letradas” e padrões “modernos” que bem caracterizou a *arrivismo chic* e mundano dos tempos ébrios e frenéticos da *belle époque*⁴²⁴ fortalezense.

Logo no primeiro conto de *Contos do Ceará*, como já mencionado é mostrada a idéia de inocência e pureza da mulher que habita o sertão. O *Obituário* narra a história da sempre viúva Rosa que por último perdera seu futuro noivo nas plagas do Amazonas, que imbuído de ganhar dinheiro e voltar para se casar para lá se dirige. O primeiro parágrafo do conto descreve:

(...) Era filha do sertão, corada, ingenua e bella e – caso singular – nunca tivera amado até aos 18 anos. E foi como uma nuvem salpicada de pontos negros no ceu de sua existência esse amor que ella, Rosa, cujo nome symbolisava sua formosura, e o Raymundo, um rapagão forte, filho também do sertão e amoroso, juraram mutuamente guardar nos seus corações que tinham pulsações eguaes para um affecto!(...) ⁴²⁵(grifo nosso).

Como se percebe, o sertão possui elementos identitários formadores de um “tipo” singular que não se confunde com o “tipo” da cidade. Por ser filha do sertão Rosa é ingênua,

⁴²² Ibidem, p. 51.

⁴²³ Ibidem, p. 53.

⁴²⁴ PONTE, Sebastião Rogério Barros da. Op. Cit.

⁴²⁵ SABOYA, Eduardo. Op. Cit, p. 1.

ao passo que Raymundo era “amoroso”, o que confere a mesma idéia de pureza, dignidade, traços atribuídos pela historiografia cearense somente ao homem do campo, conferindo assim valores ímpares e singulares a tais espaços.

Somado a construção de tais valores o imaginário do sertão comporta um povo sofrido em decorrência do flagelo das secas, elemento muito exacerbado pela crítica literária, pois é daí que esta mesma crítica fabrica o “tipo” cearense valente e forte, honesto, e sobretudo, resistente aos mais difíceis obstáculos, nublando as verdadeiras tensões sociais experimentada pela sociedade residente nos sertões cearenses assoladas pela exclusão dos governantes, e não pelo fenômeno das secas “instrumentalizado”⁴²⁶ pelos desejos ambiciosos da elite.

Lembremos que em nenhum momento é aventada a ingerência política por parte dos oligarcas que são os maiores protagonistas na deflagração da miséria social enfrentado pelo homem do campo. Foi em função da ingerência de políticos corruptos que nunca se preocuparam na geração de empregos locais que resultou na morte de milhares de sertanejos cearenses contraindo a moléstia nos seringais do Amazonas na esperança de enriquecerem nestes espaços, tendo em vista a extração do látex para regressarem com uma situação estável à sua terra natal. O futuro esposo de Rosa, Raimundo, é só um personagem que encerra a triste miséria da “valentia” e “força” do sertanejo que quando muito vinha falecer nos leitos da Santa Casa de Misericórdia, hospital que acolheu milhares de pesteados da varíola e do cólera-morbus, situado ao lado do aristocrático Passeio-Público. Mas Rosa era antes de tudo ingênua e bela, sobretudo, forte.

Nos contos ainda persiste sutilmente a noção da superioridade das raças e do poder dos bacharéis. Lembremos que segundo Roberto Ventura estas “análises sociais” baseadas nos elementos raciais perduraram até a década de 1930.⁴²⁷ No conto *Caridade* há uma cena significativa. Atraca no porto de Fortaleza como de costume um vapor que trazia inúmeros cearenses que foram tentar a vida nos seringais amazonenses em busca da extração do látex para a fabricação da borracha. Dentre os cearenses vinha um francês, “civilizado”, branco, europeu, enfim, “superior”, visto que moderno. Deixemos falar o conto a respeito do certo francês Sr. Jorge Mouri.

⁴²⁶ BEZERRA, José Tanísio Vieira. Quando a ambição vira projeto: Fortaleza, entre o progresso e o caos (1846/1879). Dissertação apresentada ao Programa de História Social e Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

⁴²⁷ VENTURA, Roberto. Op. Cit.

“(…) D’entre os viajantes um, que soube-se ser de nacionalidade franceza e residente há muito no Pará, nos attrahe à attenção, vem acompanhado de uma mulher de côr quase preta, duas crianças de raça misturada, cujas feições denunciavam serem fructos de amor entre esses dous personagens. Amor Illicito, com certeza, pois um homem branco, corado, parecido com inglez, não se iria casar com uma negra, murmuravam os catraeiros, que de ceroulas acima dos joelhos, disputavam à fúria das ondas a bagagem dos passageiros, mal o bote se approximava (...)”.⁴²⁸ (grifo nosso).

Percebe-se claramente a presença das teorias “colonizadoras” e “racistas” que influenciaram o pensamento do padreiro Rodolfo Teófilo e sua *Geração de 70* quando aluno da Faculdade de Medicina da Bahia. Em relação ao poder letrado dos bacharéis, e pois, da conhecida expressão “República dos Bacharéis” há um conto marcante que serve para analisar o poder político destes “homens de letras”.

O conto *O Milagre* se desenlaça na cidade e tem como enredo o relacionamento entre a filha do Sr. Medeiros e o Sr. Teixeira. Todo o dia na janela olhando para a namorada, esta era inferior ao namorado por ser este ser um bacharel em direito, equivalência direta de pertencimento a elite, e claro, de pessoa “moderna”, e antes de tudo, “civilizada”. O pai da moça, o velho Medeiros não queria o relacionamento da filha. O namoro do casal dava ao que falar a quem passasse na casa do velho em função dos ataques histéricos por parte da moça. Certa vez a polícia adentra a casa para ver o que estava acontecendo. De acordo com o conto.

(...) Menina tola essa que não vê logo que aquelle moço não casa com gente pobre, dizia-lhe a avó e um dia, sabedor do negócio, gritou-lhe ao pé dos ouvidos o pae. Dias depois o namoro esfriou. E então os milagres começaram, ou melhor – chamemos as cousas pelo seu nome verdadeiro – a moça começou a ter ataques histéricos.

E como uma consciência culpada tem em si mesma a voz que a accusa, quando o Teixeira viu aquelles apparatus de justiça entrarem pela porta a dentro do velho Medeiros, correu á banca, tomou da penna e foi fazer uma acção de homem de bem. Escreveu uma carta ao velho pedindo-lhe a filha. O velho pulou de contente e o casamento fez-se logo”.⁴²⁹ (grifo nosso).

O penúltimo trabalho em prosa publicado pela “Bibliotheca da Padaria Espiritual” se deve a José Carvalho, o *Cariri Braúna* da sociedade de letras e artes. Publicado em 1897, o padreiro participou, pois da segunda fase do grêmio literário. Estudioso do folclore e da história local nasceu José Carvalho no dia 11 de fevereiro de 1872 em Crato e faleceu no Rio

⁴²⁸ SABOYA, Eduardo. Op. Cit, p. 10.

⁴²⁹ Ibidem, p. 34.

de Janeiro a 15 de dezembro de 1933.⁴³⁰ Exerceu o cargo de tabelião no Ceará e no Pará. Pertenceu ao Instituto do Ceará e redigiu vários artigos em jornais.

Publicou *Perfis Sertanejos* (1897), *Pero Coelho* (1903), *A Primeira Insurreição Acreana* (1904), *O Matuto Cearense*, *Caboclo do Pará* (1930) e o drama *Dona Bárbara – 1817* (1917). Dos tempos da Padaria, é *Perfis Sertanejos: costumes do Ceará* publicado em 1897. *Perfis Sertanejos* reúne doze contos passados em “maior” parte em pequenas localidades dos sertões cearenses. Já no conto *Fraqueza do Próximo*, há a omissão do nome da pequena cidade onde se passa a trama. No conto se lê “*A rua principal da pequenina cidade de*”.⁴³¹

Em carta endereçada ao líder da Padaria, Antonio Sales, o idealizador, autor do *Programa de Instalação* e do *Retrospectos*, José Carvalho a respeito de seu trabalho escreve a que se propõe.

“(…) Ahi, vai o meu primeiro livro. Seja qual for o conceito que mereça dos críticos competente de meu paiz, eu ficarei, de toda sorte, satisfeito commigo próprio e com haver escripto os Perfis Sertanejos – simples galeria de typos característicos que apanhei na vida de nossos patricios. Restringindo o feitiço deste livro às condições de nosso meio, fiz um livro para todos – excepção do – Velho Innocencio – que o escrivi para mim.

Dizer-se que se conhece dos costumes e o que se surpreende da alma de um povo – máxime de um povo inexplorado como o nosso – é, para mim, o fim mais interessante dessa litteratura que praticamos. Adeus, do teu collega José Carvalho (...)”⁴³² (grifo nosso).

Como se percebe o padeiro José Carvalho toma as condições do “meio” como fundamento explicativo para o desenvolvimento de suas análises. Não fica claro que “meio” quer reportar o padeiro, se o meio “social” ou o “geográfico”. O certo é que a expressão meio denota claramente a especificidade de um determinado espaço, comportando assim uma identidade, e em consequência, valores próprios, diferindo pessoas do campo de pessoas da cidade.

O imaginário da “cultura popular” constituída pelos “tipos” cearenses como o caçador, agricultor, vaqueiro, tangedor de bois, pescador, presente no sertão é singular, e, portanto, somente existente num mundo rural ou campestre. José Carvalho busca elementos que suportem e respaldem o surgimento de uma “cultura popular” cearense. Assim como

⁴³⁰ STUDART, Guilherme. Op. Cit.

⁴³¹ CARVALHO, José. *Perfis Sertanejos: costumes do Ceará*. Ed. fac-similar da “Biblioteca da Padaria Espiritual”. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, p. 17.

⁴³² Ibidem, p.XII – XIII.

Antonio Bezerra, o padeiro Cariri Braúna tinha na música⁴³³ sertaneja um dos traços constituintes da “cultura popular” da “alma” ou do “tipo” sertanejo. No conto *O Engenho* em que são mostrados as atividades de moenda para fabricação do açúcar e todo o universo de trabalho, o padeiro salienta a singularidade do violeiro ou cantador, traço típico da cultura “regional”, isto em decorrência dos festejos de casamento entre Maria e o Barbosa. Acompanhando o conto, podemos lê.

(...) As violas, afinadas, gemiam longorosos e doces. Ah! As violas que traduzem nas primas e no bordão a suave sentimentalidade lyrica da alma sertaneja: as violas que soluçam, riem, contam e estremeceem de felicidade e de amor com o pobre caboclo que as sabe dedilhar; as violas amigas e chorosa, naquella noite calma, debaixo das estrellas trementes, sob a cúpula do ceo serenamente arqueado e pacífico; as violas humildes, cantavam na vibração do amor da Maria e do Barbosa [].⁴³⁴(...)

São os “tipos” ou os “perfis” cearenses que Cariri Braúna acredita ser a “alma” do cearense fincado no campo e, por sua vez, do próprio sertão que é visto sempre a partir do “olhar civilizatório”, apartando dois mundos com suas respectivas culturas: a “civilizada” e “moderna”, de raiz européia, filha da cidade com seus representantes diretos que são os “homens de letras” e de “ciência”, e a “popular”, que reduz uma multiplicidade cultural em busca de uma “alma” ou “perfil” cearense do povo cearense concretizada no homem que habita o campo ou sertão. Em meio às histórias populares da maioria das pessoas do campo, entremeia-se no romance a visão de um homem pertencente a cultura “civilizada” européia ou “moderna”.

Nestes contos ainda persistem em parte os mesmos elementos respaldados e referendados pelo imaginário civilizatório, o que significa o mundo “civilizado”, burguês,

⁴³³ (...) O tocador cearense canta ao som de uma música terna, melancólica, que lhe ensinou a natureza equatorial os seus amores, a sua vida de trabalhos, as alegrias do lar a sua valentia em domar os bois mais cantigueiros, as tristezas das secas, a saudade que infunde, a vastidão dos campos, a excelência de seu partido, as grandezas de sua terra, e por vezes até a sua própria infelicidade. A viola tão querida nos sertões, que fôrma uma parte da bagagem do sertanejo, que entra em toda parte e concorre sempre para o aumento da algria do povo nas festas de batizados e casamentos e outros motivos de rigosijo, tende a desaparecer em brevemente a invasão da harmônica, o instrumento mais desarmônico e antipático, que já inventou a imaginação humana. É pena; desaparecida a música, está morta a poesia popular, pois que ambas nasceram da mesma inspiração e não podem viver separadas. Qual o filho daquela terra desventurada e poética, que deixará de sentir a ausência da viola quando assistir as singelas cenas do samba, as estrofes rimadas dos cantadores em desafios, as dansas simples do povo, que recordam a ingenuidade e o descuido dos tempos patriarcais! A viola é um traste indispensável para o cearense, faz parte da sua família; sem ella não pôde haver festa, nem canto, nem dansa, nem motivo alguma de alegria. Saber tocar viola é um requisito de superioridade, uma prova de grande distinção, um motivo de ufania para aquella boa gente. Assim, desterrar do Ceará, o adorável instrumento é alterar o tipo do vaqueiro, mudar-lhe o traje, privá-lo do chapéu do coiro, o distintivo mais notável do homem dos sertões sem o qual perde elle o carácter e mais o valôr (...) BEZERRA, Antônio. Op. Cit., 6-7.

⁴³⁴ Ibidem, p. 90.

letrado, fincado na cidade, potencializado pelos homens da *Mocidade Cearense* com suas “leituras sociais” “modernas” baseados por elementos como o “meio” e “raça”. Estes elementos assim como o poder do bacharelado permanecem, ainda que de forma exígua, mas já sob uma forma cristalizada na leitura de *Perfis Sertanejos: costumes do Ceará*.

O primeiro conto é *Velho Inocência*, “tipo” cearense do campo, homem sincero, justo, devotado e extremoso. O Sr. Inocência era antes de mais nada capaz de todos os sacrifícios. Outro elemento que comporta o velho era sua “hospitalidade”, largamente explorada pela crítica literária e histórica cearense. O campo aparece como lugar de pureza, incapaz de permitir ao sertanejo cometer as hipocrisias e os vícios⁴³⁵ do homem da cidade, “civilizado” e “moderno”.

(...) “Nunca faltou áquelle coração um rapto de indignação e de colera para fulminar um acto de injustiça. Era o que mais lhe doia n’alma. Para mim a pessoa que praticasse um mau acto, estava subejamente punida desde que lhe lançasse sua sentença de jogo. Ninguém praticasse uma injustiça! Muitas vezes tremi diante de sua colera. Por elle, de entre todo aquelle povo conhecido, eu fazia a minha selecção; era amigo de todos os seus amigos e desprezava todos seus desaffectedos. Diziam – o povo affirmava – que as suas histórias eram todas mentirosas; que o velho era um afamado contador de brócas (...)”⁴³⁶

Aqui surge uma contradição em relação à “pureza” do homem do campo. É o próprio povo nascido e residente no sertão que afirma serem mentirosas as histórias do velho Inocência: (...) “O povo - sempre o povo calumniador e mau – affirmava que nas veias da família do velho Innocencio corria sangue real – que elle gabava-se de descender da princesa Leonar, que fora deportada para o Brasil!” (...) ⁴³⁷

O velho Inocência era um típico contador de histórias que compõem a “cultura popular” da população dos sertões cearenses. Contava histórias a respeito dos primeiros habitantes do lugar, costumes, usos, crimes, anedotas. Como se nota, é presente a tônica a respeito das raças a que pertencia o velho Inocência como reflexo, e por sua vez, do intercruzamento de uma cultura, no caso, a “cultura civilizada” permeando uma “cultura popular”. Assim é que a “cultura popular” do povo do sertão é sempre vista a partir dos elementos que integram a cultura concebida por “civilizada” e “moderna” localizada ou fincada na cidade. A respeito do “tipo” sertanejo do velho Inocência.

⁴³⁵ OLIVEIRA, Maria de Saboya. Op. Cit.

⁴³⁶ CARVALHO, José. Op. Cit., p. 5.

⁴³⁷ Ibidem, p. 6.

“(...) Como todos os velhos tinha elle o seu pessimismo pelas cousas modernas: nada do que apparecia actualmente prestava: tudo falsificado; em nada se comparavam com as cousas de seu tempo: E eu ficava encantado de ouvi-lo contar as histórias dos mágicos, dos dançarinos de corda, dos cosmoramas que appareciam pelo sertão, no seu tempo, no tempo feliz de sua mocidade! Ainda me lembro da história do Rei de Tamalagú – um Rei que elle viu no Cosmorama – muito feio, muito horrível, que para tomar rapé era preciso que entrasse um creado de venta a dentro e, lá no meio, despejasse a pá, e corresse desesperadamente para fóra, para que o espirro não o pegasse dentro, porque, desgraçado d'elle! Iria cahir a uma légua de distancia, desfeito todo em pedaços! E elle viu, viu com os seus olhos, o horrível Rei de Tamalagú, com sua horrível venta perigosa! (...)”⁴³⁸ (grifo nosso).

Na fala, o que permeia e divide o “tempo”⁴³⁹ em “moderno” ou “passado” é a idéia que se faz deste. Não é que com o advento da “modernidade” as histórias ou os valores do passado que integram o imaginário do homem do campo se extinguíram, mas sim porque a estes valores, imerso numa certa temporalidade se aglutinam elementos presentes só nas cidades que marcam, e acabam assim, por balizar o imaginário do homem sertanejo com suas normas e hábitos. Não fossem estes elementos somente existente nas cidades constituintes deste respectivo imaginário com a presença dos símbolos “modernos” como ruas alinhadas, praças, bondes, clubes, cafés, comércio, jamais o homem do campo teria em mente a noção de “coisa moderna”.

De forma ambígua ou contraditória, desconstruindo assim o elemento hospitalidade, integrante da “alma” cearense respaldado a partir de um certo imaginário regional, *Ao Quixadá* cabe nossa análise. O conto se prontifica a narrar a saída do trem da Estação Central de Fortaleza rumo a localidade de que nomeia o próprio conto. As idéias principais são duas: a apologia do trem na pessoa do “folclorista” ou do “intelectual cidadão” que privilegia a cultura “civilizada” ou “moderna” residente na cidade, e a alusão à Alencar, o escritor maior das letras cearenses. Como deveras já lembrado, o nome de Alencar foi enaltecido não só pelos movimentos intelectuais do abolicionismo cearense, de forma específica, da *Sociedade Cearense Libertadora* por meio do *Libertador*,⁴⁴⁰ do Clube Literário e sua *Quinzena*, como pelo movimento intelectual e artístico dos padeiros. Partindo em direção ao interior do Ceará o autor descreve os encantos sentidos quando passava pelas casas ante a velocidade do trem que significava motivo de “modernidade” e “progresso”.

⁴³⁸ Ibidem, p. 7

⁴³⁹ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 267-304.

⁴⁴⁰ (...) A mocidade que commigo estudava era de uma riqueza de intelligencia, capaz de assombrar os mais afamados Cresos do pensamento humano; tinha o talento heroico e alevantado d'esta raça cheia de illuminações que ainda hoje aclarão e incendião a profunda noite de nosso paiz, tão grande e tão desgraçado! Com o nome de José de Alencar, o mais bello, a mais gloriosa e mais legitima honra do nome cearense no Brazil(...). “Corte, 10 de janeiro de 188”¹. In: *Libertador*. Órgão da Sociedade Cearense Libertadora. Op. Cit., p.7. (...)

(...) O silvo da locomotiva é para mim, de uma poesia incomparavel, grandiosa: parece-me sempre que n'elle há alguma cousa de humano, há um laivo das locubrações do espírito das gerações de muitos séculos e como que percebível, clara, sobresahe predominante a nota do gênio de Salomão de Cau (...)⁴⁴¹

Passando pelos arrebaldes de Fortaleza e por vezes parando em cada estação é chegado o momento em que a máquina a vapor atravessa a lagoa de Parangaba, atual Parangaba, lagoa onde se banhava a bela Iracema com toda sua formosura em direção às bicas do Ipú. Aqui, o padeiro celebra o conterrâneo cearense e reforça ainda mais a idéia de nativismo literário, discurso principiado por Alencar e levado a efeito pelos movimentos belestrísticos cearenses (...). *“Parecia-me que a alma do poeta de Iracema derramava-se em torno, tão azul, como o azulado do céu; verde como as frondes das carnaubas e dos cajueiros e sussurrante como as brisas que passavam do mar”* (...).⁴⁴²

Se aproximando cada vez mais de Quixadá, o trem parava na estação próxima a localidade de Baturité. Descendo boa parte dos “patrícios” que ocupavam os vagões, o personagem se enfurece porque não mais encontra seu lugar desocupado onde foi preciso uma “resignação heróica” para suportar toda aquela indignação. O personagem, cujo nome não é citado explica.

(...) Tive impetos de colera, enfureci, antipathisei-o, quiz romper n'uma catadupa de objurgatorias...finalmente, por uma boa orientação, talvez, lembrei-me que d'este modo estava de encontro aos princípios de um rapaz republicano que sonha com a Liberdade e a confraternisação e que procura, pelo idéal, a grande verdade da igualdade e do amor. Retrocedi e lembrei-me da grande máxima única que pode levar a humanidade ao aperfeiçoamento, única compatível com todos os princípios democráticos: “Querer para os outros aquillo que se quer para si”.⁴⁴³(...)

Percebe-se nas entrelinhas dessa fala o confronto entre dois mundos, qual seja: o universo de valores do homem letrado revestido pelas normas “civilizadas” e os do homem do campo, concebido por “atrasado”, ignorante, capaz de ocupar um espaço de um “patrício” que viaja no trem. Por ser republicano, representação direta dos novos valores “modernos” e “civilizados” com a possibilidade até de um determinado altruísmo o personagem se mostra adepto de valores que não do homem do campo, haja vista ter sido um “serrano” de grandes bigodes que ocupou sua cadeira.

⁴⁴¹ CARVALHO, José. Op. Cit., p. 56.

⁴⁴² Ibidem, p. 57.

⁴⁴³ Ibidem, p. 60.

Há todo um conjunto de valores permeando o imaginário de república em que a idéia de democracia, liberdade, amor, igualdade, são aqui elementos inevitáveis, ao passo que à monarquia cabem as idéias de “atraso”, “gaturrice”, e, sobretudo, permitida somente a uma cultura não pautada a partir das normas “científicas” e “civilizadas” que marca os “amadores esclarecidos”⁴⁴⁴ estabelecidos nos grandes centros urbanos.

Cabe ressaltar que esta noção é lançada da cidade em direção ao sertão, fazendo com que o “tipo” sertanejo não deseje experimentar ou conhecer estes elementos, porque seu universo cultural não os comporta, pois assim acaba por degenerar seus valores tradicionais, como presenciamos em algumas falas do *Pão* onde a cultura “moderna”, “burguesa”, “civilizada”, acarretava não só o choque como a morte das tradições populares da maioria das pessoas.

O conto *Santinha* descreve a história de uma moça de doze anos, branca, muito pobre, porém muito inteligente, que morava com a avó nas proximidades da Igreja da Prainha, localizada em Fortaleza “(...)Eram muito pobres; porém Santinha era uma menina branca de uma compleição muito delicada, de um temperamento muito sensível e amoroso. Franzina, fraca, mas, viva e inteligente(...)”⁴⁴⁵

Diferente do perfil ou “tipo” da pessoa do campo, Santinha é branca, muito inteligente, equivalência de “civilização” e “progresso”, e por temperamento, muito sensível e amorosa. O que pode ser associado quando muito ao “tipo” sertanejo é uma certa amorosidade fruto de uma idéia idílica que toma o homem do campo como “hospitaleiro”, “ingênuo” e “puro” tão acentuado pela histografia literária cearense. Apesar de Santinha ser pobre, esta não aceitava pertencer a sua própria classe social.

“(...) Muitas vezes, suspirando dizia: – Oh! Meu Deus, eu não nasci para ser pobre neste mundo!

Muito inteligente e por isso tinha confiança em si própria. Era muito pobre, pensava, mas não era tão desprezível, tão miserável que não pudesse ter as suas phantasias!!

Gostava de vêr os rapazes ricos, os rapazes da moda, e conhecia-os todos. Sabia-lhes o nome e para isso tinha uma perspicacia admirável. Em maio quando iam às novenas da Prainha, ella, de longe, de muito longe dizia:

- Aquelle é o Manduca! é o Silva, é o poeta Santos!...

No emtanto elles não sabiam que Santinha os conhecesse. (...)”⁴⁴⁶ (grifo nosso)

⁴⁴⁴ CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p. 62.

⁴⁴⁵ CARVALHO, José. Op. Cit., p. 63

⁴⁴⁶ Ibidem, p. 64-65.

Se por um lado Santinha era meiga e afetuosa, com uma fisionomia pura e angelical de mãe somente revelada na hora do casamento com Manoel, funcionário da Ferro Carril, o que muito pode segundo a crítica ser associado à pessoa do campo, esta também possuía uma “perspicácia” que capacitava prescrutar os rapazes ricos de longe. Frente a dicotomia campo-cidade construída pela historiografia cearense, aqui reside uma contradição. A pureza que reside no campo reside também na cidade, mas Santinha, por ser da cidade não era tão “ingênua” assim, e nem gostava de “matuto”.

“(…) – Só não podia amar era os matutos, aquelles rapazes bestas, mal amanhados, com a gravata no pescoço limpo, e o cabelo penteado com banha.

- Crêdo, grande gente porca! nojenta! eu caso nunca com um bicho d’aquelles!!

- Ave Maria!

E dava duas palmadinhas na bocca; para que Deus não a castigasse! (...) ⁴⁴⁷(grifo nosso)

Diferente da ingenuidade e pureza do “tipo” campestre Santinha por ser citadina, embora pobre, possuía a “malícia” que capacitava flertar seu futuro homem de longe, fruto das relações “viciosas” e “degeneradas” que só existiam nos grandes centros urbanos. Mesmo pobre, embora residindo na cidade no momento em que Fortaleza atravessava todo o processo de grandes transformações urbanas e sociais, onde os valores tradicionais se amoldavam aos novos tempos modernos e febris da *belle époque* imersa nas normas “modernas” e “civilizadas” Santinha queria casar com gente rica, não movida somente por interesse econômico, mas sim porque associava a esta gente a idéia de indecência (...): *“– Pois bem, pensava ella, com aquelles bestas e nojentos eu não casarei nunca; só si achar um rapazinho, mesmo pobre, mas que seja bonitinho, que ande decente, com geito de gente!”(…) ⁴⁴⁸*

A imagem que Santinha faz do homem do campo, do “matuto”, ainda que este use gravata no pescoço e cabelo penteado, o que é mais um desencontro por parte da crítica literária cearense é a idéia de “sujeira” e de “indecência”. O “tipo” matuto, aquele oriundo do campo ou sertão, com gravata no pescoço e cabelo penteado não condiz em nada com os romances por nós analisados, que não se reduz aos cinco trabalhos em prosa de autoria dos intelectuais padeiros. No conto *A Fazenda* há a presença nítida de uma cultura vista por outra. O velho Berto, arrieiro, se dirige com um certo doutor engenheiro do Quixadá a caminho da

⁴⁴⁷ Ibidem, p. 68.

⁴⁴⁸ Ibidem, p. 68.

casa do capitão Malaquias. O arrieiro velho Berto era (...) “*um caboclo engraçado, inteligente e conhecedor de todos os sertões do Ceará ao Piauí*”(...) ⁴⁴⁹

Nas conversas com um certo doutor engenheiro que o alugara como arrieiro e pagem, o velho Berto ia contando suas histórias a respeito do lugar que passava e cantarolando suas quadras populares. Falando sobre o capitão Malaquias, onde em sua fazenda iria dormir a noite, o arrieiro fala do fazendeiro, ex-chefe político local.

(...) - Foi chefe de partido e conhece de nome todos os homens grandes da Capital; falla por quanta junta tem e sabe de tudo neste mundo, de tudo de cá do sertão, bem entendido, porque nunca foi à Capital, nunca viu o vapor! – Veja o Senhor de que é que serve uma riqueza dessa. (...) ⁴⁵⁰ (grifo nosso)

Nas nuances da fala há uma pequena sutilidade: se o capitão Malaquias era um extremo conhecedor das coisas do sertão, imagine se conhecesse a capital! Esta idéia remete a uma imagem de superioridade, ou seja, de uma maior visão de mundo calcada na cidade, e por sua vez, do homem que nela habita. Se o capitão Malaquias já era profundo conhecedor de sua terra, conhecendo a capital com seus bondes, cafés, praças e suas ruas alinhadas, enfim, a “civilização”, se tornaria ainda mais inteligente.

A cidade é concebida como lugar não só da “modernidade” por comportar praças, bondes ou cafés, mas como parâmetro a se analisar a concepção do homem do campo, por sua vez, de sua “cultura popular”. Se o capitão Malaquias nunca saiu do sertão como que conhecia todos os homens grandes da capital?

Os arroubos da civilização fariam o capitão Malaquias se livrar dos velhos hábitos, de sua caturrice, interpretado de forma apressada como rude, menos racional, e se agarrar aos símbolos civilizatórios “modernos” da cidade. Conversando com o certo doutor engenheiro que alugara seus serviços no Quixadá, o Velho Berto afirma:

“(…) - Agora, eu penso uma cousa: o diabo do velho é caturra assim porque a estrada de ferro não chegou ainda por aqui, os matutos do Quixadá eram também como elle e hoje estão civilizados como diabo.

- As casas que fazem são como as casas da praça, a roupa, o andar, o geito, tudo de lá, os diabos dos matutos já estão aprendendo.”⁴⁵¹ (grifo nosso)

Da citação acima percebe-se que em decorrência da chegada de um dos símbolos “modernos”, no caso, a estrada de ferro, os costumes populares ou os valores tradicionais se esvaem frente a instauração de novos valores e hábitos “modernos” ou “civilizados”. O que

⁴⁴⁹ Ibidem, p. 102.

⁴⁵⁰ Ibidem, p. 106.

⁴⁵¹ Ibidem, p. 106.

aparentemente seria a chegada de um simples meio de transporte comporta em si uma totalidade de valores que até então a população do campo desconhecia. Em decorrência da chegada da estrada de ferro os “matutos” já estavam se “civilizando” por portarem valores das pessoas que residiam na capital, como a forma de falar e vestir, e sobretudo por meio dos gestos, elemento ímpar para a inserção numa sociedade “civilizada” e “fina” em que paira toda gama de formalidades.

Como se vê, os valores e hábitos da “cultura popular” são sempre balizados pelos hábitos e valores da cultura “civilizada” simbolizada pela cidade e composta por seus elementos civilizatórios. Momentos antes de chegar na fazenda do capitão Malaquias, o doutor engenheiro perguntava ao velho Berto se aquele tinha filhas, em que é retrucado.

“(…) – Ah! não fale nisso! São duas meninas que parecem duas goiabas maduras. Deixe está isto por minha conta que eu sei tanger os pausinhos! Só quero que não me desminta e me deixe conversar.

- As meninas são bonitas, mas são matutas demais; quando chega um moço assim como o Senhor, elas vão olhar pelo buraco da fechadura, com vergonha de aparecer; depois de muito tempo, às vezes no outro dia, é que vão aparecendo, muito desconfiadas, sem jeito, até que se acostumam e a gente pode ver o que é um corpo criado com leite; o sangue quer saltar do rosto e os beijos são vermelhos que dão vontade da gente chupar pensando que são fructas.

- Duvido que com as moças do Quixadá se dê ainda isso. Estão sabidas que é um gosto(...) ⁴⁵² (grifo nosso)

Percebemos que nesta fala o sentido da palavra “matuto” se altera porque adquire ou já comporta uma totalidade de valores concebidos pela visão do intelectual que reside na cidade. O que quer dizer, a priori, pessoa oriunda do sertão ou do campo, toma agora o sentido pejorativo conhecido na atualidade. “Matuto” é aquele capaz de ser mal “educado”, não seguindo pois as regras ou padrões de uma sociedade “civilizada”, com todas as formalidades e hipocrisias que regem uma “sociedade de vespas”. ⁴⁵³ O tempo aí já se esvaiu de sua origem e até mesmos os cidadãos podem cometer um ato de “matutice”. Aqui já se percebe a separação e a cristalização de valores singulares de “tipo” oriundo somente do campo e somente da cidade.

Para solidificar ainda mais o adentramento da “cultura civilizada” na “cultura popular”, ou seja, a elaboração de uma cultura a partir de outra descaracterizando ainda mais esta, há uma cena no conto que consideramos nodal:

⁴⁵² Ibidem, pp. 107-108

⁴⁵³ CAMINHA, Adolfo. A Normalista. Fortaleza: Diário do Nordeste, 1997.

(...)“Esse povo do sertão é doido por um doutor, não querem saber si elle presta ou si não presta, si sabe ou si não sabe, querem é ter um doutor na famia. Vosmecê já me disse que não era doutor, mas não diga isso mais a ninguem daqui p’ra diante, si quizer passar bem e namorá”(…). ⁴⁵⁴ (grifo nosso)

A expressão “povo do sertão” não condiz com a realidade das coisas, pois só as grandes famílias possuíam condições para bacharelarem seus filhos. O que era privilégio e anseio de poucas pessoas, somente dos donos de terras e geralmente de políticos locais é tomado como anseio de todo o povo do sertão ou campo ou de outros interiores da capital, escamoteando as reais condições sociais e políticas de toda uma população pobre e carente das mínimas condições de existência. O valor ou o prestígio sócio-político que tinha o bacharel por meio de sua carta é mostrado momentos depois quando o doutor engenheiro e o velho Berto chegam à casa do capital Malaquias. Chamando pelo capitão, este responde.

“Com quem tenho a honra de fallar? – gritou o dono da casa dirigindo-se a mim. Antes que respondesse, o velho Berto interrompeu, gritando também para ser ouvido:

- Com um doutor engenheiro que anda estudando o sertão!

- Oh! Doutor, sorriu-me o velho, me dá muito prazer procurando minha pobre casa!!

- Agradeça a mim, patrão, disse o arrieiro, porque marquei a viagem, mesmo para se dormir aqui e o doutor lhe conhecer.”⁴⁵⁵ (grifo nosso)

O velho Berto não andava com nenhum doutor e combinara momento antes de chegar a casa do capitão Malaquias para que este não lhe desmentisse quando do encontro como o fazendeiro e ex-chefe de partido político de sua localidade. Mas, como respondeu afirmando que andava com um doutor foi logo bem aceito e adentrando a sala da casa do capitão:

(...) “O arrieiro entrara também para a sala, e, como já se havia familiarizado commigo, de instante a instante, se intromettia na conversação, não sem um certo olhar de estranheza do dono da casa que parecia se mostrar scandalisado com a audácia do arrieiro (...)”⁴⁵⁶ (grifo nosso)

Apesar de não ser da capital, a imagem que o velho Berto possui desta é idílica, maravilhosa, e claro, muito boa!

“(…) – Capitão, porque Vossa Senhoria não vae a Capital, ver a estrada de ferro, ver o mar, os vapores, ver a Cidade e tudo aquillo que parece um paraizo?!

- Qual! velho, – matuto se fez para nascer e morrer no sertão!

⁴⁵⁴ CARVALHO, José. Op. Cit., p. 108.

⁴⁵⁵ Ibidem, pp. 109-110.

⁴⁵⁶ Ibidem, p. 110.

- Não digo menos disso; Vossa Senhoria pode ir, ver tudo lá, se divertir, aprender muita coisa boa e bonita, e depois voltar e vir morrer no seu sertão, e morre muito bem, porque morre na sua casa.(...) ⁴⁵⁷ (grifo nosso)

Velho Berto não conhecia Fortaleza com toda a sua “civilidade” e suas normas “modernas” de bons costumes. Por conhecer a estrada de ferro que cortava os sertões de Quixadá tinha a idéia da cidade como a coisa mais maravilhosa do mundo! O velho Berto era um verdadeiro “apologista da civilização” e da república, ao contrário do capitão Malaquias que “nunca se iludiu com ela”. ⁴⁵⁸ O imaginário de república era totalmente condizente com a “ilusão moderna” ⁴⁵⁹ representado por seus símbolos. Ainda ligado ao “atraso”, aos valores passados ou tradicionais concebido como menos racional o capitão Malaquias preferia a “modernice” tão propalada e defendida pelo arriero, corrido pelos sertões cearenses do Recife até o centro do Piauí.

(...) – Botaram o nosso Imperador p’ra fora; o melhor rei e o homem mais sábio do mundo; e um canalhaço, desmiolado, sem patriotismo e sem reputação tomou conta do paiz e tem feito um bagaceiro desgraçado! Vae tudo de pernas para o ar. Isso tudo é uma corja de ladrões que só olham para a barriga e nós é que pagamos o pato! O cambio desce, os impostos crescem e elles continuam a berrar dando vivas a Republica e furtando cada vez mais. O que querem é dinheiro, venha donde vier; eu leio o jornal! Eu leio o jornal! e sei isso tudo como vae! Eu aqui fui chefe do partido conservador e trabalhei muito pela política; mas nesse tempo valia a pena! Se trabalhava com gosto e se era bem recompensado!”. ⁴⁶⁰ (...) (grifo nosso)

Para o capitão Malaquias a república era responsável pela desordem político-administrativa que pairava nos sertões cearenses acometida por roubo e assassinatos. A república não foi capaz de oferecer uma melhor condição de existência ao homem do campo, apesar de ser o capitão Malaquias um pequeno proprietário e ex-chefe do partido conservador. O velho Berto, homem que morava nos interiores do Ceará, mais especificamente, em Quixadá, era um “apologista da civilização” e da “modernidade”, ao passo que o capitão Malaquias era um monarquista, equivalência direta dos valores “tradicionais” ou “atrasados” que só no campo se operam.

(...) - Jesus - Christo quando veio ao mundo só encontrou dois ladrões para morrer no meio delles, e assim mesmo, um era bom; mas si elle viesse hoje, ah! Então encontraria milhões de milhões ! Uma corja!

⁴⁵⁷ Ibidem, p. 111.

⁴⁵⁸ CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit.

⁴⁵⁹ PIMENTEL FILHO, José Ernesto. Aristocracia Provinciana em Fortaleza (1840-1890). Dissertação de Mestrado defendida no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, 1995.

⁴⁶⁰ CARVALHO, José. Op. Cit., p. 112.

- No tempo do Império, não! havia governo, havia prosperidade! (...).⁴⁶¹ (grifo nosso)

Enquanto o velho Berto se mostra um defensor da república com todo o seu imaginário civilizatório fincado nas cidades, o capitão Malaquias compactuava com aqueles que afirmavam “*não ser esta a república dos nossos sonhos*”⁴⁶², representando assim, os desiludidos da república. “Corrido” por este mundo afora, embora não “lido”, o velho Berto afirmava:

(...)-Seu capitão, vá passear na Capital, vá ver o mar, os vapores, as fabricas de tecidos; vá ver aquelle povo, aquella Cidade que parece um céu aberto! – Perca o amor desses COBRES, que dinheiro no fundo do bahu, sem ser visto, é como mijo de ovejia; nem serve e nem arrimideia! E quando acaba disso, Vossa Senhoria morre e vem ahi um doutor e casa com sua fia e carrega esse dinheirão e vae gastar na Cidade, e gasta muito bem, que dinheiro serve é p’ra isso mesmo. Vá a Capital! Vossa Senhoria já tem aqui seu doutor que é seu amigo, e lhe mostra tudo aquillo, e lhe apresenta aos homens importantes de lá! E agora, que está fácil, porque elle vae botar a estrada de ferro no Cariry e esta de vez em quando por aqui. Eu acho que não custa muito tempo ver-se o berro do vapor se perder aqui nestas catíngas a dentro, que faz gosto! Vossa Senhoria vê: o vapor parece que é uma coisa do diabo! corre, grita, lança fumaça e fogo que parece uma damnação! – Quem nunca viu o vapor, nunca viu uma cousa bonita nesse mundo! (...).⁴⁶³

Como se presencia a análise da “cultura popular” é fabricada a partir das normas ou valores modernos baseados nos símbolos civilizados que só existem nas cidades. Velho Berto mais não é que a personificação do folclorista padeiro que capta os aspectos sócio-cultural a partir de seu mundo de valores, haja vista a população de forma geral não entender sequer o grau de discernimento entre valores “modernos” e “atrasados”, muito embora possua a capacidade de criticar os elementos de suas agonias do dia-a-dia.

O último trabalho em prosa intitula-se *Violação* publicado pela “Bibliotheca da Padaria Espiritual” como já mencionado é de autoria de Rodolfo Teófilo. *Violação* é uma novela onde Teófilo descreve os horrores da epidemia do cólera-morbo passados em 1862 na antiga vila onde morava sua família.

(...) “Nada mais lúgubre do que a perspectiva de um lugar atacado de peste. Depois que vi os horrores da varíola em 1878 em Fortaleza, cujos óbitos subiam a mais de mil diariamente, é que avalio da fisionomia da minha pobre aldeia, edificada em um buraco, cercada de montanhas”⁴⁶⁴(...)

⁴⁶¹ Ibidem, p. 113.

⁴⁶² CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit.

⁴⁶³ CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit., p. 116.

⁴⁶⁴ THEÓFILO, Rodolfo. A Fome; Violação. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979, p. 243.

Neste trabalho não mais existem as presenças das condições mesológicas e raciais respaldando a superioridade de uma cultura em detrimento de outra, logo porque este trabalho é marcado pela presença específica do farmacêutico, pessoa que em sua época se encarregava da higienização pública.

Apesar de incorrer em sua área, afora a visão de um homem conhecedor das práticas higienistas são poucas as passagens que identificam o padeiro como um integrante da cultura civilizada. O trabalho resume-se a descrever a mortandade deflagrada pela epidemia do cólera-morbo, e em consequência, a triste cena de bruteza humana cometida por dois inumadores deslocados de Fortaleza para o serviço de enterro dos pesteados do cólera.

Contando com cinco mil pessoas em pouco tempo a peste avassalou a vila onde morava Rodolfo Teófilo e seus pais. O único que não contraiu a peste foi o próprio Teófilo, pois sua irmã que depois seria batizada por Ana não sobreviveu mais do que 24 horas “(...) *em cada molécula do ar havia um átomo da peste (...)*”.⁴⁶⁵

A população espavorida e temerosa sabendo que o flagelo estava a menos de 10 léguas encheu a Igreja da Matriz para pedir o socorro dos céus. Aqui se presencia a fala de um “homem de ciência” que era Rodolfo Teófilo. “(...) *Rezavam, em vez de estabelecerem rigorosos cordões sanitários (...)*”.⁴⁶⁶

Sem condições de fazer a inumação de sua própria filha, pois encontrara-se pesteadado o pai de Rodolfo Teófilo, então médico da cidade, determina que este se encarregue de realizar o sepultamento. É aqui que encontramos também conceitos que caracterizam o padeiro imerso na cultura científica. Assim como seus escritos anteriores, escritos durante os tempos de Padaria como *Maria Ritta* e *Os Brilhantes*, muito se evidencia o pensamento do padeiro a partir do conceito “instinto de conservação”. Se dirigindo ao cemitério do outro lado do rio, menos de um quilômetro da casa de seus pais, Teófilo narra o cenário no momento em que partia para o cemitério.

(...) “A transparência do espaço, para como a de um cristal de rocha, não a fendia a asa de uma ave ou mesmo de uma borboleta! Todos os voláteis haviam emigrados, deixando aquele meio, porque obedeciam cegamente ao instinto de conservação, mais do que nós, que ficamos esperando a peste e a morte com toda a casta de atribuições”⁴⁶⁷(...)

⁴⁶⁵ Ibidem, p. 237.

⁴⁶⁶ Ibidem, p. 237.

⁴⁶⁷ Ibidem, p. 242.

Demonstrando conhecimento sobre higienização pública e a partir de conceitos tão particulares ao seu universo científico, Teófilo dilui seu saber divergindo das práticas da população que se dirigia a Igreja para se socorrer da peste. O Padre Galindo, pessoa que não temia em enterrar os mortos era um abnegado que usou as próprias mãos para enterrar os pesteados. Com relação as atitudes religiosas do padre que amontoava toda a população na igreja, Teófilo se posiciona, e aqui é muito clara a visão do farmacêutico ou cientista preso ao conhecimento acadêmico “(...) *O padre Galindo não temia a peste e nem tampouco a morte. O seu heroísmo e a sua abnegação, se eram uma doença de seus nervos, abençoada nervrose que alimenta tão puras e salutares virtudes cristas*” (...).⁴⁶⁸

Percebemos que diante dos atos de abnegação e heroísmo por parte do padre, Teófilo associa possivelmente este a um estado de nevrose, o que muito deu sentido ou permeou os estudos de craniometria quando aluno da Faculdade de Medicina da Bahia, onde as teorias raciais estavam em voga.

A outra tônica da novela é a profunda cena de bruteza humana que quando menino Rodolfo Teófilo escutara a conversa de seu pai com um velho de 20 anos, terceiranista de direito que falava para o filho que quando fosse adulto contaria os horrores de dois padiolas. O que o velho comentava ao médico da vila, pai de Teófilo era o ato de necrofilia cometido por dois prisioneiros vindos de Fortaleza, encarregados pelo serviço das inumações dos corpos dos pesteados. O velho descrevia suas cenas tristes de pessoa que iria ser enterrada viva ao lado de um corpo gélido que mais não era do que sua noiva de 15 anos.

Estando morta sua noiva, ao lado do noivo, narrador da trama, este vê a cena da profunda bruteza humana, o abuso sexual por parte de dois homens que vieram de Fortaleza para o serviço de inumação dos corpos. O que mais interessa é que o velho narrador e sua fala se confundem com a visão do próprio Teófilo. Descrevendo sua estadia na vila onde morava os pais de Teófilo e ele próprio, o velho aponta o pensamento não científico por parte de sua mãe baseado em sua crença “fanática”.

(...) “Ela, coitada, acreditava, como a maioria dos ignorantes fanáticos, ser a peste uma manifestação da cólera de Deus, um castigo de nossos crimes e que devíamos recebê-lo de cabeça baixa e não procurarmos fugir dele. Eu absolutamente não comungava das idéias de minha mãe e tanto que, conhecendo a gravidade da situação, lhe pedi por tudo para abandonarmos a vila” (...).⁴⁶⁹ (grifo nosso)

⁴⁶⁸ Ibidem, p. 244.

⁴⁶⁹ Ibidem, p. 248.

O pensamento do padeiro se confunde com o pensamento do velho narrador, e os mesmo termos científicos tantas vezes aludidos por Teófilo são descritos pelo bacharelado em direito como “instinto de conservação” “fibras sensitivas” e “celerados”. Percebemos duas versões análogas, a do futuro bacharel em Direito e a do especialista em saúde pública que foi o caso de Rodolfo Teófilo, sendo sagrado o “varão benemérito” da pátria por muito ter se empenhado na luta contra a varíola no Ceará, fabricando vacinas em seu próprio vacinogênio e saindo ele próprio montado em seu cavalo branco medicando a população pobre de Fortaleza por conta própria.⁴⁷⁰

Como vimos quando da análise dos cinco trabalhos dos intelectuais padeiros então analisados, a visão destes “homens de letras” cearenses só respalda a historiografia cearense tradicional que toma as condições do “meio” como fundamento para a elaboração das suas “leituras sociais”, isto porque o fenômeno das secas suscita a idéia de cearense forte, heróico, e sobretudo, hospitaleiro.

Quando não é a pobreza ou a carência de um povo faminto e sobretudo analfabeto que resguarda a visão dos trabalhos analisados reina a visão de um conhecimento “civilizado” superior em relação ao mundo iletrado da maioria das pessoas desassistida do poder público.

Lembremos sempre que esta visão não é a da população pobre e analfabeta que sequer entende as discursões letradas não por incapacidade cognitiva ou mental, mas sim porque as idéias brotadas do “campo intelectual”⁴⁷¹ surgem de um determinado espaço limitado a seus pares, repletos de laços de “simpatia” e “afetividade”⁴⁷² que afastam ou excluem a maioria das pessoas de tais discussões.

Os elementos muito explorados pela historiografia literária cearense como filantropia, hospitalidade, amor à terra natal, honestidade, somado a um povo fortemente marcado pelas forças naturais do meio, mais não são do que construções aptas à criação de um “imaginário”, capaz de contemplar uma “identidade regional”, no caso, a “identidade regional” cearense.

Sem maiores dúvidas, o “tipo” cearense residente no campo não é tão ingênuo assim, no sentido de não perceber as próprias causas de sua marginalização como querem os “folcloristas” da Padaria Espiritual. Mesmo sem a presença dos símbolos civilizatórios somente existente nos grandes centros urbanos como praças, boulevards, ruas alinhadas,

⁴⁷⁰ SOMBRA, Waldy. Op. Cit.

⁴⁷¹ CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-119.

⁴⁷² SIRINELLI, Jean François. “Os Intelectuais” In: Por uma história política. Org. René Remond. Rio de Janeiro: Editora UFRV, 1996. p. 231-259.

bondes, frente o movimento frenético de milhares de pessoas, e etc., o “tipo” cearense residente do campo enfrentava problemas concernente ao seu universo social como a exploração fundiária e o personalismo político causador de todos os tipos de corrupção política que bem marcou não somente o Ceará, como todo o nordeste brasileiro gerenciado pelas tradicionais familiar do estado.

Buscando uma “identidade regional” cearense fruto de um projeto cultural por demais frágil os padeiros fracassaram na análise ou elaboração de uma “cultura popular” porque partiram a priori de um olhar científico ou “civilizado” de uma cultura “já morta”⁴⁷³ que apenas precisa ser resgatada para não ser esquecida. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Junior os projetos regionais atuam orientados por uma estratégia política, “(...) *com objetivos e táticas definidos dentro de um universo histórico, intelectual e até econômico específico (...)*”.⁴⁷⁴

Não fruto de uma escolha aleatória, mas sim politicamente orientado, o projeto regionalista propugnado pelos trabalhos de prosa dos padeiros visava a criação de uma identidade cearense justamente para não marginalizar seus próprios teóricos, os “homens de letras” cearense. Foi para não se perder em meio a *turba multa* termo tão relevado por Rodolfo Teófilo e seus pares da maioria da população faminta e iletrada que emergiu um novo regionalismo que só sacramentou a idéia de pobreza e miséria social, donde os estereótipos de cearense “cabeça chata” “paraíba”, “homem brabo”, mas sobretudo que serve como bom humorista nos palcos da televisão brasileira. Para Durval Muniz de Albuquerque (...) “*um intelectual regionalista quase sempre é aquele que se sente longe do centro irradiador de poder e de cultura. Ele faz da denuncia dessa distância, dessa carência de poder, dessa vitimização, o motivo de seu discurso (...)*”⁴⁷⁵

Em meio a criação de um “imaginário” não condizente com o real, construções mais violentas e duras do que a realidade enfrentada pelo “tipo” cearense, seja ele caçador ou pescador, agricultor ou aboiador, vaqueiro ou tangedor de bois, a “cultura popular genuinamente cearense” sofreu o totalitarismo de um saber sobre outro, pois como bem lembra Michel de Certeau é sempre o poder que funda um saber. Findamos nossas análises deixando falar Michel de Certeau

⁴⁷³ CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. Op. Cit.

⁴⁷⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A inveção do nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 1999. p. 49

⁴⁷⁵ Ibidem, p. 50.

(...) “O ato político pode reivindicar toda a cultura e colocar em causa todas as divisões. Contudo, uma outra cultura suporá ainda uma repressão, mesmo se ela funda uma nova participação política. A linguagem instala-se nessa ambigüidade, entre aquilo que ela implica e aquilo que ela revela. Do acontecimento político, a própria ciência recebe seus objetos e sua forma, mas não a sua condição; ela não se reduz a ele. Sem dúvida, será sempre necessário um morto para que haja fala; mas ela falará da sua ausência ou da sua carência, e explica-la não se limita a apontar aquilo que a tornou possível em tal ou tal momento”(...) ⁴⁷⁶ (grifo nosso)

3.2 A Padaria e o Cancioneiro Popular

Diferente dos outros movimentos literários então analisados, a fala maior dos homens da Padaria Espiritual foi a primazia pelo “nacional” explicitados nos artigos XIV e XXI do *Programa de Instalação* e o estudo dos valores do povo cearense. Assim, em parte fugindo ao discurso acadêmico e científico dos movimentos anteriores, ainda que enaltecendo os mesmos vultos literários, a Padaria passaria a analisar a “cultura popular” cearense fincada no campo ou sertão. No *Programa de Instalação*, redigido por Antônio Sales, se lê: (...) “*Artigo XXXIV: A Padaria Espiritual obriga-se a organizar dentro do mais breve possível, um Cancioneiro Popular, genuinamente cearense.*” (...) ⁴⁷⁷

Este foi o elemento que deu sentido a sociedade artística e literária, somado ao caráter “pilhérico” e de “troça” que caracterizou e fez a Padaria conhecida noutros estados. O próprio Antonio Sales afirma não ter sido cumprido alguns artigos do *Programa de Instalação*, dentre estes o que ressalta a preocupação com a “cultura popular”, ou mais especificamente, com a formação de um “cancioneiro genuinamente cearense” como pregava um dos artigos do já tantas vezes mencionado *Programa de Instalação*. ⁴⁷⁸

Leonardo Mota afirma que “(...) *um dos pontos estatutários não cumpridos integralmente pela Padaria foi o que figurou em o número 34 do Programa de Instalação* (...)” ⁴⁷⁹. Esse autor, como estudioso do folclore cearense e amigo do também folclorista José Carvalho, o Cariri Braúna, afirma ter coletado no *Pão* o que existe de cancioneiro. Segundo Mota,

“(...) Exígua, a quantidade de versos publicados. Não excederam de trinta e cinco as quadrinhas soltas que o **Pão**, chegou a publicar, precisamente quando estava em vias de desaparecimento. Mas, aquele pequeno açafate de estrofes da musa anônima

⁴⁷⁶ CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. Op. Cit., p. 82.

⁴⁷⁷ PROGRAMA de instalação da Padaria Espiritual. Fortaleza: Tys. d’O Operário, 1892.

⁴⁷⁸ Ibidem

⁴⁷⁹ MOTA, Leonardo. Padaria Espiritual. 2ª ed. Fortaleza: UFC / Casa de José de Alencar, 1994. p. 85.

hoje corre mundo e indiscutivelmente viu letras de forma, pela primeira vez, no Ceará e durante os meses derradeiros de 1896 (...).”⁴⁸⁰

E, comprometendo ainda mais o projeto cultural civilizatório da Padaria Espiritual, as 35 trovas populares só vieram nos “últimos” números do *Pão*, ou seja, nos números 33, 34 e 36. *O Pão* vivenciou, assim como o grupo, três momentos e foram lançados 36 números. É o próprio Leonardo Mota, autor de *Violeiros do Norte* e de outros trabalhos sobre a “cultura regional” folclórica que afirma:

(...) “Julgo haver documentado o ineditismo das trovas que a Padaria colecionava, e são hoje realejados, sem que se indigite a sua fonte originária. O pouco, que nesse sentido foi feito, teve alto valimento, e a glória desse esforço eu a reclamo para Cariri Braúna – José Carvalho – aquele que me chamava meu “irmão de matutices(...)”⁴⁸¹.

E foi justamente com *Perfis Sertanejos: costumes do Ceará* somado às trovas populares estampadas no *Pão* que aparecem registros do cancioneiro popular “genuinamente” cearense, de maneira mais específica nos contos *O Engenho*⁴⁸² e *A Fazenda*.⁴⁸³

Para o autor dos *Perfis Sertanejos* e para seu amigo de “matutices” Leonardo Mota o “Cancioneiro Popular” se reduz a trabalhos em versos e só. Não sem razão que Mota não registra os inúmeros contos contidos no *Pão* anteriores aos números 33, 34, e 36 que aludem aos hábitos e costumes do povo do campo. É muito pouco para um grupo literário somando ao caráter artístico a confecção de apenas 35 trovas, o que em média não representa sequer uma quadra por número, dados os 36 números lançados durante a existência do periódico dos padeiros. *O Pão* anunciava justamente no número 33, sob gerência de José Carvalho, na coluna *Carteira*, a publicação de seu “cancioneiro popular”.

“(...) Iniciamos hoje a publicação do Cancioneiro Popular que pretendemos editar oportunamente em volume, recolhendo para esse fim todas as trovas que nos pareçam originárias do Ceará. Publicamos hoje doze dessas deliciosas trovas e em nossas edições seguintes continuaremos a fazel-o regularmente até que cheguem a constituir um bom volume.

⁴⁸⁰ Ibidem, p. 85.

⁴⁸¹ Ibidem, p. 95.

⁴⁸² Neste mundo de meu Deus / Foi bôa a repartição: / Piauhy p’ra criar gado, / Pagehú p’ra valentão, / Cariry p’ra rapadura, / Rio do Peixe p’ra algodão! Esta cantiga que eu canto / Há muito tempo aprendi / O mestre que me ensinou / Foi o mestre jurity. CARVALHO, José. Op. Cit., p. 77.

⁴⁸³ Ja fui menino, sou homem / Morro quando Deus quizer / Duas penas me acompanham: / Cavallo bom e mulher! / Muito Cavallo montei / De sella e de campear / Muita mulher abracei / Por que minha sina era amar! Ibidem., p.105.

A nossa recolha não se limitará somente á cantiga em quadrinhas, mas abrangerá também as lendas, histórias de caçadas e outros sucessos da vida campesina que os anonymos trovadores sertanejos descrevem em verso na sua linguagem desataviada e pittoresca.

Temos certeza de que prestaremos um bom auxílio ao Cancioneiro Nacional proporcionando-lhe elementos perfeitamente ineditos e muito característicos da ethnographia cearense (,,,)”.⁴⁸⁴ (grifo nosso)

Lendo a fala de Cariri Braúna percebemos que o “Cancioneiro Popular” não se reduz à trovas, mas remete a uma universalidade formada por outros estilos como contos e lendas. Qual seria o motivo de somente a partir do número 33 de *O Pão* se dar início à publicação de “*cancioneiro genuinamente cearense*” como preparava o artigo XXXIV do *Programa de Instalação*?

É contraditória tal proposta por parte de José Carvalho que já havia escrito vários contos anteriores ao número 33 do *Pão*, onde a partir de então iniciaria a publicação do “cancioneiro genuinamente cearense”. O que teria acontecido a ponto de Cariri Braúna desconsiderar seus próprios contos *O Batismo*, *Condições e Contradições*, *Juriti*, *A Festa da Liberdade (Perfis Sertanejos)*, *Pelo Sertão*, *Uma família Romântica (Perfis Sertanejos)*, e *Brios*, anteriores a publicação de número 33 de *O Pão*?

Lembremos que José Carvalho anula seu próprio cancioneiro, e por sua vez, da Padaria Espiritual, pois como se sabe os *Perfis Sertanejos: costumes do Ceará* datam de novembro de 1897, e antes do número 33, lançados no dia 15 de Setembro de 1896, onde alguns fragmentos que constituem os *Perfis* já eram publicados no *Pão*. Comprometendo ainda mais o projeto cultural civilizatório maior da Padaria, e antes de tudo o estudo e organização do “cancioneiro genuinamente cearense”, em nota a Antonio Sales, José Carvalho escreve:

“(…) A carta a Antonio Salles não foi escripta intencionalmente para servir de Pórtico aos Perfis; como, porém, descreve o aspecto de nossa Natureza nesta estação insoladora da Sêcca, não hesitei em, com ella, abrir o meu livro.

Todos os versos citados são fielmente originaes; pertencem a essa extraordinária musa popular que sabe tão bem cantar o seu amor, as suas alegrias ou as suas grandes dores.

Para não alterar o plano do – *Perfis Sertanejos* – não quiz incluir nelle maior numero de quadras e de pequenas lendas que conheço do povo; o que reservei para o “Cancioneiro Popular” que a “Padaria Espiritual” está compromettida a dar publicado.

⁴⁸⁴ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno III, nº 33, 15 de janeiro de 1896. ed. Fac-similar. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1982. p.8

Também – porque acho monótono e insuportável – não quis escrever phoneticamente a orthographia das palavras pronunciadas pelos sertanejos que são estudados.

Pretendo em breve, publicar o primeiro volume de uma série de estudos – Perfis Cearenses – e logo depois – O Seringueiro -, costumes do Amazonas.(...).⁴⁸⁵

Como já descrito, em seu número 33 o *Pão* anunciava a divulgação do Cancioneiro Popular comportando quadras e pequenas lendas. Infelizmente José Carvalho não cumpriu o que prometeu, comprometendo assim o projeto maior dos padeiros congratulados sob a Padaria Espiritual

Não se entende a ausência de fabricação de contos e lendas que formam o real cancioneiro popular segundo a concepção de José Carvalho, estampado somente no número 33 do *Pão* onde tinha este em mente que cancioneiro não se reduz somente a quadras ou trovas populares. Isto nos leva não só a percepção de que o mais importante artigo do *Programa de Instalação* não foi cumprido, como a partir de então, afirmar que o projeto “cultural” da sociedade de letras e artes era “civilizatório”, visando à dominação, porque sempre visto e fabricado por pessoas que por mais que fossem do campo, concebiam os valores deste com um olhar fincado já na cidade e olhando de fora a partir da cultura científica - civilizada.

Como um folclorista, amante dos valores e hábitos do povo pode achar monótono e insuportável a linguagem deste mesmo povo, objeto de suas análises na constituição de um “cancioneiro genuinamente cearense”?

Embora o artigo XXIII do *Programa de Instalação* afirme que “(...) será preferível que os poetas da Padaria externem suas idéias em versos (...)”,⁴⁸⁶ isso em nada melhora a situação das coisas, pois o próprio Cariri Braúna sabia que o “Cancioneiro Popular” não era somente formado por quadras, mas sim por contos e lendas. Infelizmente José Carvalho não cumpriu o que prometeu quando do que estava exposto no *Cancioneiro Popular* no número 33 do *Pão*, e o “projeto cultural” maior da Padaria Espiritual não logrou êxito. Seu projeto cultural assim como os inúmeros discursos políticos ficaram só no papel!

O simples fato de a Padaria Espiritual estampar como um dos três⁴⁸⁷ movimentos beletrísticos mais significativos segundo a historiografia cearense dando a impressão de neutralidade política e de “mera gratuidade”⁴⁸⁸ em relação aos outros dois movimentos, o

⁴⁸⁵ CARVALHO, José. Op. Cit., p. 15.

⁴⁸⁶ Programa de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

⁴⁸⁷ BARREIRA, Dolor. Op. Cit., História da literatura cearense. V. IV Fortaleza, Instituto do Ceará, 1948.

⁴⁸⁸ TINHORÃO, José Ramos. A província e o naturalismo. Op. Cit.,.

político, em torno dos movimentos abolicionistas com suas respectivas sociedades, e o filosófico, encabeçado pelos cientistas da Academia Francesa com seus vultos, e figurar no salão nobre da Academia Cearense de Letras já denota sua intrínseca relação com o poder instituído entranhado e revestido nestas sociedades literárias que mais se preocupam em fazer arte, sempre tendendo ao sublime, o que conserva o poder e suas estruturas, do que tocar no terreno duro e difícil da História que desvela os verdadeiros fatores condicionantes de uma vida pobre e miserável como bem acentua esta própria historiografia.

Só o fato da divisão esquemática dos três movimentos beletrísticos cearense, literário, político e filosófico, segundo Tinhorão, lendo Dolor Barreira, já demonstra a intenção ideológica de escamotear ou nublar as verdadeiras tensões sociais de uma sociedade pobre e iletrada. Se os padeiros não integravam a elite iletrada possuidora das terras, fincada no interior com um bom poder econômico, dona do comércio e de suas respectivas tipografias, deixando claras as suas ambições, portavam em mãos um capital simbólico, possíveis de serem utilizados pelas atividades de imprensa, o que já basta para uma aproximação com estas elites materiais.

Essa condição já os difere da maioria da população faminta e analfabeta, uma vez que estes intelectuais de “cultura mediana” estavam aptos a participarem dos debates do momento em suas atividades tipográficas, e a pretenderem cargos públicos, o que aconteceu com boa parte do grupo de Antônio Sales. Boa parte destes “homens de letras” se associavam em grupos visando um retorno material sob o pretenso objetivo de alcançarem cargos públicos.

Cabia a estes homens, detentores do poder da escrita e da palavra se agarrarem às atividades de imprensa, representação direta do poder político das grandes famílias cearenses, atividades estas condizentes ao espaço intelectual, uma vez que o sistema não disponibilizava empregos condizentes a este poder intelectual e letrado. Deste simples ato de saber ler e escrever a historiografia literária cearense transformou estes homens de carne e osso em vultos em que Alencar fora só o primeiro com sua lendária história sobre a origem⁴⁸⁹ do povo cearense.

Tais fatos já nos levam a perceber a Padaria Espiritual como um movimento elitista por portar capital simbólico suficiente a ser explorado pelas atividades de imprensa, o

⁴⁸⁹ ALENCAR, José de. *Lenda do Ceará*. Fortaleza: UFC / Casa José de Alencar, 2001.

que sempre acontecia com a elite do primeiro Império, então “letrada” e educada em Coimbra, caracterizando segundo José Murilo de Carvalho “*uma ilha de letrados num mar de analfabetos*”.⁴⁹⁰

Não é e nem pode ser de acordo com Abelardo Montenegro por uma simples questão de posição social que se devem associar o uso de idéias às pretensões de uma determinada classe social, embora saibamos que o poder letrado simbólico é facultado somente às elites, o que resultou no Brasil no uso de idéias contrárias às suas próprias finalidades por parte da aristocracia rural fincada sob os bancos das faculdades de Direito, Medicina ou Engenharia, tomando estas idéias sempre fora de seus reais lugares.⁴⁹¹

Se os padeiros aludiram e tanto falaram ao analisar a produção por eles realizada em torno da “cultura popular” calcada nos interiores cearense, com seus contos e histórias, envolvendo fatos do cotidiano e registrando hábitos e costumes, existiram ambigüidades, haja vista a sociedade literária ter contado com trinta e quatro homens nos dois momentos do movimento, o que oferece inúmeras idéias e diferentes “posturas intelectuais”.

Como vimos, há tanto o apelo aos valores do campo⁴⁹², à mãe-natureza, compondo um romantismo de que só longe dos ruídos da “civilização” é possível ao homem encontrar seu “eu”, resultando nas linhas de fuga nas pessoas de Cabral de Alencar, Lopes Filho e Lívio Barreto, cuja nostalgia é já de uma sociedade “degenerada” por portar os vícios que só a “civilização” permite, expressa em seus versos decadentistas, mórbidos, com um caráter misantrópico, como há um certo apelo aludindo a esta mesma “civilização” em que a ciência e sua totalidade de valores residente nas cidades ainda seriam o sinal de “progresso”, como fica claro ao menos na primeira fase dessa sociedade, conforme assentado nos seis primeiros volumes do *Pão*.⁴⁹³

Fica difícil afirmar quais foram todas as leituras da sociedade, haja vista a multiplicidade de idéias nela presentes e o fato das diferentes “posturas intelectuais” de seus 34 confrades, como fora o caso do radical Adolfo Caminha, um “apologista da civilização” tendo por base o modelo de nação americana com seus símbolos de “progresso” e “modernidade” que num segundo momento denunciou uma sociedade de aparências,

⁴⁹⁰ CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de Sombras: São Paulo/Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ; 1988. pp. 63-92.

⁴⁹¹ SCHWARTZ, Roberto. “Idéias Fora do Lugar”. In: Cultura e Política. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p. 59-83.

⁴⁹² SABOYA, Eduardo. Op. Cit., p. 1.

⁴⁹³ AZEVEDO, Sânzio de. Adolfo Caminha: vida e obra. Op. Cit.,

divergindo de alguns colegas de seu próprio grupo como Antônio Sales, o idealizador da Padaria Espiritual.

O caso do Centro Literário é outra constatação: surgido de uma divisão⁴⁹⁴ de Temístocles Machado e Álvaro Martins do seio da Padaria deixa claro o desacerto senão das idéias, ao menos de interesses políticos por parte destes intelectuais confrades.

O certo é que o “slogan” da agremiação de “letras e artes no geral” era o resgate e a organização de um “cancioneiro genuinamente cearense” e a primazia pelo nacional quando de seus artigos XIV e XXI, elementos que para Pedro Nava, Sânzio de Azevedo e tantos outros estudiosos analisam como os levados a cabo trinta anos depois pelo grupo modernista paulista de 1922.

Apesar da idealização do campo que como vimos origina pessoas “puras” e honestas sem os “vícios” da degeneração oriunda dos grandes centros urbanos, a cidade também foi sempre objeto de reflexão. Dentre as inúmeras incongruências ou ambigüidades apontadas por essa sociedade, estava a preocupação com o alinhamento das ruas, discurso muito em voga durante os momentos febris da *belle époque*, associado aos ideais de “civilização” e “progresso” em que o espaço urbano era senão parâmetro para os bons costumes das normas finas e “modernas” respaldadas pelo afrancesamento.⁴⁹⁵

O campo é sempre visto como puro e as pessoas tidas por ingênuas, pois não foram tocadas ainda pelas mãos civilizatórias, e por isso mesmo consideradas “matutas”, uma representação direta de “atraso” ou “barbárie”⁴⁹⁶, onde só com a mão do branco, tido como “superior”, uma vez que “civilizado” seria possível um adiantamento não só moral como material.

Sempre vista a partir dos paradigmas estabelecidos pelas tradicionais leituras iniciadas pela *Geração de 70* carregados pela *Mocidade Cearense* que partia das condições mesológicas e dos fatores étnicos como forma de explicitar e explicar a possível índole do “tipo” cearense fadado a uma ríspida seleção natural num meio por demais hostil, a “cultura popular” construída pela Padaria Espiritual, “lida” por sub-cultura é uma clara demonstração

⁴⁹⁴ SALLES, Antônio. Retratos e Lembranças. Reminiscências literárias. Fortaleza: Waldemar de Castro e Silva – Editor, 1938, p. 9-20.

⁴⁹⁵ PONTE, Sebastião Rogério Barros da. Op. Cit.

⁴⁹⁶ BARBOSA, Ivone Cordeiro. Op. Cit.

do resultado do repertório de leituras empreendido em grande parte pelos bacharéis que constituíam as letras cearenses debaixo do pano excludente da *belle époque*.⁴⁹⁷

Nos romances e crônicas analisados fica claro que quem mora no campo é sempre “matuto”, dando a falsa impressão de ser uma pessoa menos inteligente, demonstrando claramente o resultado de uma cultura vista a partir de fora que se iniciara com as “leituras sociais” a partir do grupo de Rocha Lima, Tomás Pompeu, Capistrano de Abreu, dentre outros. Concordamos com Roberto Ventura e Lilia Schwartz quando afirmam que esta visão traduz as teorias colonizadoras que só reforçam a vinda do explorador de fora, “mais inteligente”, o doutor-bacharel, para civilizar o “atrasado”, que vive num mundo rústico beirando sempre a “barbárie” abaixo dos trópicos⁴⁹⁸.

Rodolfo Teófilo, autor de romances como *Maria Ritta*, *Violação* e *Os Brilhantes*, dos tempos da Padaria, padeiro integrante da segunda fase da sociedade, momento considerado como mais “ajuizado” e de uma real produção como vimos, pinta no primeiro romance uma sertaneja de linhagem indígena e portuguesa, então mestiça, loira de olhos azuis, embora, “matuta”.

Maria Ritta, da cor do algodão era uma “matuta” muito valente, que seria capaz de fazer qualquer esforço para ter o amor de Queiroz, mestiço que andava cantarolando por todas as partes, debaixo de um caráter idílico pelo amor da bela moça. O caráter de Queiroz era fruto de uma formação literária que ele havia recebido de um padre, uma vez que o jovem demonstrava pendor para as coisas do espírito, mas preferiu ficar na lida como vaqueiro fiel aos seus valores do campo.

Claro que como homem de ciência, farmacêutico, “mosqueteiro intelectual” debaixo da concepção civilizatória urdida a partir do pensamento científico-europeu, Teófilo desdobra dois mundos na clara demonstração da presença de um homem de ciência. Mostrava a presença do mundo europeu com sua totalidade de idéias assistindo uma “cultura popular” pautada por valores de fora, entranhada de uma totalidade que era espelho de uma “modernidade” assentada na Europa com seus costumes, e uma “cultura popular”, aquela dos povos assentados não nas cidades, mundo do progresso, *in locus* da “civilização”, mas no campo, puro, coberto sempre por uma imagem paradisíaca, numa vegetação aconchegante e

⁴⁹⁷ CARVALHO, José Perfis Sertanejos: costumes do Ceará, Op. Cit., p. 17

⁴⁹⁸ VENTURA, Roberto. Op. Cit. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. Cit.

sublime, longe do arrivismo e da degeneração dos costumes ou valores que só nas cidades se operavam.

A hostilidade pela burguesia ou o tão propalado “ódio de morte” ao burguês estampados no *Pão* em nenhum momento significa afirmar a preocupação com a real “cultura popular” cearense sempre vista a partir de um caráter de “tipos” como bem mostraram Antônio Bezerra, José Carlos Junior, Rodolfo Teófilo, dentre outros. Isso não significa que as idéias dos padeiros versassem somente sobre as idéias européias como representação direta do mundo experimentado pela *Mocidade Cearense*: a Padaria tanto abordou a cultura que parte do mundo europeu porque sempre nasce e se faz neste como a cultura que nasce nos interiores cearenses a partir da ótica ou da concepção civilizada.

A Padaria Espiritual tocou sim em “elementos” da real cultura do povo, o que não quer dizer que toda a sua produção pontuou elementos vivenciados ou inerentes à cultura da maioria desta população assentada nos interiores. Cabe antes de tudo tomar conhecimento da concepção “cultura popular” concebida por estes “homens de letras”, o que, a partir do próprio conceito, já revela uma outra cultura, e em consequência, a análise de uma desta cultura vista por sua oposta.

Dessa forma, a cultura popular seria “descrita” em uma linguagem simples, diferente das falas dos outros movimentos, embora coberta pelos valores europeus, donde a alusão a expressões francesas, e claro, concebendo ou tomando a “cultura civilizada” como superior. Michel de Certeau elabora uma análise minuciosa sobre a cultura popular francesa, a qual nos serve de aparato teórico para nossas hipóteses. Certeau estuda os dois momentos em que veio à tona uma “rusticofolia” ou a idealização de um campo coberto somente pela beleza campestre das florestas.

O final do século XVIII e os anos entre 1850-1890 são estudados pelos analistas da cultura popular francesa como Nisard, Bolleme, M. Soriano, que sinalizam a construção de uma “cultura popular” fincada no campo. Segundo Michel de Certeau “(...) a cultura popular supõe uma ação não confessada (...)”.⁴⁹⁹ Tal ação resulta nas relações políticas que fundam o saber, um saber autoritário que sempre está a serviço dos “homens de letras” e de política: “(...) o saber permanece ligado a um poder que o autoriza (...)”.⁵⁰⁰ Pertinente é a interrogação levantada por Certeau em relação a fabricação, e daí advém, a morte de uma

⁴⁹⁹ CERTEAU, Michel de. A Cultura no Plural. Op. Cit., p.55

⁵⁰⁰ Ibidem., p. 58

“cultura popular” experimentada no campo pela “cultura erudito-científica” que reside na cidade

“(…) De onde se fala, o que se pode dizer? Mas também, enfim, de onde falamos nós? O problema torna-se por conseguinte, imediatamente político, uma vez que coloca em causa a função social – isto é, antes de mais nada repressivo – da cultura erudita.

É evidente que por meio da crítica de Soriano, é o nosso lugar que urge definir. Onde estamos nós, a não ser na cultura erudita? Ou, se desejarmos: a cultura popular existe em outro lugar que não no ato que a suprime?(…)⁵⁰¹ (grifo nosso).

Deste modo, a “cultura popular” que em seu próprio conceito pressupõe e anula a cultura do povo, é senão a “cultura popular” vista pelos aristocratas fincados na cidade, por meio de seus porta-vozes que atende mais a um público leitor do que propriamente a este povo, e desta forma, a “cultura popular” não representa seus valores, mas sim, o que aspira e pensa os setores leitores de classe média e alta localizados na cidade.⁵⁰²

A “cultura popular” aí não só não existe como quando “aparece” é de uma forma esteriopada ou exorcizada, olhando para um povo sempre “rude”, “doce”, “puro” e “ingênuo”, que condiz com uma vegetação romântica e paradisíaca, o que não é verdade, pois no campo há os mesmos conflitos de classe existentes nas cidades e todos os tipos de exploração, sentido maior de ver a “pureza” e “inocência” do homem do campo, em contraposição aos vícios experimentados na cidade repleta de prostitutas, proxenetas, cáftens, e etc, como bem nos lembra Raymond Williams.

A concepção de “cultura popular” pelos analistas da cultura, dentre eles, folcloristas e etnólogos é a beleza e o sublime de uma cultura “já morta”⁵⁰³: daí os inventários, as perguntas autoritárias baseadas na “agressividade positivista” pela procura irrefreada de uma cultura primeira por se achar que a “cultura popular” existiu antes de uma “cultura erudita” cimentada a partir da escrita. Daí a contradição da “cultura erudita” que tem por base o empírico, e se embrenha na busca de um “paraíso perdido”, “a idade do ouro”, onde os homens viviam felizes porque a natureza produzia tudo.

A concepção de uma “cultura popular” como pura e ingênua parte justamente dos “cidadinos esclarecidos” ou “amadores esclarecidos”⁵⁰⁴ que sabem bem que há no campo os mesmos vícios que na cidade. O que na verdade estes homens desejam forjar ou construir é a

⁵⁰¹ Ibidem., p. 80.

⁵⁰² WILLIAMS, Raymond. Op. Cit.

⁵⁰³ CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p.82

⁵⁰⁴ Ibidem, p. 62

idéia de um camponês bom, puro e pacato, porque este campesino se dirige a cidade e se torna muitas vezes a mão-de-obra barata dos aristocratas do campo que negociam na cidade, donde não há uma separação simples entre campo e cidade. Como nos informa Raymond Williams.

“(…) E, a medida que ganha importância a ordem urbana fundamentada no dinheiro, para onde vai o grosso do novo capital, senão de volta para o campo, a fim de intensificar o processo de exploração? A ganância e a mesquinhez, tão fáceis de serem isolados e condenados na cidade, retornam visivelmente para as mansões senhoriais, cercadas de plantações e trabalhadores. E trata-se de um processo duplo. A exploração do homem e da natureza, que tem lugar no campo, é concretizada e concentrada na cidade. Por outro lado, porém, os lucros provenientes de outros tipos de exploração – a riqueza acumulada do comerciante, do advogado, do cortesão – vão penetrar o campo, como se (mas trata-se de uma aparência apenas) fossem um novo fenômeno social.”(…)⁵⁰⁵ (grifo nosso)

Portanto, não há uma separação entre campo e cidade como querem os analistas da cultura, “cidadinos esclarecidos”, os “homens de letras” que estudam a “cultura popular” fincada no campo, a procura de uma “alma” ou de um perfil imerso num “paraíso perdido”. Não basta a “agressividade positivista” de recorrer às fontes, o que só reforça este refluxo de uma “idade de ouro”, “paraíso perdido”. O que realiza os folcloristas é tão somente mapear, inventariar elementos de uma “cultura popular” sob uma forma universal, apagando as particularidades desta mesma cultura porque já partem desta “beleza morta”⁵⁰⁶, apagada.

Como fala Certeau já que esta cultura não pode falar ao menos pode cantar. Segundo ele *“(…) a constatação se confirma: é no momento em que uma cultura não mais possui os meios de se defender que o etnólogo ou o arqueólogo aparece (...)”*.⁵⁰⁷ Este culto castrador ou recalque por parte das elites que produzem uma “cultura popular” é senão o temor às reais contradições existentes entre o povo assentado no campo concebido como “classe perigosa”, por isto que o povo não fala, mas canta, e os símbolos são os infinitos poemas românticos analisados por Raymond Williams.

Raymond Williams analisando a separação campo-cidade em alguns poemas latinos remonta por meio destes ao período helenístico, especificamente aos tempos de Virgílio explicitando estas fugas no bucolismo, pois mesmo neste período, dentro de uma “comunidade primitiva” sem divisão de classes o homem pagava pesados tributos sendo um objeto ou coisa.

⁵⁰⁵ WILLIAMS, Raymond. Op. Cit., p.72

⁵⁰⁶ CERTEAU, Michel de. Op. Cit.

⁵⁰⁷ Ibidem., p. 61.

Para Certeau, o homem de ciências não é um espectador puro, pois seleciona e formula um objeto a partir de problemas inerente a sua cultura. É sempre um ato político que funda um saber, pois a própria concepção “cultura popular” e “cultura erudita” já funda uma aporia. A partir do momento que a cultura erudita que dizer algo sobre a “cultura popular” esta já se encontra morta, pois os elementos de formação desta são tomados por meio de problemas e objetos constituinte da cultura erudita. Os trabalhos folclóricos já partem de uma hierarquia e de uma cultura morta, e nada dizem da real “cultura popular”. Contestando M. Soriano sobre seus estudos populares, Certeau afirma:

“(…) A mais ambiciosa das nossas obras, a mais audaciosa é também a menos histórica e aquela que certamente mais deixa escapar seu objeto quando pretende submetê-lo ao fogo convergente de uma série de interrogações (literária, folclorista, lingüística, histórica, psicanalista etc.). M. Soriano declara “assumir voluntariamente a etiqueta de ecletismo”. Porém, não será um ecletismo de indiferença, e ilusório, aquele que pretende submeter o mesmo objeto a tantas indagações, como se cada uma delas não constituísse, na sua especificidade, um novo objeto, cuja distancia com relação aos outros, e não a semelhança direta, é constitutiva? O perigo não é como se desculpa o autor, utilizar “ao mesmo tempo métodos reconhecidamente incompatíveis”, mas utiliza-los da mesma maneira, sem nada obter de sua diferença. Nesse sentido, o mais fecundo dos ensinamentos dos ensinamentos é ainda a estrutura quase autobiográfica do livro, na qual se pode tentar ler a maneira como o questionário “conduziu” seu autor. É porque, em última análise, o estudo informa-nos menos sobre a cultura popular do que sobre aquilo que é, para um universitário progressista de hoje, falar de cultura popular (...).⁵⁰⁸ (grifo nosso)

Para Certeau não existe nenhuma possibilidade de se estudar a “cultura popular”, não porque esta não exista, o que não é verdade, mas sim porque os homens da cultura erudita estão sempre impregnados de relações políticas, pois, assim como Foucault, saber é poder. O pesquisador não é neutro, delimita seu olhar, recorta seu problema, enfim, cria seu objeto da forma que melhor convém a cultura a que lhe pertence, no caso, a “cultura erudita”.

O sentido maior desta “cultura erudita” é camuflar a real “cultura popular” analisando os elementos desta cultura como universal, donde resulta na busca de uma “alma” integrante de um certo “perfil” que serve de “identidade regional”. Esta identidade aparece sob forma ideológica, o que elimina qualquer possibilidade de particularidade, uma vez que a cultura se faz por suas diferenças, o que resulta numa “cultura popular” aos anseios da elite material e letrada. Qualquer particularidade se dilui na forma universal em nome de um bem maior que bem estereotipa uma real “cultura popular”, isto se verificou na França de Certeau,

⁵⁰⁸ CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p. 80.

na Inglaterra de Raymond Williams, e especificamente, nos estudos folclóricos cearenses sob “tipos” ou “perfis” realizados pelos folcloristas da Padaria Espiritual

O que norteia esta “cultura popular” fabricada pela “cultura erudita” é a “alma”, um certo “tipo” ou “perfil” imerso em conceitos fechados que quando muito somente captam a “bondade”, “pureza” e “docilidade” do homem do campo. É o que consegue a “cultura erudita”: estereotipar e pois apagar sob formas bucólicas e idílicas a “imagem” dos elementos constituintes da vasta “cultura popular” com suas diferenças, subtraindo qualquer tipo de tensão social, pois não interessa as elites material e simbólica a idéia de um povo rebelde e contestador que coloque na “ordem do dia”⁵⁰⁹ os problemas sociais. Daí, a construção de um povo sempre “puro”, “ingênuo” e “inocente”, esperando sempre ser descoberto pela “cultura erudita”. Não basta recorrer as fontes no maior crédito positivista quando se sabe que a cultura aí presente é senão a estilização do popular, imerso no bucolismo cantado por seus poetas, porta-vozes direto do poder material, e por sua vez, da elite econômica por vezes ilustrada.

Como já mencionado isto só aumenta fazer sentir um “paraíso perdido”, uma “idade do ouro” que não revela as verdadeiras contradições que formam a “cultura popular” que por si só já diz a cultura do pobre que quando muito mora nos subúrbios da cidade, e não no campo. A “agressividade positivista” dos folcloristas denunciada por Certeau em seus estudos populares já lida com uma “cultura morta”, donde emerge somente suas belezas, e tal concepção não passou despercebida pelo olhar de Raymond Williams.

“(…) Todas as tradições são seletivas, e a tradição bucólica o é tanto qualquer outra. Aonde vão os poetas, os estudiosos vão atrás, e vez após vez as perguntas referentes à poesia bucólica ou à poesia da “fuga para o campo” dos séculos XVI, XVII e XVIII são deixadas de lado, e tudo é simplesmente explicado pela referência às fontes...

É hora de pôr fim a este blefe. A prática acadêmica de procurar influências tornou-se tão habitual que se faz constantemente necessário utilizar um corretivo. Isto faz-se mais necessário ainda quando as supostas fontes, os tanques alheios foram tão alteradas e simplificadas que ninguém mais é capaz de ver o que aconteceu, de lá para cá, com a água”.(…) (grifo nosso)⁵¹⁰

Não basta esta “agressividade positivista” realizada pelo intelectual folclorista. É este o nome que mais se sobressai nos estudos populares, o responsável maior pelo estudo das “diferenças” culturais experimentadas pelo povo. Mas este folclorista não é ingênuo, não é camponês, não é pobre, tão pouco explorado. Não é um mero expectador que visa uma

⁵⁰⁹ Expressão muito utilizada por Christopher Hill em seus trabalhos sobre a história social inglesa.

⁵¹⁰ WILLIAMS, Raymond. Op. Cit., p.34

neutralidade, ao contrário, pertence geralmente a uma classe média e as vezes forma a verdadeira elite que olha a partir de uma visão pré-concebida, que já recorta e exclui, visando representar a “cultura popular” a partir da idéia que faz desta. O que dá o tom de análise com nos lembra Certeau são as relações de poder, e o que é o saber, o poder da leitura e da escrita, senão uma artimanha política? De acordo com Michel de Certeau,

(...) “Ainda ficam por marcar os limites da própria indagação. Toda antropologia articula cultura e natureza segundo uma ordem que é aquela, majoritária e estática, do olhar e do saber. A invenção política pode fazer novas articulações que levam em conta uma dinâmica da repressão. Não se trata de prever ou de desejar essa nova ordem que é o próprio ato político e como que o avesso da história. O ato político pode reivindicar toda a cultura e colocar em causa todas as divisões. Contudo, uma outra cultura suporá ainda uma repressão, mesmo se ela funda uma nova participação política. A linguagem instala-se nessa ambigüidade, entre aquilo que ela implica e aquilo que ela revela. Do acontecimento político, a própria ciência recebe seus objetos e sua forma, mas não a sua condição; ela não se reduz a ele. Sem dúvida, será sempre necessário um morto para que haja fala; mas ela falará da sua ausência ou da sua carência, e explicá-la não se limita a apontar aquilo que a tornou possível em tal ou tão momento. Apoiada no desaparecido cujo vestígio ela carrega, visando ao inexistente que ela promete sem dar, ela permanece o enigma da Esfinge. Entre as ações que simboliza, ela mantém o espaço problemático de uma interrogação” (...).⁵¹¹

3.3 A produção literária da Padaria Espiritual: poesia

Dentre os oito trabalhos em verso publicados pela “Bibliotheca da Padaria Espiritual”, o real livro festejado e alardeado pelo grêmio é o *Chromos* de Xavier de Castro. Os trabalhos⁵¹² intitulam-se por ordem cronológica de publicação: *Phantos*, de Lopes Filho (1893) *Versos*, de Antônio de Castro (1894) *Flocos*, de Sabino Batista (1894), *Cromos*, de Xavier de Castro (1895), *Trovas do Norte*, de Antonio Sales (1895), *Vagas*, de Sabino Batista (1896), *Dolentes*, de Livio Barreto (1897), e *Marinhas*, de Antonio de Castro (1897).

Com exceção dos *Chromos* os outros trabalhos em versos dos padeiros transmitem uma carga de conflito existencial, embora não integre a estética simbolista representada pelos padeiros Lopes Filho, Livio Barreto, Cabral de Alencar e Tibúrcio de

⁵¹¹ CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p.82

⁵¹² AZEVEDO, Sânzio de. Op. Cit., p. 77.

Freitas.⁵¹³ É, pois o *Chromos* o mais importante trabalho em versos em termos de “cultura popular”.

Bento Pesqueiro⁵¹⁴ nasceu em Fortaleza no dia 30 de janeiro de 1858. Era filho de Augusto Xavier de Castro e Silva e D. Antonia Josephina de Castro. Segundo o autor do prefácio de *Chromos*, no qual não há assinatura, X. de Castro, filho de pais pobres, cedo teve que se preocupar com sua existência, “(...) *não lhe permitindo mais do que um preparo elementar, apenas suficiente para o habilitar a uma collocação no commercio ou no funcionalismo* (...)”.⁵¹⁵

Apesar de pobre, a crítica literária constituída pelos próprios padeiros acentuam a força do cearense frente a todas as adversidades do meio. No número 17, do *Pão*, do dia 30 de maio de 1895, todo dedicado a memória de Augusto Xavier de Castro, trinta dias após sua morte, se lia:

“(...) O seu caracter, a sua índole eram de um homem forte, para quem as luctas da vida são cousa muito séria mas que acha para enfrontal-as o apoio de uma vontade firme e de um espírito bem equilibrado. Elle tinha sempre no rosto e nos lábios a alegria sã de quem cumpre o seu dever e presume em si forças para o cumprir em qualquer emergência (...)”.⁵¹⁶ (grifo nosso)

Aqui reside mais uma vez a alusão, ainda que de forma implícita, as condições do meio que fazia a “fortaleza” do cearense frente a um meio inóspito. Nascido numa terra pobre e carente das mais primárias condições de existência devido as constantes secas tão bem exploradas pela historiografia cearense, o padeiro era um homem equilibrado, de forte índole, e sobretudo, filantrópico, um abnegado como seus compatriotas “homens de letras” cearenses.

De simples colaborador da Secretaria do Governo sendo escriturário por concurso exerce o posto de praticante no tesouro Provincial. Passando por todos os graus hierárquicos chegou a substituir por vezes o diretor geral da Secretaria. Segundo o Barão de Studart, Bento Pesqueiro foi diretor de seção do Tesouro do Estado.⁵¹⁷

⁵¹³ AZEVEDO, Sânzio de. “Lívio Barreto e o verso humorístico”. In: *Novos Ensaio de Literatura Cearense*. Fortaleza: UFC / Casa de José de Alencar, 1992. p. 81-94.; “Lívio Barreto e o Simbolismo no Ceará”. In: *Aspectos da Literatura Cearense*: EUFC/ACL, 1982. pp. 65-81.

⁵¹⁴ STUDART, Guilherme. Op. Cit.

⁵¹⁵ Prefácio. In: CASTRO, Xavier de. *Chromos*. Biblioteca da Padaria Espiritual. Ceará: Typ. Universal, CUNHA, FERRO & C^a 1895. p. VI.

⁵¹⁶ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno II, nº 17, Fortaleza, 30 de maio de 1895. Op. Cit., p. 2.

⁵¹⁷ STUDART, Guilherme. Op. Cit.

Editado postumamente, o *Chromos* esgotou-se em quatro dias, fato lembrado por Sânzio de Azevedo.⁵¹⁸ O então padeiro havia participado do movimento intelectual do Clube Literário de 1886 e seus *Chromos* apareceram no *Libertador*, órgão da *Sociedade Libertadora Cearense* no início da década de 1880. *O Pão*, nº 17, todo editado em homenagem a morte de Xavier de Castro anunciava a publicação dos seus *Chromos*.

“(…) Vão entrar para o prélo nestes dias, graças aos esforços da Padaria Espiritual, largamente auxiliada pelos colegas de repartição do mallogrado poeta e por seu particular amigo o illustre clínico Dr. João G. Studart, as poesias completas de A. X. de Castro.

Do trabalho de revisão acha-se encarregado o nosso confrade José Carlos Junior. Os *Chromos*, a parte mais característica e original da obra do nosso charo irmão, darão título ao livro, cujo producto servirá para mitigar à infeliz família as agruras da viuvez e orphadade.

Prospectos acham-se a disposição dos subscriptores em todas as livrarias desta capital, e nos escriptorios d’A Republica, Diário do Ceará, e *O Pão*.

Cremos que o povo cearense não perderá mais essa ocasião de pôr em evidencia os seus sentimentos philanthropicos e a estima que lhe merecia o infeliz poeta (...)⁵¹⁹(grifo nosso)

O *Chromos* se encarregava assim de divulgar alguns elementos da identidade “regional” cearense como a “filantropia” do cearense e o amor à sua terra natal. Como apontava o pensamento determinante por parte da historiografia tradicional a literatura seria o instrumento onde a identidade de um determinado povo seria mostrada ou revelada, como vimos segundo visão de José Honório Rodrigues, Antônio Sales, Soriano Aderaldo, dentre muitos outros. Vinte e quatro dos quarenta poemas que constituem o *Chromos* foram publicados no *Pão*, somado a dois poemas estampados na segunda parte do livro, que não fazem parte dos “quadros”, intitulado *Poesias Diversas*, respectivamente denominados *Dores Íntimas* e *Êxtase*.⁵²⁰

Chromos são quadros ou recortes da vida diária das pessoas do campo com seus hábitos de caçar, pescar, tomar banho no terreiro, lavar roupa, enfim, representam o dia-a-dia da população pobre imersa em sua “cultura popular” dos interiores cearenses. Os valores ou as festas tradicionais do interior como os festejos da Semana Santa com o ritual da queima do Judas, o período natalício, o tempo dos caju são aludidos nos *Chromos*.

Assim como os *Perfis Sertanejos: costumes do Ceará* buscava identificar a “alma” sertaneja sob a forma dos “tipos”, grosso modo o *Chromos* procura em versos identificar a “cultura popular” em sua totalidade de hábitos e costumes. Segundo o prefácio,

⁵¹⁸ AZEVÊDO, Sânzio. A Padaria Espiritual e o simbolismo no Ceará. Op. Cit., p. 158.

⁵¹⁹ *O Pão...* da Padaria Espiritual. Op. Cit., p. 6.

⁵²⁰ “Índice”. In: *Chromos*. Op. Cit., pp. 77-79.

“(…) pouco a pouco os differentes aspectos da vida cearense iam sendo apanhados no CHROMOS com uma rara fidelidade e si a morte não viesse colher tão cedo a colleção viria a ser um kaleidoscopio eminente poético dos nossos costumes (…)”.⁵²¹ (grifo nosso).

Portanto, *Chromos* é a epopéia dos hábitos e valores da população pobre que reside no campo e não na cidade. Estamos interessados em perceber as falhas do projeto literário “popular” da Padaria Espiritual, comprometida que era com esta “cultura popular”. Em alguns poemas é notório a preocupação de Xavier de Castro em tentar reproduzir a fala do povo, chegando até a grifar alguns termos. Em outros casos, o padeiro ora usa termos da “cultura erudita”, ora termos da “cultura popular” para expressá-la. Analisemos de forma minuciosa estas incoerências em alguns poemas:

UM DESAFIO

*A noite lá fóra encanta!
A lua é clara que cega!
D'uma esquina na bodéga.
Zé Soares pinta a manta!*

*Sapateia-se, ri-se e canta;
Um outro a elle se pega
N'um desafio que chega
A uma lucta que espanta!*

*Grita o homem da guitarra
Que no chão quebrada esbarra:
- Meu amo, eu d'aqui não saio!*

*- Porque? Diz o bodegueiro
- Meu pinho custou dinheiro...
Vou queixar-me ao seu Sampaio!⁵²²*

Como se verifica, este poema trata de um “desafio” de cantadores, prática de alguns agricultores que versejam nas horas vagas. Xavier de Castro utiliza o termo “guitarra” para designar o instrumento musical utilizado por este homem do campo. Sabemos que “guitarra” é um instrumento europeu que seguramente era inacessível ao “tipo” sertanejo. A

⁵²¹ “Prefacio”. Op. Cit., p. VII

⁵²² Ibidem., p.18. Em *O Guarani* José de Alencar descreve a origem deste instrumento musical. No primeiro capítulo do trabalho em que descreve o cenário da casa do fidalgo português Antônio de Mariz, esposo de D. Laurinda e pai de Cecília, se lê: “(...) Pouco distante, sobre uma cômoda, via-se uma dessas guitarras espanholas que os ciganos introduziram no Brasil quando expulsos de Portugal e uma coleção de curiosidades minerais e formas esquisitas (...)”. ALENCAR, José de. *O Guarani*. Fortaleza: Edições UFC, 2006. p. 12. Antonio Bezerra, que participou da segunda fase da Padaria Espiritual disserta sobre a guitarra em relação a viola, instrumento inseparável da cultura do vaqueiro cearense em sua vida árdua. “(...) Esse instrumento, diferente da guitarra apenas em ter os sons mais baixos, foi trazido pelos Moiros para a Espanha ao tempo da sua conquista, e dali passou ao Brasil. Serve principalmente para acompanhar o canto e ninguém há que o possa ouvir sem se recordar agradavelmente das serenatas que á noite se fazem em divertidos passeios ou debaixo das janelas dalguma querida namorada. BEZERRA, Antônio. Op. Cit., p.6.

prática de compor versos foi estampada nos *Perfis Sertanejos*, no conto em que Jurity e Beija-Flor, no caso, dois cantadores, se enfrentaram durante três dias e não encontramos nas quadras populares o termo “guitarra”. As quadras populares envolvendo o nome do cantador Jurity estampam no *Pão* que integraria tempos depois os *Perfis Sertanejos*.

Mais à frente, no poema *São João*, uma das festas mais celebradas pela Padaria Espiritual, no qual a “sociedade literária e artística” denunciava que os costumes populares iam se degenerando em festa aristocrática como notificou o *Pão* na sua primeira fase frente aos vícios oriundos da “civilização” acarretada pelas normas e valores da cidade, podemos verificar:

SÃO JOÃO

*Ouvem-se os tons afinados
De delicada viôla.
Risonho pár caracóla
Do baião nos requebrados...*

*Entre tóros esbrazados
O mamoeiro se immóla...
Na sala o Perú consola
D'aguardente os namorados;*

*Pedro, a fogueira passando,
Grita, a Joanninha abraçando;
- Viva nós! Minha comadre!*

*Por outro lado vem Rita,
Que aperta Lucas e grita:
- Viva São João! Meu compadre!⁵²³*

É interessante notar que no poema *São João*, festejo popular muito explorado como já salientado no *Pão*, Xavier de Castro utiliza o termo “viola” e não “guitarra”. Sem maiores dúvidas o termo “viola” era conhecido pelos cantadores interioranos, ao passo que, “guitarra” não era. Lembremos que X. de Castro nascera em Fortaleza e possivelmente seu olhar lançado sobre a “cultura popular” estava entremeado pela “cultura erudita”, embora se presencie um esforço enorme para reproduzir a linguagem do homem do campo, mesmo não conhecendo e acabando por confundir erudição com popular, como no poema que se segue.

⁵²³ CASTRO, Xavier de. Op. Cit., P. 26.

NA ESCOLA

*A professora sentou-se,
Reforma agora um casaco
Que apesar de ser um sacco
Quando o vestiu, estoirou-se!*

*Como preciso lhe fosse
Por nas hombreiras um taco,
Corta um forro... o panno é fraco...*

*Busca outro... levantou-se...
Vae lá dentro; um dos meninos
Da tal peça os crivos finos
Ensopa na tinta, alli!*

*Chorando ajunta o tinteiro,
Gritando p'r'um companheiro:
- Cuma-chama, acóde aqui!⁵²⁴ (grifo do autor)*

É enorme o esforço de X. de Castro para fugir da cultura erudita das academias mirins de outrora e adentrar ao universo de hábitos e valores de uma “cultura popular” tão apreçoada pela Padaria Espiritual. Os termos “tinteiro”, “crivos”, “pano” não constituíam o universo da cultura maior do povo pobre residente no campo. Mas, X. de Castro se esforça para falar deste universo como fica claro no termo “p'r'um” e nas expressões “cuma-chama” e “acode aqui” que era a linguagem original do agricultor, caçador, pescador, forneiro, tangedor de bois, enfim, do “tipo” ou “perfil” do homem que habitava o campo ou o sertão cearense. “Casaco” não é um termo ainda hoje acessível e possivelmente utilizado pelo homem do campo ou para a maioria da população pobre residente nos arrabaldes de Fortaleza durante os tempos de 1895, contagiadas pelas normas e valores europeus do *fin-in-siecle* constituintes da *belle époque* cearense. Num dos poemas de X. de Castro, o olhar que o homem da cidade lança sobre o campo é ainda mais reforçado como no poema abaixo:

A ALLELUIA

*Nos ares brada o foguete!
Repicam todos os sinos!
Róla o judas no cacete!
Que algazarra entre os meninos!*

*Uns rasgam-lhe as calças finas
E vão-lhe o corpo arrastando;
Outros tiram-lhe as botinas,
E vão-lhe o fraque arrancando...*

*Uma mocinha da casa,
Vendo que tudo se arrasa,
Por acolá se deslisa,*

⁵²⁴ Ibidem, p. 29.

*Gritando: – Mamãe, acuda!
Que esta casaca do Joda
Papai diz qu' inda precisa!*⁵²⁵

O poema trata de uma das festas populares mais significativas para o homem do campo, que é o Sábado de Aleluia, um dos dias festivos que constituem a Semana Santa. No citado sábado se festeja a queimação de Judas, aquele que traiu Jesus Cristo. No ritual, o personagem Judas é vestido por instrumentos que simbolizam a cultura local, e assim, a “cultura popular”, donde se verifica um Judas vestido ao sabor daqueles que o vestem, representação direta de seu universo cultural. O traidor de Jesus Cristo é xingado e esfaqueado sob todo um ódio geralmente coberto com ou por folhas de bananeira e outros pedaços de pano, e por fim, queimado. Na força, depois da leitura do *testamento*, o que era folha misturada a pedaços de panos velhos se acaba em cinzas. Na leitura do poema o corpo de Judas é coberto por um “fraque”⁵²⁶, que é a indumentária de frade, religioso, mas a concepção do termo não é esta, e sim a de um “palitot”, termo que remete ao imaginário burguês do homem da cidade, “cidadino esclarecido” que somado ao fraque usava *pincenez* e flor na lapela nos tempos áureos da *belle époque*, conversando nos quiosques suas “literatices” que versavam sobre as idéias européias, fitando as moças nos bonds, e que por vezes, se dirigia aos *toilettes*.

Outra tônica muito explorada pelos trabalhos de verso da Padaria Espiritual foi a estética simbolista que brotou segundo Sânzio de Azevedo do seio do grupo e a nosso ver um dos motivos que muito contribuiu para tornar a Padaria conhecida no resto do Brasil. A gloriosa *Geração de 70* com suas leituras modernas, baseadas em cientistas sociais como Comte, Darwin, Spencer, Buckle, Taine, dentre outros, não explicou a totalidade do ser imerso nas reformulações capitalistas e sofreu críticas.

A infalibilidade das leis, ante suas conseqüências progressistas e positivas, levou alguns “boêmios” padeiros a fugir da objetividade das leis a uma análise do “Eu”.⁵²⁷ A objetividade, o fato, a matéria, a lei, não mais davam conta da totalidade do ser a partir de uma “psicologia experimental”.

⁵²⁵ Ibidem, p. 13.

⁵²⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 15ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, S/N. p. 653.

⁵²⁷ COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 213. MOISÉS, Massaud. A Literatura Brasileira. V. IV. Roteiro das Grandes Literaturas. O Simbolismo (1893-1902). 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1966. VERÍSSIMO, José. História da Literatura Brasileira. São Paulo: Editora Letras & Letras, 1998. pp. 335-346.

A nova escola que veio criticar o poder da ciência no campo das letras, representado basicamente pelo Realismo e pelo Naturalismo levado a cabo pela *Mocidade Cearense* foi o Simbolismo, objeto da “intuição” e da “subjetividade”.

Surgido na França, sob influência de Baudelaire, Verlaine, Mallarmé e Rimbaud, as idéias simbolistas se contrapõem à “filosofia positivista” e evolucionista que reduzira o ser à máquina, porque o Positivismo mais não foi do que um pensamento liberal-burguês, contemplando e legitimando os avanços do capitalismo e, por sua vez, os avanços tecnológicos. Conforme Afrânio Coutinho,

“(…)O Simbolismo constituiu uma reação contra a ordem mecânica e científica em nome do indivíduo, seu valor intrínseco e sua realidade subjetiva. Foi uma nova revolta do indivíduo, um novo Romantismo. Sua obra foi da maior importância, tendo reformado a poesia desde então, quicá toda a literatura. (...)”⁵²⁸

No Brasil, esta tendência é finalmente incorporada com o trabalho inaugural de Cruz e Souza, *Missal e Broquéis*, livros de um catarinense publicados no Rio de Janeiro. Antes existiram os versos de Medeiros e Albuquerque, situados entre 1883 e 1887, Domingos do Nascimento e Venceslau de Queiroz. É, pois, em 1892, que, no Rio de Janeiro, Cruz e Souza e seu grupo se reúnem em torno da nova estética que se opunha aos ideais do cientificismo que sagrou a *Geração de 70*.⁵²⁹

Vale lembrar que a Padaria Espiritual surgiu em 30 de Maio de 1892, o que se pressupõe o contato ou a assimilação direta das idéias simbolistas por parte de alguns padeiros, surgindo no seio do movimento quatro poetas simbolistas, como: Lopes Filho (Anatolio Gerval), Lívio Barreto (Lucas Bizarro), Tibúrcio de Freitas (Lúcio Jaguar), na primeira fase, e finalmente, Cabral de Alencar (Abdhul Assur), já na segunda fase.⁵³⁰ É o próprio Afrânio Coutinho que reconhece a presença dos ideais simbolistas brotado no seio da Padaria Espiritual

“(…) Além do grupo do Rio, de 1891, no Ceará outra plêiade de jovens, em 1892, fundava uma sociedade literária, chamada “Padaria Espiritual”, também dedicada ao culto das excentricidades da nova arte. Estava, destarte, lançado no Brasil o movimento simbolista, e, em 1893, Cruz e Souza inaugura-o com o livro *Missal e Broquéis* (...)”⁵³¹

⁵²⁸ Ibidem., p. 219.

⁵²⁹ Ibidem., p. 219.

⁵³⁰ AZEVEDO, Sânzio de. A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará. Op. Cit., p. 160-215.

⁵³¹ COUTINHO, Afrânio. Op. Cit., p. 212.

Lembremos da admiração que possuía Manoel Pereira dos Santos, o Mané Côco, dono do Café Java, local frequentado pelos artistas padeiros, e por outros, dentre os quais a gloriosa “constelação portuguesa”, tão bem falada pelos homens da Padaria. A única erudição de Mané Côco consistia no conhecimento dos versos *Dom João* de Guerra Junqueiro que ele sabia de cor, de ponta a ponta, e do qual recitava trechos.⁵³²

Para o estudioso sobretudo do grêmio de Antônio Sales, Sânzio de Azevedo, foi no seio da Padaria Espiritual que surgiu o simbolismo cearense a partir dos poetas Lopes Filho e Livio Barreto. Quanto a Cabral de Alencar e Tibúrcio de Freitas, seu simbolismo viria mais tarde, o primeiro quando ainda no Ceará, consolidando-se no Rio de Janeiro, e o segundo, somente sob o influxo do grupo de Cruz e Souza, do qual fez parte.⁵³³ A hipótese maior do consagrado estudioso da Padaria Espiritual é ser o simbolismo de Lopes Filho advindo não do sul do país influenciado por *Missal* e *Broquéis* de Cruz e Souza, mas sim bebido diretamente de Portugal através da obra *Só* de Antônio Nobre. Essa obra era como se fosse a bíblia dos padeiros e andava de mão em mão. Adolfo Caminha, o Felix Guanabario em suas *Cartas Literárias* a respeito do surgimento irreverente e nada formal de agremiação, descreve:

(...) “Nenhuma formalidade banal, cousa alguma que nos desse ares de acadêmicos: a maior liberdade, a mais franca camaradagem. O único volume do *Só*, que aparecera misteriosamente na província, andava de mão em mão, era lido e relido, e entrava-nos pela alma como um jorro de luz setentrional, como uma onda quente de vida nova. O *Só* era a nossa bíblia, o nosso encanto, o nosso livro amado (...).⁵³⁴ (grifo nosso)

A admiração pela gloriosa constelação portuguesa já estava presente momento antes da fundação da sociedade artística e literária. Felix Guanabario fala da idéia de fundação da sociedade que seria original, diferente das academias mirins pequeno-burguesas, com seus estatutos massudos. Na redação do jornal *Diário* onde escrevia, Caminha narra o que a ele cabia: (...) - *O Sales vai se dirigir a Ramalho Ortigão, o Tibúrcio a Eça de Queiroz, o Lopes Filho a Antonio Nobre. A você, cabe-lhe Guerra Junqueiro* (...)” .⁵³⁵ (grifo nosso)

⁵³² SALLES, Antonio. Op. Cit., P. 9.

⁵³³ AZEVÊDO, Sânzio. Op. Cit., p. 13.

⁵³⁴ CAMINHA, Adolfo. Op. Cit., p. 131.

⁵³⁵ Ibidem, p. 128.

Sânzio de Azevedo demonstra a independência do Simbolismo florescido no seio da Padaria com relação às idéias do Paraná, estado em que viu florescer a poesia de Cruz e Souza.

(...) É sintomática a ausência de alusão a qualquer nome de poeta brasileiro, prova evidente de que no Ceará, não haviam repercutido ainda os ecos do movimento do Rio de Janeiro, o que torna singular o Simbolismo do Ceará iniciado por Lopes Filho, autor que não figura em nenhuma antologia da corrente no Brasil, estando ausente até mesmo do meritório e caudaloso **Panorama do movimento simbolista brasileiro**, de Andrade Muricy, apesar de lá estar presente seu companheiro de grêmio, Lívio Barreto, cujos primeiros poemas em jornal datam de 1892, mas cujo livro *Dolentes*, contendo produções que datam de 92 a 95 (ano de sua morte) sairia postumamente, em 1897(...).⁵³⁶

O Simbolismo de Lopes Filho em seu trabalho *Phantos* que foi publicado em 1893, período em que no Rio de Janeiro seria editado neste mesmo ano *Missal e Broquéis* de Cruz e Souza, mostra a independência simbolista de Anatólio Gerval, haja vista as idéias do sul do país demorarem cerca de no mínimo vinte anos para chegar no nordeste brasileiro, especificamente, no Ceará.

João Lopes de Abreu Lage,⁵³⁷ Lopes Filho ou o Anatólio Gerval nasceu em Fortaleza em 7 de Abril de 1868 e faleceu na mesma no dia 19 de julho de 1900. Foi empregado da Alfândega e da Estrada Ferro-Baturité construída nos tempos áureos da economia do algodão.

Seu *Phantos* apresentado por Antônio Sales, expressa a neurose das almas doentias causadas por um mundo traumático perpassado por relações econômicas numa sociedade hipócrita tão denunciada por seus colegas de grêmio José Carlos Júnior e Adolfo Caminha. O que se verifica nos poemas doentios ou mórbidos são as “linhas de fuga” em busca de um “nirvana”, que pode ser um tempo anterior mais feliz ou o próprio “nada” numa clara influência das idéias de Schopenhauer e de outros poetas simbolistas como Verlaine, Marllarmé, Moréas, Eugenio de Castro, que bem marcaram o simbolismo de Lívio Barreto. Na apresentação do *Phantos* que para Antônio Sales significava apressadamente “phantasia”, este definia a estética decadista de Lopes Filho

⁵³⁶ AZEVEDO, Sânzio de. Op. Cit., pp. 47-48. (...) “E tão avançada estava a agremiação, para o seu tempo, que sabemos ser normal o fato de as correntes literárias dominantes no Sul do País levarem anos para que sejam aceitas nas províncias, e no entanto vários dos componentes da “Padaria” já eram simbolistas ao tempo em que no Rio de Janeiro se inaugurava êsse movimento, com as reuniões do grupo da “**Fôlha Popular**” e os livros **Missal e Broquéis** de Cruz e Souza, considerados como o marco inicial do Simbolismo no Brasil, publicados em 1893. Dêsse mesmo ano é o livro **Phantos**, do padeiro Lopes Filho, considerado como Fruto do decadismo. (...) AZEVEDO, Sânzio de. A Padaria Espiritual (1892-1898) Fortaleza: UFC/ Casa de José de Alencar, 1970. p.28

⁵³⁷ STUDART, Guilherme. Op. Cit., p.

“(…) Ora, quem criteriosamente ler os teus versos de uma forma torturada e estranha, fica-te logo conhecendo a phisychologia mórbida, pois nelles se patenteiam, com uma sinceridade e intensa e descuidosa as irregularidades de temperamento, os caprichos de sensibilidade, o mysticismo sensualista, as paixões vehementes, o pessimismo humilde e fatalista, enfim todos os nevrosismos dos espiritos doentios.”(…) ⁵³⁸(grifo nosso)

Eis um poema de Lopes Filho que expressa toda a dor que perpassava sua poesia mórbida:

(...) *“Eu sou triste como é triste uma elegia!
Tal a ave sem ninho, que está sem companheira
E mais a noiva viúva a quem morreu o noivo
E que, em vez da perfumada Flôr de Laranjeira
Espalha sobre o seio um merencório Goivo!
Noites de tédio! Noites de desesperança
Onde o Ideal que eu sonhei em tempo de creança?
Esperança, onde estaes?
Meus castellos azues que edifiquei sonhando
Eu hoje vos evoco, a gemer, suspirando,
E não me respondeis...
Nunca mais! Nunca mais!”*(...) ⁵³⁹.

Ver-se-á a influência da gloriosa constelação portuguesa e, dentre esta, a alusão a os poetas simbolistas como Antonio Nobre, muito lido pelos Padeiros no primeiro momento da agremiação, e a Guerra Junqueiro, muito admirando por Mané Côco, o proprietário do quiosquzinho de madeira onde no início os jovens escritores se reuniam em meio a suas discursões literárias entremeadas por anedotas regadas, por vezes, a uma boa pinga.

3.3.1 Os Padeiros com as mãos na massa

No tantas vezes já citado *Programa de Instalação*, a Padaria se comprometia a criar um jornal de nome *O Pão* para alimentar o pão-de-espírito numa província letárgica em relação às letras e as artes. Assim rezava o Art. XXXV: *“(…)Logo que estejam montados todos os machinismos, a Padaria publicará um jornal que, naturalmente, se chamará - O Pão machinismos (...)”*. ⁵⁴⁰

A própria denominação *Padaria Espiritual* foi idealizada por Antonio Sales e objetivava se contrapor à “burguesia ignara”, que mais se preocupava em ganhar dinheiro nas

⁵³⁸ SALLES, Antonio. Carta-prefácio. In: LOPES FILHO. Phantos. Biblioteca da Padaria Espiritual. Fortaleza: Universal, 1893. p. VIII.

⁵³⁹ Ibidem, p. 17.

⁵⁴⁰ PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Op. Cit.

corridas do Prado do que com as reais coisas do espírito. No primeiro artigo do primeiro número do *Pão*, lançado no dia 10 de julho de 1892, se lia:

(...) “O leitor conhece os estatutos da *Padaria Espiritual*? Naturalmente.
Então já devia estar á espera do jornal que prometeu crear, com o nome de **O Pão**. Eil-o, com a mesma somma de direito com que os outros seus collegas percorrem profusamente o mundo inteiro.
O seu programma é muito simples: transmittir ao leitor com a maior exactidão o que sente e o que pensa a *Padaria Espiritual* sobre tudo e sobre todos.
Não obedece absolutamente a sugestões extranhas, nem tão pouco toma a si o compromisso de agradar; em compensação, de modo algum ameaça hostilizar.
Promette apenas uma cousa: dizer sempre a verdade doa esta em quem doer.
Não promette ser eterno: deseja, porem, viver o mais que for possível.
Por conveniencia economica de tempo e dinheiro, somente aos domingos se publicará **O Pão**.
É escusado, portanto, observar que não podemos absolutamente dispensar o seu auxilio, comprando por 60 réis um nº de cada edição.” (...).⁵⁴¹

Apesar de em níveis retóricos a sociedade artística e literária hostilizar esta “burguesia ignara” que sempre “perseguiu” os padeiros esta classe comprou *O Pão* com boa manteiga porque o periódico não possuía comprador numa província onde poucos sabiam ler. *O Pão* registrou que só dois burgueses não compraram o jornal:

“(...) A própria Sra. D. Burguesia (tirar chapéo!) comprou **O Pão**, mesmo a contra gosto, somente para ter a satisfação de nos chingar.
E a meninada sorria por essas ruas de meu Deus, apregoando em alto e bom som: – O Pão a 60 réis.!.
Milhares de curiosos e admiradores da **Padaria** invadiram o forno solicitando **O Pão**, suplicando **O Pão** por amor da Arte.” (...) ⁵⁴²

Quebrando a monotonia da provinciana Fortaleza supplicando ao aluá, à seca e à política, o aparecimento d’*O Pão* foi festejado pelos “homens de letras” da Padaria Espiritual frente à surpresa e espanto da sociedade fortalezense.

“(...) A pequena capital cearense, habituada ao aluá, á secca e á política, e celebrisada pelo irreprehensivel alinhamento de suas ruas, estremeceu, como alguém que accorda de um pesadelo enorme.
Onde vamos parar com isso? diziam donas de casa ouvindo apregoar **O Pão** a 60 réis. – A manteiga está a 2\$800, o café subiu a 2\$000, e agora é o pão que sobe! Isso não pode continuar.
I’stava um dia esplendido para cavalhadas e passeios bucólicos. A luz penetrava todos os recantos; o céu parecia uma saphyra colossal, sem mancha, cortada por frechas de oiro que vinham do sol. (...)” ⁵⁴³

⁵⁴¹ O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 1; Fortaleza, 10 de julho de 1892. Op. Cit. p. 1.

⁵⁴² O Pão... da Padaria Espiritual. Anno I, nº 2; Fortaleza, 17 de julho de 1892. Op. Cit. p. 2.

⁵⁴³ Ibidem. p. 2.

O *Pão* surgia não só para fazer ruído na provinciana Fortaleza como caracterizou a primeira fase de pilhéria do movimento, mas, acima de tudo, dentro da ação missionária das letras que dissipava na sociedade os elementos do “progresso” e de “modernidade” somente consoante somente aos países “civilizados”.

Desse modo, no primeiro momento do jornal, em que foram lançados seis números, muito se vê a preocupação em alavancar um progresso material a partir das atividades letradas, razão maior dos movimentos beletrísticos cearense. *O Pão*, desta forma, era não só motivo de euforia numa provinciana Fortaleza com laivos de “civilização” como também era visto como elemento emancipatório num lugar que não possuía mais que duas livrarias:

(...) “A litteratura e as artes são, por assim dizer, os melhores tónicos para o espírito.

A **Padaria Espiritual** é, pois (não vos escandaliseis) uma instituição utilissima, tão útil quanto a Sociedade de S. Vicente de Paula, tão necessária quanto o Instituto Histórico e geographico; e **O Pão**, cujo apparecimento foi causa de tantos commentarios injustos, é nada mais nada menos que o vehiculo das nossas idéas, o archivo hebdomadário dos nossos pensamentos, das nossas palavras e das nossas obras.” (...).⁵⁴⁴

Assim como o Clube Literário sustentava a leitura ou o “livro como sendo a palavra em ação”,⁵⁴⁵ no sentido em que era a literatura o elemento emancipatório rumo a uma sociedade realmente “moderna” e “civilizada” como os países europeus, fica explícito na fala acima o mesmo discurso de se alcançar um certo “progresso” a partir das atividades letradas.

Mesmo num lugar onde existiam somente duas livrarias seriam a literatura e as artes, nesse sentido, serve uma análise a Padaria Espiritual, um grêmio voltado para as letras e artes no geral, caberia ao movimento dos padeiros dissipar os símbolos de uma sociedade “civilizada” e “moderna” coberta por clubes, e acima de tudo, com boas livrarias, capacitando assim as discussões letradas.

⁵⁴⁴ Ibidem, p. 2.

⁵⁴⁵ “(...) Nada é tão capaz de fomentar o patrocínio e accender os brios de uma nação, como a Litteratura. O livro acompanha o indivíduo onde quer que elle vá. Custa-lhe barato. Que mais? Deve ser uma arma para o cearense. Esta é a idéa do Club Litterario - o Livro e a Palavra em acção. É por isso que, tendo iniciado a publicação da **Quinzena**, vae inaugurar brevemente as suas conferencias; e assim, iremos derrocando, de bastilha, a tyrania da indiferença, - indigna e baixa até para os animaes(...). PAIVA, Oliveira. “As conferencias do Club Litterário”. In: A Quinzena. Propriedade do Club Litterário. Anno I, nº 14, 31 de julho de 1887. Ed. fac-simile. Fortaleza: BNB / ACL, 1984. p. 1.

Mesmo imerso numa contradição enorme diante de uma sociedade iletrada e analfabeta em nenhum momento as condições adversas como a seca, falta de leitores e de escolas são mencionadas, pelo contrário, são estas adversidades que transformam *O Pão* em algo ruidoso, sublime, algo realmente sobrenatural. Quanto se toca em tais adversidades é somente para sacralizar o jornal e, por sua vez, o grêmio literário e artístico de Antônio Sales.

Os intelectuais artistas da Padaria sabiam muito bem da carência de leitores e de instituições que acolhessem suas idéias. Advém dessas necessidades, o sentido ou o motivo de quererem realmente fazer “ruído”, “mexer” ou “escandalizar” a sociedade como aconteceu quando do surgimento do movimento. O jornal, ao menos no primeiro momento, deixa claro este intento. Quando do aparecimento do *Pão* ante o olhar pressuroso da burguesia, podemos ler:

“(…) Isso, porém, é preciso assegurar, não nos incomodou absolutamente; ao contrário, deu-nos muito prazer e nos proporcionou boas gargalhadas, porque nos outros, padeiros espirituais, sem contestação rapazes bem intencionados e amigos dos nossos amigos desejamos precisamente isto: o sucesso, o ruído, a movimentação, o estímulo, a vida, enfim, sem tons de tristeza, sem odios e nem paixões vis, e por isto mesmo sentimo-nos deliciosamente bem ao escrevermos. O Pão, ante a cólera injusta dos senhores burguezes, longe, bastante longe do olhar obtuso e ameaçador de Javert, aqui, em nosso confortável e típico forno, onde diariamente á noitinha, fabricamos tão boas pilhérias, sonetos adoráveis, phrases sentillantes e vaporosas como o fumo de nossos charutos, e muita cousa mais inoffensiva.” (...) ⁵⁴⁶(grifo nosso)

É interessante perceber que aqui já não há o ódio ou a hostilidade à burguesia, uma das falas maiores dos padeiros que nos números posteriores iremos encontrar. Mesmo com a agressão burguesa quando do aparecimento do jornal, esses escritores não se incomodaram, pelo contrário, se sentiram estimulados e até sorriram. Aqui, já não são os revolucionários escritores artistas que desejam todo um “ódio de morte” à burguesia porque são bem intencionados e até quem sabe amigos desta classe social que não se preocupa com as “coisas do espírito”.

Ver-se-á que não existe nenhum ódio dos bens intencionados padeiros à burguesia, apesar de todas as agressões burguesas quando do surgimento do jornal. Segundo se afirma no *Pão*, o que os padeiros queriam, uma vez que não hostilizavam a burguesia, era

⁵⁴⁶ O Pão... da Padaria Espiritual. Op. Cit. pp. 1-2.

“mexer”, “escandalizar” e “tirar” a provinciana Fortaleza do marasmo intelectual, uma vez que a cidade só era acostumada ao aluá, à seca e à política.⁵⁴⁷

Em vez de crítica por parte de *O Pão* se vê graça, riso e, quando muito, a vontade de “escandalizar” a sociedade da época. O próprio Antonio Sales, maior personagem da Padaria, por ter escrito o *Programa de instalação* e o *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual*, além de tê-lo idealizado e divulgado noutras paragens literárias, afirma conforme este.

“(…) Devemos confessar aqui: essa folha era menos o vehiculo litterario do que uma valvula para a pilheria petulante que se fazia lá dentro. Ainda conseguiu-se publicar seis números d’O Pão, que veio afinal a morrer de cachexia pecuniaria (...)”⁵⁴⁸

Como o ódio de morte à burguesia não era um verdadeiro ódio, os padeiros estampavam em suas colunas, na verdade, escritos que causavam risos e tendiam ao escândalo. A primeira fase do jornal produziu seis números, todos lançados em 1892, no mais autêntico caráter pilhérico que bem caracterizava a sociedade de letras e artes.

Nos seis primeiros números do jornal aparece a participação de Antônio Sales (Moacyr Jurema), Adolfo Caminha (Felix Guanabario), Álvaro Martins (Policarpo Estouro), Livio Barreto (Lucas Bizarro), Antônio de Castro (Aurélio Sanhaçu), Raimundo Teófilo de Moura (José Marbri), Sabino Batista (Sátiro Alegrete), Joaquim Vitoriano (Paulo Kandalaskaia), Carlos Vitor (Alcino Bandolim) e Lopes Filho (Anatólio Gerval). Encerramos com esta breve coluna escrevendo uma passagem engraçada em que foi narrado o roubo de um par de calças de um padeiro:

(...) “Parece incrível, mas é verdade e verdade dura de roer. No dia da distribuição do 1º número d’O Pão um gatuno, aproveitando-se da confusão que reinava na Padaria, passou os gadanhos num par de calças do nosso collega Satyro Alegrete, um magnifico par de calças de cheviotte, que, por signal inda não estavam pagas! Em que paiz estamos nós? Pois rouba-se assim a um pobre rapaz que está em véspera de ser pai de família o unico par de calças decentes que elle possuia? Que diz a isto a polícia? O Alegrete, que era tão alegre, como seu nome o indica, anda numa tristeza que já nos inspira cuidados. O pobre rapaz ha oito dias não vai á casa da pequena, que já mandou lhe o seguinte bilhete: **Mando li disê que estou muito triste porque você não qué mais vim aqui. Sua criada – M.** Imaginem como é desesperada a situação do nosso collega.

⁵⁴⁷ O Pão... da Padaria Espiritual. Op. Cit. p. 1

⁵⁴⁸ JUREMA, Moacyr. Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual, a contar de 30 de Maio de 1892 (dia de sua fundação) a 28 de setembro de 1894. Fortaleza, Padaria Espiritual. Editora, Typ. d'A República. p. 7.

Para onde vamos com tanto descalabro? Será crível que fique impune o selerado que a estas horas anda talvez fazendo figura nos chinfrins do Oiteiro, enquanto a vítima chora a sua desgraça, mettido numas tristes calças pardas?

Nós não podemos ficar inertes diante deste escandallo e dirigimos ao governo este ultimatum: Ou consigna-se no orçamento verba para o Alegrete comprar umas calças novas, ou declaramo-nos em franca e decidida opposição.

Oh! Tempora! Oh! Mores! (...)⁵⁴⁹

⁵⁴⁹ O Pão... da Padaria Espiritual. Op. Cit., p. 3.

CONCLUSÃO

Como vimos nesta pesquisa foram significativas as influências das idéias européias, sobretudo francesas e inglesas para o estabelecimento de um conjunto de normas ou de valores no Ceará. Foi com o movimento intelectual dos cientistas sociais da Academia Francesa com suas leituras “novas” ou “modernas” em torno dos ideais de “civilização” e de “progresso” que se tornou possível pensar uma sociedade regida pelos mesmos elementos que regem as ciências naturais ou experimentais de causa e efeito.

Afora a influência destas múltiplas idéias, verificamos sempre a estreita ligação entre estas idéias e o interesse de determinadas classes, uma vez que este arsenal teórico é senão, a nosso ver, não mais que o “campo político” com todos os seus imbricamentos sociais e suas maquinacões próprias.

Apesar de toda uma agitação ou uma efervescência cultural, de forma específica, literária, que segundo Dolor Barreira se inicia com o grupo dos *Oiteiros* em 1813, é a partir da segunda metade do século XIX, sobretudo a partir das décadas de 60 e 70 que as bases econômicas regionais voltam seu olhar para uma economia não só fincada no campo como também na cidade.

A “moderna geração cearense” ou a pensante *Mocidade Cearense* é senão em grande parte representante direta desta elite agrária conservadora vivendo neste momento um “aperfeiçoamento intelectual” nos nascentes e grandes centros urbanos. Esta geração é que se encarregará das atividades letradas, seja a partir da formação de grêmios literários e artísticos, ou da atuação na imprensa partidária, o que tanto marcou os movimentos literários de processar as letras cearenses.

Por mais que a historiografia literária cearense mais preocupada com as belas artes em busca do “sublime” ou da “arte” literária do que com os reais elementos condicionantes de uma vida miserável frente uma sociedade iletrada nuble tais aspectos, é preciso admitir que os fatores econômicos foram por demais significativos para o florescimento e desenvolvimento das letras, artes e ciências. Não sem razão que é justamente dessa “pobreza” ou desse desinteresse até certo ponto do “campo político” que assiste ao analfabetismo e miséria que tanto aflige a sociedade cearense até os dias hodiernos.

Mas os “homens de letras” bem sabem que é da construção de uma província miserável, iletrada, que se pode construir o outro lado da questão: mesmo com tantas dificuldades frente um “meio social” inóspito aos elementos civilizatórios porque

naturalmente o Ceará não “progride” em função de sua posição geográfica que marca tão fortemente seu regime das secas, este povo pode se libertar dado este certo atraso e se emancipar, chegando então ao “estágio moderno” ou “civilizado”.

Percebemos que esta é a idéia central para a compreensão das atividades letradas ou dos movimentos literários surgidos em Fortaleza em busca de sagrar velhos “vultos” literários e instaurar tantos outros. A literatura toma parte do real e responde acrescentando mais dificuldades quando constrói um imaginário que em parte não condiz com a realidade das coisas, só cristalizando uma idéia muito cara a todos os elementos que compõem este real.

A literatura toma as dificuldades do meio ou as limitações de uma raça pouco afeita aos reclames da “civilização” e do “progresso” somente para fabricar “vultos” que bem recaí sobre o próprio universo desses “homens de letras” que se não possuem de todo uma “capacidade engenhosa” que sirva de ornamento, o fato é que seus pares diferenciam do grosso da população que sequer entende a linguagem destes movimentos literários apoderados dos poderes da palavra e da escrita.

Ainda que toda uma sociedade seja totalmente desassistida do poder público e a temática das secas nuble estes reais elementos, a literatura funciona como “bálsamo” produzindo sempre “tipos” valentes e fortes, o que não necessariamente condiz com a realidade das coisas. Se a região cearense é seca e seu povo “atrasado”, as letras podem despertar e produzir tão somente “vultos”, incapacitando uma análise das reais condições sociais e políticas que comporta todo este metadiscurso, o que é no mínimo uma afirmação contraditória por parte da crítica cearense.

O que mais preocupa à historiografia tradicional cearense quando da divulgação de seus “ismos” é sufocar possivelmente certos desajustes sociais por parte de um povo que esta mesma historiografia concebe como “atrasado” e “bárbaro”, embora este povo possa se emancipar dado um certo “aperfeiçoamento intelectual”, o que mais não é do que uma dentre as inúmeras ambigüidades por parte desta historiografia tradicional.

Quando não são os elementos naturais e “naturalizados” por esta crítica como as condições mesológicas e raciais que concorrem para um certo “atraso” cearense, paira uma visão memorialística ou saudosa e por que não dizer idílica ou estereotipada, uma vez que anuvia as tensões políticas que emergem em detrimento de uma maior análise por parte da relação entre “campo intelectual” e “campo político”, donde um “perfil sociológico” se faz necessário.

É esta crítica literária e porque não dizer histórica que produz um imaginário nada condizente com a realidade das coisas. Em nenhum momento se verifica a preocupação com a educação básica por parte dos “homens de letras” cearenses de “capacidades medianas”, uma vez que é mais confortável fabricar “vultos” que se tornam aceitos mesmo sem serem compreendidos pela sociedade local. Suas preocupações se voltam a partir de uma visão ilustrada que primeiro se pergunta pelas “idéias” para só então divulgar estas mesmo sem “chão”, e utilizadas de forma contrária a seus próprios fins. Por mais que exista no *Pão* uma pequena coluna se preocupando com as condições das escolas públicas, é quase nada para uma terra que se autoproclama liberta dos tempos de outrora.

Percebemos na pesquisa a implantação das idéias de “regeneradores” sociais em torno de Comte, Darwin, Buckle, e tantos outros, mas não presenciamos a influência de pensadores transformadores propondo uma mudança nas reais bases sociais ou de valores, como Marx ou Nietzsche, não porque estas não existissem, mas porque se torna mais viável “continuar” do que “romper”.

A historiografia literária, e por sua vez, histórica, precisa repensar os reais elementos de um certo “atraso” cearense, se é que podemos falar de tal forma, onde este não se funda a partir de fatores mesológicos ou raciais, mas tão somente devido à falta de preocupação para com a instrução de uma sociedade desassistida aos princípios básicos de sobrevivência, dentre estes, a educação de forma geral.

Sabemos que não se deve aos fatores climáticos tão explorados pela crítica literária cearense ou pela questão eugênica das raças que confere o “atraso” cearense frente o “adiantamento” de estados como Rio de Janeiro e São Paulo ou até mesmo de países europeus. Estas idéias são no fundo uma forma de respaldar uma determinada ordem sócio-econômica em que o “campo intelectual” é senão seu reflexo direto.

Neste sentido, se faz necessário mais estudos ou pesquisas objetivando desconstruir este imaginário de “atraso” de uma sociedade analfabeta porque tão fortemente marcada pelo regime de suas secas, o que a nosso ver só resiste a maiores análises. O “tipo” cearense é assim de pouca capacidade racional que quando muito nasceu para espetáculos de humor, o que só dificulta uma maior aproximação com os fatores políticos que são na verdade os mais significativos elementos.

José de Alencar, Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Juvenal Galeno, Clóvis Bevilacqua, Antônio Sales, dentre muitos outros, filhos ilustres cearenses, por maior que tenham sido suas capacidades intelectuais e literárias, não deixaram de ser em parte uma

construção da crítica cearense. Elementos como “filantropia”, “amor do cearense a sua terra natal”, “hospitalidade”, “força” e “valentia”, muito presente nos trabalhos romanescos mais não são do que artifícios erigidos pela crítica literária local para camuflar os reais problemas da sociedade cearense. Alencar só retornou ao Ceará duas vezes, Dragão do Mar ou Chico da Matilde numa foi um “tipo” pescador “regional” senão um simples vigia de barra, Rocha Lima nunca foi de todo um despossuído de condições materiais, assim como o grupo dos padeiros nunca foi de todo pobre ou miserável.

Este imaginário comporta ainda vários outros elementos. Ainda hoje se tem a idéia de que o Ceará sofre com as adversidades de um meio adverso ao florescimento de uma sociedade “civilizada”, “adiantada”, se assim podemos falar e seu povo não dispõe dos elementos básicos suficientes para a simples sobrevivência. Toda esta construção muito se deve aos trabalhos romanescos dos “homens de letras” cearenses que quando muito nada dizem da realidade das coisas.

Levantam-se tais elementos somente para erigir um imaginário que só beneficia e faz “crescer” os polígrafos que comungam com tais idéias porque não conseguem falar por si só, são manipulados por uma imprensa ainda partidária ou por outros centros culturais que lançam aquilo que agrada, e não o que de fato acontece.

A nosso ver os elementos que integram ou compõem esta historiografia tradicional cearense sob todos estes fatores não diferem dos elementos utilizados ainda hoje para justificar um dado “atraso” ou distanciamento em relação a São Paulo e Rio de Janeiro, os dois principais centros culturais brasileiros.

Apesar da instalação de uma nova economia como a exploração exacerbada do turismo cearense, o que muito poderia contribuir de certa forma para tornar as coisas menos miserável ou dolorosa, assiste-se no presente a extrema miséria deste povo por falta de uma maior geração de empregos. Estamos falando no que diz respeito a projetos políticos que dê suporte às mínimas condições de sobrevivência gerando assim uma maior rede de empregos.

O Ceará, tendo em vista os infindáveis discursos políticos ainda é “seco”, “quente”, “carente”, mas possui belas praias conhecidas internacionalmente que se tornam o maior atrativo para quem pretende conhecê-lo. Infelizmente não têm surgido bons elementos em decorrência desta nova economia.. Assistimos uma prostituição de menores sem precedentes, sobretudo com a conivência do poder público em consonância com banqueiros, hoteleiros e outros homens de negócio, donos de restaurantes e de motéis. Para grande parte dos turistas cearenses o Ceará ainda é a “Terra luz” se é que um dia já foi, por ter sido a

primeira província a ter abolido a escravidão e assim está mais próximo dos países adiantados, modernos e cultos.

Na orla de Fortaleza se encontra a célebre e consagrada estátua de Iracema, a imagem que assiste aos primeiros anos da colonização cearense datada dos tempos de Martins Soares Moreno, em 1603, demonstrando a permanência não só de um discurso, mas de um fato ou uma realidade.

Quem chega a Fortaleza busca encontrar a bela estátua lançada por José de Alencar, assim como a jangada do “tipo” pescador cearense, o que já nubla uma infinidade de elementos porque estes símbolos só escondem as particularidades das coisas haja visto que nem todo cearense é jangadeiro, pescador ou agricultor.

Apesar de nos encontrarmos em pleno século XXI, alguns elementos resistem a uma “longa duração”, ou seja, certos traços permanecem e outros sofrem a ação “misteriosa” dos tempos históricos onde se presencia outros valores sociais. O Ceará ainda se encontra pobre, miserável, seu povo iletrado e permanece um alto índice de analfabetismo na sociedade cearense. Mas seu povo é forte e o “cearense é antes de tudo um forte ou cabra macho”. Todos estes elementos sofreram a ação intempestiva da literatura, o quem em nenhum momento significa afirmar que tudo o que há em seus trabalhos sejam irreais ou fantásticos.

Que futuros ou vindouros trabalhos ou pesquisas saibam prescrutar os caminhos ou meandros da História. Que saiba o pesquisador que a História assim como suas fontes não são “neutras”, visam sempre reativar uma memória aos anseios das elites dirigentes, muitas vezes, iletrada, para legitimarem uma certa ordem de poder. Que saiba o historiador que o “campo intelectual” sofre as mesmas maquinações do “campo político” com sua teia de relações de “simpatia” e “afetividade”. Que os historiadores busquem sempre nos textos o “não-dito” e não desatinem para o fato de que o intelectual possui seu “espaço” na rede maior destas relações. O “campo intelectual” nada mais é do que o “campo político”, e é preciso saber ler as fontes como verdadeiros discursos políticos que nunca saem do papel, mas as mentiras também fazem parte da História. Espero que o meu trabalho muito possa contribuir para o despertar de outros trabalhos, é isto que espero!

FONTES

ALENCAR, José de. Iracema. Lenda do Ceará. Fortaleza: UFC / Casa José de Alencar, 2001.
ANTOLOGIA Cearense. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1957.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Luizinha / Perfil literário de José de Alencar. Fortaleza: Academia Cearense de Letras; Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

BAPTISTA, Sabino. Floccos. 1891-1893. “Bibliotheca da Padaria Espiritual”. Fortaleza, Universal, CUNHA, FERRO, 1894.

_____. Vagas, 1984-1895. “Bibliotheca da Padaria Espiritual”. Ceará: “Padaria Espiritual Editora, 1896.

BARRETO, Livio. Dolentes. 2^o ed. Fortaleza: Secretaria de cultura do Ceará, 1970.

BEZERRA, Antonio. O Ceará e os Cearenses. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

BRÍGIDO, João. Ceará (Homens e Fatos). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

CAMINHA, Adolfo. A Normalista. Fortaleza: Verdes Mares Ltda, 1997.

_____. Cartas Literárias. 2^o ed. Fortaleza: EUFC, 1999.

_____. Tentações; No país dos ianques. Rio de Janeiro: José Olympio: Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

CARVALHO, José. Perfis sertanejos: costumes do Ceará. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria do Estado do Ceará, 2006.

CASTRO, Antônio. Versos. Fortaleza: Typ. Minerva, Cunha, Ferro & C.^a, 1894.

CASTRO, Xavier de. Chromos. Fortaleza: Typ. Universal, Cunha, Ferro & C.^a, 1895.

JUREMA, Moacir. Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual à contar de 30 de Maio de 1892 (data de sua fundação) a 28 de setembro de 1894. Fortaleza, Typ. D'A República, 1894.

LIMA, R.A. da Rocha. Crítica e Literatura. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1968.

PROGRAMMA de Instalação da Padaria Espiritual. Fortaleza: Typ. D'O Operário, 1892.

SABOYA, Eduardo. Contos do Ceará. “Bibliotheca da Padaria Espiritual”. Fortaleza: Typ. Universal. CUNHA, FERRO & C.^a, 1894.

SALES, Antonio. Aves de arribação. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

_____. Trabalhos Manuscritos Inéditos. Fortaleza, 1897. (Setor de Obras Raras da Academia Cearense de Letras)

TÉOFILO, Rodolfo. A Fome. Rio de Janeiro: José Olympio, Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

_____. Libertação do Ceará: queda da oligarquia Acioly. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Valdemar Alcântara, 2001.

_____. Maria Ritta: episódios do Ceará Colonial. Fortaleza: Cunha & Ferro, 1897.

_____. Os Brilhantes. 3ª ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

_____. Seccas do Ceará (segunda metade do século XIX). Fortaleza: Louis C. Cholowiecki, Tipografia Moderna, 1901.

_____. Violação. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

LIVROS DE MEMÓRIA

ADERALDO, Mozart Soriano. História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada. – Fortaleza; Edições UFC/Casa José de Alencar, 1993.

ALENCAR, Edigar de. Fortaleza de ontem e anteontem. Fortaleza: Casa de José de Alencar, - UFC, 1980.

AZEVEDO, Otacílio de. Fortaleza descalça. Fortaleza: Casa de José de Alencar – UFC, 1992.

BEZERRA DE MENEZES, Antonio. Descrição da cidade de Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC/DMF, 1992.

BÓIA, Wilson. Antônio Sales e sua época. Fortaleza: BNB, 1984.

COLARES, Otacílio. Crônicas da Fortaleza e do Siará Grande. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980.

_____. Lembrados e Esquecidos: ensaios sobre literatura cearense. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1975. Vol. I-V.

GIRÃO, Raimundo. Fortaleza e a crônica histórica. Edição Especial. Fortaleza: Casa de José de Alencar / UFC, 2000.

LIMA, Herman. Imagens do Ceará. 2ª. ed. Fortaleza: UFC / Casa José de Alencar, 1997.

MENEZES, Raimundo de. Coisas que o tempo levou: crônicas históricas da Fortaleza antiga. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MOTA, Leonardo. A Padaria Espiritual. 2ª. ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar – UFC, 1995.

NAVA, Pedro. Balão Cativo. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. Baú de ossos. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

NOGUEIRA, Francisco de Alcântara. O pensamento cearense na segunda metade do século XIX: em torno do centenário de R. A da Rocha Lima. Pref. de Pinto Ferreira. Fortaleza; Instituto Brasileiro de Filosofia. (Secção do Ceará). Sociedade Cearense de Geografia e História, Casa de Juvenal Galeno, 1978.

NOGUEIRA, João. Fortaleza velha. 2. ed. Fortaleza: Ed. UFC, 1981.

SALES, Antônio. Novos retratos & lembranças. Fortaleza: Casa de José de Alencar – UFC, 1995.

_____. Retratos e Lembranças: Reminiscências literárias. Fortaleza: Waldemar de Castro e Silva, 1938.

TEÓFILO, Rodolfo. Scenas & typos. Fortaleza: Assis Bezerra, 1919.

PERIÓDICOS CIENTÍFICOS E LITERÁRIOS

Fraternidade (1873-1875): jornal maçônico. (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel).

Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora (1881-1889). (Edição fac-similar).

A Quinzena (1887-1888): órgão do Clube Literário. (Ed. fac-similar)

O Pão... da Padaria Espiritual (1892; 1895-1896). (Ed. Fac-similar)

Iracema – Revista do Centro Litterário (1895-1896): órgão do Centro Literário. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)

Revista da Academia Cearense (1895-1920). (Setor de Obras Raras da Academia Cearense de Letras, Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Biblioteca da Academia Paulista de Letras)

Revista do Instituto do Ceará (1888-1924).

JORNAIS DA ÉPOCA

Cearense. Órgão do Partido Liberal (1877-1889). (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel).

Pedro II. Órgão do Partido Conservador (1880-1889) (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel).

A Constituição (1886-1889): órgão do “partido conservador adiantado”, da facção dissidente liderada pelo rico comerciante Joaquim da Cunha Freire, o Barão de Ibiapina (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel).

Gazeta do Norte. Órgão Liberal (1877-1889). Órgão da facção oligárquica Pompeu Accioly. (Biblioteca Pública do Ceará Menezes Pimentel).

O Norte (1891): órgão fundado por Justiniano de Serpa e outros dissidentes do Centro Republicano Cearense (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

A República. Órgão da Sociedade Anonyma Ceará-Libertador (1892-1900): órgão de propagação do regime republicano no Ceará. (Edição fac-similar)

A Voz do Povo (1893): pasquim / folheto publicado em poucos números, defensor da república jacobina. (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

DOCUMENTOS OFICIAIS

Arrolamentos da População de Fortaleza em 1887. (Arquivo Público do Ceará).

CRONOLOGIAS E DICIONÁRIOS

ADERALDO, Mozart Soriano. “Renascimento Literário Cearense”. Prefácio. In: A Quinzena. Propriedade do Clube Literário. Ed. fac-sim. Fortaleza: BNB / ACL, 1984., pp.IX-XVI.

_____. História Literária do Ceará. Dos “Oiteiros ao grupo clã”. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

STUDART, Guilherme (Barão de). Diccionario bio-bibliographico cearense. Fortaleza: Typoghaphia Minerva, 3^o v., 1915.

_____. Para a história do jornalismo cearense (1824 – 1924). Fortaleza: Typoghaphia do Instituto do Ceará, 1925.

_____. Datas e factos para a história do Ceará. Em comemoração ao centenário do jornalismo cearense e da Confederação do Equador. Fortaleza: Typographia Commercial, 1924.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia. Os caminhos dos livros. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB), São Paulo: Fapesp, 1989.

ADORNO, Sergio. Os aprendizes do Poder: o bacharelismo liberal na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 1999.

ALENCAR, Manoel Carlos Fonseca de. Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo: a cidade e o campo na literatura naturalista cearense. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2002.

ALENCASTRO, Luis Felipe. In: NOVAIS, Fernando. História da Vida Privada no Brasil: Império V. II. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

ALONSO, Ângela. Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. Positivismo: uso tópico. O projeto civilizatório de Luis Pereira Barreto. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1994.

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. Origem e formas de acumulação no Ceará: reflexões a partir da indústria têxtil. Série idéias, nº 8. Fortaleza: UFC / NUDOC, 1987.

AZEVEDO, Sânzio de. A Padaria Espiritual (1892-1898). Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1970.

_____. Aspectos da literatura cearense. Fortaleza: EUFC, 1982.

_____. Literatura Cearense. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.

_____. A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará.. Fortaleza: Casa José de Alencar – UFC, 1996, 2ª ed.

_____. Novos ensaios de literatura cearense. Fortaleza: Ed. UFC, 1972.

_____. O Centro Literário (1894-1904). Fortaleza: Casa José de Alencar – UFC, 1972.

_____. "Os grêmios literários do Ceará". In: SOUZA, Simone de (Coord.). História do Ceará. 2ª. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994,

BARBOSA, Ivone Cordeiro. Sertão: um lugar – incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura Desporto do Estado, 2000.

BARREIRA, Dolor. História da Literatura Cearense. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.

_____. “Associações literária e científica no Brasil, e particularmente no Ceará – Oiteiros”. In: Revista do Instituto do Ceará. Tomo LXIII, 1943. pp. 148-156.

BEZERRA, José Tarcisio Vieira. Quando à ambição vira projeto: Fortaleza, entre o progresso e o caos (1846/1879). São Paulo: Mestrado em História Social / PUC, 2000.

BLOCH, Marc. Apologia a História. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BODEI, Remo. A história tem um sentido. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo, Cia das Letras, 1980.

_____. História concisa da literatura brasileira. 33^a ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. 4^a ed. Lisboa: Ed. Presença, 1972.

_____. Escritos sobre a História. 2^a ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAMARA, José Aurélio Saraiva. Capistrano de Abreu: Tentativa Bibliográfica. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

CAMINHA, Adolfo. Vida e Obra. Fortaleza: EUFC, 1999.

CAMPOS, Eduardo. Capítulos de História da Fortaleza do século XIX. Fortaleza: Ed. UFC, 1985.

_____. O inventário do cotidiano (breve memória da cidade de Fortaleza). Série Pesquisa n^o. 6. Fortaleza, EUFC/PMF, 1996.

CÂNDIDO, Antônio. O método crítico de Silvio Romero. São Paulo: Edusp, 1988.

_____. Formação da literatura brasileira. v.II. 2^a ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

CARDOSO, Gleudson Passos. Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso. Fortaleza: Museu do Ceará: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

_____. As repúblicas das letras cearenses: literatura, imprensa e política (1873-1904). São Paulo: Mestrado: PUC, 2000.

_____. Do centenário aos “Dolentes”. In: ORIÁ, Reinaldo Barreto (Org. Relicarius. Homenagem ao poeta Lívio Barreto). Fortaleza: Academia da Incerteza; Gráfica LCR, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Os bestializados. O Rio de Janeiro a república que não foi 3^a ed. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CARVALHO, Rodrigues de. O Ceará litterário (nestes últimos dez annos). Revista da Academia Cearense. Fortaleza: v. 4, 1989.

CASALECCHI, José Ênio. A Proclamação da República. São Paulo: Braziliense, 1981.

CASANOVA, Pascale. A República Mundial das Letras. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CASTELO, José Aderaldo. A Literatura brasileira: origens e unidade. São Paulo: Edusp, 2v., 1999.

CASTELO, Plácido Aderaldo. História do Ensino no Ceará. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1970.

CASTRO, José Liberal de. Fatores de localização e de expansão da cidade de Fortaleza. Fortaleza: Imprensa Universitária / UFC, S/N.

_____. "Contribuição de Adolfo Herbster à forma urbana da cidade de Fortaleza". Fortaleza In: Revista do Instituto do Ceará, 1994. pp.43-90.

CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. História da leitura no mundo ocidental. São Paulo: Ática, 2002.

CEARÁ, Universidade Federal. Departamento de História. Núcleo de Documentação Cultural. Fortaleza: a gestão da cidade, uma história político-administrativa. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1994.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. A Cultura no Plural. Campinas: São Paulo: Papirus, 1995.

CHACON, Vamireh, História das idéias sociológicas no Brasil. São Paulo: Grijalbo; Edusp, 1977.

CHALHOUB, Sidney e Pereira & MIRANDA, Leonardo Afonso de. A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil.-Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CHARTIER, Anne-Marie & HEBRARD, Jean. Discursos sobre a leitura: 1880-1980. São Paulo: Ática, 2002.

CHARTIER, Roger & PECORA, Alcir & NASCIMENTO, Cristiane. As práticas de leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. A aventura do livro: do leitor ao navegador. – São Paulo: UNESP, 1998.

_____. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. A ordem dos livros: leitores e autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília; EUNB, 1998.

_____. A história cultural entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Lisboa. DIFEL, 1990.

CHAUI, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHAVES, José Olivenor Souza. Fortaleza e os retirantes da seca de 1877-1879: o real de um imaginário dominante. Recife. Mestrado em História / UFPE, 1995.

COMTE, Auguste. Discurso sobre o espírito positivo. São Paulo: Escala, S/N

CORDEIRO, Celeste. Antigos e modernos: progressismo e reação tradicionalista no Ceará. São Paulo: Anna Blume, 1997.

COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República. São Paulo: UNESP, 1999.

COSTA, João Cruz. Contribuição à História das idéias no Brasil. 2ª ed. Civilização Brasileira, 1967.

_____. Pequena História da República. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. 3ª ed. Graal. S/N.

COSTA, Nilson do Rosário & TUNDIS, Silvério Almeida. (org). Cidadania e loucura. Políticas de Saúde Mental no Brasil col. Saúde e Realidade brasileira. 4ª ed.- Petrópolis: Vozes, 1994.

COUTINHO, Afrânio. Introdução à Literatura no Brasil. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CUNHA, Maria Clementina. Loucura, gênero feminino: as mulheres de Juquery na São Paulo no início do século XX. In: Revista Brasileira de História de São Paulo, ANPUH, nº 18, Vol 9, 1989.

_____. Cidades da ordem. São Paulo. Brasiliense, coleção tudo é história, 1984.

DARMON, Pierre. Médicos e assassinos na Belle Epoque: a medicalização do crime. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DARTON, Robert. Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII. – São Paulo: Cia das Letras, 1996.

_____. Iluminismo como negócio. história da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

_____. Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Cia, das Letras, 1989.

DECCA, Edgar Salvadori de. & LEMAIRE, Ria. Pelas Margens. Outros Caminhos da História da Literatura. Campinas: Ed. da Unicamp & Porto Alegre: Ed.da Universidade - UFRGS, 2000.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Ideologia liberal e a construção do Estado no Brasil. Anais do Museu Paulista. São Paulo, t. 30, 1980/81.

DIEHL, Astor Antonio. A cultura Historiográfica Brasileira: do IHGEB aos anos de 1930. Passo Fundo – RS: Ediupf, 1988.

DOMINGOS, Heloisa Maria Bertol. “Os intelectuais e o poder na construção da memória nacional”. Revista Tempo Brasileiro, 87: 43/57, out-dez., 1986.

ELIAS, Nibert. O Processo Civilizador: uma história de costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ENGEL, Magali. Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989.

FILHO Martins, Antonio & Girão Raimundo. O Ceará. 3ª. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

FIUZA, Regina Cláudia Pamplona. O Pão... da Padaria Espiritual. Brasília: Imprensa do Senado Federal, 1992.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. O Iluminismo e os reis filósofos. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. História da loucura. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. Doença Mental e Psicologia. 4ª ed. - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

GUINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GIRÃO, Raimundo. A cidade do Pajeú. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1982.

_____. Educandários de Fortaleza, Fortaleza: Imprensa Universitária, 1956.

_____. A abolição no Ceará. 3ª. ed. Fortaleza, s/e, 1984.

_____. Evolução histórica Cearense. Fortaleza: BNB, ETENE, 1985.

_____. Geografia estética de Fortaleza. Fortaleza e a crônica histórica. Fortaleza: Edições UFC / Casa José de Alencar, 1983.

_____. O Ceará pré-histórico: os nativos e sua organização familiar. As primeiras tentativas de colonização. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.

_____. A Academia de 1894. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Pequena História do Ceará. 4ª ed. rev. e atual. Fortaleza. Edições Universidade Federal do Ceará, 1984.

_____. as oficinas ou charqueadas no Ceará: Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, S/N.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: O IHGB e o projeto de uma história nacional”. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 01, 1988.

HERMAN, Arthur. A idéia de decadência na história ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. A era dos impérios (1875-1914), 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

_____. Nações e nacionalismos desde 1780: Programa mito e realidade. 2ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 1998.

HOBBSAWM, Eric J. A era das revoluções (1789-1848). Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INTELECTUAIS, In: SOUZA, Simone de & NEVES, Frederico de Castro. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

JUNIOR, Caio Prado. Formação do Brasil Contemporâneo. 18ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LE CORBUSIER. Maneira de Pensar o Urbanismo. 2ª.ed. - col. Saber. Mira-Sintra, Mem Martins, 1977.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1990.

_____. Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. A nova História. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

LEITÃO, Ricardo. Lima Barreto: o rebelde imprescindível. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

LEITE, Miriam Moreira (org). A condição feminina no Rio de Janeiro - Século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros. - São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. Expansão e hegemonia: o caso de Fortaleza. Fortaleza: Mestrado em Sociologia / UFC, 1983.

LINHARES, Mário. História Literária do Ceará. Col. História da Literatura Brasileira. 1º Termo. Rio de Janeiro: Academia Carioca de Letras, 1948.

MACEDO, Joaryvar. Império do Bacamarte: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense. Fortaleza: UFC, 1990.

MARTINS, Roberto. "Cultura Nordestina em Debate: um ensaio preliminar". In: Nordeste: Questão Aberta. Série Comunicações, nº 19.

MELLO E SOUZA, Laura de. Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MOISÉS, Massaud. História da Literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1v., 1983-1989.

MONTENEGRO, Abelardo F. História das idéias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará. Fortaleza: EUFC, 1996.

_____. Interpretação do Ceará. Fortaleza: Casa de José de Alencar / Programa Editorial, 2001.

_____. O trono e o altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978). Fortaleza: BNB, 1992.

MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. A Política do Corpo na Obra Literária de Rodolfo Teófilo. (Uma Antropologia Cristã, um Positivismo matizado e utópico). Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1977.

MOTA, Leonardo. A Padaria Espiritual. 2º ed. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1994.

MURICY, Katia. *A Razão Cética: Machado de Assis e as Questões de seu Tempo*. São Paulo, Cia das Letras, 1988.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

NETO, A.L. Machado. *Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira. 1870-1930*. São Paulo: Edusp / Grijalbo, 1973.

NETO, Lira. *O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo*. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1999.

NEVES, Berenice de Castro. *Intrépidos Romeiros do Ceará: maçons cearenses no império (1870-1930)*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 1998.

NEVES, Frederico de Castro & SOUZA, Simone de. (org.) *Intelectuais*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de História Social da Universidade Federal Fluminense, 1998.

_____. *A memória do espaço e o espaço da memória: a seca na construção imaginária do Nordeste*. Fortaleza: Mestrado em Sociologia / UFC, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Coleção Os Pensadores. – São Paulo: Nova Cultural; 1999.

OLIVEIRA, Almir Leal de. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Memória, representações e pensamento social (1887-1914)*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

_____. *Saber e poder: o pensamento social cearense no final do século XIX*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1988.

OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: seis romances, seis visões*. Fortaleza: EUFC, 2000.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEN, Ruben George. *Violência e cultura no Brasil*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 3ª ed. rev. e aum. São Paulo: Convívio; I Brasília: INL, Fundação Nacional Pró Memória, 1984.

PECHMAN, Robert Moses. (org.) *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino*. São Paulo: Cortez, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano-Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002.

PINHEIRO, Francisco José. A organização do mercado de trabalho no Ceará (1850-1880). Dissertação de Mestrado, Recife: UFPE, 1990.

PINTO, Maria Inês Borges. Flashes do cotidiano: modernidade postiça e provincianismo nas urbes da belle époque, São Paulo nos anos 20. São Paulo: ANPUH, 1998.

PONTE, Sebastião Rogério da & SABOYA, Caterina Mía. O Pão e a Cidade: Cotidiano e Contexto Urbano da Padaria Espiritual. Fortaleza: NUDOC/UFC; 1992.

PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. Remodelação Urbana de Fortaleza na virada do Século. Série História, nº 8. Fortaleza: UFC / NUDOC, 1990.

_____. Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha; Multigraf, 1993.

QUEIROZ, Teresinha. Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as Tiranias do Tempo. 2ª ed. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí; João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1998.

RAMA, Angel. A cidade das letras. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REIS, José Carlos. As Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC. -Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. Escola dos Annales: a inovação: São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RIBEIRO, Sabóia. O romancista Adolfo Caminha (1867-1967). Rio de Janeiro: Pongetti, 1967.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). Campinas São Paulo: Editora da Unicamp, Cecult, 2001.

RODRIGUES, José Honório. "A Historiografia Cearense na Revista do Instituto Ceará". In: Índice anotado da Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1959.

ROUANET, Maria Helena. Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991.

SALGUEIRO, Heliana Angotti (org). Cidades Capitais do Século XIX. Racionalidade, Cosmopolitismo, e Transferência de Modelos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SALIBA, Elias Tomé. As utopias românticas. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SANDES, Noé Freire. A invenção da nação: entre a monarquia e a república. Goiânia: Ed. da UFG: Agenda Goiana de cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2000.

SANTOS, Mariza Veloso Motta & MADEIRA, Maria Angélica. Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. O que é literatura? 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Como se escreve a história. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 13, nº 25/26, pp. 67-80. set92/ago93.

SCHOPENHAUER, Artur. O mundo como vontade e representação / Crítica à filosofia kantiana. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e Política. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras.

_____. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Braziliense, 1984.

SILVA FILHO, Antonio Luiz. Na Senda do Moderno: Fortaleza, Paisagem e Técnica nos anos 40. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2000.

_____. Fortaleza: imagens da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

SILVA, Marcos. A caricata república: Zé Povo e o Brasil. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. História da escravidão no Ceará: das origens à extensão. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Teoria da Literatura. 8ª ed. Coimbra: Almedina, 1991.

SILVA, José Borzachiello da. Nas trilhas da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultural e Desporto do Ceará, 2001.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. "A Questão Regional: gênese e evolução". Ciência Histórica. João Pessoa, nº 1, 1984.

SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In: Por uma história política. Org. REMOND René. Rio de Janeiro: Editora UFRU, 1996.

SOMBRA, Waldy. Rodolfo Theófilo. O varão benemérito da pátria. Fortaleza: 1997.

SOUZA, Simone de (org). Uma nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

_____. História do Ceará. 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, Stylus Comunicações, 1989.

TAKEYA, Denise Monteiro. Europa, França e Ceará: origens de capital estrangeiro no Brasil. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

THOMPSON, E.P. Costumes em comum. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TIGRE, Bastos. Instantâneos do Rio Antigo. Campinas, SP: Mercado de Letras: Secult, São Paulo: Fapesp, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. A Província e o Naturalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TRINGALI, Danta. Escolas literárias. São Paulo: Musa Editora, 1994.

VAN TIEGHEM, Paul. “Crítica literária, história literária, literatura comparada”. In: COUTINHO, Eduardo F. & CARVALHAL, Tânia Franco (org.). Literatura comparada: Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As tradições populares na “belle époque” carioca. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VENTURA, Roberto. Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. História da Literatura. De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 2ª. ed. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

VIANA, Carlos Negreiros. A Industrialização de Algodão do Ceará (1881-1973): uma experiência de industrialização fora do centro sul. Dissertação de Mestrado. Brasília / UNB, S/N.

WEYNE, Walda Mota. Imprensa e Ideologia: o papel político dos jornais cearense na transição Monárquica / República. Série História, nº 9. Fortaleza: UFC / NUDOC, 1990.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade. Na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

ANEXOS

Duas fotos do Café Java em fins do século passado.
Aqui nasceu a Padaria Espiritual.

Fonte: Extraído do Livro de Leonardo Mota *A Padaria Espiritual* (1995)

Capa do *Programa de instalação da Padaria Espiritual* (Fotografia do exemplar enviado pelos padeiros a Olavo Bilac, e hoje pertencente à biblioteca de José Bonifácio Câmara).

Fonte: Extraído do Livro de Leonardo Mota *A Padaria Espiritual* (1995)

A Bandeira da Padaria Espiritual, ainda hoje conservada no Museu Histórico do Ceará

Fonte: Extraído do Livro de Wilson Bóia *Antonio Sales e sua época* (1984).

Fonte: Capa do original. Extraído do acervo da Academia Cearense de Letras

Fonte: Capa do original. Extraído do acervo da Academia Cearense de Letras

Fonte: Capa do original. Extraído do acervo da Academia Cearense de Letras

Fonte: Capa do original. Extraído do acervo da Academia Cearense de Letras

Bibliotheca da Padaria Espiritual

LIVROS PUBLICADOS :

<i>Trinomos</i> ,—versos—N. de Castro	2\$000
<i>Trovas do Noite</i> , versos—Antonio Salles	2\$000
<i>Versos Diversos</i> , (esgotada)	
<i>Phantos</i> , versos,—Lopes Filho	
<i>Floccos</i> , poesias,—Sabino Baptista	
<i>Contos do Ceará</i> —Eduardo Saboya	2\$000
<i>Versos</i> —Antonio de Castro	1\$000

NO PRELO :

Os Brilhantes, romance—Rodolpho Theophilo.
Delentes,—versos—Livio Barreto

A PUBLICAR :

Vagas,—versos,—Sabino Baptista.
Procellas,—versos,—Lopes Filho.
Eremita,—poemeto
Campesinas,—poesias—Rodolpho Theophilo.
Telesias,—versos,—
D. Guidinha do Poço,—romance,—Oliveira Paiva.
Aventuras do Zé Guedes, prosa, Antonio Bezerra.
Perfis Sertanejos,—contos,—José Carvalho
Memorias de um naufrago,—Alfredo Peixoto.
Diluculos,—poesias,—José Maria Brigido
Contos,
Mignonnes,—phantasias, Roberto de Alencar.
Mas...—estudos,—Cabral de Alencar.

Fonte: Relação dos livros publicados e os a serem publicados pela Biblioteca da Padaria Espiritual.
 Exposto sempre no final das obras dos padeiros

Fonte: Edição fac-simile de *Violação* (1898) e publicado pela Academia Cearense de Letras

Fonte: Edição fac-simile de *Perfis Sertanejos: costumes do Ceará* (1897)
lançado pelo Museu do Ceará

Fonte: Extraído do original pertencente ao acervo da Biblioteca Pública Municipal Governador Menezes Pimentel

Antônio Sales, idealizador e autor do *Retrospectos dos Feitos da Padaria Espiritual a contar.....* e do *Programa de Instalação da Padaria Espiritual*

Fonte: Extraído do Livro de Wilson Bóia *Antônio Sales e sua Época*, 1984

ANNO I

O PÃO

NUM. 1

... da Padaria Espiritual

Numero avulso 60 rs.
Não se aceitam assignaturas.

Numero anterior 100 rs.
Não se aceita collaboração.

O PÃO

Fortaleza, 10 de Julho de 1892

O leitor conhece os estatutos da *Padaria Espiritual* ? Naturalmente.

Então, já devia estar á espera do jornal que prometteu crear, com o nome de *O Pão*.

Eil-o, com a mesma somma de direito com que os outros seus collegas percorrem profusamente o mundo inteiro

O seu programma é muito simples : transmittir ao leitor com a maior exactidão o que sente e o que pensa a *Padaria Espiritual* sobre tudo e sobre todos.

Não obedece absolutamente a sugestões estranhas, nem tão pouco toma a si o compromisso de agradar: em compensação, de modo algum ameaça hostilisar.

Promette apenas uma cousa: dizer sempre a verdade, doa esta em quem doer.

Não promette ser eterno ; deseja, porém, viver o mais que for possível.

Por conveniencia economica de tempo e dinheiro, somente aos domingos se publicará *O Pão*.

E' escusado, portanto, observar que não podemos absolutamente dispensar o seu auxilio, comprando por 60 reis um n.º de cada edição.

PELO PRADO

Vão em muito bom caminho os preparativos para a proxima inauguração do Prado Cearense.

Entre os animais que se acham inscriptos alguns têm-se revelado excellentes corredores, faltando-lhes apenas a presteza em sahir a tempo e a docilidade de rédea para adaptarem-se á curva da raia.

Uma multidão alegre e variegada afflue pará ali nos domingos á tarde afim de assistir aos cotejos e corridas de experiencia, nas quaes alguns rapazes têm feito proezas de equitação.

Já apparecem bonitos vestidos de onde emergem rostosinhos encantadores que espiam curiosos para a raia do alto da balastrada do Pavilhão.

Pensamos que este divertimento predilecto das grandes cidades vai ter entre nós o maior incremento e cahirá gostosamente no gôto de nosso povo, que, antes de ter noticia dos prados de Paris, de Londres e do Rio de Janeiro, já fazia as boas *cavalladas* de que os velhos nos falam com saudade.

Em nossa proxima edição falaremos minuciosamente a respeito do Prado, dando o numero dos animais inscriptos, seus nomes, seus donos etc.

Tu não tens conhecimento
De cousas de suggestão,
Mas sabes meu pensamento
Quando eu pego em tua mão...

M.

Fonte: Extraído do livro de Leonardo Mota *A Padaria Espiritual*

Fonte: Extraído de Sânzio de Azevedo *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*.